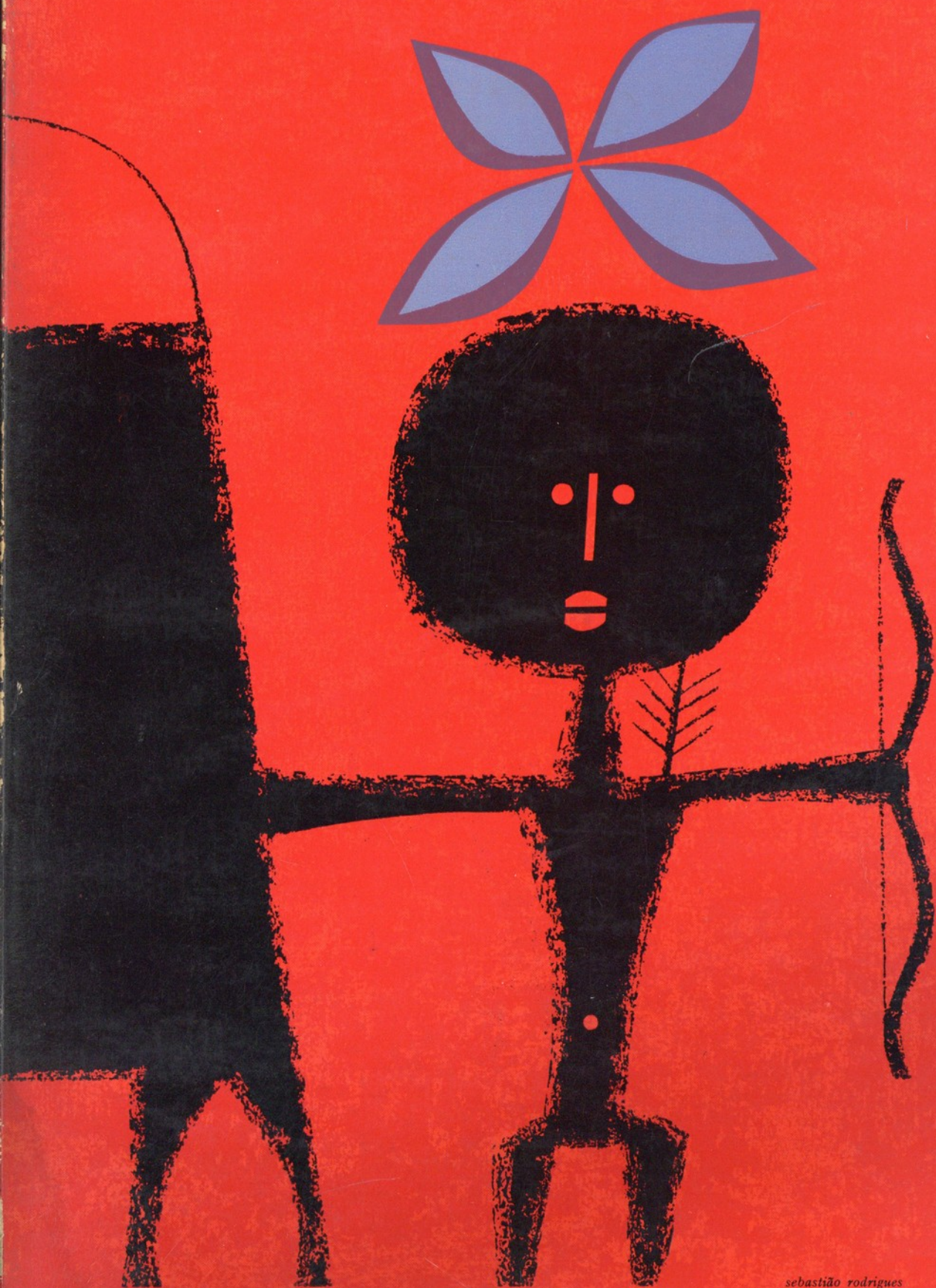
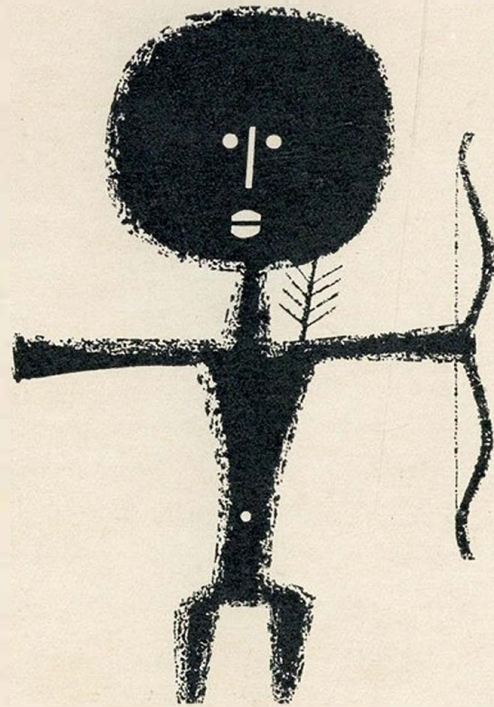
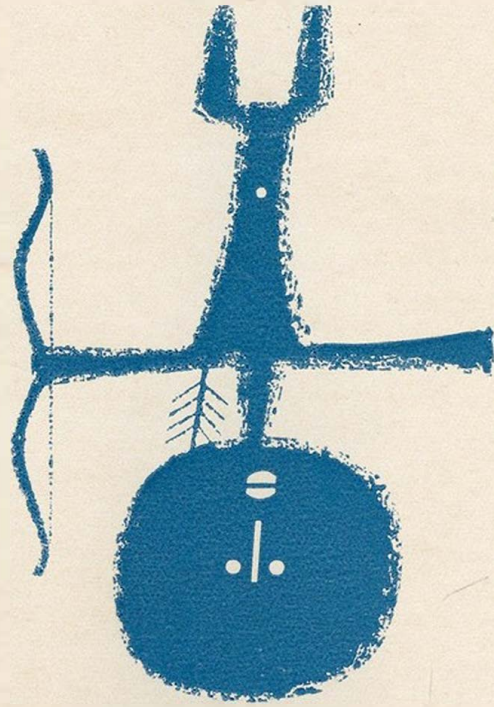


ALMANAQUE maio 1960





Balanço destes últimos meses: o terramoto de Agadir, Kruchtchev em Paris, De Gaulle em Londres, estreia, em Roma, de «La Dolce Vita» de Fellini, a sublevação de Argel, mais um satélite americano no espaço, as catástrofes de Frèjus e do Nordeste do Brasil, primeira bomba atómica francesa, morte de Albert Camus e Gérard Philipe — e, mais queridos do público — o bebé B.B. e o noivado oficial da princesa Margarida.

Os magazines, a rádio, a televisão, as conversas, os títulos dos jornais diários, ocuparam-se certamente mais com os pormenores da vida íntima de Margaret-Rose Hannover-Windsor e de Antony Armstrong Jones — do que com qualquer dos factos mencionados acima — eclipsando mesmo o segundo em importância: Nicolas Charrier.

Uma princesa continua a ser — mesmo nestes tempos de livre pensamento e de república ou, mais precisamente, nestes tempos de livre pensamento e de república, uma princesa passa a ser um objecto estimável decorativo e distante que ajuda a esquecer as oito horas de trabalho, a renda da casa e o fígado. Quando no fim do séc. XVIII Maria Antonieta atravessava Paris, era apupada pela população — quando em meados do séc. XX a princesa Margarida atravessa a mesma cidade de Paris, é aclamada pela população.

Passaram-se cento e cinquenta anos. A revolução industrial inglesa, a revolução política francesa, modificaram a face do mundo. Os privilégios foram-se alargando cada vez mais, a desigualdade entre as várias camadas sociais foi desaparecendo, os reis, um a um, tristemente foram fazendo as malas para o exílio ou resignaram-se a uma posição decorativa.

Ninguém hoje se lembra, a não ser em sombrios e distantes pequenos Estados asiáticos, de identificar a figura reinante com a opressão ou em atribuir-lhe com ódio a falta de pão ou a falta de liberdade.

E para o burguês e a burguesa da Europa os reis servem agora para mostrar que o mundo não está tão mal feito como isso. Tem sítios.

Dir-se-á que outras figuras — as grandes «estrelas» de cinema, os milionários excêntricos, as B.Bs e os Onassis — servem também para encher as páginas dos magazines e a imaginação de quem não quer, não pode ou não sabe ocupar-se com os problemas concretos que o dia-a-dia lhe vai pondo.

Mas as rainhas e os reis — é outra coisa. Nunca trabalharam, sabem comer à mesa e têm antepassados. E isto, junto ao luxo em que vivem, torna-os extremamente simpáticos quando um qualquer problema humano os perturba. Tivemos a esterilidade de Soraya, tivemos o celibato da princesa Margarida. E aqueles que toda a vida não ambicionaram outra coisa senão o bem-estar que o dinheiro traz, desviam-se das próprias misérias, sentem-se iguallados por instantes aos grandes deste mundo e concluem, antes de apagar a luz sobre o dia de trabalho e desgaste do corpo, que o dinheiro não dá felicidade.



maio/60

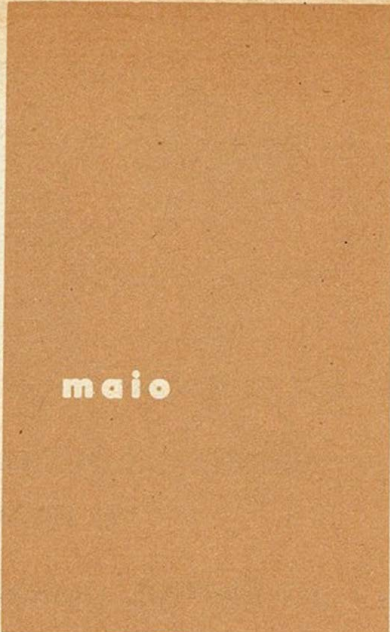


ABERTURA	1	
CALENDARIO	6	
EFEMÉRIDES	10	o que passou para a história
ACTUALIDADES	13	o que não passa à história
FLOS-SANCTORUM	18	São Frei Gil
OS DESTINOS DO MÊS	22	o que tem de ser tem muita força
CAÇA	29	nem só de pão vive o homem
PESCA	32	um xadrez para solitários
FLORICULTURA	34	na mulher só se bate com a flor
A MULHER DO MÊS	39	Madame de Maintenon
A ATLÂNTIDA	44	provas da existência dum país que não existiu
COMO VIVEM OS GRANDES DA TERRA	47	
OS DEFEITOS DOS MARIDOS	49	por vezes as mulheres também têm razão
HOLLYWOOD GANHA CORAGEM	52	e enterra a sombra de MacCarthy
O MISTÉRIO DA DAMA DAS PERNAS	54	ou o mundo é pequeno
O ANIMAL DO MÊS	57	o macaco
SESSÃO DE ESPÍRITISMO	59	conto de terror por Olga Rosmanith
CORREIO IMAGINÁRIO	62	

AUTOMOBILISMO	63	corridas — velocidade do século
AS LATITUDES DA FELICIDADE	68	cartão de identidade da rapariga portuguesa
O FADO CORRIDO	76	
ANTIQUARIUM	86	gravuras e gravadores japoneses
UM CORAÇÃO E UMA MULHER	89	conto por Astrid Beaufort
BOÊMIA DE OUTROS TEMPOS	93	
O FILME DO MÊS	98	A herança da carne
JUVENTUDE (PARA ANÁLISE)	106	esquartejada
OS BANDIDOS EXILADOS	112	o crime também compensa
PIEIDADE PARA AS CRIANÇAS	115	os alunos das escolas estudam de mais?
TRÊS DEPOIMENTOS DE AVIADORES SUICIDAS JAPONESES	118	
ARMAZÉM DAS LETRAS	122	& Diversos o livro do mês A teoria — conto de Vasco Branco um irmão de Sancho Pança — o Bom Soldado Schweik no reino de Pacheco João Cabral de Melo Neto homenagem a Gustave Flaubert conversando à vontade
SURPRISE-PARTY	148	aperitivo para Line Renaud a conquista dum marido foi muito difícil tendência do cinema o crime ao alcance de todos culinária quadro sinóptico de tipos correntes na fauna de Pacheco jazz — a branco e negro testamento duma época teatro universitário teste: conheça-se a si mesmo aço: uma nova indústria que vai alterar o seu futuro Sophia Loren passatempos anedotas

ALMANAQUE

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães
 • Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues •
 Editor e proprietário: Grupo de Publicações
 Periódicas • Redacção e Administração: Rua
 da Misericórdia, 125-1.º • Expediente e con-
 tabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2.º •
 Telefones: 3 18 92/3 • Composto e impresso
 na Casa Portuguesa, Rua das Gáveas, 109
 • Revista mensal • Cada volume: 15\$00 •
 Assinatura semestral: 75\$00 • Anual: 145\$00



Durante este mês o Sol encontra-se no signo zodiacal do Touro até ao dia 21. Neste dia à 1 h e 34 m o Sol entra no signo dos Gémeos.

Durante o mês de Maio o dia aumenta 52 m.

O dia 1 dura 13 h 49 m; o dia 15, 14 h 17 m; o dia 31, 14 h 41 m.

1

1 — Domingo. — S. Filipe. — Feiras de: Bombarral, Cabaços (Moimenta da Beira), Cartaxo, Chouto (Chamusca), Juncas, Fornos de Algodres, Lourinhã, Medelim (Idanha-a-Nova), Pínhel, Sabóia (Odemira), Agualva (Sintra), Alpedrinha, Crato, Felgueiras, Golegã, Guimarães, Montemor-o-Novo, Santa Catarina (Leiria).

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 6.39	HO RA 18.57
ALT. 3.06	ALT. 3.19

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 0.00	HO RA 12.12
ALT. 1.02	ALT. 1.14

2

2 — Segunda-feira. — Beata Mafalda. — Feiras de Barcelos e Proença-a-Nova.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 7.24	HO RA 19.43
ALT. 2.90	ALT. 3.06

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 0.50	HO RA 13.04
ALT. 1.18	ALT. 1.31

3

3 — Terça-feira. — Santo Alexandre. — Feiras de: Albergaria-a-Velha, Aldeia da Ponte (Sabugal), Lamego, Óbidos, Silves.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 8.27	HO RA 20.51
ALT. 2.81	ALT. 2.97

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 1.48	HO RA 14.08
ALT. 1.32	ALT. 1.46

4

4 — Quarta-feira. — Santa Mónica. — Feira de: Lourinhã. — Quarto Crescente à 1 h 1 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 9.39	HO RA 22.00
ALT. 2.79	ALT. 2.98

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 3.00	HO RA 15.24
ALT. 1.39	ALT. 1.51

5

5 — Quinta-feira. — Santo Agostinho. — Feira de: Castro Verde.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 10.50	HO RA 23.08
ALT. 2.89	ALT. 3.09

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 4.18	HO RA 16.41
ALT. 1.35	ALT. 1.42

6

6 — Sexta-feira. — Santa Judite.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.46	HORA —
ALT. 3.05	ALT. —

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.12	HORA 17.37
ALT. 1.17	ALT. 1.21

7

7 — Sábado. — S. Estanislau.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.06	HORA 12.40
ALT. 3.25	ALT. 3.29

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.08	HORA 18.31
ALT. 0.93	ALT. 0.97

8

8 — Domingo. — S. Miguel Arcanjo. — Feiras de: Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Foz Cõa, Estremoz, Pinhal Novo, Vila Boim.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.00	HORA 13.31
ALT. 3.46	ALT. 3.52

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.54	HORA 19.16
ALT. 0.70	ALT. 0.72

9

9 — Segunda-feira. — S. Gregório de Marianne. — Feira de: Penamacor.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.46	HORA 14.10
ALT. 3.65	ALT. 3.72

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.38	HORA 20.01
ALT. 0.50	ALT. 0.51

10

10 — Terça-feira. — Santo Antonino.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.32	HORA 15.00
ALT. 3.80	ALT. 3.87

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.21	HORA 20.40
ALT. 0.36	ALT. 0.36

11

11 — Quarta-feira. — S. Filipe. — Lua Cheia às 5 h 43 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.17	HORA 15.40
ALT. 3.87	ALT. 3.95

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.02	HORA 21.25
ALT. 0.29	ALT. 0.30

12

12 — Quinta-feira. — Santa Joana. — Feira de Penamacor.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.54	HORA 16.13
ALT. 3.88	ALT. 3.94

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.37	HORA 10.20
ALT. 0.31	ALT. 0.39

13

13 — Sexta-feira. — Nossa Senhora de Fátima.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.36	HORA 17.00
ALT. 3.80	ALT. 3.88

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.20	HORA 22.50
ALT. 0.39	ALT. 0.40

14

14 — Sábado. — S. Bonifácio.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.25	HORA 17.47
ALT. 3.66	ALT. 3.75

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.06	HORA 23.35
ALT. 0.57	ALT. 0.56

15

15 — Domingo. — Santa Denise. — Feiras de: Monforte, Reguengos de Monsaraz, Azambuja, Elvas, Vendas Novas, Reguengo Grande, Salvaterra de Magos.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.18	HORA 18.40
ALT. 3.47	ALT. 3.60

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.02
ALT. —	ALT. 0.80

16

16 — Segunda-feira. — Santo Honorato. — Feira de Fafe.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.17	HORA 19.40
ALT. 3.28	ALT. 3.43

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.31	HORA 12.52
ALT. 0.78	ALT. 1.04

17

17 — Terça-feira. — S. Bruno. — Quarto Mi nguante às 19 h 55 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.23	HORA 20.41
ALT. 3.13	ALT. 3.30

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.37	HORA 14.00
ALT. 1.00	ALT. 1.25

18

18 — Quarta-feira. — S. Venâncio. — Feira de Moura.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.25	HORA 21.48
ALT. 3.04	ALT. 3.24

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.50	HORA 15.20
ALT. 1.14	ALT. 1.56

19

19 — Quinta-feira. — Santo Ivo.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.36	HORA 23.02
ALT. 3.07	ALT. 3.27

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.12	HORA 16.38
ALT. 1.14	ALT. 1.30

20

20 — Sexta-feira. — S. Bernardino de Sena.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.48	HORA —
ALT. 3.18	ALT. —

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.22	HORA 17.40
ALT. 1.05	ALT. 1.17

21

21 — Sábado. — Santa Gisela.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.08	HORA 12.47
ALT. 3.36	ALT. 3.34

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.16	HORA 18.40
ALT. 0.92	ALT. 1.00

22

22 — Domingo. — Santa Rita. — Feiras de Oliveira de Frades, S. Bartolomeu de Mesines.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.08	HORA 13.39
ALT. 3.48	ALT. 3.49

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.02	HORA 19.22
ALT. 0.81	ALT. 0.86

23

23 — Segunda-feira. — Santa Catarina de Córdoba.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.53	HORA 14.17
ALT. 3.55	ALT. 3.60

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.41	HORA 19.58
ALT. 0.73	ALT. 0.75

24

24 — Terça-feira. — Santa Susana. — Feiras de Ar ronches, Moita, Mourão, Odemira, S. Tomé do Castelo (Vila Real).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.39	HORA 15.00
ALT. 3.60	ALT. 3.69

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.17	HORA 20.38
ALT. 0.69	ALT. 0.68

25

25 — Quarta-feira. — Santo Urbano. — Lua Nova às 12 h 27 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.12	HORA 15.30
ALT. 3.59	ALT. 3.70

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.47	HORA 21.11
ALT. 0.67	ALT. 0.67

26

26 — Quinta-feira. — S. Filipe de Nery. — Feira de Redondo.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.50	HORA 16.04
ALT. 3.54	ALT. 3.68

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.20	HORA 21.46
ALT. 0.68	ALT. 0.68

27

27 — Sexta-feira. — Santo Eusébio.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.27	HORA 16.38
ALT. 3.44	ALT. 3.61

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.58	HORA 22.20
ALT. 0.72	ALT. 0.73

28

28 — Sábado. — Santo Agostinho de Cantuária.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.01	HORA 17.14
ALT. 3.34	ALT. 3.52

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.30	HORA 22.58
ALT. 0.78	ALT. 0.80

29

29 — Domingo. — Santa Madalena. — Feiras de S. Vicente do Paúl, Tortosendo.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.36	HORA 17.43
ALT. 3.23	ALT. 3.43

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.02	HORA 23.30
ALT. 0.90	ALT. 0.90

30

30 — Segunda-feira. — S. Fernando. — Feira de Rosmanhal (I danha-a-Nova).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.08	HORA 18.26
ALT. 3.12	ALT. 3.32

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.40	HORA —
ALT. 1.00	ALT. —

31

31 — Terça-feira. — Santa Ângela. — Feiras de: Bismula (Sabugal), S. Bartolomeu (Castro Marim).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.50	HORA 19.07
ALT. 3.02	ALT. 3.22

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.16	HORA 12.26
ALT. 1.00	ALT. 1.11



efemérides

maio através dos tempos

2 DE MAIO DE 1519

Morre Leonardo da Vinci, em Cloux. Giorgio Vasari (1511-1574) na sua **Vita de Leonardo** conta deste modo a morte do genial artista: «Finalmente, quando chegou a velho, esteve doente muitos meses e, vendo a morte próxima, quis informar-se diligentemente acerca das coisas católicas, da santa religião cristã e do caminho da salvação e, depois de se confessar e de se arrepender com muitas lágrimas, amparado pelos amigos e criados, porque já não se tinha de pé, quis receber o Santíssimo Sacramento fora da cama. Entrou então o rei (Francisco I de França) que muitas vezes e amorosamente o costumava visitar e Leonardo, como sinal de deferência, sentou-se na cama, narrando as suas enfermidades e dizendo, além do mais, quanto havia ofendido a Deus e aos homens por não ter dedicado à Arte o esforço e o tempo que era de sua obrigação dedicar. Foi sujeito então a um ataque prenunciador da morte e o rei levantou-se e amparou-lhe a cabeça para o ajudar, aliviando-lhe o sofrimento; mas o espírito de Leonardo, que era sublime, reconhecendo não haver na Terra maior honra do que aquela, expirou nos braços do rei, com a idade de setenta e cinco anos». Acrescente-se, em abono da verdade, que esta famosa descrição de Vasari está cheia de inexactidões. Em primeiro lugar, da Vinci morreu com sessenta e sete anos e não setenta e cinco. Além disso é falso que Francisco I lhe tenha assistido à morte. Finalmente, nada permite acreditar que Leonardô tenha lamentado o pouco que se dedicara à Arte. Vasari, sim, é que lamenta esse facto, criticando desse modo o Pintor por haver perdido tempo com a Ciência...



12 DE MAIO DE 1809

Com o objectivo de desalojar os franceses do general Soult, que se encontravam no Porto, Wellesley ocupou a Serra do Pilar. Entretanto um pequeno núcleo de tropas conseguiu, a coberto da artilharia inglesa, atravessar o Douro em três barcos. Outras tropas se lhes seguiram. Soult retirou-se depois, no meio duma indescritível confusão, para Amarante, pela estrada de Valongo, Baltar e Penafiel. Nesta cidade foi informado de que o general Loison seguira para Braga (por Guimarães) e resolveu tomar o mesmo caminho. Sabendo que os ingleses se encaminhavam também para Braga, não entrou nesta cidade, dirigiu-se a Chaves; mas pressentindo que Beresford teria ocupado

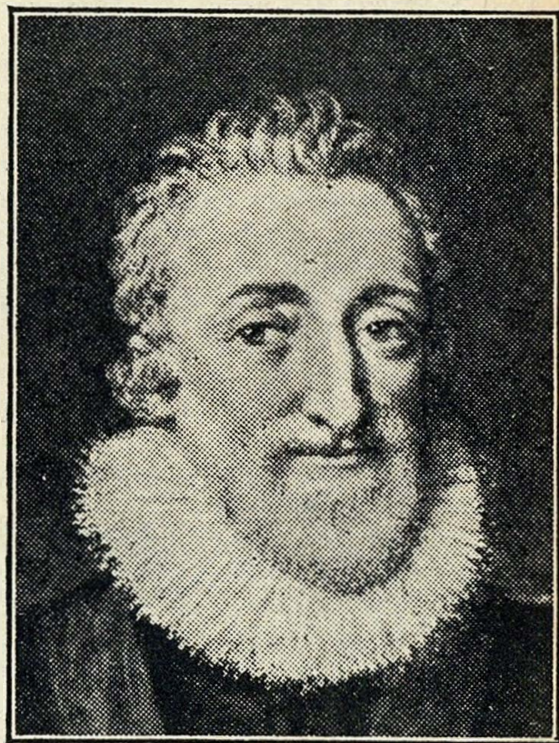
Chaves, tomou pela estrada de Ruivães a Montalegre. No dia 19 entrou em Orense, depois de ter perdido alguns milhares de homens, toda a artilharia e quase todas as bagagens. Os próprios cavalos, cansados, doentes ou simplesmente desferrados, eram mortos; outros tinham igual sorte apenas para não caírem em poder do inimigo.

Soult conseguiu, graças a uma arte consumada, retirar as suas tropas para Espanha. Mas o seu exército não se livrou da vergonha de praticar numerosos crimes.

Em ofício para a regência, escreveu Beresford: «Não é possível pintar a cruel e infame conduta do inimigo. A sua marcha pode ser facilmente traçada pelos lamentos dos infelizes paisanos, das mulheres e das crianças, bem como pelo fumo das vilas, aldeias e casas incendiadas: ele nada perdoa. Amarante está inteiramente destruída, e Mezão Frio o está igualmente na proporção do tempo que nela se demorou».

14 DE MAIO DE 1610

Henrique IV, rei de França, que, para subir ao trono, se convertera ao catolicismo, declarando que «Paris valia bem uma missa», é apunhalado por Francisco Ravailac, um fanático que, ouvindo os frades declamarem contra o rei, decidiu matá-lo. Ravailac fora expulso dum convento e supôs reabilitar-se assim aos olhos da Igreja. «Decidi falar ao rei para o converter e matá-lo só no caso de o não conseguir», declarou aos juizes. Comprou um punhal mas arremeteu-se e partiu-lhe a ponta. Posteriormente resolveu afiá-lo de novo. Durante dias esperou a ocasião propícia. Quando o carro real numa estreita rua de Paris teve de parar, impedido pelo trânsito, Ravailac sal-



tou para o estribo da carruagem e cravou por duas vezes o punhal no peito do rei. O regicida foi condenado a esartejamento, com os membros amarrados a quatro cavalos. Durante o suplício, como um dos cavalos se revelasse preguiçoso em cumprir o seu dever, um mirone emprestou o seu. Depois do esartejamento de Ravailac, os assistentes (e sobretudo as assistentes) dividiram entre si os membros do supliciado e distribuíram-nos por várias fogueiras, em torno das quais dançaram toda a noite.

18 DE MAIO DE 1498

«E uma sexta-feira, que foram 18 dias de Maio, vimos uma terra alta, a qual havia vinte e três dias que não víamos terra.

(...) E aque'la noite fizemos o caminho ao Sussueste, para nos arredarmos dá costa. E, ao outro dia, viemo-la demandar e não nos chegámos tanto a ela que o piloto pudesse haver perfeito conhecimento da terra. (...) E no domingo fomos juntos com umas montanhas, as quais estão sobre a cidade de Calicute; e chegámo-nos tanto a elas até que o piloto que levávamos as conheceu, e nos disse que aquela era a terra onde nós desejávamos ir. E, neste dia à tarde, fomos pou-sar abaixo desta cidade de Calicute duas léguas.

(...) E depois que assim estivemos pousados vieram de terra a nós quatro barcos, os quais vinham por saber que gente éramos e nos disseram mostrar Calicute.

E no outro dia isso mesmo vieram estes barcos aos nossos navios e o capitão-mor mandou um dos degredados a Calicute; e aqueles com que ele ia levaram-no aonde estavam dois mouros de Tunes, que sabiam falar castelhano e genovês. E a primeira saudação que lhe deram foi esta, que se ao diante segue:

— Ao diabo que te dou; que te trouxe cá?

E perguntando-lh'ê o que vínhamos buscar tão longe. E ele respondeu:

— Vimos buscar cristãos e especiaria.

Eles lhe disseram:

— Por que não manda cá El-Rei de Castela, e El-Rei de França e a Senhora de Veneza?

E ele lhe respondeu que:

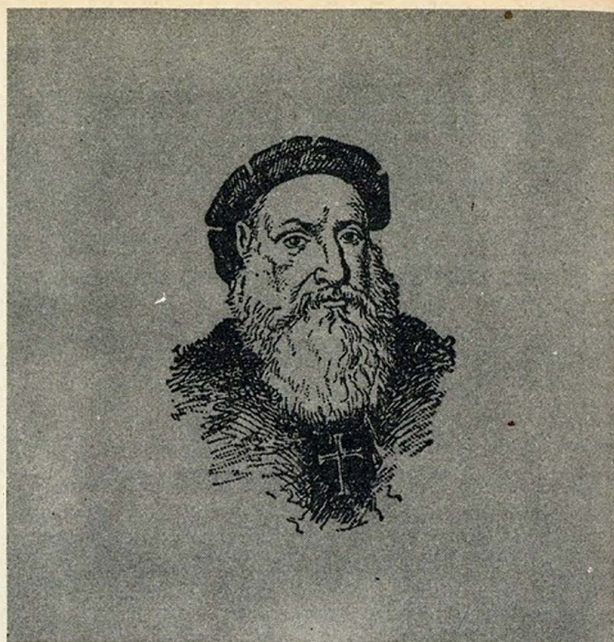
— El-Rei de Portugal não queria consentir que e'les cá mandassem.

E eles disseram que:

— Fazia bem.»

29 DE MAIO DE 1939

Para as tropas inglesas e francesas cercadas na região de Dunquerque só existe uma esperança: a retirada para a Grã-Bretanha. Assim, as marinhas dos dois países (navios



de guerra e mercantes, navios de pesca e de recreio) decidiram correr todos os riscos para evacuar os 350.000 homens que constituíam os exércitos aliados sitiados.

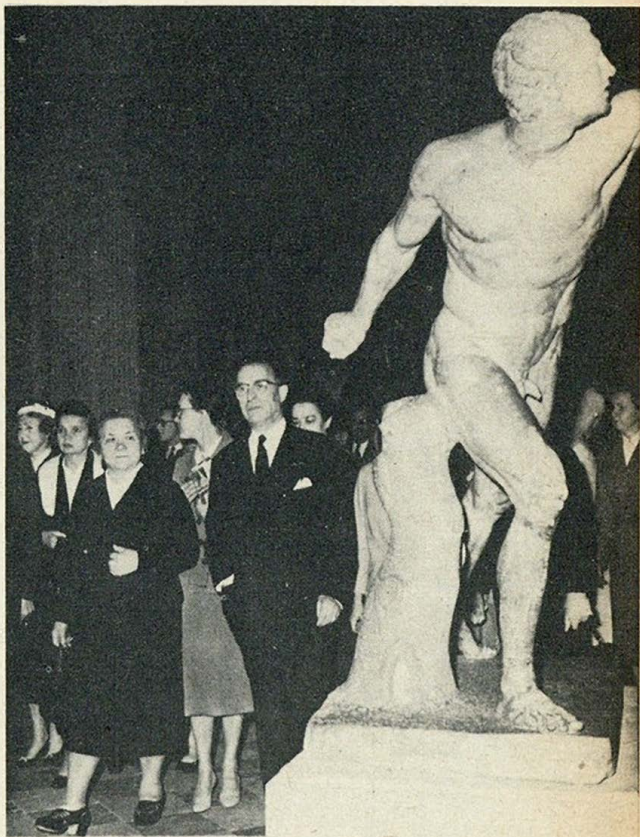
A artilharia pesada alemã bombardeava a cidade e, apesar dos esforços da aviação de caça aliada, muito inferior em número, os bombardeiros alemães destruíam sistematicamente a cintura defensiva das tropas inglesas e francesas. Mas o avanço das tropas alemãs foi suspenso e quando a 4 de Junho elas entraram finalmente nas ruínas da cidade, aprisionando 40.000 soldados aliados, a verdade é que 300.000 já tinham conseguido passar-se para a Grã-Bretanha. O comunicado especial do G. Q. G. alemão, datado desse dia afirmava: «A Ho'landa e a Bélgica capitularam, os exércitos de choque da França e da Grã-Bretanha foram destruídos, as tropas alemãs alcançaram uma das mais extraordinárias vitórias da história». Simultaneamente verdadeiras e falsas, estas palavras marcam um momento decisivo da Guerra: aquele em que a Inglaterra evitou perdê-la!

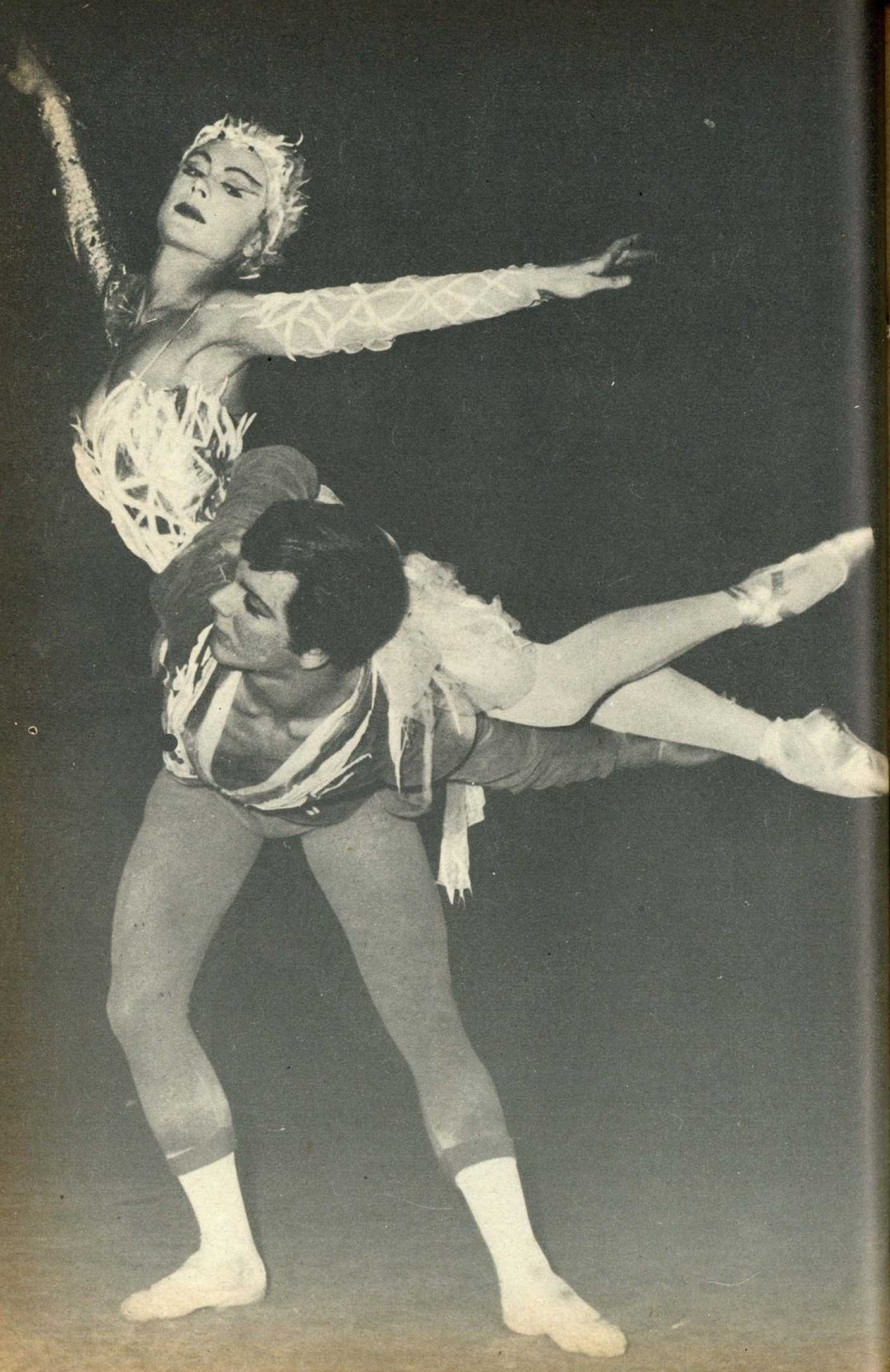


actualidades

Pormenor da construção do navio português de 20.000 toneladas «Príncipe Perfeito» nos estaleiros de Hunter & Wigham Richardson Limited, Newcastle upon Tyne. Dois guindastes são necessários para deslocar a caldeira que se vê na fotografia e pesa 60 toneladas.

A Sr.^a Kruchtchev no Museu do Louvre, em Paris. Do Discóbolo ao Komintern, a história da Europa.





Donald Macleary e Svetlana Beriosova num momento de «Le baiser de la Fée» o novo «ballet» de Kenneth MacMillan que se estreou na Royal Opera House em 12 de Abril.



André Malraux e Nikita Kruch-tchev «Les voix du silence».

Um barco que voa é, por si próprio, um barco extraordinário, mas este barco voa... sem motor! Construído por Dieter König, esta estranha mistura de barco e de avião tem causado graves preocupações às autoridades alemãs que não sabem como classificá-lo.





SEM LEGENDA

actualidades

De Gaulle em Londres. Os franceses sabem a sua história por datas. Quem estará a ser saudado aqui: o homem do 13 de Maio ou o homem do 18 de Junho?





flos-sanctorum

SÃO FREI GIL

S. Fr. Gil, natural do reino de Portugal, nasceu em Vouzela, vila do bispado de Viseu: seu pai se chamou D. Rodrigo e sua mãe D. Teresa, ambos de muito nobre geração.

(...) Depois que Gil passou os anos da mocidade, procuraram os seus parentes fazer-lhe aprender as Letras e Ciências, e ele as estudava com grande diligência. Passado algum tempo, o fizeram cônego da Sé de Braga e de Coimbra, e prior de uma igreja de Santarém e de Coruche, as quais dignidades teve sucessivamente. Sendo mancebo aproveitou muito nas Ciências, principalmente na Medicina. Por esta causa o mandou seu pai estudar às escolas de Paris, para se fazer aí licenciado naquela ciência, que então era muito estimada e usada dos nobres; e por ser de illustre geração, El-Rei e seu pai lhe proviam suficientemente as coisas necessárias; indo pelo caminho, como era homem mundano criado com grandeza e regalo, começou a cuidar consigo que lhe haviam dito estarem na cidade de Toledo uns mestres de nigromância, que é uma ciência diabólica.

Estes homens a liam continuamente em um lugar tão secreto e escuro que só o sabiam aqueles a quem o Demónio o descobria. Tendo pois Gil este pensamento, apareceu-lhe o Diabo em figura humana e perguntou-lhe para onde ia. Respondeu que o seu intento era ir estudar Medicina a Paris. Disse o inimigo: Não vás logo estudar a essa cidade, aprende primeiro uma ciência, mediante a qual poderás gozar do Mundo, e

ter quanto desejares à tua vontade, pois és homem nobre e rico; e depois que nesta cidade tiveres gozado todos os mundanos divertimentos, poder-te-ás graduar em Medicina e Nigromância nessa terra que dizes. Ouvindo isto o mancebo, como era pouco dado a coisas espirituais e muito às mundanas deleitações, disse entre si: Nunca achei homem que me desse conselho tão conforme a meu desejo; e disse ao Demónio: Folgo muito, irmão, com a tua admoestação; e rogo-te que me guies para onde essa ciência se ensina e eu te seguirei. Ouvindo esta resposta, o inimigo da humana geração alegrou-se muito, e parecendo-lhe que tinha tudo acabado e conseguido o seu intento, o fez apartar da companhia, e tirando-o da estrada o levou à cidade de Toledo. Chegando à casa onde tão péssima ciência se ensinava, vieram os mestres acompanhados do Demónio a recebê-lo, e com grande aparato entraram na pousada que estava debaixo da terra, a qual ninguém da cidade sabia.

Na escola o proveu o Demónio de todo o necessário neste dia: acabado o jantar e passada a corporal recriação que então lhe deram, disseram os mestres, que se queria aprender aquela ciência e estar em sua companhia, para se experimentar nela, era necessário dar seu corpo e alma ao Demónio, e negar a Deus, a fé católica e o baptismo, e sobretudo fazer disto um assinado ao Demónio com seu próprio sangue. Consentiu o mundano mancebo em tão grave maldade, instigado por tentação do inimigo, e negou a fé, como lhe mandaram, fazendo disso co-

nhecimento com seu sangue, o qual o Demónio tomou com grande alegria, parecendo-lhe que tinha penhor para possuir perpetuamente aquela alma; porém, outros eram os pensamentos de Cristo Nosso Misericordiosíssimo Deus, o qual o guardou sempre.

(...) Estando um dia no estudo, lhe apareceu um homem armado, muito terrível em seu aspecto, e vinha em um cavalo branco, brandindo uma lança, e chegando a ele, lhe disse duas vezes que mudasse seu estado; e logo desapareceu. Desta visão ficou Gil muito atônito, e começou a imaginar que significaria tão espantosa vista; porém, muito depressa se acabou aquele receio, porque aos maus cedo se apaga o lume da salvação, e tornou a seus vícios como dantes fazia. Passados três dias apareceu-lhe o mesmo homem, mais espantoso, e disse-lhe: Muda de estado; senão, brevemente passarás desta vida. Respondeu: Senhor, estou muito aparelhado para fazer vossa santa vontade: conheço ser digno de grande castigo, porque vos não obedeci da primeira vez. Contentou muito tanta humildade ao que dizia estas coisas, e tocou-lhe com a lança no coração. Crê-se que aquele homem foi Nosso Senhor Jesus Cristo ou algum seu anjo, e que a lança foi sua graça. Vendo-se Gil tocado da graça divina, começou a bradar, dizendo à sua gente, que queria voltar a Portugal, e logo se partiram para Espanha, posto que então padecia o mesmo Gil febres quartãs.

Veio-lhe neste tempo pensamento de mudar seu estado, e entrar em alguma religião para salvar sua alma, e tão continuamente cuidava nisto, que houve Nosso Senhor por bem cumprir seu santo desejo; e por divina inspiração chegou a um lugar chamado Palena, onde se edificava um mosteiro da Ordem de S. Domingos, e andavam os religiosos buscando pedra, e outros materiais para a obra, posto que eram homens insignes em letras e geração. Desse exercício ficou Gil muito edificado, e disse entre si: Se Deus me deixa viver até amanhã, entrarei nesta Ordem, e nela servirei a Deus em quanto viver. No dia seguinte falou com o prior da casa e descobriu-lhe seu propósito; o qual por conselhos dos religiosos o recebeu com grande alegria.

(...) Estando no convento de Santarém, andava muito desconsolado pela escritura que de seu corpo e alma fizera ao demónio

com seu sangue; pelo que rogava a Nosso Senhor, por intercessão de Sua Santíssima Mãe, de quem era muito devoto, que lhe outorgasse aquele assinado; e estando um dia rezando na casa onde se tange o sino, apareceu-lhe o demónio visivelmente, e o vituperou muito, dizendo: Ó vassalo mau, ingrato e desconhecido, não vês quanto bem alcançaste com a ciência que te ensinei? Agora por tão pouco me queres deixar? Bem sei que por mim hás-de ser tão atormentado que te pese por haver entrado nesta ordem; porém, constrangido pela Virgem Maria, não posso deixar de te restituir o teu escrito. Toma-o com minha maldição e de todos os demónios. O Santo o tomou com muito contentamento, dando muitas graças a Deus e à Virgem Nossa Senhora, que obrigou ao espírito maligno a entregar-lho.

Depois que este glorioso padre se viu com o assinado que fizera ao demónio, teve grande paz e sossego em sua alma; aplicou-se todo a servir a Deus e a sua gloriosa Mãe, e começou a estudar Teologia, em cuja ciência aproveitou tanto, que em Paris lhe deram o grau de doutor.

(...) El-Rei D. Afonso III, grande estimador da sua virtude, lhe pediu o seu bordão para se encostar a ele por ser muito achacado dos pés, confiando que seria são daquela queixa, pela grande opinião que tinha da sua santidade; e não se enganou, porque trazendo-o algum tempo, alcançou perfeita saúde.

(...) Estava um dia um superior de Santarém no artigo da morte, e estavam com ele todos os religiosos. Neste tempo não sabia S. Fr. Gil o que se passava, e por isso estava metido na cela. Apareceu-lhe logo um religioso defunto, que ali fora prior e disse-lhe: Levantai-vos, padre, e ide à enfermaria, porque o prior quer passar da vida presente. Foi o Santo à enfermaria e achou ser verdade o que lhe fora revelado. Indo uma vez para Coimbra, veio ter a um mosteiro de Santo Agostinho e os cônegos o receberam com grande alegria e caridade. Tinham aqueles religiosos um tonel de vinho que perdera o gosto e se fizera vinagre: um daqueles padres lhe pediu da água que levava, e com grande fé a lançou no vinho depois da sua partida, rogando a Deus que pelos merecimentos de S. Fr. Gil tornasse o vinho à sua primeira perfeição, para que os religiosos daquela

casa não padecessem tanta necessidade. Logo o vinho se concertou, e o acharam tão excelente como dantes era, cuja maravilha causou em todos grande admiração, e deram graças ao Senhor.

(...) Nas festas principais ficava no coro rezando, acabada a missa, e estava elevado no ar e direito. Contaram isto a um companheiro do provincial, e ele não lhe deu fé, antes respondeu que se o não visse e tocasse, não o havia de crer. Acabada a missa do dia, ficou S. Fr. Gil só em oração, e elevou-se como tinha por costume, e estava todo no ar. Quando o viram assim arrebatado, foram alguns religiosos chamar o companheiro do provincial, o qual veio logo com os outros religiosos a ver tão grande maravilha, e vendo-a não creu perfeitamente; e chegando a ele, empuxou-o de uma para outra parte, mas o Santo não despertou nem se moveu: então, para que não ficasse coisa alguma por experimentar, mandou que batessem com um martelo em uma tábua que estava junto dele; porém, com nenhuma coisa tornou a seu acordo. Ficou este frade muito espantado, confessando ficar desenganado do que dantes não podia crer.

(...) Depois que este Santo viveu na Ordem muito tempo santamente, quis Nosso Senhor revelar sua santidade, para que fosse como cidade posta sobre o monte e vela no castiçal. E não somente a manifestou com milagres, mas também por algumas revelações feitas a diversas pessoas. Uma senhora nobre de Lisboa e muito devota, dava em sua casa pousada a um cego, homem de grande santidade, e ministrava-lhe todo o necessário por ser pobre; e posto que este homem fosse privado da vista corporal, sentia grande lume espiritual em seu coração, e estando um dia rezando, viu com olhos espirituais um globo de fogo subir ao Céu, o qual estava aberto, e chegando já perto vinha um Anjo e lançava-o na terra. Admirou-se muito desta visão, e rogava a Nosso Senhor devotadamente lhe revelasse aquele mistério, e foi-lhe dito que aquele globo significava a alma do padre Fr. Gil, que abrasado em fogo de amor, contemplava continuamente, e era lançada na terra, porque Nosso Senhor queria que estivesse no Mundo para proveito de muitas almas, posto que desejasse muito gozar sua glória; e assim foi, porque depois desta visão

viveu o Santo por espaço de cinco anos. Isto contou o mesmo cego àquela senhora, e ela o disse ao religioso, que escreveu esta vida.

(...) No dia em que S. Fr. Gil morreu, guardou um religioso parte do seu escapulário, e a tinha na estimação que merecia tal relíquia; e pondo este pano sobre a mão de uma mulher que andava doente dela se achou sã. Não foi menor milagre o que aconteceu a outra mulher de Vila Nova, a qual como tivesse uma face toda corrupta de uma fistula, foi necessário mandar queimar toda a chaga, e contudo ficava muito mau cheiro. Veio ao convento de Santarém tomar conselho com alguns religiosos dele que eram médicos, e não lhe davam outro remédio mais que tirar os dentes. Acaso foi visitar uma nobre mulher da mesma vila, e disse-lhe que fosse ao sepulcro de S. Fr. Gil, porque tinha confiança que sararia. Creu a enferma o que lhe diziam, e cada dia o visitava e punha sobre ele a chaga, e continuando alguns dias esta romaria, cresceu a carne e sarou de todo.

(...) Também em mim, diz o dito padre que recopilou esta história, experimentei as maravilhas deste Santo, porque estando um dia em Tomar jantando, porque fora lá pregar, atravessou-se-me uma espinha na garganta, e não podia vomitá-la. Quanto mais tossia, tanto se pegava mais. Então, fiz o sinal da cruz na garganta e disse: Padre S. Fr. Gil, rogai a Deus por mim, e livrai-me de tamanho perigo. Acabadas estas palavras, não senti mais dor alguma, nem vomitei a espinha, nem senti que a levasse para o estômago. Quando me vi são, dei muitas graças a Deus e ao Santo. Muitos outros milagres fez este santíssimo varão S. Fr. Gil, e outras coisas dignas de memória, que deixamos por abreviar. Bastem as que contámos por serem sufficientíssimas para glória sua e testemunho da misericórdia de Deus, que tão piedosamente o trouxe a si para louvor seu e exemplo nosso.

Escreveu sua vida largamente Fr. Pedro Pais, seu contemporâneo, a qual se guarda manuscrita no convento de Santarém, donde se aproveitou o insigne mestre André de Resende para a história, em quatro livros em latim, que se imprimiu em Paris no ano de 1586, e todos os cronistas da Ordem e deste reino, o Agiologio Lusitano, e outros graves autores estrangeiros.

os destinos do Mês

o signo de touro

Prof. Carlos Radini

Dependente do ano, as pessoas recebem a assinatura do signo de Touro se nasceram entre os dias 20/21 de Abril e 20/21 de Maio.

PERFIL GERAL DUM INDIVÍDUO DE «TOURO»

O sujeito dominado por «Taurus» tem os seus hábitos bem estabelecidos, sendo sobretudo conservador. Seu carácter é firme, podendo ser mesmo demasiado fixo na sua ro-

tina pessoal, constituída normalmente por métodos imutáveis, que a pouco e pouco aperfeiçoa nos detalhes. A primeira qualidade é a estabilidade, o defeito principal, a obstinação.

Possui uma energia latente considerável, pouco exteriorizada. Os projectos são demorados; é inútil apressar a sua execução devido à confiança que em si próprio deposita. A sua reserva é ditada pela prudência. Passa dum estado passivo a uma exaltação total quando o provocam.

As condições de êxito ligam-se com assuntos relacionados com trabalhos calmos mas que exijam perseverança.

Pode ser um trabalhador perseverante como também um tremendo preguiçoso, segundo as circunstâncias exteriores e a hora em que nasceu.

As suas características físicas e morais são bem definidas.

O signo de Touro representa um valor sólido como elemento de estabilidade. Quem conviva com um nativo de «Touro» sabe sempre como ele agirá. É injustiça afirmar que um indivíduo de «Touro» é indiferente. São a sua calma e ponderação que podem dar aquela impressão.

Quase sempre as suas intenções são das melhores, pois é estável e conservador nas suas ideias. Por vezes, é dogmático nas suas expressões. O seu espírito pode encontrar explicação numa real modéstia, aliada muitas vezes à humildade, procurando firmar-se por exemplos ou demonstrações de autoridade lógica.

Seu carácter

De humor forte mas igual, tem necessidade de ver reinar à sua volta a felicidade. Pleno de cordialidade, é incapaz de forma voluntária de fazer mal a alguém, a menos que as circunstâncias a isso o obriguem. Extraordinariamente sensível mas de natureza plácida, tem necessidade, em certos momentos, de tranquilidade ou de isolamento. Não gosta que os outros se ocupem dos seus negócios. Os seus projectos e dificuldades são ruminados em segredo; especialmente as dificuldades que não gosta de discutir com outrem. Não gosta de complicações e aborrece-se com os artificios, tendo aversão à hipocrisia alheia.

Pode-se contar com a sua lealdade e sinceridade, pois duma maneira geral é leal e sincero consigo próprio.

Suas ideias

O indivíduo normal assenta em bases sólidas e estáveis os seus ideais: Raramente muda. Qualquer mudança é lenta e somente baseada em razões seguras. Cômscio dos deveres, não só pelo seu espírito crente ou religioso ou por misticismo, como pelo seu sentimento de lealdade natural.

Sentido justo e prático com um bom-senso da medida das coisas, aliado a natural perspicácia e também à teoria dos valores materiais.

Saúde

Apesar de suportar bem os excessos devido à sua forte vitalidade, aquele que nasceu no signo de Touro deve cuidar-se para não se prejudicar com as comidas e bebidas fora do normal. Os bons vinhos e uma boa mesa são as suas características como anfitrião, não só para aqueles que o rodeiam, mas também pelo seu gosto pessoal.

Como Vénus rege o signo de Touro e este por si mesmo governa a garganta, é indicação de que a garganta e os brônquios são os órgãos mais sensíveis. Por outro lado, no signo de Touro têm nascido bons cantores — talvez por aquela razão — como Bing Crosby, por exemplo, entre muitos outros. «Touro» dá também bons actores, diplomatas e músicos. Encontram-se neste signo actrizes como Shirley Temple, Dannielle Darrieux, Milu, actores como Tyrone Power, Fernandel, Jean Gabin, Bob Hope, João Vilar, etc.

Entre as diferentes personalidades da música, arte e diplomacia encontramos, escolhendo ao acaso: Tchaikowski, Franz Lehar, Fauré, Massenet, Eligton, Afonso III, Truman, Marquês de Pombal.

A MULHER DO SIGNO DE TOURO

Plena de ardor, é essencialmente feminina, concebendo a vida como esposa e como mãe. Duma forma geral nem sempre é compreendida, pois toma atitudes que não estão de harmonia com a sua sensibilidade.

Deseja que a compreendam sem forçar a opinião dos outros. Quer amar e ser amada e simultaneamente admirada. Quando toma um compromisso, dificilmente recua. No casamento lamentará quase sempre dar o melhor da sua feminilidade a um marido que seja indigno dela.

Como esposa é afectuosa, mas algo teimosa. Sabe adaptar-se às dificuldades da vida conjugal desde que não se lhe exija demasiado.

A CRIANÇA DE «TOURO»

Desde a mais tenra idade tem necessidade de amizade e de compreensão. É na formação da vida que se podem imprimir-lhe as boas atitudes, dando-lhe ordens claras e simples. Aceita as responsabilidades de acordo

com o seu ambiente. Em boas condições planetárias, a criança de «Touro» dá livre curso ao seu bom humor e poderá desenvolver as suas qualidades de determinação e de perseverança. É aos educadores que compete atenuar o seu espírito de teimosia ou de obcecação. Se a encorajarem será estudiosa, mas se não for estimulada, desinteressar-se-á dos estudos e mostrar-se-á preguiçosa.

Possui disposições artísticas, quer no campo musical, quer no domínio das cores.

Os educadores devem imprimir-lhe o gosto pelas obras escolhidas, lentamente, para não lhe darem um acesso muito difícil. Tem necessidade de amigos mas gosta de seleccionar os camaradas, no que deve ser guiada, e assim a sua futura sociabilidade ganhará em grandeza de espírito a estima dos valores humanos.

astrologia

Previsões para o mês de Junho

AQUÁRIO

De 21 de Janeiro
a 19 de Fevereiro



Saúde oscilante. — A passagem de Mercúrio pelo seu sector de saúde não promete, a partir do dia 3, indicações favoráveis, especialmente se for de constituição nervosa.

Excessos prejudiciais. — Os divertimentos, bebidas e comidas em excesso, prejudicam os resultados profissionais, podendo mesmo criar complicações familiares.

Favorável profissionalmente. «Chance» relativa. — Desde que se mostre resoluto e refreie tendências para atitudes bruscas poderá obter vantagens apreciáveis no seu meio.

É provável que Vénus lhe permita uma certa «chance» antes do dia 22.

PEIXES

De 20 de Fevereiro
a 20 de Março



As suas atitudes poderão criar incompreensões. — No ambiente familiar e profissional não tome atitudes demasiado autoritárias, para evitar controvérsias aborrecidas e divergências sem resultado construtivo.

As iniciativas poderão ter bons auspícios. — O sector social encontra boas condições planetárias, podendo por isso ser ajudado nas suas iniciativas. Deve, no entanto, aconselhar-se com alguém que lhe mereça confiança absoluta, antes de proceder.

A partir do dia 3 e em especial depois do dia 22 o sector mundano tem bons augúrios.

CARNEIRODe 21 de Março
a 20 de Abril

Influência favorável de associados ou de amigos. — Até ao dia 20 a influência de Marte incita-o a irreflexões ou a tomar atitudes impulsivas. Por outro lado, as amizades ou os seus associados ajudá-lo-ão nas suas realizações, se quiser ouvi-los antes de proceder.

Sentimentalmente o clima é duvidoso. — Deve usar da máxima discrição nos assuntos de ordem afectiva, mesmo aqueles que se refiram ao lar ou à família. Os astros não são muito favoráveis neste período, muito embora alguém das suas relações lhe facilite a realização dos seus desejos; mas não deve esquecer os seus deveres.

TOURODe 21 de Abril
a 21 de Maio

Cuidados de ordem profissional e financeira. — A entrada de Marte no seu signo incita-o a um dinamismo um pouco irregular, o que poderá afectar os seus assuntos materiais. Deve contro'ar-se para não tomar atitudes que possam ser interpretadas por teimosia.

O factor afectivo é favorável. — Uma pessoa por quem particularmente se interessa poderá, em meados do mês, proporcionar-lhe uma ocasião excelente para expor os seus sentimentos, porém, não seja impulsivo.

Pequenas viagens e correspondência. — Até ao dia 22 as suas possibilidades de viajar mostram-se favoráveis. É possível que receba notícias que lhe agradem, quer por correspondência, quer pelo telefone.

GÊMEOSDe 22 de Maio
a 21 de Junho

Período óptimo para o seu dinamismo. — O Sol, que vai estar um mês no seu signo, proporciona-lhe pelos aspectos que forma com os outros planetas boas condições que influem no seu dinamismo, permitindo algu-

mas boas realizações, especialmente a partir do dia 3 quando Mercúrio, o seu planeta, entra no seu sector de ganhos pelo próprio mérito.

O sector sentimental apresenta-se duvidoso. — Uma ligeira contrariedade pode prejudicar os seus intentos de ordem afectiva. Todavia, Vénus, que se mantém no seu signo até ao dia 22, ajudá-lo-á através da pessoa que ama a suportar os aborrecimentos. Deve mostrar-se razoável e moderado nas suas atitudes.

O plano social é benéfico. — Na vida mundana e tudo o que corresponda ao plano social encontra um ambiente astrológico senão óptimo, pelo menos bom. Naturalmente está dependente do seu arbítrio a melhor ou pior realização dos seus desejos.

CARANGUEJODe 22 de Junho
a 22 de Julho

Dinamismo irregular. Ideias utópicas. — A Lua, que rege o seu signo, não encontra um ambiente astrológico favorável quanto à consoli'dação dos seus desejos, incitando a muitas ideias e a poucas realizações. Uma certa preguiça pode anular bons resultados. Não deve protelar as realizações e, se tiver um assunto entre mãos, procure executá-lo. Desta forma os resultados práticos podem trazer-lhe vantagens apreciáveis.

Ponderação nos assuntos afectivos — Sobretudo a partir do dia 20 deve usar de moderação e prudência no sector sentimental. Os planetas não apresentam muito bons augúrios aos seus intentos amorosos.

LEÃODe 23 de Julho
a 22 de Agosto

Preocupações afectivas devidas à sua personalidade. — O orgulho ou a vaidade poderão afectar os seus bons impulsos afectivos. Jupiter, regulando o seu sector amoroso, encontra-se retrógrado e a partir do dia 10 pode incitá-lo a tomar atitudes que agravarão as dificuldades que porventura surgirem. Deve mostrar-se compreensivo e pouco exigente, pelo menos até que estas disposições planetárias desapareçam.

Os negócios e o trabalho do dia-a-dia favorecidos. — Marte, que a partir do dia 20 entra no seu sector social, proporcionar-lhe-á até àquela data lisonjeiros resultados de carácter profissional. Depois disso permite consolidar alguns dos seus desejos.

VIRGEM

De 23 de Agosto
a 22 de Setembro



Oportunidades de acordo com o seu dinamismo. — As iniciativas de carácter pessoal podem ser bem sucedidas. Mercúrio encontra-se, no princípio do mês, em posição privilegiada para ajudar o seu intelecto. A partir do dia 3 se não for demasiado pessoal pode contar com algumas amizades que o ajudarão na realização dos seus projectos.

Vantagens sentimentais. — No sector correspondente aos seus amores, as condições planetárias são duvidosas. Porém, pode obter vantagens sentimentais se ouvir as boas amizades e as sugestões que lhe sejam apresentadas. Evite atitudes que possam ser interpretadas como egoístas. Desta forma obterá satisfações.

BALANÇA

De 23 de Setembro
a 22 de Outubro



Empreendimentos lucrativos mas... gastos desnecessários. — O planeta Vénus, que governa o seu signo, pode proporcionar-lhe no decurso do mês, especialmente depois da primeira quinzena e em particular a partir do dia 22, boas condições astrológicas que lhe permitam alguma «chance» incluindo qualquer acontecimento imprevisto que ajudará a resolver determinado problema que tenha entre mãos. Mercúrio, a partir do dia 3, inclina a gastos e a atitudes desnecessárias, que poderão prejudicar as boas perspectivas. Deve agir com serenidade e tacto.

Satisfação de aspirações no campo afectivo. — Até ao dia 20 é possível que os acontecimentos de ordem sentimental não correspondam inteiramente aos seus desejos; deve mostrar-se compreensivo para não agravar as dificuldades, pois, a seguir, a pessoa que ama proporcionar-lhe-á satisfações.

ESCORPIÃO

De 23 de Outubro
a 21 de Novembro



Dinamismo afectado pelas circunstâncias. — No sector das suas actividades é possível que circunstâncias alheias à sua vontade venham prejudicar os resultados esperados. Deve agir com prudência e moderação e não se deixar dominar pelos nervos. Se assim proceder, terá a seu favor as predisposições favoráveis de Mercúrio que anulam os efeitos maléficos de Saturno.

No domínio sentimental. — Neptuno no seu signo solar de nascimento encontra-se bem disposto mas dá imaginação a mais pelos aspectos que forma com a Lua. Terá, por isso, toda a vantagem em ouvir a pessoa que ama e, desta forma, obterá os resultados a que aspira.

SAGITÁRIO

De 22 de Novembro
a 21 de Dezembro



Aconselha-se prudência nos assuntos referentes ao lar ou à família. — A posição de Vénus ao seu signo de nascimento, aconselha prudência e moderação nas atitudes para com aqueles com quem convive. Não deve agir com brusquidão, nem excitar-se demasiado, porque os nervos poderão levá-lo a actuar de forma desagradável.

Dinamismo afectado pela ambição. — No domínio profissional, é de seu interesse mostrar-se ponderado e não seguir impulsivamente atrás duma ideia que julgue ser ótima. Deve aconselhar-se com alguém da sua confiança antes de procurar satisfazer as suas ambições. Assim poderá ter vantagens apreciáveis.

CAPRICÓRNIO

De 22 de Dezembro
a 20 de Janeiro



Os imprevistos contarão de forma benéfica. — A partir do dia 20 os acontecimentos poderão precipitar-se, por motivos alheios à sua vontade. Por outro lado a posição de Marte no seu horóscopo ajudará o seu dinamismo de forma a aproveitar as oportunida-

des que possam apresentar-se. No caso dos acontecimentos não se lhe oferecerem como ambiciona, não se deixe cair no pessimismo e verá que os assuntos acabarão por ter realização prática.

Pequena contrariedade no campo afectivo.

— No campo sentimental, os astros predis põem a uma contrariedade inesperada que poderá dificultar os seus intentos em assuntos íntimos; convém-lhe mostrar-se compreensivo a fim de não agravar as dificuldades.

quirológia

pelo Prof. Carlos Radini

(MAOS QUE FALAM)

Curvas e inclinação dos dedos

Quando se olham os dedos estendidos, normalmente, nota-se que alguns dentre eles em vez de serem direitos, são curvos ou inclinados para a direita ou para a esquerda, para cima ou para baixo. Estas curvas e inclinações são assaz significativas mas, bem entendido, seria ilógico fazerem-se prognósticos no caso de serem o resultado duma doença ou dum acidente.

Inclinação sobre um só dedo

Se todos os dedos são inclinados e voltados sobre um só dedo, estabeleceu-se que a conformação psíquica da pessoa em questão está impregnada das qualidades e defeitos indi-

cados por este dedo. Por exemplo, se todos os dedos se inclinam para a «ambição», teremos uma pessoa excessivamente ambiciosa.

Inclinação sobre a palma da mão

Se todos os dedos, estando em repouso, se inclinarem, duma forma real sobre a palma da mão, será um índice de avareza e de egoísmo.

Curvados sobre o dorso da mão

Os dedos que facilmente se inclinam sobre o dorso da mão indicam subtilidade. Também podem indicar uma pessoa expedita ou desembaraçada.

O polegar inclinado sobre a palma

O polegar normalmente encontra-se separado dos outros dedos. Se ele se inclinar

sobre a palma da mão indica egoísmo. Se apenas se inclinar sobre o dedo médio indica sensualidade (por vezes em excesso se outros factores confirmarem).

Encostado ao indicador quando normalmente se abre a mão, pode ser prenúncio de timidez ou espírito reservado.

O indicador inclinado sobre o polegar

O homem que possua esta característica age deliberadamente em todo e qualquer caso, numa ambição que não é isenta de senso, e para atingir os resultados que pretende, por vezes passa por cima de determinados propósitos convencionais, conseguindo normalmente os fins em vista.

O indicador sobre o médio

O indivíduo que possua o indicador sobre o médio terá normalmente uma boa situação em todas as carreiras que necessitem a capacidade de estudar e fazer buscas de carácter científico ou de estudo. Também é índice de seriedade.

O médio sobre o indicador

O médio sobre o indicador representa idealismo.

O médio sobre o anelar

O médio sobre o anelar denuncia sensibilidade artística. A beleza em todas as formas, mesmo no sentido puramente material, é indicada por esta configuração dos dedos.

O anelar sobre o auricular

Esta característica revela um artista que praticará a arte no sentido puramente material, para ganhar dinheiro.

O auricular sobre o anelar

O indivíduo que possua tais dedos tem o indicativo da arte e da persuasão. É também índice de conversação agradável e igualmente da arte de seduzir por essa conversação, na qual não faltará fina subtileza.

Dedos fora do alinhamento normal

Poderá verificar-se, observando certas mãos, que os dedos são desalinhados e se inclinam quer sobre a palma quer no sentido contrário, sobre o dorso da mão.

Estas inclinações para a frente ou para trás devem ser interpretadas segundo o significado dos dedos em questão.

Se o dedo se inclina sobre a palma da mão, é a essência deste dedo que domina o indivíduo. Se ao contrário, ele se inclina para trás, é o desinteresse ou a falta de qualidades que esse dedo indicará possuir o indivíduo em questão. Por exemplo, se é o auricular que se inclina sobre a palma da mão, isto indica que o indivíduo observado procura que os ganhos e os interesses passem à frente de tudo.

Outras indicações sobre os dedos

Para facilitar as interpretações, lembremos sumariamente que o **polegar é o dedo da vontade e da lógica**, o **indicador o dedo da ambição**, o **médio o dos estudos de ciência e da seriedade**, o **anelar o da arte**, e o **auricular o da subtileza, do comércio e da facilidade da palavra**.

A LARGURA E O COMPRIMENTO

Insuficiência de comprimento

A insuficiência comparativa do comprimento dos dedos será, como é óbvio, interpretada no sentido contrário.

Comprimento exagerado

Se observarmos comprimentos exagerados, tomar-se-ão em conta os dedos assim, que representam os defeitos. Por exemplo, se o anelar é mais longo (na comparação normal!) do que o médio, o amor pelas artes converter-se-á em vaidade, em pretensão e amor ao jogo.

Indicador e médio iguais

Duma forma geral indica destreza naqueles dedos. Pessoalmente, na prática, tivemos ocasião de verificar que alguns larápios que surripiavam das algibeiras, tinham aqueles dois dedos praticamente do mesmo tamanho.

caça

MAIO E A CAÇA

Para falarmos francamente, confessamos que desta vez pouco poderemos acrescentar aos considerandos que fizemos em Abril.

Tal como ele, Maio continua a ser um mês de defeso em que apenas nocivos se podem caçar. E muito embora a caça aos rapaces e daninhos não fique a dever nada à qualquer outra no que se refere a interesse e a qualidade, os seus cultores são ainda entre nós reduzidíssimos, e tudo isto apenas por um motivo mais do que ridículo: não se podem fazer com facilidade cintadas de nocivos.

Claro está que não nos referimos a certas espécies como pardais, melros, tordos, papa-figos e abelharucas que particularmente abundantes em certas épocas permitiriam grandes chacinas.

Estes na sua maioria apenas interessam para fritar, pois suspensos ao cinto de qualquer um, mesmo que pouco se preze, apenas lhe conferem uma escassa nota de caçaneta.

«Cintadas» de águias, de grifos, de raposas, de lobos, de javalis ou de texugos são coisa muito rara e, no que se refere a algumas das espécies, impossíveis pelo menos neste acidental rincão em que vivemos.

Isto não quer dizer que alguns «felizes» não tenham logrado abater meia dúzia de raposas num dia, uma ninhada de texugos e uns quantos grifos entretidos em pútrido festim.

Mas como se trata apenas de «casos» que durante anos e anos servirão de motivo de conversa em tertúlias e Cafés, onde quer que aficionados discípulos de Santo Huberto se reúnam, não poderemos de modo algum considerá-los fora da sua categoria de «excepcionalíssimas» excepções.

É pois por tudo isto que, não sendo muito,

já pesa no, entanto, alguma coisa, que o maravilhoso Maio, quiçá o mais apetecível de todos os meses, apenas dá azo a umas dúzias de tímidas fogachas como que a recordar aos adormentados desportistas que a caça não fecha nunca.

E se eles soubessem quanto de divertimento encerra uma caçada às raposas ou aos texugos, desde o trabalhar os cães para desalojá-los das covas, ao tombar das vítimas imoladas à cruel Diana, estamos certos de que fariam tudo para se juntarem a esta belicosa legião dos incansáveis.

É a estes caçadores hibernantes que oferecemos o conto que se segue.

É um conto de caça, talvez que algum tanto inusitado, mas mesmo assim cheio de vicissitudes. Oxalá ele os divirta.

A RAPOSA DO DOMINGO

O homem saiu da caverna. Era um verdadeiro colosso, vestido com uma espécie de tanga de pele de carneiro. Caminhou lentamente ao longo do ribeiro. Súbitamente, o seu rosto queimado pelo sol abriu-se num sorriso. Fazendo um porta-voz com as mãos, soltou um «ma-hú-úú» sonoro que foi longamente repetido pelo eco das falésias.

Ao cabo de alguns minutos, duas outras silhuetas apareceram à entrada da caverna, dois homens mais novos. Treparam lesta-mente a encosta e foram ter com o seu companheiro.

O colosso apontou uma pequena península de pedras que a água afagava docemente, e disse: «Ali está uma verdadeira mina de sílex. Temos aqui com que nos armarmos durante anos...»

Escolheu um calhau de dois ou três quilos e, com a ajuda de uma pedra grande, deu-

—lhe uma forte pancada. Ao primeiro golpe, o calhau escorregou mas, ao segundo, dois pedaços se separaram.

— Agarrem-nos — ordenou majestosamente o colosso. — São fragmentos clatonianos: irregulares e espessos, mas com bordos cortantes. A primeira arma e o primeiro utensílio do homem...

Os dois rapazes — um era moreno e o outro louro — tomaram o peso aos fragmentos de pedra.

— Caro Mestre — disse o moreno, — peço neles porque fui indicado para o serviço de caça. Mas são pesados e pouco manejáveis. Não posso de facto prometer-lhe, com as armas que põe à minha disposição, servir bife com batatas fritas ao meio-dia...

— Devo acrescentar — disse o louro — que as batatas ainda não foram inventadas e, portanto, nada de falar em batatas fritas. Mas há mais. Fui encarregado dos vegetais e da cozinha. Ora há exactamente cinco horas, que bato com dois sílex um no outro para fazer fogo... e nada. Quando penso que tenho na algibeira um maravilhoso isqueiro a gasolina que nunca falha, sem falar de uma boa quantidade de caixas de fósforos...

Os três homens deram uma gargalhada e, depois, o colosso continuou com autoridade:

— Não, Jacques, não utilizarás nem o teu isqueiro nem os teus fósforos. E tu, Bernard, só matarás os animais que pudeses atingir com o teu sílex. Isto não é uma brincadeira. Decidimos livremente verificar por nós mesmos como viviam os nossos antepassados, o que logicamente subentende que renunciámos inteiramente ao conforto a que estamos habituados... E já não falo dos jornalistas que vieram atrás de nós. Veriam que fazíamos batota. Rir-se-iam do nosso malogro e teriam carradas de razão. Além disso, o que é mais grave ainda, o ridículo cairia em cima da ciência que representamos. Seria um verdadeiro desprestígio.

O professor — pois o colosso era o sr. Dupont-Lavergne, o célebre professor de etnologia e de paleontologia — falou muito tempo, com a sua voz firme e convincente. Os seus dois companheiros — que eram os seus melhores alunos — ouviram-no com uma atenção cheia de respeito.

No entanto, estavam inquietos. Tinham julgado, à partida, que se tratava de uma espécie de brincadeira, de um **camping** de novo género. Mas a fome, uma fome devoradora, começava a apertá-los. Sobretudo Bernard, o moreno, um rapaz atlético de apetite formidável, era quem a sentia com maior premência.

— Bem! — admitiu Dupont-Lavergne. — Vocês têm fome e eu também. Tivemos, desde o primeiro dia, o problema essencial do homem primitivo... Ora aqui estão fragmentos de sílex, a arma de que eles dispunham... Fazem caretas? Terão medo? Terão menos coragem do que esse ser primitivo de que descendemos? Todavia dispomos das mesmas possibilidades que ele: tudo o que cresce na terra, tudo o que nada na água, tudo o que voa nos ares e tudo o que corre nos bosques... A propósito, informo-os de que encontrei a pista de uma raposa...

O rosto de Jacques iluminou-se:

— Poderíamos comê-la amanhã, que é domingo. A carne da raposa deve ser semelhante à da lebre... À caçadora, não deve ser nada mau...

Dupont-Lavergne abanou a cabeça, sorrindo:

— Parece-me que seria melhor não fixar datas nem prever ementas com tanto tempo de antecedência...

As previsões do professor tornaram-se, infelizmente, exactas. A raposa foi de uma evidente má vontade e recusou-se terminantemente a deixar-se transformar em «raposa à caçadora». Rápidamente deu conta das más intenções dos três homens e, não abandonando os arredores onde visivelmente devia ter o seu covil, evitou, contudo, todas as aproximações, com uma desconcertante habilidade. Parecia mesmo fazer troça dos caçadores. Bernard, que a esperava à saída de um buraco, viu-a de facto passar, mas a tal velocidade que mais parecia um raio a desaparecer entre as moitas.

Três difíceis dias se passaram. Jacques tinha finalmente conseguido fazer fogo e protegera-o com pedras chatas mas, embora se estivesse em pleno Julho, uma chuva miudinha começara a cair, produzindo várias

infiltrações na caverna, que apagaram o fogo. E durante quarenta e oito horas foi impossível voltar a acendê-lo, de tal forma estava húmida a atmosfera.

A ementa de domingo, aliás como a do sábado precedente e a da 2.^a feira que se seguiu, compôs-se de cogumelos crus e amoras selvagens. Dupont-Lavergne insistiu muito com os seus companheiros para que, à guisa de sobremessa, engolissem duas ou três lagartas bem gordas.

— Contêm as vitaminas que são absolutamente indispensáveis ao nosso organismo — explicou. — Tem-se agora a certeza de que os homens pré-históricos consumiam uma grande quantidade deste pitéu...

Mas não conseguiu convencê-los.

— Evidentemente — reconheceu com sinceridade — seriam melhores com um pouco de pimenta e sal. Ou, pelo menos, espalhadas sobre uma grossa fatia de pão saloio com manteiga.

— Assim não continuo — resmungou Bernard. — Os homens primitivos enfrentavam os ursos e os bisontes. Às vezes eram estripados, é um facto, mas, pelo menos, quando venciam o bicho, dispunham de bons assados e de bifes em sangue. Ora, actualmente, os ursos e os bisontes desapareceram. Apenas nos restam os jornalistas... e essa raposa que é... diabólica. Se isto continua assim, creio que vou acabar por comer um jornalista. Calculem que vi um que me observava atrás de uns arbustos... E sabem o que fazia? Comia uma sanduíche desta grossura, de paio, com manteiga...

O bom tempo voltou. Os três homens teriam podido tomar banho e tostar-se ao sol... mas nada disso! Uma feroz resolução se apoderara deles. A raposa! — Tinham que matar aquela infernal raposa...

Aproveitando a suavidade da noite, acamparam junto do covil. Dia e noite uma sentinela armada de pontegudos silex, tendo sempre ao alcance da mão um arco e flechas, estava à espreita do fantomático animal...

— Tem que ser — resmungava Bernard com um furor concentrado. — Mais dia, menos dia tem que sair.

Enquanto esperavam o hipotético assado,

a ementa continuava a ser de uma monotonia e de um aborrecimento desesperantes: cogumelos, amoras bravas, lagartas e, havia dois dias, peixes-gatos viscosos que, mesmo grelhados à chama, conservavam um desagradável gosto a lodo.

A raposa tornara-se uma verdadeira obsessão. Até mesmo o professor parecia ter sido atingido por essa febre... Tentaram meter no covil ramos compridos, enchê-lo de fumo... Nada resultou...

— No entanto — resmungava Bernard — consta que há tipos que apanham raposas. Disseram-me, por exemplo, que, em Inglaterra, é o desporto favorito dos aristocratas... Será que essa raposa nos escapa porque somos democratas?

— Em Inglaterra — explicou Dupont-Lavergne — caça-se a raposa com cães chamados precisamente **fox-terriers**. Introduzem-se nos covis e estrangulam o animal...

— Portanto, nada a fazer antes de chegar à etapa em que o homem conseguiu domesticar o cão!

Três armadilhas sucessivas não deram qualquer resultado. O animal sentia o odor do homem e evitava o buraco ou o isco. No vigésimo-primeiro dia, finalmente, o acaso ajudou os caçadores. Um ruído de luta furtiva lhes chamou a atenção. Correram e viram a raposa, sim, a raposa que, numa depressão do terreno, estrangulava uma grande rata. A rata defendia-se tenazmente e, no ardor da luta, a raposa esquecera-se completamente da presença dos homens. Assim que os viu, porém, abandonou a sua presa e fez-lhes frente de dentes arreganhados, rosnando ferozmente. Mas os três homens tinham conseguido cercá-la; enquanto Jacques e o professor avançavam, com ramos de árvores, Bernard abateu-a com uma implacável pancada da sua moca de silex.

— Ora! — disse, com dissimulado despeito. — Nem sequer é prateada... No entanto, bem temperada...

Na verdade, apesar de um longo cozimento, a raposa revelou-se coriácea. Mas os três homens acharam-na excelente. À sua satisfação de apreciadores, misturava-se a alegria de terem encontrado um dos segredos da humanidade nascente: a paciência.

pesca

A PESCA DE MAIO

Se é certo que Abril foi por nós tratado como um mês de «peixes mil... coados por um funil», já o mesmo não podemos fazer no que respeita a Maio que pode bem considerar-se sob vários aspectos como um dos melhores meses do ano para os bons discípulos de S. Pedro.

Com o engordar da sardinha que, de dia para dia, se vai tornando mais saborosa para atingir as culminâncias do valor gastronómico pelo S. João, vão-se tornando também progressivas as alcofadas de tainhas e garrentas que acodem pressurosas ao rico engodo que as estonteia e embebeda.

De parceria com estes «fusos» mistos de subtilidade e voracidade, arribam também à rocha umas quantas batalhadoras russadas, e magros sardos que a desova deixou reduzidos a bem pouco mais que espinhas.

Os robalos continuam também a dar que falar, quer em pesca mais ou menos morta, quer em emocionantes secções de lançado, que pesado ou ligeiro, conforme as águas e os pesqueiros o determinarem, será sempre a modalidade número 1 da pesca costeira, se bem que só uns escassos desportistas a ela se dediquem corajosos e persistentes, arrostando desdenhosamente com a estulta troça dos desajeitados sarrafeiros.

Mas não são só as tainhas, as garrentas, as russadas, as sargas e os robalos que marcam a sua presença neste maravilhoso mês.

As corvinas, perseguindo lulas piladas ou peixes miúdos, também se vão enforcando de quando em quando num ou noutro anzol, para gaudio dos felizes donos de tão traiçoeiros instrumentos.

Das profundezas do oceano, demandando as rochas marisqueiras, pargos e douradas fazem igualmente a sua sensacional aparição junto às rochas, causando calafrios aos desprevenidos ou prevenidos pescadores com quem se travarem de razões.

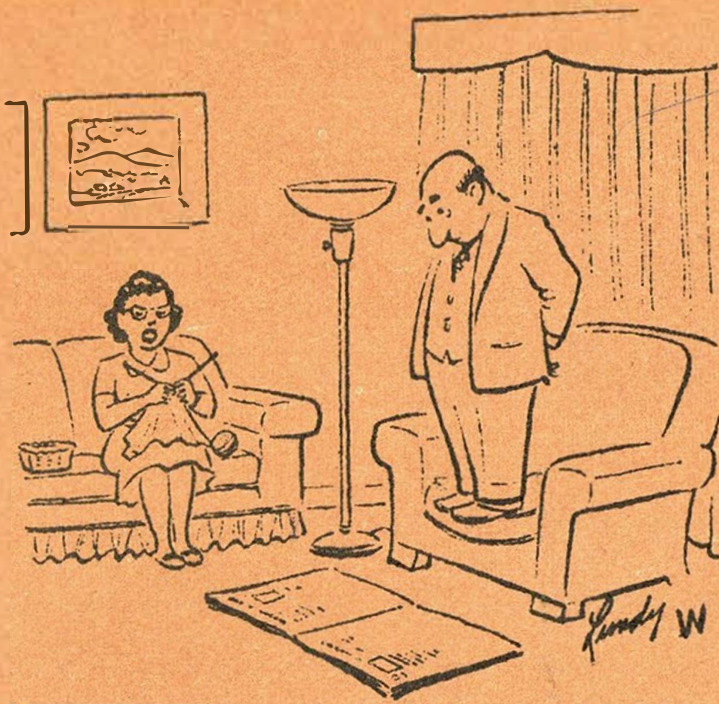
De barco o panorama pouco difere do de Abril. Apenas o peixe espada cai agora com mais frequência ao amanhecer e ao entardecer, com grande satisfação dos amadores do corrico que neles cevam os seus instintos piscicidas, chacinando-os sem dó nem piedade.

No rio em que os ciprinídeos em defeso continuam a ser pescados de Norte a Sul do país com a mesma despreocupação dos tempos livres, o grande cartaz com a eclosão das efémeras «seria» a pluma.

E dizemos «seria» porque nesta santa terra de águas devastadas, falar de pluma e de trutas chega quase a parecer chacota.

Vão pescando ao «Achigão», meus bons amigos, e peçam a Deus que um dia alguns homens de boa vontade olhem a sério para os problemas de repovoamento e fiscalização das águas interiores. Mas que o façam a sério, sem limitações, para que lhes possamos ficar gratos pois que, além de nos defenderem os interesses piscatórios, defendem sem dúvida os interesses nacionais.

Para aqueles, porém, que apesar de tudo persistem em ir às trutas, julgamos não ser desacertado lembrar que a pesca ao lançado se aprende em vinte minutos ao passo que a da mosca leva uns dois ou três anos a aprender, e que apesar de tudo quanto soubermos, quando chegarmos ao fim da vida, ainda seremos todos muito ignorantes nessa difícil arte.



— Henrique, porque não compras óculos?



— Gostava de saber o que fazes às vitaminas que te dou

floricultura

A Arte das Flores

por LÚCIA DE SITTAU MONTEIRO

Arranjar uma flor, «trabalhá-la» num conjunto de harmonia e de requisitos, não é uma arte isolada. A História, a Pintura e a Vida Religiosa dos Povos reflectem-se na evolução dos prestígios das flores, conferindo-lhes valores simbólicos e atribuindo-lhes importância social, com as suas épocas de grandeza e de decadência.

É evidente que há flores desde que existe o Mundo. Quando começaram a ser cultivadas, isto é, transplantadas do campo para os pátios particulares e, aí, com melhor terreno e com regas certas, se começaram a desenvolver e a fixar, não sabemos — e menos sabemos ainda quando elas entraram nas casas como elemento decorativo consciente. Digo «consciente», porque, decerto, desde que há mulheres, deve ter havido sempre, num caco e em qualquer canto, duas ou três florzitas colhidas no campo, para alegrar os olhos.

Sabe-se que a flor da murta era — e nalguns países é ainda — o símbolo da pureza (por isso as noivas casavam com um raminho de murta na mão, talvez para sossego dos noivos). Nos túmulos egípcios, e no que subsiste dos templos romanos vêem-se restos de pintura nos primeiros, e de escultura nos últimos, de flores que se assemelham ao lis da coroa de França.

O Cântico dos Cânticos compara a amada à Rosa de Sharon, e sabe-se que os canais dos jardins do Egipto e da Pérsia eram perfumados com «atar de rosas» — óleo de pétalas de rosas batidas em longos serões pelas escravas, para ungi e banhar os seus senhores.

Mas há razões para crer que foram os japoneses quem primeiro apreciou as flores como elemento decorativo, porque em desenhos com muitos séculos de existência, alguns anteriores à civilização cristã, estão reproduzidos com uma perfeição inigualável, não só ramos de rosas, de lírios e de espigas de cereais, mas também jarras arranjadas com linhas duma simetria tão meticulosa que originou uma escola, pouco divergente da escola japonesa de hoje. Por isso, pode dizer-se que há escolas de arranjos de flores desde tempos imemoriais.

Na Idade-Média muitas casas nobres, e até reais, tomaram para seu símbolo as flores mais vulgares no seu país: a coroa de França mantém ainda o lis real — flor de cinco pétalas de um vermelho vivo; a da Inglaterra as rosas brancas e vermelhas que se uniram depois da guerra das rosas; a Escócia tinha o cardo; a Itália, a açucena, a Suíça, o Edelweiss, etc., etc.. Nessa época, porém, por tudo que tenho lido, depreendo que as flores eram usadas em homenagem à virgem, representadas nas tapeçarias em contraposição com as feras bordadas ou então em ramalhetes nos decotes das senhoras e nas capas dos homens. Nestas tinham em geral uma intenção, quer preventiva de infecções, quer de segurança contra o mau olhado, quer ainda como processo discreto e subtil de organizar encontros para falar de amor, porque cada uma tinha a sua significação especial e, através delas, podia manter-se um namoro discreto.

As flores mais vulgares parece terem sido as rosas, as açucenas, os lírios, as papoilas e todas as outras flores do campo, bem como a murta.

Os poetas de todo o mundo, do século XVI, fazem constantes referências às flores do campo.

As tapeçarias medievais, como as tapeçarias de Bayeux, por exemplo, representam constantemente jardins floridos, onde as senhoras costuravam e de cujas flores e ervas tiravam os unguentos e elixires para os remédios caseiros, os emplastos, e até para tempero das iguarias da época.

Mas é quase só pelos quadros que nos restam, e quase todos de assuntos religiosos, que podemos depreender terem sido as flores destinadas à decoração arranjadas em ânforas esguias, de metal cinzelado ou de prata, por vezes incrustadas de pedras preciosas; de cristal e de cerâmicas brancas ou coloridas, mas sempre da mesma forma.

ESCOLA HOLANDESA: A FLOR VENCE A AUSTERIDADE

Foi no princípio do século XVI que o valor artístico — e material — das flores tomou grande incremento e coube à Holanda, país sombrio e triste, revelar ao mundo o poder decorativo de um ramo de flores.

Cultivaram flores, apuraram flores — inventaram flores! Na «Tulipe Noire», Dumas conta-nos uma história que parece ter sido verdadeira, embora romantizada, do que foi a descoberta de um novo bolbo — e sabe-se que uma tulipa desconhecida atingia por vezes preços inverosímeis.

Com tantas flores para dar e vender, era natural que os pintores as experimentassem como modelo — e o resultado foi por tal forma apreciado que as donas de casa se convidavam para irem ver os ramos de flores «arranjados como os quadros deste ou daquele» e que muitos dos pintores, a quem a fama não trouxera ainda com que pagar tintas e pincéis, iam de casa em casa, fazer esses arranjos, para terem a possibilidade de os fixar na tela! As casas eram sombrias de aspecto, e os móveis, encerados ou dourados, eram sempre escuros e grandes. As flores tinham de ser arranjadas e pintadas com harmonia, quanto à forma. Mas em compensação, na violência e na intensidade das cores, copiadas da realidade com requisitos de minúcia, parece ter havido a intenção de vencer a severidade do ambiente e o anseio de aquecer os olhos em tons quentes de sol.

Se isto foi assim, devem ter sido os holandeses do séc. XVI os precursores dos decoradores-floristas de hoje.

Houve de repente, porém, uma paragem no progresso deste ramo artístico. O puritanismo chegou, com o seu ódio a tudo que indicava amor à vida, à alegria e à beleza. Baniram-se as flores dos altares e as imagens das igrejas; proibiram-se os festejos das ruas e o riso das famílias; despiram-se os trajes de enfeites e os decotes, de jóias. E os quadros, cujo assunto não condizia com a exigência de austeridade do momento, se, por representarem valor material, não eram atirados para o sótão, eram tapados com um pano escuro, para não ofenderem a moral puritana.

Dizem alguns técnicos que isto nos valeu ter sido conservada, na sua frescura de origem, a pureza de côr de alguns dos quadros de flores que fazem hoje o nosso espanto e o nosso encanto — e, de facto, ao compará-los com os que, dessa mesma época, existem, de origem francesa, italiana e espanhola — sobretudo com estes últimos — vê-se que, ou eles usavam tintas muito mais perfeitas ou algum factor externo auxiliou a sua conservação.

Mas o que nos interessa aqui é salientar que, em matéria de arranjos de flores, foram certamente os holandeses quem, há perto de quatro séculos, fundou, através das suas floreiras, aquilo a que chamamos a Escola Holandesa e que é a base de todas as outras escolas europeias que apareceram depois.

*

Em França, Luís XIV e Luís XV, com o seu gosto do luxo e o seu sentido de grandeza, tinham ajudado as artes e as letras; a manufactura de tecidos novos; o trabalho de cinzelagem de prata e ouro; a edificação de palácios e de jardins à francesa: certos, precisos, régulares, como os cérebros que os imaginaram — puras obras de arquitectura exterior e em que as flores eram quase totalmente inexistentes.

Eu tenho a impressão de que o amor dos franceses pela natureza era, e é, um amor puramente intelectual — e retórico!

O mesmo não acontecia, nem acontece ainda, em Inglaterra, onde qualquer inglês lorde ou operário, quer com a mesma ter-



nura ao bocado de terra que lhe pertence, parque com relvados e lagos, circundando um palácio, ou pequenino pátio das traseiras (back yard) de microscópicas casas de subúrbio.

Todo o inglês prefere o campo à cidade — e todo o inglês que se preza pretende viver a distância, vindo apenas à capital quando obrigações sociais ou de negócio o forçam a deslocar-se do seu «nanor» ou da sua aldeia.

Este sentimento é sincero, como é sincera a sua paixão por flores. Por toda a Inglaterra e por toda a Escócia, onde o clima é inclemente, velhas árvores seculares, grandes sebes de buxo, preservam do olhar dos estranhos os mais lindos, os mais poéticos, os mais cuidados e amados jardins de todo o Universo.

Para isso, não se poupa dinheiro nem trabalho: alguns ingleses meus amigos — que se transportavam em respeitáveis «Daimlers» com 20 anos de idade e gastavam os velhos fatos de «tweed» até estes não aguentarem as passagens, mantinham 10 e 12 jardineiros! Nós estivemos numa casa alugada cujo pessoal exterior, graças a Deus, não tinhamos de pagar — em que três jardineiros trabalhavam sem descanso.

Hoje a vida mudou; mas apesar da diminuição de rendimentos, do aumento de salários e da dificuldade de encontrar bom pessoal, lá conseguem manter os seus jardins impecáveis, partilhando profissionais, arranjando quem ajude e trabalhando, os donos, homens e senhoras, horas sem fim. E posso assegurar que a decoração de flores nas casas de cada um não baixou de nível.

No século XVIII, as circunstâncias eram propícias: desde que Carlos II subira definitivamente ao trono, acabando com as guerras intestinas, havia paz. A velha nobreza, que se mantivera fiel à monarquia, retomara o seu antigo lugar; os que tinham acompanhado Cromwell queriam esquecê-lo, e o rei, por conveniência própria, fazia vista grossa.

*

Os comerciantes enriquecidos no comércio com a Índia e com as Ilhas do Pacífico, que

(também por conveniência própria) o rei enobrecia, queriam copiar, em tudo, os da velha guarda. Nunca se haviam construído tantas casas apalaçadas ou se plantara maior quantidade de jardins.

A rainha Catarina de Bragança orientara pessoalmente em Hampton Court, onde passara a sua curtíssima lua-de-mel, um jardim à portuguesa, com intrincado desenho de buxo em sebes, cujos centros eram exclusivamente preenchidos de rosas — talvez em recordação nostálgica dos jardins de Vila Viçosa, onde brincara e sonhara em criança.

Fartos da austeridade e de ideais políticos, gozando de paz e de prosperidade (e do progresso trazido por essa prosperidade) os ingleses do século XVIII dedicaram-se ao prazer: viajavam, e traziam nas suas viagens as preciosidades que deram à Inglaterra uma quase inesgotável riqueza artística; liam, dançavam, bebiam, caçavam, apuraram a raça de cavalos, de cães, de carneiros — e de flores. E como tudo isto se passava nas suas propriedades, que eram o centro da sua vida, ali recebiam permanentemente, rivalizando de elegância e de requinte, mas sem ostentação — sabendo manter, com o talento que lhes é próprio, a nota de simplicidade que é a fórmula máxima do verdadeiro bom gosto.

Maria Antonieta, às recepções íntimas que dava na sua fantasia rústica do «Petit Trianon» chamava «Receptions a l'anglaise».

*

As mulheres continuavam a cultivar flores; mas estas já se não destinavam, como na Idade-Média, a fazer unguentos ou a temperar petiscos — eram estudadas para a ornamentação dos próprios jardins e das salas. Havia em todos os jardins duas secções — o jardim propriamente dito, com os seus relvados, os seus portões de ferro forjado e os seus muros de tijolo rosado contra o qual se amassavam, numa desordem estudada de alturas, de volume e de tons, as flores mais variadas, nos inigualáveis «flower-borders» que os tornaram célebres.

E havia o jardim destinado a «flores de cortar» que eram plantadas para a decoração das salas, e a dizer com elas. Dali partiam de madrugada, em cestos chatos, para os «flower-rooms» onde eram metidas em tan-

ques especiais com água à temperatura apropriada, até que as senhoras viessem escolher as jarras, guardadas nas prateleiras que enchiam as paredes, e, por suas próprias mãos as arranjassem, com destino certo e conhecimento seguro do sítio onde iam ser colocadas.

A duquesa de Devonshire — uma das grandes belezas da corte e célebre pelo seu sentido político e pelas suas recepções, quer em Devonshire House, em Londres, quer no seu palácio de campo, conta numa carta para uma amiga: «Mandei pintar a sala do sul de azul pálido para as minhas flores brancas» e uma outra grande senhora diz no seu diário: «Tive grande sucesso com os meus grandes ramos de flores escarlates na sala de baile branca e doirada; ficaram lindas e deram calor àquelas imensas paredes brancas. Sempre achei a sala grande de mais para ser pintada assim».

E ainda em uma carta para a filha ausente, dizia uma outra contemporânea: «Devias ver como ficam lindas na sala apainelada as nossas poliantas cor de carne — nunca pensei que pareceriam tão bem contra o castanho da madeira — podemos assim intercalá-las com os teus goivos cremes e os meus amores-perfeitos».

Como se vê, as flores foram sempre assunto de conversa predilecta para os ingleses — e nota-se que já no séc. XVIII era corrente em Inglaterra a noção do valor artístico do arranjo de flores em relação com o ambiente. Se uma senhora minha conhecida, a quem enjoa a mania «moderna» de decoração florista, se dedicasse a ler velhos alfarrábios, talvez mudasse de opinião.

Por tudo o que lhes acabo de expor, parece-me podermos concluir que os ingleses herdaram, por assim dizer, os princípios da

Escola Holandesa dos séculos XVI - XVII — adaptando-a à sua maneira e ao sabor da sua decoração.

Não há modificação concreta de base; há apenas uma transformação do espírito.

A arquitectura tornara-se mais leve; a influência italiana era nítida, sobretudo depois do descobrimento das ruínas de Pompeia que trouxe à Inglaterra e à França uma vaga de paixão pelo classicismo — as colunas gregas, as linhas direitas, as cores claras sobrepueram-se ao estilo de Carlos II e de Luís XIV, ao rococó Luís XV, e às fantasias chinesas e floridas de Chippendale.

Era inevitável que os arranjos de flores acompanhassem a voga, e que nas taças de mármore, como nas ânforas de cristal e de cerâmica, os ramos tivessem uma composição mais simples e delicada.

As flores, mesmo que fossem as de outro tempo, eram escolhidas em tons suaves a dizerem com as pinturas claras das paredes, que em tons de marfim e de verde claro em Inglaterra, e de cinzento-gris e grege em França, davam claridade às velhas ou às novas casas.

Viajava-se muito e ninguém voltava sem sementes das flores dos países por onde passava. Construíam-se estufas para defender do rigor dos climas nórdicos as que vinham do Sul — e entusiasmavam-se as pessoas por flores que nós, aqui, por exemplo, quase não consideramos flores!

Nunca me hei-de esquecer da indignação de um jardineiro que tive no campo, em Inglaterra, por eu me rir da ansiedade verdadeiramente cómica com que ele cuidava duns magros esgalhos de sardinheiras pálidas e do seu orgulho pelos três jarros enfezados com que me mimoseou pela Páscoa!





A mulher do mês

MADAME DE MAINTENON

ou o triunfo da virtude

— Mais je suis cocu!

— Mais tu est le cocu le plus honorable de France

Aqui, nestas frases, se resume uma parte importante do que foi, sob os reis de Versalhes a história de França.

Trocaram-nas os marqueses de Montespan, marido e mulher, numa azedada discussão, quando o marquês descobriu um facto conhecido de quase todos: a ligação de sua mulher com Luís XIV, Rei de França. A sua indignação levou-o a fechar as portas e janelas de casa, vestir-se de negro e cobrir as carruagens de crepes — sua mulher, participou-o aos amigos, tinha morrido para ele. Como não tinha morrido para mais ninguém em Paris, não se falou muito do caso. De resto, os costumes da Paris de então eram diferentes dos costumes da Lisboa de hoje — o adultério era corrente e, entre-fidalgos, admitido. Dizia-se, por exemplo, **Madame** de Pontac e os filhos de **Monsieur** de Berisse — ou vice-versa. Era o começo da época das ligações perigosas e, como havia filhos de Luís XIV e **Madame** de Maintenon, o Duquezinho de Maine, o Condezinho de Toulouse, se alguma coisa fez escândalo em Paris — foi a insólita atitude do Marquês de Montespan.

*

Todos os ditadores pensaram mais ou menos que o Estado eram eles.

Um só o disse: Luís XIV, o rei-Sol, que fez construir Versalhes para seu esplendor, protegeu as Artes e as Letras, se considerou

como um Deus na Terra, teve as mais belas mulheres da sua corte, reinou absolutamente durante 72 anos — e arruinou a França.

Quando, à sua volta, se não falava dele, o rei, ofendido, retirava-se ou mergulhava num fundo silêncio. Os cortesãos precipitavam-se para lhe agradar, os ministros, em prejuízo das próprias opiniões, curvavam-se às do monarca.

Ao morrer, em 1661, o cardeal Mazarino que fora Primeiro-Ministro desde a morte de Luís XIII, sob a regência da rainha Ana de Áustria, primeiro, já sob o reinado de Luís XV, depois, espantou a corte ao declarar que tinha resolvido ser ele próprio o seu Primeiro-Ministro. E realmente nenhum homem levou nunca a sua vontade à frente da do rei-Sol. Nenhum homem... mas com respeito a mulheres...

I

Em 1635, na prisão de Niort nascera Françoise d'Aubigné, futura **Madame** Scarron, futura marquesa de Montespan. Seu avô, Théodore Agrippa d'Aubigné, companheiro de armas de Henrique IV, fora um barão tipicamente do seu tempo, almirante, historiador e diplomata, amador das Belas-Letras. O pai fora, em certa medida, um precursor do marquês de Sade — cometeu assassinios, rebelou-se contra o rei e fez cunhar moeda falsa. Devido à sua situação de gentil-homem apenas sofreu uma pena de prisão, em Bordéus, onde compôs alguns dos mais belos sonetos da língua francesa e casou com a filha do carcereiro.

Transferido de prisão para prisão, Jeanne, sua mulher, acompanhou-o e o terceiro filho, François, veio a nascer na prisão de Niort.

A infância passou-a no castelo de Munsay, propriedade do avô paterno, para lá tendo sido levada por parentes. Quando o pai foi finalmente libertado, resolveu-se a ir fazer vida nova para a Martinica e levou com ele a família. Aí, sob o sol quente e as chuvas torrenciais, numa paisagem rica de natureza ainda livre, a pobre François foi submetida pela mãe a uma educação seca e estrita. Além da fé protestante que lhe foram inculcando, conheceu os autores latinos em profundidade, particularmente Plutarco cujas «Vidas Paralelas» a mãe a obrigou a ler repetidas vezes.

Quando passados anos e graças à caridade de alguns amigos os Aubigné regressaram a França, o pai Constantine, achacado pela idade e pelos trabalhos da sua aventureira vida, faleceu pouco depois.

Françoise, cuja beleza era, aos quinze anos, já tão notável que lhe chamavam *la belle indienne*, recolheu a um convento, de onde passou depois para casa de uma tia cuja casa era frequentada pela boa sociedade e os artistas do Paris de então. E aqui começa o primeiro episódio notável da sua vida.

II

Difícilmente será possível conceber um homem mais feio, mais mal feito e menos saudável que o dramaturgo francês Paul Scarron. De si próprio chegou ele a dizer: «As minhas coxas e as minhas canelas formaram primeiro um ângulo obtuso, depois recto e, finalmente, agudo. As minhas coxas e o meu corpo fizeram outro e como a minha cabeça se inclina para o estômago, vou tomando a forma de um Z».

Filho de um pai beato, casado segunda vez com uma criatura cruel, impiedosa madrasta, ao costume da época entre burgueses abastados, Paul Scarron foi destinado à igreja.

A vida dos jovens estudantes de Teologia da época era divertida e, pelo brilho do seu espírito, podiam facilmente fazer-se admitir nos salões de Paris — já nos mais aristocráticos, já nos mais boémios como o de Marion Delorme ou o de Ninon de Lenclos. Em 1636, com 26 anos apenas, foi feito cônego

após uma estada em Roma, o que não o impediu de continuar a vida boémia. As suas peças de teatro conheciam tanto sucesso que multidões se juntavam durante dias à porta das salas onde eram representadas, esmagando-se quase. Entretanto, em 1638, uma grave doença nervosa mergulhou-o em terríveis sofrimentos e forçado a trabalhar duramente foi-se esgotando e só as drogas o mantinham de pé.

Em 1646, fatigado com a vida da capital, regressa a Le Mans onde se dedica, nos episódios do seu «Roman Comique» a comentar, humoristicamente, a vida da província.

Pouco depois do aparecimento do 1.º volume, em 1651, preparou-se para emigrar para a América e recrutara colonos para esse fim, quando encontrou, em Paris, François d'Aubigné.

La belle indienne estava então no apogeu da sua beleza. Não tinha um centavo e não tinha posição mas só lhe restavam realmente duas alternativas: ou o convento ou o matrimónio. E Paul Scarron, disforme e doente, era um prodigioso espírito e oferecia-lhe, de qualquer maneira, uma posição.

E durante seis anos, até à morte de Paul, François foi uma desvelada enfermeira. Da sua cadeira de rodas onde passava a maior parte do dia, o dramaturgo pontificava. Era influente, dava-se com os grandes da época, trazia a muitos dos que o cercavam — e François entre eles — um mundo que nunca provavelmente teriam conhecido de outra maneira.

Mas os sofrimentos físicos por que passava eram tão fortes que necessitava «drogar-se» e nem assim conseguia muitas vezes dormir. Quando do casamento dissera — mas o Destino foi-lhe irónico — que apenas uma coisa podia oferecer a François: a imortalidade. E era este o preço da sua desvelada atenção.

As dores de Paul faziam com que não houvesse noite nem dia naquela casa; com que as festas, os jantares e as recepções fossem frequentemente interrompidos por terríveis gritos; com que a produção literária e, daí, a estabilidade económica sofressem oscilações.

Mas Scarron, conhecendo as suas terríveis limitações, sabia também que trouxera a François coisas que lhe eram já, e poderiam vir a ser, ainda muito mais úteis. O conheci-

mento do latim, do italiano, do espanhol, uma educação, uma posição na vida.

Quando Paul Scarron morreu, dizendo: «Vou finalmente estar bem», deixou atrás de si um monte de dívidas e foi enterrado numa campa pobre.

III

Viúva e sem família, **Madame** Scarron viu a sua beleza e a sua juventude assediadas por vários admiradores.

Já em tempo do marido se lamentava a sua sorte, e espantava o facto de não tomar amantes. Agora livre e necessitada certamente de amparo, era por demais estranho que afastasse, cortês mas firmemente, a numerosa legião de pretendentes.

A fama da sua virtude — chegou a estar alojada num convento — foi assim acompanhando a fama da sua beleza e um dia **Madame** de Montespan, que a conhecia e admirava das casas e salões que frequentavam ambas e sendo nessa altura **l'amante en titre** de Luís XIV era a primeira dama do reino (a rainha Maria Teresa, era uma triste e apagada figura) mandou-a chamar.

Madame Scarron firme na sua moral e na sua religião — convertera-se do protestantismo calvinista em que fora educada ao catolicismo e, como todos os convertidos, tinha um fanatismo particular na sua nova fé e um ódio também particular à sua fé antiga — **Madame** Scarron, inteligente, culta, estimada e, sobretudo, discreta, foi à entrevista. E soube o que dela se pretendia: ser governanta, tomar a seu cargo o filho que **Madame** de Montespan ia ter do rei e os futuros filhos (foram quatro) que desta ligação houvesse. E **Madame** Scarron aceitou. Nesse dia começou a grande aventura da sua vida — começou mesmo, para a História a vida de **Madame** de Maintenon.

A sua notória discrição tornou possível que, num pequeno palácio dos subúrbios, os filhos de Luís XIV e de **Madame** de Montespan (tivera oito de **Madame** de La Vallière) recebessem as atenções de uma educadora e de uma governanta e os cuidados carinhosos de uma mãe — sem que disto quase nada se soubesse e continuando **Madame** Scarron a aparecer nos salões — sempre bela, sempre desejada, sempre brilhante — e sempre distante também.

Luís XIV não a conhecia mas em sucessivas visitas ao pavilhão onde corria a fácil infância da sua descendência, foi ganhando consideração e respeito pela governanta. Espantava-o, primeiro, que uma mulher tão bela fosse tão culta e tão piedosa. As conversas que tinham ambos calavam fundo no coração do monarca — o puritanismo de **Madame** seduzia a devassidão completa em que Luís XIV, dentro dos hábitos da época, arrastava os seus dias. A própria rainha Maria Teresa quando soube da existência dos filhos naturais do marido e que fora **Madame** Scarron quem os educara lhe disse: «Que pena não ter educado também os meus».

A sua influência na corte começou a ser preponderante. **Madame** não conseguira, por favores de leito, a confiança e a estima do monarca, antes pela virtude e a ponderação, mas dominara tanto os pensamentos e a vontade dele que muitos cortesãos dela se socorriam quando pretendiam alguma coisa do soberano. A rainha Maria Teresa vivia ainda, **Madame** de Montespan continuava a ser **l'amante en titre** e, todavia, era **la belle indienne** quem realmente mandava. E já quase com cinquenta anos, ao ser nomeada dama de companhia da princesa real, eclipsou-a pela beleza. Dizia-se na corte que trouxera da Martinica um filtro mágico para seduzir e prender Luís XIV.

Teve certamente importância decisiva nas medidas tomadas por ele no sentido de restringir as liberdades religiosas que primeiro concedera e que culminaram na revogação do Édito de Nantes obrigando assim os protestantes a abraçar a fé católica. As consequências deste acto foram desastrosas para a paz interior da França. Como toda a intolerância auxiliada pela força do poder, deu apenas uma unificação e uma calma aparentes, perturbou as consciências, fez germinar o ódio. Enquanto no campo espiritual as coisas se passavam assim, não iam melhor no que dizia respeito aos interesses mais temporais do reino. Várias guerras infelizes, mesmo quando terminadas por paz honrosa, foram arruinando a França. E a política económica do grande Colbert não foi devidamente compreendida e o seu precioso auxílio acabou por ser desperdiçado pelo rei.

Estranha França essa, em que uma corte luxuosa era a cabeça de um povo miserável

e os reis e os príncipes davam tanta importância aos seus problemas de alcova — ou mais — como às decisões que iam afectar as condições de sobrevivência de milhões dos seus súbditos.

Fanática, fria, determinada, cuidadosa e calculista, cada dia que passava, **Madame Scarron** ia governando mais a França. Luís XIV concedeu-lhe mesmo o domínio e o palácio de Maintenon com o título de marquesa.

A sua campanha pelo poder não tinha barreiras. Foi lentamente convencendo o rei de que devia terminar a ligação com **Madame de Montespan** «que tanto fazia sofrer a rainha Maria Teresa e o senhor de Montespan».

Quando a rainha morreu, Luís XIV aceitou em abandonar **Madame de Montespan**. A moralidade triunfara: o protestantismo estava dominado, o rei morigerava os seus hábitos pessoais. E a 12 de Janeiro de 1648, Luís XIV desposava secretamente na capela de Versalhes a marquesa de Maintenon, ex-**Madame Scarron**, née Françoise d'Aubigné.

O que se seguiu depois até à morte foi uma longa série de sucessos. O convento de Saint-Cyr onde as jovens da aristocracia eram educadas, desempenhando peças de teatro que autores célebres especialmente para

elas escreviam, foi uma das obras que mais ocupou **Madame** até que a Igreja não julgando o palco compatível com as exigências interiores da vida espiritual, mandou que o convento passasse a reger-se como os outros conventos e a levar vida igual à deles.

As campanhas militares de seu marido também a interessavam e acompanhava as tropas em viagem com todo o esplendor da sua comitiva e do seu guarda-roupa.

O luxo da corte tornou-se tão excessivo que o povo começava a protestar contra ele, num prelúdio do que viria a ser, mais tarde, a Revolução Francesa.

Madame ia envelhecendo mas a sua resistência espantava a corte. Continuava dominando o coração do rei e as rédeas do Governo e através dele continuava brilhando pelo espírito.

Um dia, finalmente, o rei-Sol morreu. **Madame** retirou-se para Saint-Cyr onde lhe sobreviveu alguns anos. E quando, já cega e entrevada, esperava no leito de morte o fim da sua carreira ascensional, respondeu ao Czar Pedro da Rússia que viajando por França a fora visitar e lhe perguntara atenciosamente:

— De que morre, minha senhora?»

— De riso.



provas da existência dum país que não existiu:

A ATLÂNTIDA

No dia seguinte ao terramoto de Agadir, os marinheiros franceses verificaram, espantados, que o fundo do mar vizinho à cidade mártir tinha sido profundamente revolvido e que as profundidades marcadas nas cartas de marear estavam completamente alteradas. Naturalmente, e uma vez mais, houve quem pensasse no Continente Perdido, a fabulosa Atlântida que um terrível cataclismo teria mergulhado nos abismos do Oceano.

Mas que Continente Perdido era esse que ainda hoje fascina a imaginação dos homens? Que crédito poderá merecer a sua existência?

Aqui, as dúvidas surgem porque, será difícil negá-lo, na maior parte das vezes o desejo de acreditar é, nos homens, maior do que o desejo de saber. Os dados positivos sobre os quais ao longo dos tempos se tem procurado defender a existência da Atlântida remontam a Platão. Em dois diálogos famosos (o *Timeu* e o *Crítias*) o grande filósofo grego refere-se a uma grande ilha que teria existido há muitos milénios em frente das Colunas de Hércules.

Segundo Platão, Solon conversara longamente na cidade egípcia de Saís com um sacerdote que lhe teria contado tudo quanto

sabia da Atlântida e que constava dos livros sagrados. Os habitantes dessa grande ilha (maior do que a África e a Ásia juntas) viveriam num estado de grande felicidade e riqueza. A cidade de Clito seria defendida por muralhas de ouro. Pois bem: ao que dissera o monge saíta, esse continente, onde se estabelecera uma civilização superior, foi punido, quando os seus habitantes se esqueceram das leis justas que inicialmente os governavam e se entregaram aos mais diversos vícios.

DOIS MIL VOLUMES ACERCA DO CONTINENTE PERDIDO

Deve dizer-se que as recentes investigações arqueológicas a que se procedeu em Saís não revelaram nenhum documento que pudesse servir de base à narrativa de Platão. Por isso, são numerosos os historiadores que afirmam ter o filósofo grego inventado de alto a baixo a lenda da Atlântida, suscitando assim os dois mil volumes que, entretanto, se têm escrito sobre aquele tema! Em todo o caso, nestes últimos tempos tem-se procurado fundamentar (com mais ou menos imaginação)



a história da Atlântida, independentemente das sugestões do filósofo ateniense. Assim, muitas lendas e tradições dos povos primitivos da África e da América afirmam a existência dum continente que seria o berço da civilização e que teria estendido o seu poder ao Egito e à América pré-colombiana.

A favor desta opinião, cita-se o facto de haver numerosas semelhanças entre certos monumentos do Egito e as pirâmides do Sol construídas pelos Mayas no Yucatão. Acrescentam ainda os modernos defensores da existência da Atlântida que, se é certo que os livros egípcios a nada se referem, a verdade é que o Livro Sagrado dos Mayas regista um grande cataclismo que poderia muito bem ser o da Atlântida... Seja como for, essa grande ilha explicaria as semelhanças entre a arte do Egito e a arte dos Mayas.

A estrada que do Vale do Nilo atingia a América — dizem os defensores da existência da Atlântida — passava pelo Sara, seguia depois até à actual costa do Atlântico (Agadir, Casablanca) e, prosseguindo através das Canárias e de Cabo Verde, chegava até à América.

O primeiro grande obstáculo era o Sara, sem dúvida nenhuma. Mas os arqueólogos

demonstraram recentemente que essa região nem sempre foi desértica.

Assim, encontraram-se no Sara — que foi verdejante — numerosos vestígios de civilizações antigas que documentam a influência da cultura egípcia e de uma outra misteriosa civilização, acerca da qual nada se sabe. Que povo era esse? Conclui-se da análise da pintura rupestre de Tassili que se tratava de um povo de pele clara, ao contrário dos habitantes do Sara, que eram escuros.

OS CACHIMBOS DA IRLANDA

Os historiadores, interessados em resolver o mistério, procuraram estudar comparativamente certos vestígios americanos e egípcios. As múmias dos antigos egípcios tinham grandes semelhanças com as dos Mayas e dos Incas. Entretanto, descobriram-se cachimbos na Irlanda, datando de uma época antiquíssima. Como explicar esses cachimbos, se o tabaco somente se cultivava na América, que estava então por descobrir?

Não foram poucas as semelhanças encontradas. Para mais, quem por princípio procura semelhanças (ou dissemelhanças) sempre acaba por encontrá-las...

Mas, exactamente, onde ficaria a Atlântida? Alguns investigadores supuseram encontrar vestígios da cidade de Kerne no lago seco de Velrect, no Sara. Posteriormente outros sítios foram propostos. Mas, recentemente, aquando do terramoto de Agadir, vários aviadores viram — dizem que viram — uma cidade submersa com torres e casas quase intactas, durante o período em que as águas do mar recuaram profundamente.

É claro que não é muito fácil aceitar esta versão e pode sempre perguntar-se se os aviadores não estariam na Lua quando viram a cidade submersa. Como admitir que, tantos séculos depois, as torres e as casas ainda estejam de pé?

A RAINHA TI-HINANE

A verdade é que as opiniões acerca da situação da Atlântida nem sempre a colocaram — como Heródoto e Platão — para além das Colunas de Hércules, entre a Europa e a América. O mar de Azov, a Gronelândia, a Andaluzia, a Terra Nova, a Nigéria, as Canárias, o Spitzberg, a Irlanda, o País Basco tiveram já a honra de passar por serem o berço da Atlântida.

Em 1925, um milionário americano dado à arqueologia encontrou o esqueleto de uma mulher num antigo túmulo do forte de Abalessa no Sara. Os Tuaregues nómadas consideravam esse túmulo como a sepultura duma rainha chamada Ti-Hinane. Escusado será dizer que supôs ter encontrado os restos de Antineia, a rainha do romance de Pierre Benoit. Somente, o túmulo datava do século V d.C. e não podia referir-se, portanto, à Atlântida...!

Fantasia sobre fantasias... E a culpa é, muito provavelmente, de Platão. Teria ele pensado, quando inventou a Atlântida, que ia dar tanta água pela barba aos seus sucessores? A história que ele nos contou de Antineia e dos costumes dos seus súbditos é absolutamente imaginária, como imaginário é o castigo infligido por Deus aos Atlantes. A narrativa de Platão era intencionalmente fantástica. Mas ninguém estranha que a humanidade tenha acreditado cegamente naquela versão, porque a humanidade precisa de mitos. O que é estranho é que Platão haja descrito tão minuciosamente a organização do exército dos Atlantes, as suas armas, os seus carros de guerra, a sua cavalaria. Pois bem: a Atlântida teria existido — segundo Platão — nove mil anos antes. Mas sabe-se hoje que os cavalos só surgiram no Egipto 1800 a.C., levados pelos Hyksos e só muito posteriormente entraram na Líbia e na costa marroquina.

Seja como for, a Atlântida é um tema que ressurge, de tantos em tantos anos. Não são apenas os aviadores que julgam ver cidades no fundo do mar. Os próprios marroquinos pensam com terror nos «homens vermelhos» do passado que as suas lendas consideram «destruidores e violentos» e que habitavam no meio dos mares e contra os quais Deus mandou um touro para os castigar. Quando a terra tremeu em Agadir o receio de que esses homens ressurgissem das águas transmitiu-se de boca em boca!

E agora resta-nos esperar. A realidade terrível que foi o terramoto de Agadir esquecerá dentro de um ou dois anos. Mas a Atlântida — que provavelmente não existiu — continuará a fascinar as imaginações...



como vivem os grandes da terra



O IMPERADOR HIROHITO NÃO SE INTERESSA POR POLÍTICA

A nova vida do imperador Hirohito começou em 1 de Janeiro de 1946. Nesse dia, sob a pressão dos americanos, ele deixou de ser um Deus para se tornar um homem como qualquer outro. Nesse dia, ele abandonou a sua morada «acima das nuvens» e passou a ser visível aos olhos dos seus súditos. Permitindo a morte do mito da sua divindade — e que outra coisa poderia ele fazer? — Hirohito renunciava ao poder supremo. Naturalmente, dado que abandonava o Céu, e passava a viver na Terra, a sua vida e a corte imperial sofreram radicais modificações.

«Para principiar, o imperador perdeu cerca de 90% das suas propriedades, que foram beneficiar o erário público. O próprio palácio imperial passou a pertencer ao Estado, embora este concedesse ao imperador o direito de o habitar.

O que aconteceu foi isto: a queda do Deus arrastou consigo a perda imediata da fortuna. Hirohito tornava-se, de um dia para o outro, o mais pobre dos soberanos do Mundo.

Hoje, há no Japão 70.000 pessoas mais ricas do que ele...

O imperador Hirohito tem 58 anos e a imperatriz, 55. Constituem os dois um casal muito unido. Quando se casaram, o hábito de passearem de braço dado pelos jardins do palácio originou um certo falatório na corte... Que importa? Os tempos passaram...

Hirohito parece um «gentleman» inglês pela maneira como se veste. Inspira uma simpatia instintiva à qual não escapou o próprio Mac Arthur. Essa simpatia resulta de duas qualidades fundamentais: prudência e distinção.

Quando as preocupações políticas lho permitem, Hirohito dedica-se à investigação dos hidrosóis, organismos marinhos que não pertencem nem ao reino animal nem ao reino vegetal. As razões desta paixão pela ciência radica-as o imperador num obscuro episódio verificado há mais de trinta anos: o assassinio de Chang Tso-lin, que provocou a guerra da Manchúria. O imperador teve um conflito com o exército e o ministro Tanaka, cúmplices no atentado contra Chang. Desiludido da política, o imperador ter-se-ia

então dedicado à biologia. É caso para pensar que nunca o interesse pela ciência (com o conseqüente abandono da política) saiu tão caro à humanidade... De facto, ele abriu as portas à guerra...

Hirohito mandou construir um laboratório nos jardins do seu palácio e fecha-se lá a trabalhar três dias por semana. Os exemplares biológicos coleccionados em trinta anos de buscas ascendem a muitos milhares e constituem uma riqueza inapreciável. A imperatriz ajuda-o muitas vezes a classificá-los, fascinada pelas cores das diferentes espécies.

Embora pobre, o imperador possui sete automóveis que, de resto, pela sua antiguidade testemunham o seu sentido da economia. Eles ilustram também as simpatias políticas do imperador ao longo dos anos.

Veja-se: quatro «Mercedes», dois de 1932 e dois de 1935 (a sombra do nazismo estende-se sobre a Alemanha); um «Cadillac» de 1950 (Mac Arthur); um «Daimler» de 1953 e um «Rolls Royce» de 1957 (a descoberta das virtudes da liberdade britânica). Hirohito não fuma e raramente bebe álcool; quando muito, contenta-se com um copo de vinho. Almoça à europeia e janta à japonesa. Uma vez por semana saboreia a comida chinesa.

JOSIP BROZ TITO REABILITA O «SMOKING»

O marechal Tito inicia a jornada por volta das seis da manhã na sua moradia da Rua Vzicka em Belgrado, uma casa que, ao menos por fora, não se distingue em nada das outras.

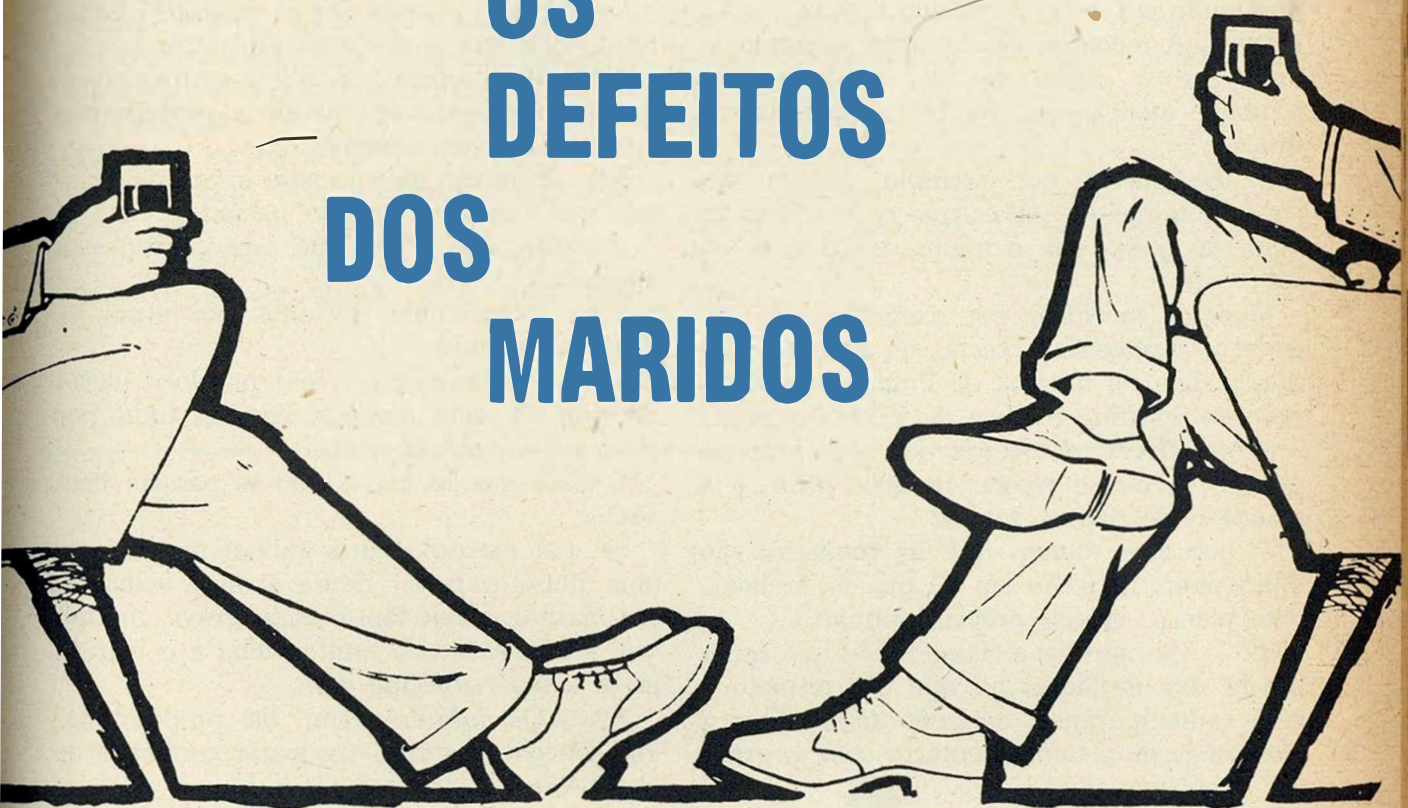
O dia de Tito decorre com a precisão dum relógio. Ele não admite falhas de pontualidade, costume herdado naturalmente dos seus velhos tempos de conspirador. Mas, embora o seu dia de trabalho seja violento, ele dedica alguns momentos da noite à leitura. Jack London, Upton Sinclair, Sinclair Lewis, Dreiser, Mark Twain (todos americanos), Kipling (o poeta do imperialismo britânico), Goethe, Balzac e Stendhal são os autores preferidos. Mas, acima de todos, coloca o Tolstói de **A Guerra e a Paz**. Além disso, Tito assemelha-se a Hirohito no seu amor pela história natural e pelos animais.

Este amor pelos animais não se reflecte apenas em leituras. Tito levou numerosos bi-



chos para as ilhas de Brione que assim se tornaram um verdadeiro paraíso dos animais. Dos animais e dos homens. Com uma paisagem extraordinária e um clima admirável, as ilhas de Brione são a sala de visitas que Tito sempre oferece aos seus visitantes. E para os receber veste um **smoking**. Porque, com um cuidado que faz dele um dos homens mais elegantes da Europa (dizem os jornais londrinos), Tito contribuiu para que o **smoking** recuperasse na socialista Jugoslávia os seus direitos de cidade.

OS DEFEITOS DOS MARIDOS



por vezes as mulheres também têm razão

Todos os maridos, mesmo os melhores, têm os seus defeitos. A perfeição não é um atributo dos homens e poderá, mesmo, dizer-se que um homem perfeito seria o pior dos maridos...

Acontece, assim, que todas as mulheres têm razões de queixa dos seus maridos e algumas não as escondem. Dizem, mesmo, por vezes, que os mais intoleráveis defeitos dos homens são as suas virtudes e acrescentam que a pior destas é a tendência que revelam para se comportar como se o mundo fosse lógico e bem ordenado...

Os principais defeitos dos maridos, segundo as mulheres, são os que passamos a enumerar e para os quais chamamos a atenção dos homens que pretendem casar.

1.º — Os maridos raras vezes ajudam as mulheres nos serviços domésticos e chegam,

mesmo, ao ponto de se considerarem centros do Universo ou, pelo menos, do lar, sem qualquer consideração pela mulher e pelos seus problemas.

Na realidade, dizem as esposas perfeitas, é possível que o homem no escritório ou na oficina revele notáveis qualidades de comando e de organização mas, em casa, respeita religiosamente o princípio do «*Laissez Faire*»... desde que tudo corra como ele quer!

É frequente, por exemplo, o marido, ao jantar, aguardar que a mulher esteja a dar de comer a um dos filhos com a mão direita e a mudar a fralda ao outro filho com a mão esquerda, para excluir:

— Não há sal no saleiro! Porque será que nunca pões sal no saleiro?

Ora, dizem as mulheres, é tão grave os maridos viverem anos seguidos na mesma

casa sem saberem onde está o sal, como a convicção em que vivem de que perderiam dignidade se fossem à cozinha buscar o sal...

2.º — A memória dos homens, segundo as mulheres, é digna de ser estudada com a maior atenção porque tem características únicas...

É inesgotável, por exemplo, a lista das coisas totalmente inúteis que os maridos sabem, ao passo que é muito reduzido o seu saber útil.

Quantos maridos, por exemplo, não conhecem as medidas exactas da Brigitte Bardot, a data da batalha de Poitiers e o resultado do Sporting-Benfica de 1954, desconhecendo, todavia, a medida dos seus próprios sapatos, a classe escolar de seus filhos e a gaveta onde têm as meias?

É por esse motivo que as mulheres são muito mais úteis no lar do que os homens, pelo menos na sua própria opinião.

3.º — Os maridos reclamam contra a ignorância das mulheres no que diz respeito à vida contemporânea, mas não as auxiliam a conhecê-la ou a tomar contacto com os grandes problemas.

Este diálogo, por exemplo, tem lugar diariamente em muitos lares.

Ele — Leste o discurso do De Gaulle que veio no jornal de hoje?

Ela — Não. Que disse ele?

Ele — Devias ter lido. Tinha interesse.

Ela — Mas que disse ele?

Ele — Onde está o jornal? Deve estar aí.

Ela — Já o deitei fora.

Ele — É pena. Nunca debes deitar o jornal fora sem o leres.

Ela — Mas que disse o De Gaulle?

Ele — Falou da tensão internacional.

Ela — E que disse?

Ele — Era contra.

4.º — Os maridos têm tanto respeito pelas suas mulheres, que nunca tomam decisões por elas. Mais: quando as mulheres lhes fazem perguntas, mudam imediatamente de assunto.

Um exemplo:

Ela — José, que vestido devo levar a casa das Brites?

Ele — Um qualquer.

Ela — O azul ou o verde?

Ele — O que tu quiseres.

Ela — De qual gostas mais?

Ele — Gosto de ambos.

Ele, mais tarde, no táxi e já a caminho da casa das Brites:

— Porque puseste esse vestido? Sabes muito bem que gosto mais do outro.

5.º — Os maridos respondem sempre a verdade, principalmente quando a verdade não é necessária nem desejada.

Ela, entrando na sala com o vestido amarelo que comprou no ano passado:

— João, não achas que este vestido está apertado?

Ele — levantando os olhos do jornal. — Engordaste muito.

6.º — As mulheres vivem na doce ilusão de que os seus maridos dariam tudo por elas, até a própria camisa.

É claro que as coisas não se passam bem assim...

Se, por exemplo, uma mulher tentar fazer uma blusa para si, dumha camisa velha de seu marido, a questão torna-se grave, mesmo que a camisa esteja muito velha e o marido já se tenha esquecido dela.

7.º — Os maridos têm, da propriedade, um conceito instável que varia conforme as circunstâncias. As seguintes frases, proferidas por maridos, bem revelam esta sua característica:

— A nossa casa é muito simpática.

— A tua casa está suja.

— Os nossos filhos tiveram boas notas na escola.

— O teu filho está molhado.

8.º — Os maridos são capazes de tudo para que as mulheres não tenham preocupações. No que se refere à sua saúde, por exemplo, poupam as mulheres até ao fim...

Ele — Hoje estive quase a desmaiar.

Ela — A desmaiar?! Mas como? Que aconteceu? Dize-me...

Ele — Não aconteceu nada. Deve ter sido o coração.

Ela — O coração?! Mas tu tens alguma coisa de coração?

«Dize-me a verdade, João!

Ele — Não é nada de grave. O médico disse-me que não é grave.

Ela — O médico?! Mas tu foste ao médico? Quando? Mas tu não disseste nada!

Ele — Não falemos mais nisso. Já estou bom. Acabou-se.

9.º — Os homens são sempre capazes de dar o braço a torcer... principalmente quando não têm nada a perder com isso.

Ela (quando o marido chega a casa às 3 horas da manhã, pela sexta vez na mesma semana). — João! Isto tem de acabar. É a sexta vez que chegas a estas horas! Sais sempre sozinho e eu passo as noites em casa a ouvir telefonia!

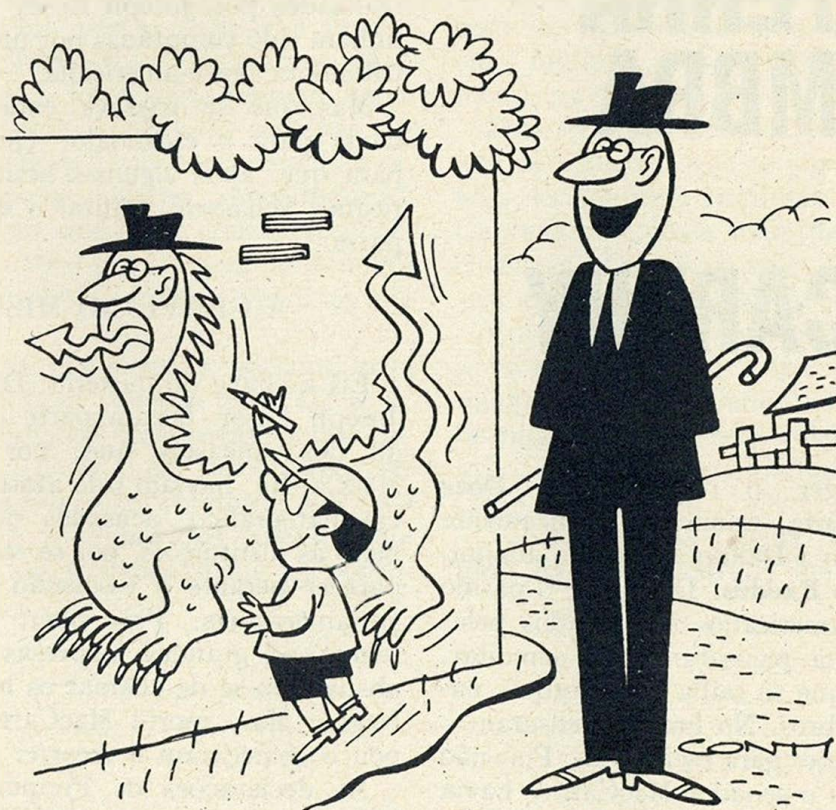
Ele, com remorsos:

— Tens razão, Maria. Para a semana vamos ao cinema.

10.º — Segundo dizem as mulheres, os maridos nem sequer olham para elas. Este

exemplo é típico do comportamento marital: Um marido, 10 anos depois de casado, resolve comprar um casaco à mulher. Entra numa loja de modas, escolhe um casaco caríssimo e leva-o para casa. Ao vesti-lo, a mulher verifica que o casaco lhe está apertadíssimo. O marido esclarece:

— Comprei-o porque o achei muito parecido com um que tinhas quando casámos... E pareceu-me que tinha a mesma medida.



— Posso já olhar para o retrato que me fizeste, sobrinheiro?

HOLLYWOOD

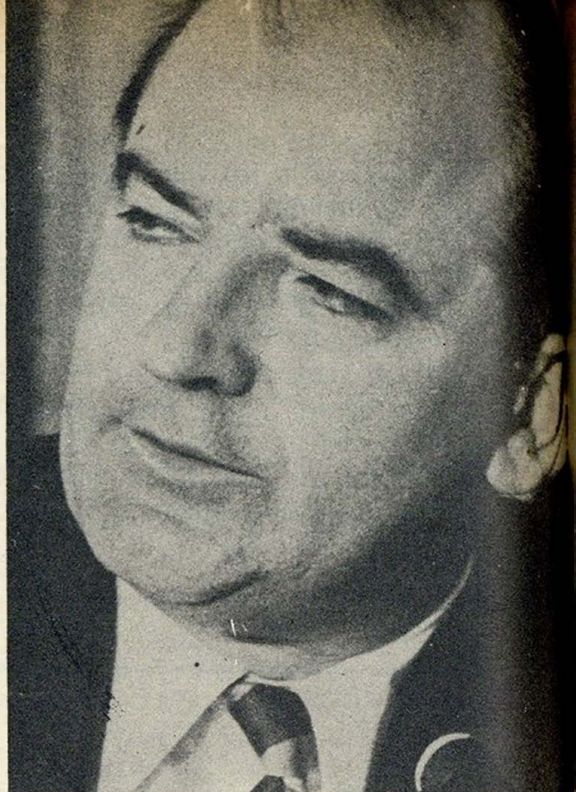
GANHA

CORAGEM

E ENTERRA A SOMBRA DE MACCARTHY

Otto Preminger, o realizador de **Doze Homens em Fúria**, anunciou publicamente ter encomendado a Dalton Trumbo a adaptação do romance **Exodus**. De início, o pasmo foi geral e os americanos interessados pelas coisas de cinema recusaram-se a acreditar. Depois, e sem que se saiba bem porquê, encolheram os ombros. No fundo—pensaram—já não havia razões para escândalos. Pois não era verdade que o senador MacCarthy havia morrido?

Dias depois, Kirk Douglas revelava que Dalton Trumbo era também o argumentista de **Spartacus**, o espectacular filme de Stanley Kubrick. Quase simultaneamente o produtor Stanley Kramer anunciava que tinha entregado vários argumentos a Nedrik Young.



Dias depois, uma outra notícia: vários filmes, realizados por Joseph Losey no estrangeiro, tinham sido compradas por uma empresa distribuidora norte-americana.

Mas que se passava então? Que razões havia para o escândalo? Que razões havia para que, após algumas hesitações, os americanos achassem natural o que se estava a passar?

A CHAVE DO MISTÉRIO

Eis a chave do mistério: Dalton Trumbo e Joseph Losey faziam parte da famosa lista de dez cineastas que, por instigação de MacCarthy, haviam sido afastados do mundo cinematográfico, acusados de falta de respeito às instituições, por se recusarem a comparecer perante a Comissão de Actividades antiamericanas. Pois bem: durante muito tempo as grandes empresas de Hollywood abstiveram-se de chamar os homens da Lista Negra. Mas, morto MacCarthy, a pouco e pouco começaram a recorrer a eles.

As declarações de Preminger marcaram, todavia, um momento decisivo. É claro que a **American Legion**, com toda a sua colossal força, fez saber que «mobilizaria todos os recursos para impedir que a Lista Negra fosse abolida». Propôs uma campanha de boicotagem contra os produtores, distribuidores e casas de espectáculos que protegem Dalton

Trumbo. Mas o que sucede é que, no fundo, a rebelião dos cineastas de Hollywood contra as imposições da **American Legion** abrange quase todas as firmas importantes. Declaradamente, ao menos, abrange a Paramount, a United Artists, a Universal International e os produtores independentes Kirk Douglas, Kramer e Preminger.

«Nos meus filmes — declarou Kramer — trabalha quem eu quero, independentemente das suas inclinações e independentemente de agradar ou não a esta ou àquela instituição, por muita consideração que ela me mereça». O ataque à **American Legion** era evidente. Com essa frase, Kramer vingava uma década de humilhações.

DEZ ANOS DE HUMILHAÇÕES

De facto, em 1947, a atitude dos magnatas de Hollywood havia sido bem mais respeitosa. De início, os grandes senhores da indústria cinematográfica resistiram aos «mac carthystas». «Nenhum profissional de cinema será posto na rua por se recusar a prestar declarações a MacCarthy», afirmaram. Mas, pouco a pouco, a força deste homem impetuoso foi crescendo e, algumas semanas depois, os magnatas de Hollywood renderam-se. A verdade é que a indústria cinematográfica atravessava então uma grave crise: 80 milhões de bilhetes vendidos por semana na América em 1946! 46 milhões, apenas, vendidos nos anos seguintes...

A ocasião não era propícia portanto para atitudes impopulares (ou que pareciam sê-lo, já que o prestígio de MacCarthy pouco durou). Assim, aceitou uma Lista Negra secreta — mas rapidamente conhecida por toda a gente — com os nomes dos cineastas aos quais deviam ser fechadas todas as portas.

Alguns homens de cinema, como por exemplo, Joseph Losey foram procurar trabalho em Ing'aterra, em França ou em Itália. Outros, continuaram em Hollywood... A trabalhar? A trábalhar... Porque aqui começa a parte cómica da nossa história. Não seria possível aproveitar a experiência cinematográfica dos homens da Lista Negra? Claro... De que maneira? Dando-lhes um nome falso... Sòmente: para que não houvesse qualquer escândalo, esses homens teriam de trabalhar com modéstia, não dar nas vistas... Michael Wilson era um argumentista competente. Como exigir-lhe que trabalhasse com mediocridade? O seu filme **Um Lugar ao Sol** recebeu um Óscar (para o argumentista).

ARGUMENTISTAS DESCONHECIDOS

Pergunta de toda a gente: quem é o argumentista? O nome indicado era desconhecido... Mas em pouco tempo toda a gente sabia: graças a um pseudónimo, um homem da Lista Negra ganhara um prémio... Pois bem: no ano seguinte, o mesmo desconhecido figurava entre os três melhores argumentistas do ano...

Para evitar escândalos, toda a gente fingiu que não sabia o que se passava. Mas à cautela, as grandes empresas cinematográficas combinaram nunca mais dar prémios a tais cineastas. De nada valeu. Tempos depois, sem darem por isso, premiavam outro...

Entretanto, a **United Artists** conhecia de novo uma época de amplo desafogo. E Preminger, bem escudado pelas possibilidades de financiamento desse colosso, lançou o desafio: «Encomendei a Dalton Trumbo a adaptação de **Exodus**».

Voltava-se uma página dramática na história da cinematografia americana.



Terão os egípcios, há milhares de anos, visitado a Austrália? Poderia explicar-se assim a existência da «Dama das Pernas», uma das pinturas rupestres aborígenes da Austrália representando cabeleiras, ornamentos e feições extremamente semelhantes às figuradas na antiga arte egípcia. Por outro lado, uma espécie de «boomerang» australiano que se não conhece em mais parte nenhuma do Mundo encontra-se figurado em pinturas murais do velho Egito. Este artigo revela um certo número de factos que, a serem acrescentados a outros, porventura levarão a comprovar esta coisa aparentemente absurda: a ligação entre a Austrália e as antigas civilizações do Mediterrâneo.



O MISTÉRIO DA DAMA DAS

Hieróglifos e pinturas murais egípcias indicam que uma forma de «boomerang», durante muito tempo considerado como uma arma puramente australiana fora, na realidade, usada pelos antigos egípcios para caçar patos bravos e galinhas nos pântanos do Nilo. O «boomerang» australiano não tem, no Mundo moderno, nada que se lhe assemelhe e o facto de os antigos egípcios usarem um «boomerang» semelhante ao dos modernos aborígenes australianos poderia ser mera coincidência. Mas tomada em conjunção com factos dificilmente explicáveis de outra maneira, parece indicar a fascinante teoria de que em tempos muito remotos homens e mulheres de uma civilização muito mais avançada teriam visitado a Austrália e impressionado profundamente o seu povo.

Por outro lado, os visitantes teriam ficado tão impressionados com o desenho do «boomerang» australiano que levaram com eles, no regresso, alguns exemplares. Quais são os factos que apoiam esta conjectura?

Tanto quanto os documentos históricos que possuímos, fragmentários como são, nos per-

mitem avaliar, há boas razões para supormos que os egípcios e os fenícios exploravam as Índias Orientais até à Nova Guiné, muito antes da Era Cristã. No Nordeste australiano muitas crenças e desenhos dos aborígenes têm características estranhamente egípcias. Os aborígenes pintam os ossos dos mortos com a cor mágica: «vermelho». Assim fizeram os egípcios.

Uma forma primitiva de mumificação, usando ingredientes locais, igualmente se pratica.

Mas é nos desenhos misteriosos de algumas canemas de Kimberleys e Oenpelli em Arnhem Land, no extremo norte do continente, que a fascinação começa.

Os antigos artistas australianos deixam-nos surpreendidos ao apreendermos em alguns traços que se conservaram, aspectos de uma vida até agora insuspeitada.

Uma interessante conferência, lida por Joseph Bradshaw em 1891 à Royal Geographical Society da Australásia, descreve em primeira mão a viagem do autor à nascente do Prince Regent River a Oeste de Kimberleys.

PERNAS *ou o mundo é pequeno*

«Vimos numerosas cavernas e recessos nas rochas, as paredes das quais estavam adornadas com pinturas nativas coloridas de vermelho, preto, castanho, amarelo, branco e azul-pálido. Algumas das figuras humanas são em tamanho natural, os troncos e os membros encontram-se pouco nítidos e ornamentados com representações de jóias colocadas no pescoço, no cabelo, no peito, nos braços e nas pernas, mas o mais curioso de tudo é que sempre que uma figura é representada de perfil as feições revelam um perfil aquilino diferente do de qualquer nativo dos que assim se encontram agora. Olhando para alguns dos grupos, poderíamos supor estar diante das paredes pintadas dos templos egípcios... Os desenhos eram muitos antigos... em um ou dois locais verificámos a existência de sinais alfabéticos... sobre a superfície de alguns estavam desenhadas, em cores mais frescas, cenas mais pequenas e mais recentes, rudes representações de animais, como o canguru, o crocodilo, etc.».

Olhando, por exemplo, para a «Dama das Pernas», a primeira impressão que se tem

é a de uma graciosa simetria, nada usual nos rudes desenhos aborígenes. As figuras também são completamente diferentes, ainda que o tema ou motivo sejam caracteristicamente aborígenes—o canguru e a grande serpente dos sonhos, com a árvore «totem» à esquerda. Mas as tão europeias feições, as mãos e os pés delicados, os elegantes penteados, os cintos ornamentados são intrigantes. As figuras femininas quase poderiam usar saltos altos. Quem quer que tenha viajado pelo Médio-Oriente recordará imediatamente um barrete semelhante ao usado pelo homem da barba, nos passantes que circulam através dos bazares.

Estes desenhos, ainda que diferentes, podem em certa medida ser relacionados com o «Halo Men» ou os «Mouthlen Ones» do mito das gargantas de Kimberley. As figuras do alto do desenho, semelhantes a hieróglifos, poderiam ser uma forma de escrita, desconhecida hoje, e encerrando talvez a chave do mistério.

Os desenhos do «Halo Men» de Kimberleys têm uma chocante semelhança com estátuas

de Sekir Osiris, deus-homem com cabeça de falcão, deus da morte dos antigos egípcios, existentes no museu do Cairo.

Os egípcios geralmente penteavam-se de maneira ao cabelo lhes chegar aos ombros — como nos desenhos de «Halo Men» — e usavam trajes em que não faltavam os cintos característicos.

Cada vez mais se acumulam os factos tendentes a provar os largos feitos marítimos dos fenícios. No escrito sumério encontram-se gravados os feitos do Rei Sargão de Agabe, intrépido marinheiro sumério que fez viagens às «Terras do Sol-Poente» — quase certamente a América — e estabeleceu colónias entre os homens de pele vermelha que aí habitavam.

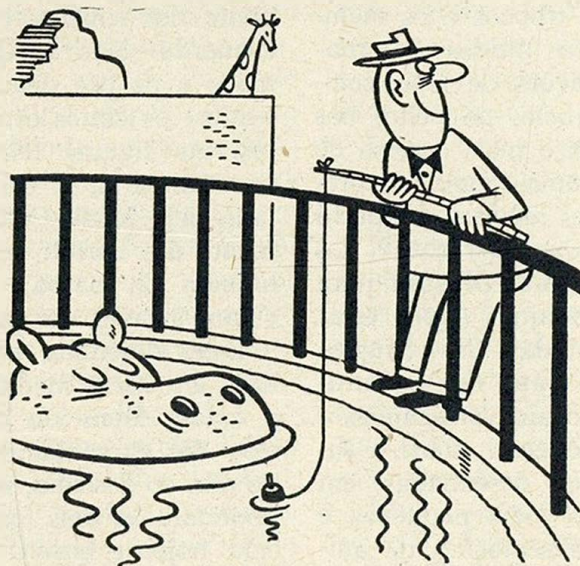
Os navios fenícios estavam bem apetrechados e tripulados e sabe-se que quando o sábio budista chinês Fa-hien regressou da Índia por volta de 400 d.C. viajou num barco que transportava mais de duzentos marinheiros

e mercadores e que, portanto, deve ter sido muito maior que o **Endeanom** do capitão Cook ou que a **Santa Maria** de Colombo. O navio de Fa-hien cruzou o oceano directamente de Ceilão a Java. Em Java o sábio tomou outro navio que o levou ao Norte da China.

Quando pensamos que tudo isto aconteceu há mais de 1500 anos, os feitos de Cook e Colombo aparecem como extremamente recentes aos nossos olhos.

Numa tentativa para «datar» os desenhos das canemas aborígenes usaram-se testes com carbono radioactivo que se tem empregado com êxito na América. Aí, testes deste tipo provaram a antiguidade da civilização índica da América.

É provável que na Austrália venham a encontrar-se vestígios que permitam determinar uma extrema antiguidade de civilização neste continente até há pouco desconhecido.



Sem legenda.



o animal do mês: O MACACO

A designação de macaco cobre um razoável número de espécies de primatas — dela estando excluído, naturalmente, o homem. Mais concretamente e segundo os dicionários é «um género de mamíferos quadrumanos, da ordem dos primatas, que compreende as espécies intermédias por suas formas e costumes entre os micos e os cinocéfalos».

Quando se fala de um ornitorrinco, por exemplo, pouca gente realiza a imagem deste estranho habitante da fauna australiana, e com muitos outros animais se passa o mesmo. Com o macaco não. Todos nós temos uma noção presente, constante, imediata, do macaco.

Quer queiramos quer não, é ele um bicho muito próximo de nós: por vezes muito parecido connosco, por vezes nós muito parecidos com ele. É, além disso, um animal utilíssimo: devido à configuração semelhante dos seus aparelhos e sistemas a medicina serve-se dele para a investigação de vacinas, métodos e medicamentos novos. Por exemplo, as experiências, que levaram em cinco anos de trabalho o Dr. Salk à preparação definitiva de uma forma eficaz de vacina contra a poliomielite foram efectuadas, na sua maioria, em macacos.

É, porém, pela astúcia, pela mímica, por certa esperteza quase humana que o macaco

é mais conhecido. E são essas suas facetas as retratadas nas histórias que apresentamos a seguir.

OS MACACOS E O EXÉRCITO DE ALEXANDRE

Os soldados sob as ordens de Alexandre o Grande marchavam sempre, quando em campanha, em formação cerrada. Uma noite acamparam numa montanha povoada por numerosa tribo de macacos. No dia seguinte, de manhã, os soldados viram, a certa distância, qualquer coisa que lhes parecia ser um imenso exército que avançava, em formação, na sua direcção, aparentemente disposto a dar-lhe batalha.

Os oficiais e os soldados ficaram mergulhados na maior consternação. Tendo vencido Taxila, príncipe da região onde se encontravam, não podiam conceber de onde vinham estas novas forças: nada deixara prever que elas existissem. O alarme foi imediatamente dado e o exército ficou em pé de guerra esperando o inimigo. O príncipe do país, que fora feito prisioneiro e a quem interrogaram sobre a presença de tal exército nas vizinhanças, sorriu quando soube do caso. E os macedónios, um pouco encabulados, tiveram que reconhecer que o terrível

exército que os inquietava era constituído pelos macacos da vizinhança, levados pelo seu irreprimível espírito de imitação.

O MACACO DE CARLOS V

Carlos V tinha um macaco que sabia jogar xadrez. Um dia em que o animal lhe deu xêque-mate, o imperador ficou tão irritado por ter perdido que lhe respondeu com uma bofetada. O macaco recusou-se durante meses a jogar com um adversário tão susceptível. Passado tempo, uma outra vez em que se preparava também para dar xêque-mate, o macaco lembrou-se tão bem da bofetada que recebera em semelhante circunstância que, antes de mover a pedra, tomou a precaução de proteger a cabeça com uma almofada. Carlos V perante esta providência, não pôde deixar de rir.

O MACACO DE REMBRANDT

Rembrandt tinha um macaco de que gostava muito. Um dia em que acabara de retratar, num mesmo quadro, uma família, vieram anunciar-lhe a morte do macaco. Sensível a esta perda, mandou que lhe trouxessem o pequeno cadáver e, sem qualquer consideração pelos seus modelos, traçou, na mesma tela o retrato do macaco. Esta singularidade desagradou à família a quem o quadro era destinado, mas Rembrandt recusou-se a qualquer alteração, preferindo mesmo não vender o quadro.

OS MACACOS DE FREDERICO O GRANDE

Frederico II, rei da Prússia, tinha, na sua juventude um grupo de macacos cujos modos o divertiam. O seu espírito, naturalmente crítico, também nesta ocasião se manifestou. Cada macaco usava um nome conhecido. Um era «o Conselheiro N.», outro ainda «o seu Ministro das Finanças», etc. E a totalidade da sua corte de macacos parecia-lhe ser muito

semelhante à corte de muitos outros príncipes e chamava-lhe mesmo «a corte de Frederico I» seu pai.

Um dia, em que um dos seus conselheiros quadrúpedes se escondera, Frederico, que o procurava por toda a parte sem o encontrar, pensou que ele estava na sala ao lado e abrindo a porta, chamou alto:

— Senhor Conselheiro, senhor Conselheiro, afinal onde está?

Um verdadeiro conselheiro de seu pai, que precisamente se encontrava nessa sala, acorreu pressuroso ao chamamento, julgando ser-lhe este dirigido.

— Entre, entre — disse-lhe Frederico — tanto faz!

OS MACACOS NA ÍNDIA

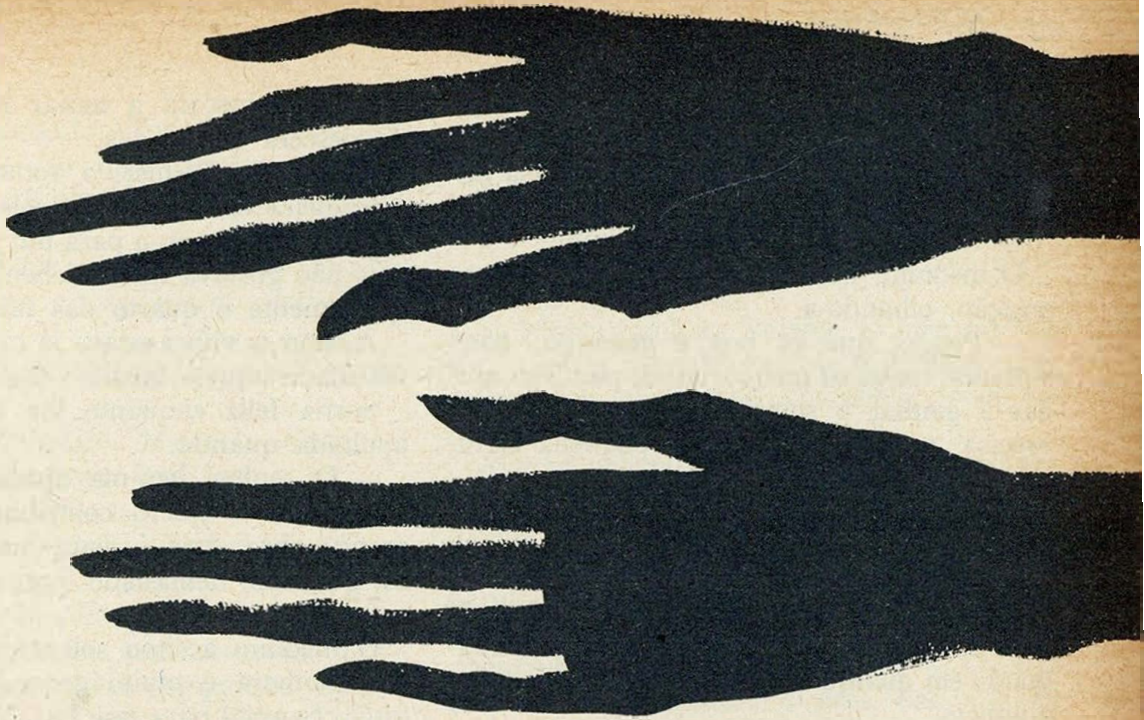
Os hindus não limitam os seus cuidados aos animais doentes. Há casas de saúde especialmente destinados a macacos, vacas, aves e mesmo insectos. Em todos os celeiros certa quantidade de arroz, de milho, de frutas e de cana-de-açúcar é destinada aos macacos. Estes últimos não se contentam em pilhar a floresta, os pomares e os jardins, mas entram nas casas às horas das refeições e arrancam os alimentos das mãos dos convivas. Certos indígenas de Baka, deixam a décima parte das suas colheitas nos campos para os macacos, que não se fazem rogados em descer das montanhas a recolher esta dízima.

O culto prestado aos macacos está em relação íntima com a crença, comum entre os hindus, da metempsicose. Crêem, com efeito, que, depois da morte, reincarnarão no corpo de um destes animais.

O MACACO DE POLIGNAC

O cardeal de Polignac parou um dia diante da jaula de um enorme macaco e ficou tão tomado de admiração pelo seu comportamento quase «humano», que lhe gritou (contamos Diderot): «Fala e baptizo-te!».





conto de terror

SESSÃO DE ESPIRITISMO

por OLGA ROSMANITH

Lallie olhava o marido com desprezo. O seu olhar frio analisava-o enquanto ele preparava a sala para a sessão de espiritismo.

— Sinos e clarins — disse ela —. Zombas da morte. É horrível.

No entanto as palavras da mulher não produziram no homem a mais pequena emoção.

— É curioso — disse ele. — A tua consciência apenas despertou depois de teres recebido o dinheiro do teu pai. Quando era o meu dinheiro que alimentava a tua fome, sentias-te muito satisfeita por me ajudares.

A mulher apoiou-se na porta, esgotada e triste.

— Antes de nos casarmos não te sabia um farsante. Depois, quando descobri isso, fiquei desesperada. Mas que podíamos fazer?

— Acreditam em tudo que se lhes diz — replicou o médium. — Assim como necessitam do pão para o corpo, também eu lhes dou pão para as almas.

— Pão para as almas! Atreves-te a blasfemar, falando de almas? Mas acredita-me; apenas falarás de almas esta noite. Vou denunciar-te. Não te deixarei explorar outra viúva crédula.

O médium largou o gramofone e aproximou-se da mulher.

Reflectia-se no seu rosto inteligente e perverso o ódio que sentia. Agarrou-lhe os pulsos frágeis e empurrou-a contra a parede.

— Não sejas piegas, Lallie! O teu dinheiro não vai durar eternamente. Como viveremos depois, se me queres estragar o ne-

gócio? Que farias se te expulsassem de casa? Trabalharias? Não acredito.

Debatendo-se nas garras do marido ela gritava:

— Solta-me! Magoas-me! Solta-me!

O médium, porém, permaneceu na mesma posição, olhando-a.

— Pensas que és boa e generosa, não? Aprende todos os meus truques para me ajudar a ganhar o sustento, e quando já não precisa, porque herdou uma pequena fortuna, tem rebates de consciência!

«Querias deixar-me, não? Deixar-me e destruir o meu modo de vida!

Lallie olhou-o firmemente.

— Apenas te peço uma coisa. Deixa de fazer isso. Iremos para outra cidade. Trabalharás em qualquer coisa que não prejudique ninguém.

— Prejudicar alguém! Ouve: conheço a psicologia humana. O que lhes dou vale mil vezes mais do que o que me pagam. Dou-lhes forças, quando as já perderam, ponho-os em contacto com aqueles que já morreram e lhes são queridos. Sou um autêntico benfeitor!

— Tu és um impostor! E além disso um criminoso. A senhora Hay suicidou-se depois de lhes teres extorquido todas as suas economias. E agora estás disposto a fazer o mesmo à herança da senhora Palmer.

Um relógio bateu as nove horas. O médium empurrou a mulher pela escada acima.

— Vamos, louca histérica! Sai daqui antes que comecem a chegar.

A mulher subiu a escada. Era inútil oferecer qualquer resistência. Sentiu um grande alívio quando o marido a atirou para cima da cama. Este lançou uma olhadela para a porta. A chave não estava lá. Olhou a mulher e leu no seu rosto uma rebelde obstinação. Pegou num lençol e rasgou-o em tiras largas.

Lallie não se opôs quando o marido a amarrou e amordaçou.

— Sinto muito —, disse o médium. — És tu que me obrigas a isto.

O desprezo brilhava no olhar da mulher.

O médium ameaçou-a com a mão fechada.

— Sinto muito ver-me obrigado a ter-te aqui até que a sessão termine.

Lá em baixo, ouviu-se a campainha. Um minuto depois o marido era já um grave intérprete do Além, tranquilo, suave, com um sorriso amável e sempre pronto no rosto.

Lallie começara a tentar libertar-se, mal ele descera as escadas.

A senhora Palmer, a rotunda viúva, foi a primeira consulente daquela noite.

O médium levou-a para um pequeno sótão, pois não gostava que os clientes analisassem detidamente o quarto das falsas revelações.

A chorosa viúva estava já radiante. Quanta felicidade aquele médium lhe dera!

Sorria feliz enquanto lhe entregava uma avultada quantia.

— O senhor tem-me ajudado muitíssimo — explica. — Quero contribuir para a sua grande obra. Isto é, para que possa ajudar os que são demasiado pobres para pagar as sessões.

O médium aceitou solenemente a dádiva.

A senhora é muito generosa. Tenho um fundo especial para esse fim. Veja, aqui está.

E apontou uma caixa na qual se via o letreiro de «Fundo Especial».

A viúva sorriu. Mas, de repente, um pensamento súbito assaltou-a. «Que farei eu quando o dinheiro se acabar?».

Entretanto, a sineta da porta soou novamente. No recinto encontravam-se já três homens e cinco mulheres.

O médium conduziu-os à sala das sessões: um quarto iluminado com uma fraca luz vermelha. Indicou-lhes os lugares. O gramofone começou a funcionar. O aparelho estava convenientemente coberto e assim das suas profundezas adivinhava-se uma música suave e adormecedora.

Naquele momento o fino ouvido do médium distinguiu um leve ruído de luta no andar de cima. Grossas gotas de suor cobriam-lhe a testa, enquanto uma fria humidade lhe alagava as mãos.

Precisava de subir para saber o que se passava. Estaria ainda presa?

Teve de se concentrar. A música cessou. Apagou a luz vermelha e os sinos fizeram-se ouvir. Um clarim por cima da sua cabeça deu a nota costumada. Reparou que os dois novatos estavam favoravelmente impressionados. Era curiosa a facilidade com que apreendia as ondas de credulidade emanadas pelos assistentes. Embora tudo aquilo fosse pura mistificação, ele sentia, por vezes, que de facto algo de transcendente se passava naquela sala. Pensasse Lallie o que pensasse, no fundo ele sentia que havia ali alguma realidade.

Sentiu um calafrio. Teria preferido que nada houvesse. Se alguma vez, entrasse em contacto com qualquer coisa, morreria de medo.

Dominou-se. Era preciso concentrar-se para tentar imitar os diálogos do senhor Palmer.

A viúva merecia qualquer coisa de especial.

— Vi o que fizeste, Minnie — disse em surdina. — Estou muito satisfeito.

Sentindo uma rajada, adivinhou que a porta secreta atrás de si, se abria.

Fez um esforço. Já duvidava se estaria ou não em transe hipnótico.

Com um pé, calçou uma alavanca disfarçada no tapete, e uma campainha tilintou num canto.

— Se tu lhes não dizes, di-lo-ei eu — susurrou-lhe a esposa ao ouvido.

— Deixa-me acabar isto e farei o que quiseres — replicou com voz apenas perceptível.

— Não. Já não espero — insistiu a mulher implacável. — Estou disposta a tudo.

Lallie tinha-o nas mãos. Fez uns ruídos, como se tivesse saído do transe.

— Amigos — disse com voz fraca — alguma coisa perturba esta noite a nossa sessão. Minha mulher está doente. Necessita da minha presença.

Ouviu-se barulho de cadeiras arrastadas.

Dos assistentes, elevou-se um murmúrio de simpatia. Mas o truque falhou.

Lallie pôs-se àgilmente fora do alcance do marido, antes que alguém se levantasse e acendesse a luz. E a sua voz cava, sou fraca, como que vinda das trevas, porém, terrivelmente clara.

— Tu és um mentiroso. Vão-se todos embora. Obriguem-no a devolver-lhes o dinhei-

ro. Sou a sua mulher. Garanto-lhes que tudo isto não passa de uma fraude!

Os assistentes moviam-se todos. A voz da senhora Palmer dominava as demais.

— Queres dizer que nunca falei com o espírito do meu marido?

— Nunca, senhora Palmer. O meu marido não a pode ajudar. Nem a si, nem a ninguém. Ele não sabe comunicar com os mortos.

Alguém encontrou o interruptor. O médium viu que sua mulher desaparecera e a porta secreta se mantinha fechada. Os clientes não o deixaram correr atrás dela. Pediam num barulho ensurdecedor a devolução do dinheiro ameaçando-o com o tribunal. Ele supplicava-lhes que o acreditassem. — O que acabam de presenciar é uma das minhas maiores tristezas: o ódio que me tem a minha mulher.

Um dos novatos, mais sensato que os demais, disse-lhe que se não preocupasse.

Estava disposto a ajudá-lo a vingar-se.

E todos se foram embora. Quando ficou só, o médium respirou aliviado. Iria imediatamente lá acima vingar-se.

No entanto, decidiu primeiro preparar-se para uma fuga rápida. Desarmou toda a aparelhagem e queimou a maior parte dos papéis. Enquanto fazia isso, o ódio agitava-o como veneno, queimando-lhe as veias.

— Hei-de vingar-me! Hei-de vingar-me! — Repetia.

Subiu ao quarto de dormir. Ao abrir a porta viu Lallie. O corpo estava metade na cama e metade no chão; porém, estava ainda preso pelas fortes tiras de lençol. Os cabelos arrepiaram-se-lhe. Tocou-lhe, mas era inútil. Sentiu nos dedos um frio de morte! Lallie enforcara-se com os esforços que fizera para se libertar!

fim



ALMANAQUE

CARTAS

Ex.^{mos} Srs.:

Tenho lido com atenção escrupulosa o vosso órgão de informação, cujas preocupações culturais me não têm, por conseguinte, escapado. Devo agradecer-lhes a preciosa divulgação geográfica e histórica que as vossas páginas têm levado a efeito. Dois sectores, porém, têm escapado, decerto por mero acaso, à atenção dos vossos especialistas: a Esfragística e a Entomologia.

Que admirável ciência não é a dos selos e chancelas, dos carimbos reais... Que maravilhoso mundo os insectos nos revelam... Numa revista como a vossa, tão debruçada sobre os problemas do homem moderno, tão ecléctica, estou certo de que cairão em bom terreno as minhas despreziosas sugestões.

De V. Ex.^{as} com toda a consideração,

A. Pintassilgo Coxo
Major na situação de reserva

e ainda que o positivismo e certos neo-freudianos, cuja formação metafísica, que não psicológica, nos permitimos pôr em dúvida, e mesmo que, no plano das vivências os conceitos de Matria e Pátria nos surjam como irredutíveis...

... ..

Excerto da carta de um filósofo e que por falta de espaço, não podemos publicar na íntegra.

RESPOSTAS

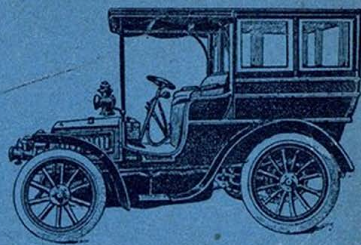
É com manifesto gosto que tomamos conhecimento das sugestões do sr. major Coxo. E anunciamos, que, além das secções por ele preconizadas, daremos brevemente início à publicação de duas séries de artigos: uma sobre Egiptologia Primitiva e outra sobre crítica das Religiões Comparadas.

«Assim foi que estando a cidade sitiada e o valoroso Constantino defendendo-a nos baluartes, dentro dela os monges continuavam em discussão acesa sobre qual seria o sexo dos anjos...».

...Na problemática contemporânea do ser e do nada, de uma realidade fenomenológica, cuja ontologia, dentro de uma noção de «Mise entre parêntesis» posterior a Husserl

Notícia do cerco de Bizâncio

automobilismo



a) O século XIX assistiu ao nascer do automobilismo desportivo e quem se der ao cuidado de estudar as provas que se efectuaram durante esse período não poderá deixar de ficar espantado com os resultados obtidos. É, na verdade, extraordinário que se obtivessem médias de 48 kms/h em percursos de mais de 2.000 kms quando se considera que no nosso tempo muitas máquinas desistem em **ralies** com percursos muito menores, à média de 50 kms/h...

Considere-se, ainda, o estado das estradas de então, a impossibilidade de se conseguir

mente resistente para merecer a consideração das pessoas sensatas, pouco interessadas em mecânica.

Os grandes percursos eram ideais para o fim em vista. Sempre que surge um produto revolucionário, aparecem inúmeras versões desse produto, todas com pretensões a serem a que melhor corresponde ao fim que se pretende. O automóvel não escapou a esta regra. A multiplicidade de tipos e de concepções que apareceram na alvorada do automobilismo carecia de selecção. Urgia separar o trigo do joio para que o automóvel pudesse

corridas: velocidade do século

assistência técnica no decorrer das provas, o número de vezes que era necessário mudar de pneus, e os resultados obtidos pelos desportistas de então ainda parecerão mais extraordinários.

Para caracterizar o desporto automóvel durante o século XIX, há que focar os pontos seguintes:

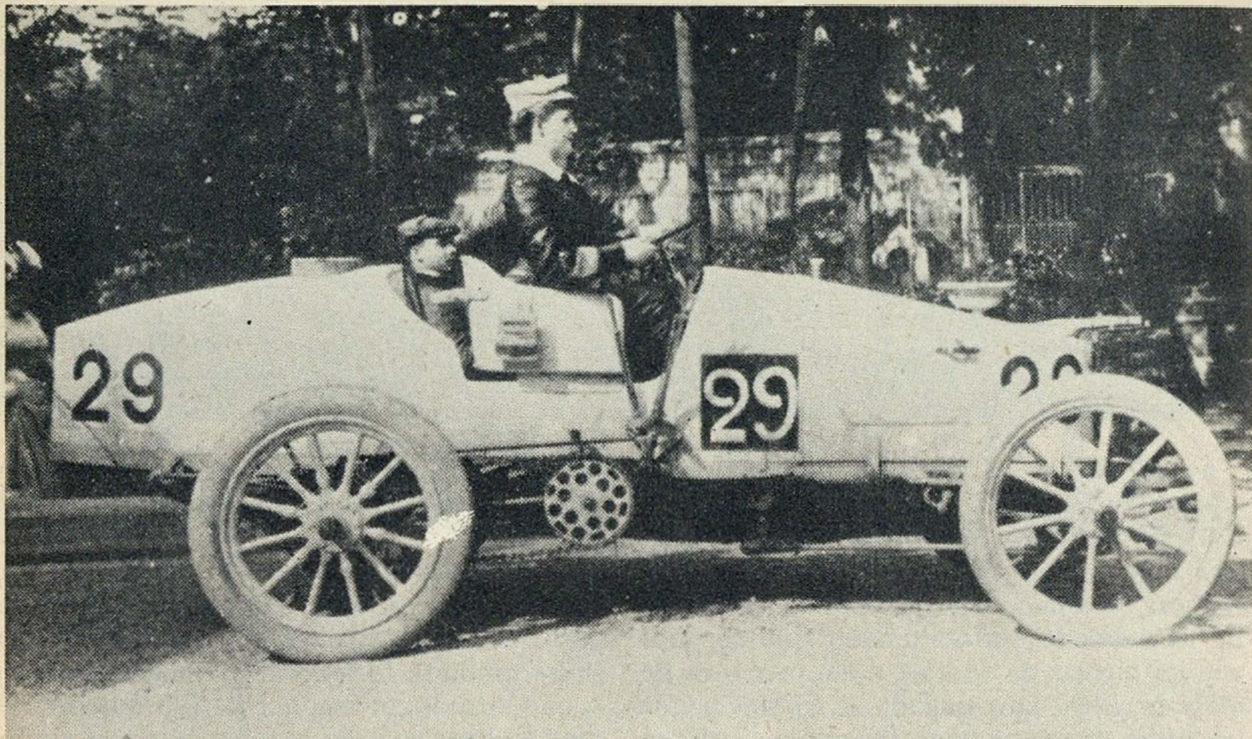
b) As grandes provas obedeceram às necessidades da indústria e da sociedade de então. Por um lado impunha-se divulgar o automóvel e bastava isso para que se escolhessem provas de tipo «point to point» que obrigavam os carros a passar por dezenas de localidades, transformando, assim, as corridas, numa espécie de feira de propaganda do automóvel. Por outro lado impunha-se mostrar ao público que o automóvel não era um brinquedo mas, antes, um meio de transporte eficiente e prático, suficiente-

dar o passo seguinte. As grandes corridas eram o meio ideal para se proceder, naturalmente, a esta selecção. No decorrer das provas que se realizavam nos grandes percursos de então, as concepções menos práticas, as mecânicas menos adequadas, não resistiam. O que chegava ao fim era já seleccionado, já aprovado pela prática.

Não nos podemos espantar de que as corridas fossem uma espécie de laboratório prático às quais os construtores enviavam os seus produtos.

Até ao século XX, os carros que tomavam parte em provas eram aquilo a que hoje chamaríamos carros de série. Não participavam em provas carros especiais, senão no sentido em que a produção de qualquer carro era tão limitada que todos os carros eram, por assim dizer, especiais.

Não havia, porém, carros particularmente destinados às grandes corridas. Os pilotos



Madame du Gast no seu «Dietrich» durante a corrida Paris-Madrid

eram estritamente amadores e, muitas vezes, eram os próprios construtores como Renault, De Dion e outros, que participaram regularmente nas corridas do seu tempo.

A primeira década do século XX veio alterar tudo isto.

De início, como aliás, não podia deixar de ser, o século XX apenas viu as tendências do século anterior ainda mais acentuadas, mas, como veremos, essas tendências foram-se alterando com grande rapidez.

c) Basicamente a construção de automóveis no final do século XIX rodava em torno de dois eixos ou de duas concepções: o motor de grande cilindrada tipo Panhard e Daimler e os pequenos motores para «voiturettes» tipo «De Dion». O pequeno motor de grande potência veio muito mais tarde e o seu desenvolvimento acompanhou de perto o desenvolvimento da metalurgia. É que, no final do século, não havia ainda metais que aguentassem mais do que 700/800 rotações e a solução, para se obter dos motores uma potência aproveitável era, como não podia deixar de ser, o recurso a cilindradas cada vez maiores.

A cilindrada do Panhard que venceu a grande prova de 1895 era de 1.200 cc. Creio que ficará bem exemplificado o que se disse agora acerca das cilindradas se atendermos a que, em 1902, o mesmo Panhard tinha um motor com 13.700 cc de cilindrada...

O ano de 1900 foi como que a esquina, a primeira das muitas esquinas, que o desporto automóvel teve de dobrar.

d) No ano anterior surgira o primeiro automóvel de corrida, o «Cannstatt-Daimler», equipado com um motor de 4 cilindros de que já se obtinham 28 cavalos. O «chassis» deste carro era primitivo e francamente inferior a outros que então já se construíam, até porque nele a distância entre eixos era tão curta que a sua condução se tornava perigosa.

A fábrica, prudentemente, não pôs este carro à venda.

No final do ano e durante o decorrer de 1900, porém, a mesma fábrica construiu um novo automóvel que veio a aparecer em Fevereiro de 1901. Este carro representou o primeiro progresso realizado, até então, no que se refere a carros de «performance» e teve

ainda a característica de ser o primeiro «Mercedes», marca que viria a tornar-se célebre e a que o desporto tanto deve.

O motor do Mercedes tinha 5.9 cc de cilindrada e desenvolvia nada mais nada menos do que 35 cavalos às 1.000 r.p.m.

Era o carro com maior cilindrada que se construía nessa época.

Sob o ponto de vista de competições propriamente ditas, em 1900 ainda se não fizeram sentir os efeitos das novas concepções alemãs.

A corrida Paris-Toulouse-Paris ganhou-a Renault, ao volante dum dos seus carros, à velocidade média de 30 kms/h.

Esta corrida foi caracterizada pelo facto dos três primeiros lugares terem sido obtidos por três Renaults.

Levegh, sempre com um «Mors», venceu a corrida de Bordéus-Perigueux-Bordéus, o Grande Prémio do Automóvel Clube de França e, ainda, a rampa de La Turbie.

Mors, conduzindo um dos seus carros, venceu a rampa de Gaillon.

Os «Panhards» obtiveram os primeiros prémios nas corridas de Nice-Marselha e no circuito do «sud-ouest» (Pau-Dax-Pau) conduzidos pelo conde René de Knyff.

e) Se mais alguma coisa caracterizou o ano de 1900 foi certamente o facto de nesse ano se ter realizado a primeira das provas destinadas à disputa da taça Gordon-Bennett. Estas provas, com os Grandes Prémios do Automóvel Clube de França, foram as causas da grande popularidade do desporto nos seus primeiros anos.

F. Charron, num «Panhard», venceu a primeira corrida para a disputa desta taça, que se realizou no percurso Paris-Lion.

Em 1901 apareceram os primeiros «Mercedes» de 35 cavalos que venceram a corrida de Nice-Salon-Nice e a rampa de La Turbie. No ano anterior realizara-se a primeira corrida de automóveis na Alemanha, mas não existem quaisquer documentos acerca desta prova.

O troféu Gordon Bennett (Paris-Bordéus) foi ganho por Girardot, num «Panhard», à velocidade média de 63,24 kms/h.

O Grande Prémio de França realizou-se entre Paris e Berlim e foi ganho por M. Fournier num «Mors».

f) Apesar dos «Mercedes» apenas terem ganho duas provas em 1901, seria injusto não

fazer referência à contribuição alemã para o desporto durante os seus primeiros anos. Como se tem visto, no decorrer do final do século XIX e princípios do século XX, não houve na Alemanha, corridas de automóveis, as quais, por assim dizer, eram, nessa altura uma especialidade francesa.

A indústria alemã, ou, mais propriamente, Gottlieb Daimler, não deixaram, todavia, de contribuir para a evolução do desporto.

Basta dizer-se que os dois segundos automóveis a cruzarem a meta, na célebre tarde de 22 de Julho de 1894, estavam equipados com motores Daimler e que motores construídos por esse fabricante equiparam durante anos muitos carros que entraram em competições, dentre os quais se destaca, por exemplo, o célebre Peugeot «l'éclair» que passou à história.

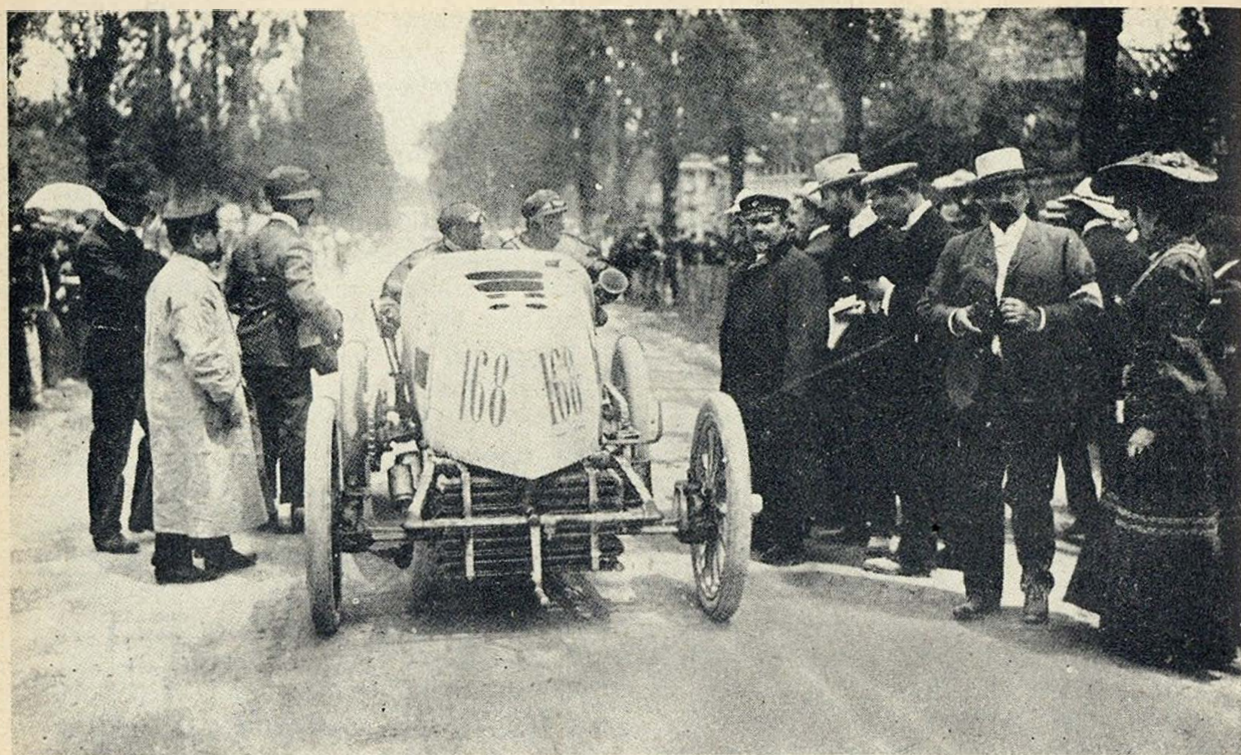
g) O ano de 1902 é caracterizado pela primeira vitória dum automóvel construído em Inglaterra, o «Napier» que, conduzido por S. F. Edge, venceu o troféu Gordon Bennett.

O facto de não terem participado em corridas, carros e corredores britânicos, durante os primeiros anos do automobilismo, não deve causar estranheza aos estudantes da história do desporto automóvel.

Os ingleses há muito que construía automóveis, mas a Inglaterra encontrava-se numa situação económica sem paralelo no resto da Europa.

Ao passo que a Alemanha e a França já então necessitavam de encontrar compradores para os seus automóveis, em Inglaterra a procura ainda excedia o consumo. A revolução industrial dera origem a uma classe média rica e larga que garantia durante largos anos o mercado automóvel britânico. Os construtores britânicos não tinham necessidade de recorrer às grandes corridas para vender os seus produtos. Por outro lado o parlamento inglês introduzira algumas medidas legislativas destinadas a obterem a redução da velocidade dos automóveis na via pública, medidas essas que não eram de molde a criar, à volta do automóvel, um grande entusiasmo inicial.

As poucas firmas que, em Inglaterra, se interessavam pela construção de automóveis rápidos ainda não tinham criado o nome necessário à difusão do desporto e só muito mais tarde vieram a dedicar-se a ele com o



Gabriel, em «Mors», chega primeiro à meta de Bordéus vencendo a corrida que aqui se interrompeu

entusiasmo preciso para a obtenção de bons resultados.

h) A única prova desportiva que até então se realizara em Inglaterra tivera lugar em 1900 e consistia numa prova de resistência com um percurso de 1000 milhas.

Com pretensões a «performances» desportivas apenas se construía em Inglaterra dois automóveis, o Napier e o Daimler, ambos antiquados mas resistentes.

A vitória do Napier na disputa do troféu Gordon Bennett teve como consequência que a organização da prova do ano seguinte competiu a um clube britânico que, em virtude de não ser possível organizar uma corrida de estrada em Inglaterra, conseguiu que um acto especial do parlamento autorizasse a corrida numa parte quase desabitada da Irlanda.

i) Se o ano de 1900, como já se disse, foi uma esquina na história do automobilismo desportivo em virtude de ter aparecido o primeiro automóvel de competição propriamente dito, o ano de 1903 marcou o fim duma etapa. Foi nesse ano que teve lugar

a célebre corrida Paris-Madrid, que também se tornou conhecida pelo Oitavo Grande Prémio de França ou, ainda, pela corrida Paris-Bordéus.

De todos os episódios da história do automobilismo desportivo, este é, certamente, o que mais conhecido se tornou. Não há revista de automóveis ou jornal desportivo que não tenha publicado um artigo sobre o assunto, copiado de qualquer outra revista ou jornal, tão célebre se tornou esta corrida que teve, pelo menos, a vantagem de ter acabado com as corridas «point to point» tais como elas se disputavam então. Foi devido a essa prova que o automobilismo desportivo atingiu a sua maioridade.

O número de mortes verificadas durante esta prova levou o Governo francês a interrompê-la em Bordéus, quando se encontrava à frente o concorrente n.º 168, Gabriel, que no seu «Mors» de 70 cavalos percorrerá os 546 kms do percurso já efectuado, à velocidade média de 104,48 kms/h. (Com o decorrer do tempo esta média tem evoluído e é frequente ler-se que a média obtida fora

superior a 120 kms/h, o que não é verdade). As histórias que se contam à volta desta corrida não têm conta. Normalmente descrevem-se os incidentes ocorridos e diz-se que morreram dezenas de competidores. Na realidade o número de acidentes mortais foi inferior ao que se imagina, mas alguns «ases» da época lá pereceram: Marcel Renault, E. Stead e L. Barrow.

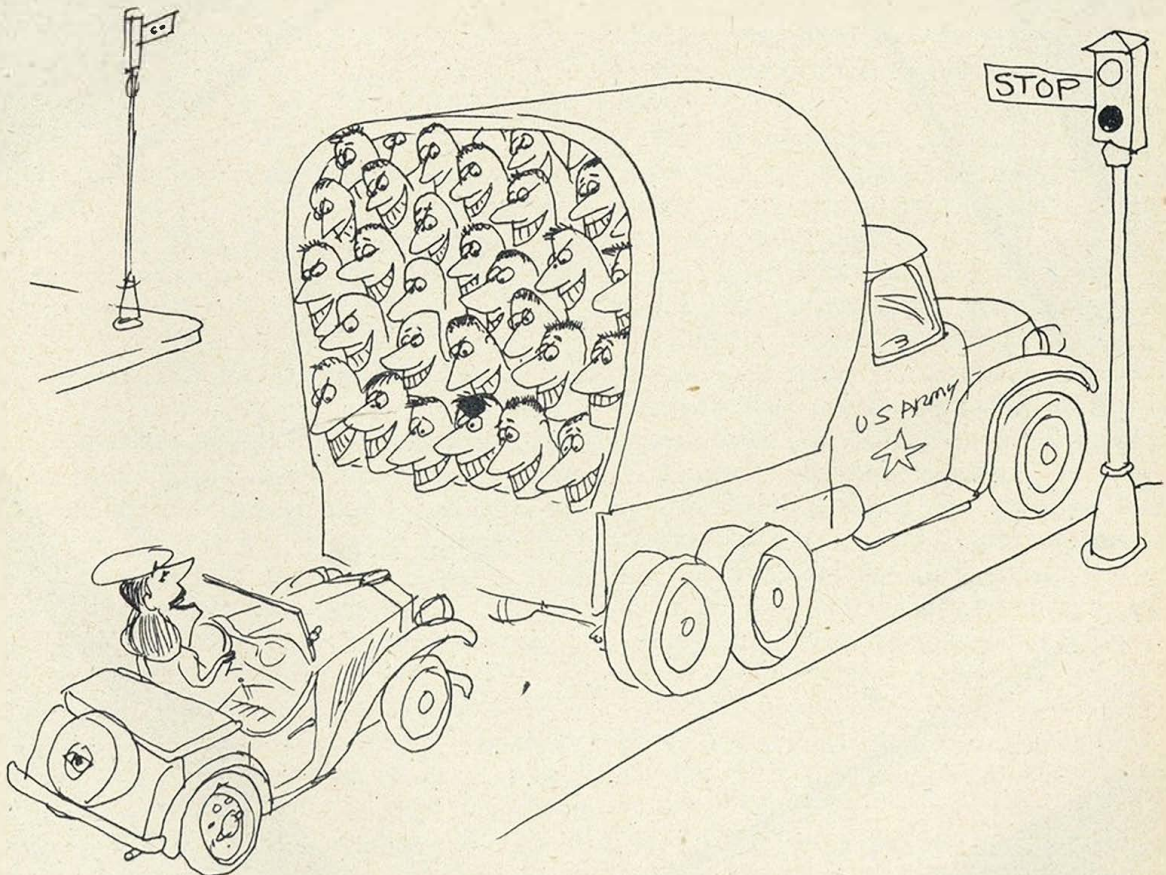
Outros autores de artigos para os jornais de sensação costumam indicar o nome do célebre conde Zborowski como tendo sido um dos corredores que morreram nesta prova. Também esta informação não corresponde à verdade. O conde Zborowski foi, efectivamente, vítima dum acidente mortal em 1903, mas quando, ao volante dum «Mercedes», tomava parte na rampa de La Turbie.

O troféu Gordon Bennett foi disputado em Athy, na Irlanda e foi obtido por um des-

portista que viria a tornar-se famoso, o belga Jenatzy que foi obrigado a tomar parte na prova com um «Mercedes» preparado à pressa, em virtude dos carros de corrida terem sido destruídos num incêndio deflagrado na fábrica.

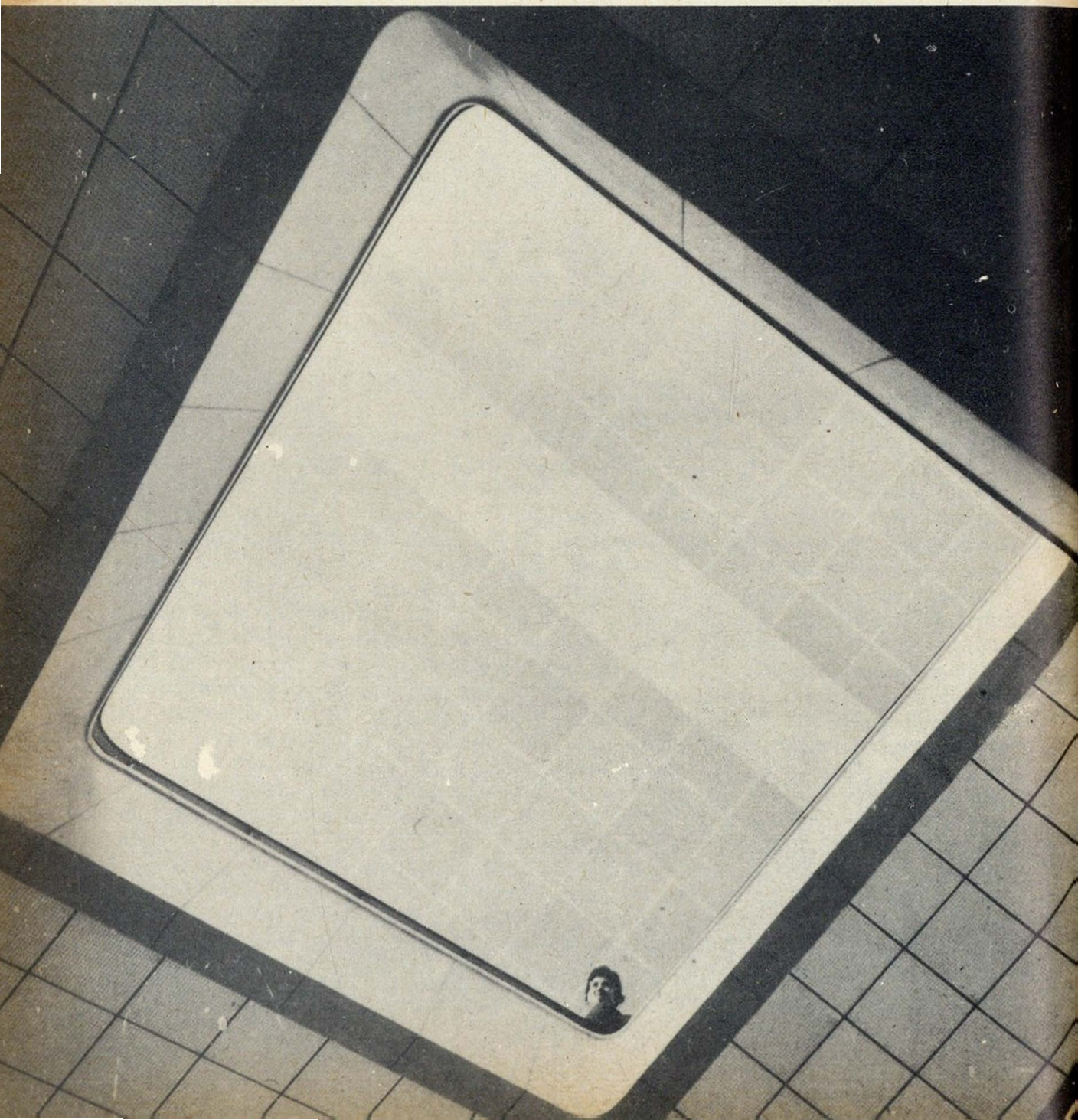
À parte o facto de ter vindo a tornar-se como que um marco, ou o fim dum capítulo, na história do automobilismo desportivo, é curioso observar que o ano de 1903 ainda assistiu ao aparecimento da primeira corredora de automóveis de que há conhecimento, uma senhora, Madame du Gast que se classificou em 77.º lugar na corrida Paris-Madrid.

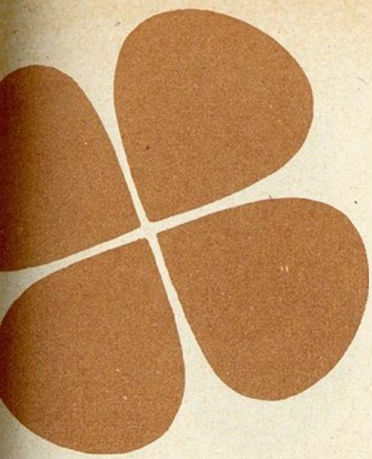
j) Já se disse que o ano de 1903 acabou com a época das grandes corridas entre cidades, ou «point to point». E que a partir desta época o automobilismo desportivo começa a aproximar-se do automobilismo tal como o conhecemos.



— Chamo-me Paty, e vocês?

as latitudes da felicidade:





PORTUGAL-1

cartão de identidade da rapariga portuguesa

ASPECTO FÍSICO

A rapariga portuguesa não é normalmente muito alta. A altura média anda por 1,55 m. O peso é de 52 kgs. A cor dos olhos e dos cabelos é castanha. Mede de peito 86 centímetros e de ancas 90.

ACTIVIDADES FUNDAMENTAIS

As raparigas universitárias portuguesas dividem-se em dois grupos: aquelas que vivem em casa dos pais submetidas à economia familiar; e aquelas que vêm da província e vivem normalmente em lares. À parte estes dois grupos, existe uma pequena minoria de raparigas que trabalha e ao mesmo tempo estuda. Fora da Universidade e das Escolas Técnicas encontram-se raparigas trabalhando em escritórios e lojas. Há, também, nas zonas fabris, como por exemplo no Barreiro, ao sul de Lisboa, muitas raparigas que trabalham como operárias. As camponesas, ou dão o seu esforço ao labor da terra familiar ou se empregam nas grandes casas agrícolas.

Na classe média, porém, a grande maioria das raparigas permanecem em casa.

EDUCAÇÃO E CULTURA

A rapariga portuguesa é, de uma maneira geral, católica. Apenas em certos meios universitários se encontram agnósticas. Outros credos religiosos praticamente estão confinados a pequeníssimas minorias não representativas. Sobre este fundo católico tradicional instalam-se depois diversos tipos de formação, consoante as camadas sociais.

O ensino primário é obrigatório para todas elas.

Por temperamento latino, mais impulsiva e emotiva do que romântica, lê bastante (o gosto varia), vai ao cinema, tem actores preferidos e fala muito.

Seja qual for a sua classe social, a rapariga portuguesa encara o casamento como um fim a atingir e como a melhor justificação para a sua existência. O casamento é precedido de uma fase prévia que varia conforme os casos, entre poucos dias e muitos anos. Nesta fase prévia, chamada **namoro** (em português no original), o rapaz e a rapariga fazem o possível por se conhecer mutuamente, através de barreiras de vária ordem, consoante a formação moral e cultural do meio a que pertencem. Desta interacção entre o desejo de se conhecerem e a impossibilidade de o conseguirem resultam as características fundamentais do namoro e a sua quase total inutilidade como preparação do matrimónio futuro.

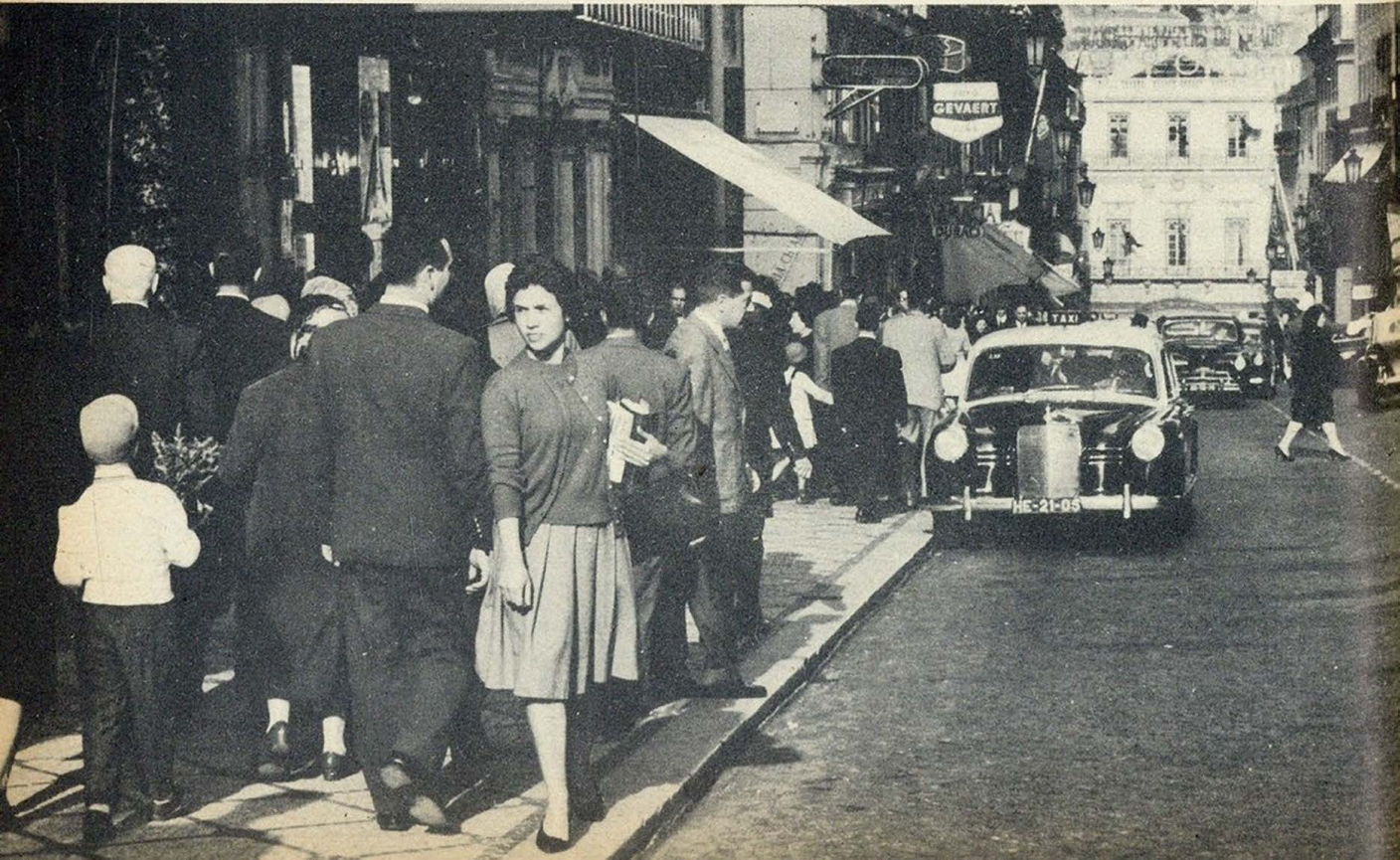
Os casamentos são, na sua maioria, religiosos. Estando o divórcio assim vedado aos cônjuges, encontram-se muitos casos de sepa-

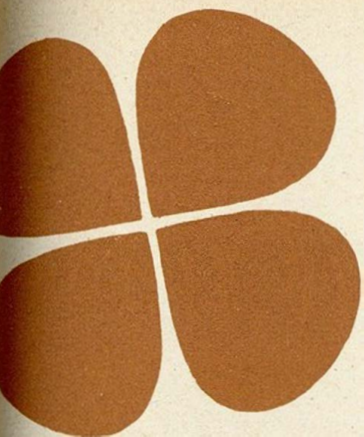


Começo do dia. Faz parte da juventude uma certa confiança na vida. Faz parte das manhãs uma certa confiança no dia.

Manhã dos outros. Oh Sol que dás
[confiança
Só a quem já confiu.

FERNANDO PESSOA





ração judicial e mesmo de casais que não estão unidos por nenhuma formalidade legal. A resignação tradicional da mulher portuguesa à poligamia oficiosa do marido tem vindo a diminuir, nos últimos anos, principalmente na classe média. Nessa mesma classe, também se está casando mais jovem e em muitos casos a mulher contribui já para o sustento económico do casal. O «dote», instituição ligada a uma tradição patriarcal e agrícola, vai sendo assim substituído, pela aptidão da mulher em garantir ou contribuir para o seu sustento.

É impossível servirmo-nos da estatística para procurar avaliar da felicidade do matrimónio português. A falta de inquéritos nesse sentido e o facto da maioria das separações se não oficializarem, torna impossível concluir sobre os números. Nenhuma legislação protege eficazmente a mãe solteira. O aborto é proibido.

ATITUDE PARA COM OS ESTRANGEIROS

Como o resto dos seus compatriotas, as raparigas portuguesas são, geralmente, amáveis e simpáticas para com os estrangeiros, mas não têm por eles nenhuma predilecção especial. Não lhes interessa tanto abandonar o país, que procurem para isso o matrimónio com um estrangeiro.

CÉLIA C....., CONTRIBUI PARA O SEU SUSTENTO E NUNCA RECEBEU CARTAS DE AMOR

Célia C. tem 25 anos. Encontrámo-la numa paragem de autocarros e pedimos-lhe que nos

indicasse o caminho para a Cidade Universitária. Respondeu-nos que também para lá ia e fomos conversando, em francês, através do percurso.

— Muitas raparigas falam línguas? perguntámos.

— Na Universidade, sim. Francês, pelo menos, e inglês mais raramente. Italiano quase nunca e alemão só os alunos de Germanicas.

Célia C. estuda na Faculdade de Letras, seguindo o curso de Histórico-Filosóficas. É morena, arguta, de olhar rápido, gestos vivos, decidida. Veste com gosto e sobriedade, saia e blusa, pequeno casaco curto. Vai-nos falando de si e da sua vida, depois de nos esclarecer que o seu caso não é típico e não pode ser considerada a rapariga-padrão portuguesa, nem sequer como a rapariga universitária portuguesa padrão.

Da Madeira, onde nasceu, veio para Lisboa para a Faculdade de Letras. Os pais e o resto da família lá permanecem e mandam-lhe parte do dinheiro com que se sustenta. O restante vem-lhe do seu emprego como professora de uma Escola Primária onde ocupa as manhãs. Isto não é muito corrente mesmo entre as raparigas mais evoluídas e é uma das razões por que Célia se considera diferente da maioria das suas colegas.

Fala-nos, pois, encantada ao saber por que motivo a interrogamos, não só de si, da sua experiência, como também das suas colegas de vida um pouco diferente. «Há, porém, diz-nos, problemas que nos são comuns a todas nós. As que vivem com a família ou à custa dela, em lares, invejam-nos a nós porque nos consideram mais independentes e, portanto, mais felizes. As que, como eu, conquistaram



No átrio da Faculdade de Letras. A pauta de exames é, já de si, um tema de discussão. Nem sempre a organização dos estudos se coaduna com a organização da vida.

Preparação de exames. O trabalho de grupo tem na nossa Universidade um carácter accidental.



PORTUGAL

já alguma independência, não deixam de recordar por vezes as vantagens da integração numa estrutura familiar. Uma rapariga só, ainda hoje é, em Portugal, um objecto de alguma raridade — e nem sempre recebe por parte dos outros a consideração que afinal merece».

— Como assim? — perguntamos.

— As pessoas são ainda extremamente preconceituosas — diz-nos. — Esses preconceitos reflectem-se sempre em falta de consideração. Ou censurando-nos uma conduta que muitas vezes não temos ou procurando aproveitar-se e desvirtuar certos aspectos dessa conduta. Isto, sobretudo, entre as pessoas mais velhas. A minha geração ressent-se em parte de ser como a geração-charneira, a geração que está sofrendo toda uma alteração de vida para que não estava preparada.

Célia anima-se ao falar mas, pela precisão dos termos, parecê-nos estar falando de problemas em que muitas vezes pensou.

— Isto são aspectos aborrecidos, mas há outros que certamente compensam estas piores facetas.

— Que pensa fazer depois de formada?

— Não sei ainda — diz-nos. E não sabe. — Em Portugal o futuro de uma licenciada em Letras está confinado praticamente ao ensino secundário, a menos que se dedique a qualquer especialização para que obtenha Bolsa de Estudos, trabalhe para museus ou fundações — ou se case com um homem com dinheiro para a sustentar. O casamento é de resto ainda a grande solução para a rapariga portuguesa, desde a camponesa e da operá-

ria até à aristocrata rica, passando pelas burguesas que constituem na sua maioria a massa estudantil da Universidade.

— São-lhe fáceis os estudos, apesar do tempo que dedica ao trabalho? — perguntamos. Célia responde-nos que nem sempre. Há matérias mais exaustivas que outras mas, de uma maneira geral, os livros são caros e o tempo pouco. As raparigas e rapazes não estudam muitas vezes em casa, preferem as leitarias e pastelarias e as cantinas das Faculdades. Aí passam a tarde à volta de chávenas de café e copos de água, fumando, conversando, trocando impressões, namorando. Namorar é um fito normal da vida universitária portuguesa e consoante a educação e os princípios dos namorados são mais ou menos tradicionalistas, assim os namoros são menos ou mais «progressivos», como eles dizem, isto é, maior ou menor a intimidade entre os «partenaires». Esta intimidade, de resto, como em Itália, raramente vai além, no plano físico, do beijo e do abraço. Esta situação de sublimação é talvez responsável pela verdadeira hiperprodução poética da juventude portuguesa.

No caso concreto de Célia C. o seu dia-dia é preenchido com as aulas que dá no colégio, as aulas que recebe na Faculdade, e quase todas as noites, devido à sua situação particular, pode sair com amigos e amigas. Vai ao cinema ou a **night-clubs** em Lisboa ou nos arredores, por vezes deita-se tarde e anda cansada. «Mas que quer, devemos-nos divertir não é? A vida é tão curta e o futuro tão incerto».



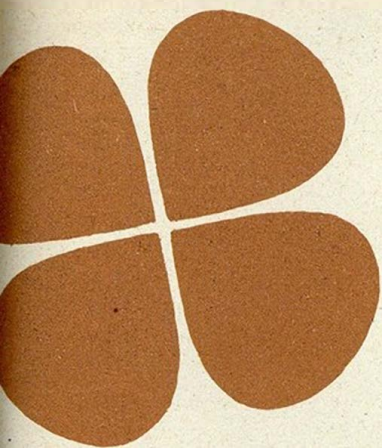
Em algumas Faculdades existem Associações Acadêmicas que levam a efeito, entre outras, realizações culturais, ainda que lutem com dificuldades várias. Fora delas, as estudantes têm numerosas maneiras de se cultivar: existem em Lisboa muitas livrarias e discotecas, ciclos de conferências, de concertos e temporada de Ópera com preços acessíveis para estudantes. Célia gosta de ler e gosta de ouvir música; os seus preferidos são: Huxley, Hemingway, Pessoa e Tchaikovsky. Prefere todavia o cinema e o teatro — sobretudo este último, de que nunca perde uma peça. Quando sai com rapazes, paga sempre a sua parte da conta — costume que aliás se está generalizando. Não gosta de dançar, até porque dança mal.

Célia sabe cozinhar e arranja muitos dos seus vestidos. Levanta-se às 7.30 h, dorme a sesta depois do almoço, à tarde vai à Faculdade, estuda à noite quando não sai e deita-se tarde. O seu desporto favorito, sobretudo em férias no Funchal, é a natação.

Pensa que até hoje não gostou realmente de ninguém, mas gostaria de gostar. O casamento para ela só seria possível com um homem a quem admirasse e com quem tivesse afinidades — mas a hipótese parece-lhe por agora remota.

Com respeito a estrangeiros — Célia conhece alguns que aqui a Portugal vieram ter. Nunca viajou fora do País — quando tem dinheiro não tem tempo e quando tem tempo não tem dinheiro. Mas gostaria de conhecer a França, a Itália e os Nórdicos.

Com respeito à felicidade, Célia sorri-nos e responde que não lhe parece depender ela das latitudes. «É claro que, com mais dinheiro, mais futuro, menos preconceitos por parte das pessoas, haveria talvez mais condições para as pessoas serem felizes... Mas a verdadeira felicidade é um estado transitório, indefinível, fugaz, que pouco tem que ver com as circunstâncias gerais de uma época e de um sítio».



A peregrinação pelas livrarias da Baixa. A literatura ocupa uma parte do orçamento dos universitários de hoje, mas o facto não pode ser interpretado como função do poder de compra do estudante médio.

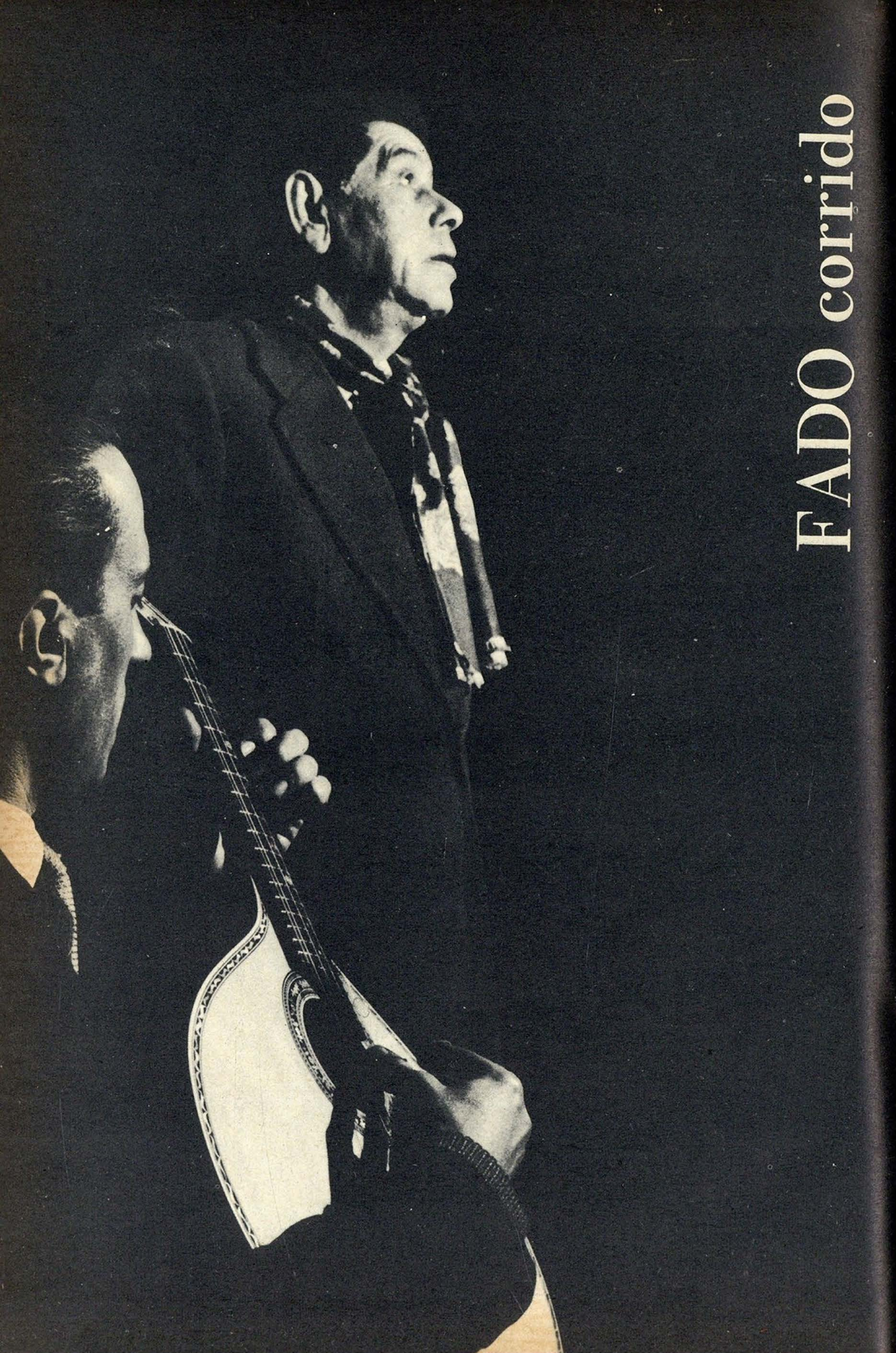
Minha mesa de café
Quero-lhe tanto, a garrida.
Toda de pedra brunida
Que linda e fresca que é.

MÁRIO DE SÁ CARNEIRO



«Os purgatórios artificiais». O álcool e as bebidas leves entram na vida da juventude como estimulantes equilibrados e não como «libertações» à maneira dos estudantes de Soho ou de Saint Germain.





FADO corrido

O Fado tem uma ficha imprecisa. Acerca das suas origens e da sua «definição» tem-se desenvolvido toda uma literatura mais ou menos «panfletária», com variações sucessivas em torno do castiço e da portuguesidade, glosando os motes das submissões sentimentais e do fatalismo histórico. Conhecem-se mil e uma «cantigas» (como dizem na intimidade os legítimos cantadores) em que se «explica» o Fado. Fado é ciúme, Fado é nostalgia, passado, arrogância de macho, etc., etc. Conhecem-se iconografias, resenhas bibliográficas e elegias históricas da chamada «canção nacional». E todavia as sucessivas peregrinações dos investigadores às raízes do Fado conduzem sistematicamente a um terreno de hipóteses confusas e a uma legitimidade nacional bastante problemática...

A VITÓRIA DOS VENCIDOS

AS VOZES FORA DE TOM

O célebre e tristemente reproduzido quadro de Malhoa é a imagem obrigatória das capelas fadistas, da mesma forma que o saudosismo e o espírito de missão de raça representam os continentes ideológicos que enformam o sentido superior deste género de cançoneta. As explorações intelectuais do Fado são acidentais, como se sabe. Júlio Dantas, Afonso Lopes Vieira, António Boto e David Mourão-Ferreira, entre outros poetas, deram-lhe, nas letras, o tom erudito que corresponde ao nível das «reabilitações» melódicas apresentadas por Frederico de Freitas, Rey Colaço e Ruy Coelho. O Fado chulo, gingão e altaneiro de valências, procurava deste modo roupagens elevadas e sublimação de legitimidade na mesma base em que o aproveitamento do folclore nacional tinha sido para Falla ou para Honnegger a grande fonte criadora. Mas as várias instrumentações que se têm feito da «canção nacional» (ou «dos vencidos», na terminologia de Luís Moita, um dos abalizados estudiosos do Fado) não lograram impô-la ao nível superior pretendido, e a explicação do insucesso provém mais acentadamente da pobreza melódica do Fado do que dos compositores que pretendiam explorá-lo como tema.

Apesar disso, negado e combatido por poetas e musicólogos, o Fado foi fazendo a sua ascensão gloriosa nas camadas sociais. Para tanto precisou de bem pouco: cultivar sãbiamente exteriorizações da ingenuidade popular, insistir nos fundamentos da trilogia pasadista vinho-mulheres-touros e conquistar comercialmente uma posição. O triunfo é incontestado. O País aceitou-o sem reservas de maior e perante os interesses criados a seguir, apenas uma ou duas vozes discordantes (entre as quais a de Lopes Graça) ousaram fazer-se ouvir. De resto, silêncio. O Fado ia cantar-se à vontade.

Para os ortodoxos do «rigoroso» o Fado alinha no Património Nacional ao lado da Torre de Belém (evocatriz do espírito marinho), o Museu dos Coches (que recorda o exotismo passadista) e o tríptico de Nuno Gonçalves (que é universalmente considerado glória nacional). Escrever, hoje, como Eça escreveu há 93 anos, que «Atenas produziu esculturas, Roma fez o Direito, Paris inventou a Revolução, a Alemanha achou o misticismo. E Lisboa que criou? O Fado...» — escrever isto equivaleria a incorrer em sanções de toda a ordem desde o desprestígio público às da máquina organizada das empresas radiofónicas com todas as atentas brigadas de auditores...

Eça escreveu-o. Os tempos eram outros. Por essa altura o Fado procurava a consagração através dum mecenato privado, isto é, particular, que se exibia no botequim do Pedro, ao Loreto e de que o célebre conde de Vimioso foi precursor afamado. Morto este, surgiram as novas protecções fidalgas de um conde da Anadia ou de um Castelo-Melhor. Agora, porém, que a indústria do Fado tem implicações superiores, ao nível da propaganda turística e do prestígio exterior, o debate sobre a questão afigura-se de uma complexidade bastante mais vasta do que aquela com que o genial companheiro dos «Vencidos da Vida» pretendeu aniquilar a «Canção dos Vencidos».

Pegar nas problemáticas origens do Fado, propor-lhe uma paternidade nas modinhas brasileiras mais ou menos enaltecidas por Tolentino, pôr-lhe uma data oficial de baptismo — ao que parece, o segundo quartel do século passado — tudo isso contrariará as exigências naturais dos sectários de um fado femininamente português em que se retrata «o temperamento aventureiro e sonhador da nossa raça» (Pinto de Carvalho), mas não basta para lhe negar uma linha própria de evolução e uma representação autêntica nos quadros da vida social do País.

Nascido nas tabernas da capital, em genuíno «ambiente Malhoa», o Fado apareceu extremamente ligado a regras físicas: «o corpo deve estar firme e airoso; depois o tocador pega na guitarra, coloca-a com o braço para o lado esquerdo, apoia-a sobre a perna direita e inclina-a de forma a que o caravelhal

fique à altura do sangradouro do braço esquerdo, etc...». Os rituais têm os seus estatutos ordenados.

Por outro lado, o vestuário e as diversas exteriorizações do perfeito cidadão fadista conjugavam-se num aparato essencial ao clima adequado. «Muitos traziam um bengalão de cana da Índia ou um cacete bamboleando-se entre o dedo médio e o indicador (...) O fadista usava frequentemente tatuagens traçadas nas mãos e no peito, iluminuras a carmim que representavam âncoras, navios, guitarras, corações trespassados, a cruz, as cinco chagas...».

Em Berlim, ou em Copenhaga, os **rock'n rollers** dos nossos dias encontrariam neste padrão oitocentista o precursor anunciado. Tatuados como ele, importando uma cançõneta artificial, substituindo a banza pelo rádio portátil e a bengala pela faca americana, os **Teddies** de 1960 teriam a sua originalidade comprometida perante o exemplar gíngão que fez época na Madragoa por volta de 1850. E nesse tempo a canção dos vencidos era ainda um brado novo que não trazia os apoios literários, nem as especulações publicitárias dos «rebeldes sem causa» dos nossos dias...

A SAUDADE TAMBÉM SE EXPLICA

Segundo parece, o primeiro fado teria sido «o do marinheiro» entoado por uma dita Manazinha, cantadeira da Madragoa. Paixão, outro pioneiro da canção nacional, teria aprendido dela o fado corrido e só depois surgiria a fase do celebrado «choradinho». O reinado da Severa aproxima-se e como sempre, os precursores ficam na sombra. Neste caso é um guitarrista popular, Sousa do Casacão, quem prepara a glória oficial e que modestamente se retira quando a fama faz a sua entrada. Compondo o «Fado da Severa», Sousa lançava, sem disso se aperceber, um dos mitos essenciais da galeria do Fado: a primeira vedeta com publicidade à escala nacional e também o elemento que iria estabelecer o compromisso aristocracia-povo na ideologia fadista. Numa altura em que proliferavam as concubinas castiças, as «estrelas» da banza com o «cachet» do exótico como a negra Gertrudes, que usava uma pala sobre uma vista vazada numa briga; num período de fadistas da têmpera da Maria Romana,

da Piedade e da Maria da Silva (criminoso por ciúmes) — na idade do Eldorado fadista; num período assim, o fenómeno Severa tem explicações bem mais subtis do que aquelas que revelam habitualmente os cronistas. As protecções fidalgas pesaram, sem dúvida, na lenda que o futuro lhe teceu. Mas os fadistas brasonados não se limitavam ao exemplo de Vimioso. D. José de Almada e Lencastre, o conde de Anadia, companheiro do célebre Custódia, o marquês de Castelo-Melhor, entre outros, emparceiraram galantemente com os grandes das vielas lisboetas. O «dossier» Severa, como o «dossier» Cesária, como o de Amália, não são um mero cadastro de êxitos pessoais, de influências ou de provas de talento.

«LIAISONS» À MODA CASTIÇA

As metamorfoses do Fado seguem um ciclo evolutivo que facilmente se doutrina pelos exemplos mais representativos da sua História. A voz, voz popular, nasce na rua e é em breve assimilada aos interesses dos elementos superiores da vida social. A «belle époque» que surge imediatamente ao nascimento da canção nacional apresenta-nos algumas senhoras da aristocracia dedilhando em família os acordes do fado entre copinhos de vinho tinto (para dar cor local) e evocações de modinhas brejeiras. Mas esse é o ensaio privado para a aliança consentida que há-de fazer-se entre a cantadeira e o fidalgo. Em breve surgirão as «*liaisons dangereuses*» à portuguesa antiga, isto é, as **liaisons** sem requinte intelectual e apenas através da bravata marialva, do vinho e dos touros.

O senhor vem à rua com todo o prestígio da sua força e dá o exemplo democrático da confraternização. «Renovar o sangue nos ventres populares» — dir-se-ia se fosse questão disso. Mas não. As razões que alguns historiadores dão dessa mentalidade aristocrática (Oliveira Martins, por exemplo) são insuficientes. Não se trata unicamente de angariar demagógicamente uma popularidade em declínio; trata-se de «fazer a prova» de que esse prestígio não esteve alguma vez diminuído, na medida em que se vai ao beco mais negregado medir-se de igual para igual com a arraia desconfiada e boateira. Ali sim, o fidalgo sem sonhos da Índia nem conquistas onde realizar-se (estamos na última metade



a «velha guarda»: Alfredo Marceneiro os patriarcas são raros»



a «velha guarda»: Filipe Pinto

«há tradições e tradições»

do século passado — note-se), recorre à aventura mais próxima. A segurança da Casa, o tédio e a urgência de desmentir os boatos dos revolucionários exaltados, despertou-lhes o brio e o desejo de popularizar-se.

A Severa e a Cesária trazem-lhe a lenda sentimental. A companhia dos homens de sangue em confraternização com «astros» populares como o Damas, o Alfredo Bacalhau ou o Calcinhas, e com valentões de touradas ou rufias de temer, entretecem a lenda heróica dos cavaleiros de sangue e de braço forte.

A TERCEIRA VIA

Tinop escrevia em 1903 que «O fado, a navalha e a guitarra constituem uma trindade adorada pelo lisboeta.» A afirmação bairrista iria ser desmentida quinze anos depois com a volta brusca que o fado iria suportar quando os acontecimentos sociais que atingiram o País, e particularmente a guerra e as organizações operárias, provocaram uma avalanche de novos temas. A concepção melancólica e resignada das melodias e dos versos, sobrepunha-se agora o tom heróico do fado do combatente e, logo a seguir, a atitude panfletária do fado do trabalhador. Mas o tema clássico não se extinguiu. Em dois tons diferentes singrando paralelamente, o fado veio até aos nossos dias. Mais depurado como voz fidalga, mais abastardado naquilo que pretensamente se julga popular. Enquanto uma pleiada de grandes cantores populares se foi reduzindo por fatalidade natural, até deixar apenas Alfredo Marceneiro e Filipe Pinto como recordações autênticas de uma consciência fadista, a verdade é que a voz fidalga soube preservar-se de mesclas e apresentar dois intérpretes tão puros na sua essência como Dona Maria Teresa de Noronha (Paraty) e D. Vicente da Câmara. Entre estas duas linhas paralelas ficam as vozes comprometidas — precisamente aquelas que mais incondicionalmente servem a «indústria» fadista dos guias turísticos, dos arranjos internacionais e dos espectáculos ditos castiços em cenários de retiro andaluz e

coros «espontaneamente» desafinados. O Parque Mayer no Bairro Alto.

Um empresário de um retiro fadista pode perguntar-se naturalmente se as receitas de visitantes estrangeiros cobrem aquelas que lhe vêm da frequência nacional. Se assim não é, a insistência no sistemático abastardamento do fado em favor de uma «internacionalização» de ritmos e de melodias corresponde a uma necessidade — compreensível, de resto — de dar ao estabelecimento um «cachet» turístico e a um desejo de usufruir das protecções (fiscais, sociais, etc.) que daí lhe advenham.

Como os poetas de repartição, que se queixam das obrigações de preencher officios para justificarem os maus poemas, os proprietários dos santuários fadistas lamentam-se da subserviência forçada ao turista ou ao desconhecedor do fado para justificarem os maus elencos que possuem. Mas sabe-se como comercialmente se fazem as vedetas. Cantando no estrangeiro tudo menos fado, antes de virem a poder cantá-lo, trabalhadas por influências e por interesses, organizando uma publicidade, um público, uma lenda. Um fadista depende fundamentalmente do gerente comercial e nisso muitas vezes muito mais do que do público. As sabotagens internas têm nestes casos uma influência decisiva...

Tudo isto contribui para uma estagnação na cultura dos novos valores. Entre os grandes da estirpe de Marceneiro e de Filipe Pinto e o fado aristocrático, duas ou três vozes têm tentado escapar à sedução dos compromissos; um Fernando Farinha, um Mário Rocha, um António Pires — vozes populares em que se sente a herança dos chamados «cantadores da bandarilha» a resistir à avalanche da cançoneta mais ou menos afa-distada.

E se uma Celeste Rodrigues escolhe uma posição diversa de todas estas para se individualizar, isso deve-se fundamentalmente a uma inteligente selecção de reportório e não à divulgação de alguns cantares de folclore duvidoso que estão longe de a beneficiar. Cantadeira, a que poderemos chamar de fei-



A pré-história fadista: Manuel Tormenta: «O Fado tinha as suas posições rigorosas»



Celeste Rodrigues: «existe uma terceira fórmula»

ção erudita, Celeste Rodrigues abriu porventura, e com evidente timidez, um novo caminho para o fado — a terceira via que se opõe ao caminho da facilidade degeneradora.

A inovação que (timidamente, é certo) Celeste Rodrigues veio introduzir no fado ao adaptar, com respeitoso sentido, a letra do clássico e portuguêsíssimo poema de João Roíz Castelo Branco, «Canção Partindo-se» (*Senhora, partem tão tristes, etc.*) — pode tomar-se como um sinal esclarecedor da «Terceira Via» ou da «Terceira Saída» que se antevê para a canção nacional. Depois do fado da rua e do fado de salão, surge o fado erudito — isto é, a melodia recriada no seu fundo castiço mas ajustada a letras de qualidade poética superior.

O espírito desta nova tendência tem a abaná-lo a franqueza de não ser uma adulteração do popular como sucede com noventa por cento dos fados que por aí se ouvem em **Long Playing**. Não representa também uma

pactuação com o turismo de trazer por casa, como acontece com os mesmos noventa por cento dos fados que se cantam nos chamados restaurantes típicos. É francamente um fado que não foi roubado à rua lisboeta. E isso, numa altura em que os interesses criados em torno do fado são muito mais poderosos do que pode imaginar-se, é um sinal corajoso e bastante positivo. Como louvável tem sido a atitude, já referida, de uns escassos cantadores da «Nova Vaga» — Fernando Farinha e Mário Rocha, entre outros — que remando contra a maré do **whisky** e do castiço snobismo do «tinto», se esforçam por cantar o fado da rua, remetendo os trinados de cançonetistas às vedetas L. P. e aos «legítimos» da fadistice fabricada para turista entender. O turista neste caso é sempre o português de ocasião, visto que o estrangeiro continua a preferir a «Casa Portuguesa», porque a tem de ouvido certo através das grandes orquestrações não-portuguesas...

A «nova vaga» fadista: Mário Rocha: «cada coisa no seu lugar cada cantiga no tom justo...»



ANTIQUARIUM

Há colecionadores de selos, como há colecionadores de maçanetas de portas. Talvez seja, mesmo, difícil encontrar, actualmente, quaisquer objectos que não tenham os seus colecionadores e se, por um lado, a figura do colecionador se tornou um tanto ou quanto ridícula aos olhos do homem do nosso tempo, por outro lado não se lhe pode negar importância no que se refere à sua contribuição para o conhecimento da história dos objectos de arte. Na realidade, qualquer interessado pode encontrar nos escaparates das livrarias um número elevado de livros dedicados ao estudo dos objectos que normalmente atraem os colecionadores, e tais livros são um precioso auxiliar para quem

atingido pelos estudos levados a cabo acerca das porcelanas e dos móveis orientais, muito embora seja justo fazer especial referência às obras de Laurence Binyon e de E. de Goncourt.

Assim, também, ninguém ainda catalogou os gravadores japoneses menos conhecidos, podendo dizer-se que apenas os mais célebres — Harunobu, Utamaro, Hokusai e Hiroshige — estão suficientemente estudados.

A lista de gravadores japoneses mais conhecida e talvez mais útil, por permitir a identificação das assinaturas é, certamente, a que E. F. Strange coligiu no seu livro «Japanese Colour Prints», um interessante vo-

gravuras e gravadores japoneses

pretenda iniciar colecções e entrar no mundo estranho dos que satisfazem as suas necessidades interiores através da posse do maior número possível de objectos...

É claro que ainda há muito campo a desbravar e que ainda é possível coleccionar objectos que não estão inteiramente catalogados.

Quem o queira fazer poderá dedicar-se a estudar e a coleccionar objectos menos conhecidos e, dentre estes, estão, por exemplo, as gravuras japonesas.

A Arte europeia tem sofrido em diversas épocas uma incontestável influência do Oriente, e o Japão foi dos países que mais a influenciaram. Modernamente as gravuras japonesas começam a ser objecto da atenção dos colecionadores mas, como tal facto é recente, ainda não existem catálogos, estudos e álbuns com reproduções para auxiliarem quem pretenda penetrar a fundo no campo das gravuras japonesas.

Os poucos estudos publicados sobre o assunto ainda não têm o carácter técnico já

lume editado pelo Departamento do Estado britânico que corresponde à nossa Imprensa Nacional.

Os nomes dos artistas japoneses, por outro lado, tornam o estudo da arte japonesa bastante complicado e permitem, mesmo, confusões que levam anos a desfazer. É o caso do gravador Shunman que mudou de assinatura em dada altura da sua vida, levando os estudiosos a pensar que existiam dois artistas onde havia, na realidade, apenas um.

Dum modo geral é difícil falar das origens da gravura japonesa, até porque, como já se disse, o assunto está pouco estudado e as opiniões divergem. O mesmo se pode dizer da génese da Ukiyo-ye, a escola a que pertenceu a maioria dos gravadores do Japão.

Ukiyo-ye, aliás, é uma designação que vem já dos princípios do século XVII, quando Iwasa Matahei introduziu na sua arte elementos novos que vieram a identificar a sua escola:

Uki (transitório) Yo (o mundo) Ye (desenhos).

花舟

花舟

花舟

花舟

花舟

物架

花舟

花舟





Uma cortezã com as suas acólitas. Gravura de Koriusai, um discípulo de Harunobu.

Na página anterior: um cartão de Boas-Festas de Shunsai: «O Navio da Felicidade»

A escola poderia chamar-se, em português, a escola dos «desenhos do mundo que passa», ou «da vida de todos os dias», e que melhor designação se poderia encontrar para uma arte que logo nos atrai pela fluidez do risco, pela delicadeza das interpretações e pela poesia das cores?

Matahei, que deu o nome à escola, não deixou gravuras coloridas, mas Hishigawa Moronobu (1638-1714) ilustrou vários livros dos quais a senhora L. N. Brown catalogou mais de cem no seu livro «Block Printing and Book Illustrating in Japan».

Tanto Moronobu como os seus discípulos ilustraram os seus desenhos à mão mas, no princípio do século XVIII, Kiyonobu introduziu o processo de coloração por blocos de madeira, que graças a uma tradição se-

cular de impressão por processos análogos, se desenvolveu rapidamente.

Durante o século XVIII, o processo descrito atingiu o apogeu com gravadores como Harunobu, Koriusai, Kiyonaga, Shunsho e os discípulos deste: Shunro, Shunman e Shigemasa.

Os próprios japoneses, que tendem a desprezar esta escola, respeitam a obra de Harunobu, que obteve grande aceitação do mundo ocidental. Foi este artista quem primeiramente coloriu os seus desenhos completamente, e não em partes, como até aí se fazia, e influenciou profundamente os artistas do seu tempo.

Dos contemporâneos que influenciou distinguiram-se Shigemasa (1738-1819), Shunman (1757-1820) e Katsugawa Shunsho (1726-1792).

O último dos artistas citados deu origem a uma escola que, tal como a escola Torii, se dedicou ao teatro e a temas com ele relacionados.

Utamaro (1754-1806), um artista que se tornou conhecido pela vida desregrada que levou, foi dentre todos os gravadores japoneses aquele que, no Ocidente, acabou por simbolizar a gravura japonesa; não apenas porque as suas figuras correspondiam à ideia que os europeus faziam do Oriente, mas também porque as cores de que se utilizou aproximavam-se mais das cores ocidentais.

Outro artista que também se celebrou foi Toyokuni, cujos discípulos usaram o prefixo Kuni.

Não é possível — num breve artigo — falar de todos os gravadores japoneses de nomeada. Não é possível, sequer, fazer referência a todos os que influenciaram a arte do seu tempo, mas seria injusto não referir os nomes de Kunisava, o prolífico gravador cujo inegável talento foi destruído pela facilidade que tinha em gravar...

Se é verdade, como atrás se referiu, que a gravura japonesa não está muito estudada, é igualmente verdade que merecia sê-lo. O campo é vasto e fascinante e os portugueses — sempre na cauda do comboio, no que se refere a estudos de arte — bem poderiam dedicar-lhe a sua atenção, até porque o Japão foi «descoberto» por portugueses, pelo menos geograficamente.

Não haverá por aí um português disposto a «descobri-lo» de novo, desta vez a sério?

um coração
e uma mulher



conto por Astrid Beaufort

Chamo-me Jack Boulton e nasci em Orpington, onde se criam as melhores galinhas da Inglaterra. Desculpar-me-ão o exagero, mas quem não exagera acerca da sua terra não tem coração. Eu tenho coração, duvidam? Um coração e uma mulher.

A mulher está ali. É jovem, extremamente bonita. A mais bela mulher do mundo? Direi que sim, eu que tenho coração. Ela chama-se Marceline e não é inglesa, como facilmente se pode concluir. Quem poderá hesitar? Nasceu em Ner..... Agora inclina-se repousadamente sobre a amurada branca do navio. Os olhos dela... Poderei dizer a cor: são verdes. Mas não era isso que eu queria dizer. Os olhos dela mergulharam por instantes no mar cinzento e branco e ergueram-se depois para as falésias de Dover. É a primeira vez que e'la vem a Inglaterra, sente-se naturalmente emocionada.

Eu também... Ali, naqueles rochedos sobre os quais a atenção de Marceline se concentra, estive eu em criança. Várias vezes. Muitas. Todos os anos. Sim, os meus pais passavam ali as férias e eu demorava-me largos instantes a sonhar com a França. A doce França — como dizia a minha mãe, que em Bordéus passara grande parte da sua adolescência. A imagem desse país tão próximo erguia-se para além das ondas e eu prometia a mim mesmo que havia de visitá-lo. Passei por Eton, acabei o meu curso no Magdalen College d'Oxford, e parti para Toulouse. Desejava estudar a fundo a poesia trovadoresca e passava o meu tempo a pensar nas cortes de amor do Languedoc. Sabia que no regresso um sorriso de rapariga havia de iluminar para mim as falésias de Dover...

Tudo começou numa noite de Primavera. Eu assistira à representação da *Traviata* no Capitólio, trazia ainda nos ouvidos a morte dolorosa da «Dama das Camélias». A maior parte do público desaparecia por entre as arcadas, mas eu não tinha pressa de voltar

a casa. Entrei no bar da Ópera e instalei-me ao fundo com um conhaque (e depois outro) na minha frente. Ouvia vagamente as conversas que me chegavam de todos os lados: discutia-se a interpretação dos cantores. E, de súbito, o meu olhar fixou-se numa rapariga que estava de pé, encostada ao bar. Os seus longos cabelos loiros caíam-lhe sobre os ombros e os seus olhos azuis brilhavam estranhamente. A mais bela rapariga do Mundo? Eu tenho coração... E havia um demónio, um demónio simpático, tutelar, que me soprava aos ouvidos que ela estava — que sempre estivera — à minha espera. Ainda ele não tivera tempo de tudo dizer e já a desconhecida me descobrira e me oferecia sem hesitação um longo sorriso. Não precisei de mais! Decidi amá-la...

E foi então que vi um homenzinho que surpreendera o sorriso da desconhecida e que procurava o destinatário. Deu comigo e franziu as sobrancelhas com um olhar furioso. Era um homem gordo que tinha aí os seus sessenta anos: estava de pé, junto da rapariguinha, e fez-lhe sinal para que bebesse rapidamente o seu copo de água fresca. Ela encolheu os ombros e bebeu o resto sem me perder de vista. O homenzinho agitava-se e chamava pelo criado em altos gritos. Mas para saírem tinham de passar ao pé de mim.

Quando passou perto da minha mesa, a jovem desconhecida deixou cair as luvas e baixando-se para as apanhar murmurou: «Quem é você?». Em seguida dirigiu-se para a porta, perseguida pelo homem, que parecia extremamente colérico.

Que fazer? Ao deixar a Inglaterra eu sentia-me orgulhoso da minha experiência amorosa. Depois de algumas semanas em França adquiri a convicção de que essa experiência era nula... Mas nessa noite de Primavera eu sentia-me desejoso de aventuras. E segui a sombra da rapariguinha dos olhos azuis.

Ela atravessou a Praça do Capitólio, cru-

zando-se com a multidão nocturna que se agitava diante dos restaurantes e dos cafés e, sempre acompanhada pelo velho, embrenhou-se numa rua sombria e estreita. De tempos a tempos o homenzinho virava-se para trás e não me era fácil esconder-me dos seus olhares. O passeio foi, felizmente, curto. Depois de ter ultrapassado uma pequena praça, os dois vultos pararam em frente de uma loja. O velho tirou do bolso um molho de chaves, abriu a porta e acabou por desapparecer.

A porta era pesada. Fiquei a olhar para a fachada da casa na esperança de que, de uma das janelas, me surgisse um braço gracioso a dizer-me adeus.

— Não torça o pescoço — disse súbitamente uma voz maliciosa. — O quarto dela dá para um pátio interior...

A meu lado estava um jovem, mas a luz era pouca e eu não conseguia ver-lhe o rosto. Ele prosseguiu:

— O senhor não me conhece? É certo que eu sou daquelas pessoas que ninguém dá por elas, mesmo à luz do dia... — Depois acrescentou com um sorriso: — Engraxei várias vezes os sapatos de V. Ex.^{ta}... Ainda esta tarde... Chamo-me Maurício.

— Muito bem, Maurício! A que devo eu a honra...?

— Eu estava no bar da Ópera e compreendi o sorriso da menina. Ela chama-se Marceline...

— Ah, Marceline! Faça-me então o favor de...

Ele interrompeu-me:

— De o levar aos seus braços? Nada mais simples. Mas não faça barulho...

Ele tirou do bolso uma grande chave e abriu silenciosamente a velha porta. Depois empurrou-me por um estreito e escuro corredor. Chegámos finalmente ao pátio.

— Olhe! — disse ele. — Aquela janela ilu-

minada é a janela de Marceline. A outra é a dele...

— Bravo, Maurício! Dar-lhe-ei tudo que quiser...

— Fale mais baixo! Se o velho nos ouve, mata-nos. Ele tem um ouvido apuradíssimo...

Cinco minutos mais tarde estávamos outra vez no bar da Ópera, onde ceavam alegremente os cantores italianos.

— Maurício — disse-lhe eu —, como arranjou aquela chave?

— Muito facilmente. Sou inquilino do velho.

Havia em Maurício um ar de seriedade que me cativou. Perguntei-lhe, deixando revelar inteiramente os meus sentimentos.

— Fale-me de Marceline. Quem é ela? Que faz? Tem noivo?

— Noivo? Quase... O meu senhorio é o tutor da menina. Ele deseja casar com ela...

— Não é possível!

— Sim, é possível... A menina é menor. Não pode dispor da sua fortuna e ele tem-na sequestrada. O velho é um grande comerciante da cidade. Negocia em tecidos. Ela não pode ver nem falar com ninguém. Ao domingo dão um passeio ao campo e uma ou outra vez vão a um teatro. Quando ela se mostra dócil, vão a um bar beber um copo de água... Ele oferece-lhe a liberdade, por estranho que pareça, em troca do casamento. E a situação piora de dia para dia.

— Que poderemos fazer? — pergunto.

— Raptá-la...

— Quando?

— Imediatamente...

Perturbo-me. Ele insiste:

— Ela disse-lhe alguma coisa?

— Disse. «Quem é você?».

— Bom. É porque tem confiança no sr...

Combinámos o rapto. O velho tinha um ajudante, um homem quase sinistro e inteiramente devotado ao patrão, mas com uma

fraqueza: o álcool! Maurício encarregar-se-ia de o levar até uma taberna e nesse instante eu chegaria à loja, dizendo que ele se achava mal disposto e que me pedia para o substituir durante umas horas.

Entretanto Maurício telefonaria ao velho e eu aproveitaria esses momentos para convencer a rapariga (que passava o dia na loja sob a vigilância do tutor) a acompanhar-me.

Vendo-a ali a observar as brancas falésias de Dover, como posso acreditar que tudo isto se passou? Como posso acreditar que ela é minha agora e que eu sou o homem mais feliz do mundo? Eu, que me chamo Jack Boulton e que nasci em Orpington — onde se criam as melhores galinhas da Inglaterra!

Sim, tudo se passou como estava previsto. A princípio, o velho olhou para mim desconfiado.

— Doente? Que tem ele? Ainda ontem estava de perfeita saúde... A menos que... Ah, deve ser alguma bebedeira!

Indicou-me a secretária, as facturas e os livros e pediu-me que trabalhasse depressa. Marceline estava ao fundo da loja e observava-me com olhos espantados.

Quando o telefone retiniu, o velho fechou-se na cabina. A loja estava nesse momento cheia de gente, os empregados andavam de um lado para o outro e ninguém dava por mim. Pude então aproximar-me do sítio onde estava Marceline e senti até ao coração a luz dos seus olhos azuis.

— Marceline, acredite-me. Adoro-a! Esteja à meia-noite ao pé da porta. Levá-la-ei para o meu país. Guardá-la-ei comigo toda a vida. — E entreguei-lhe a chave de Maurício.

Era tempo. O velho tutor acabava de sair da cabina telefónica e dizia em altos berros:

— Onde está o guarda-livros? Estão a brincar comigo! Onde estás, Marceline? — E encarando-me de frente: — Ponha-se imediatamente na rua!

Nesse instante chegava o guarda-livros e

eu pus-me a salvo o mais depressa possível. Que era feito da minha dignidade de antigo aluno de Eton e de Oxford? Fui encontrar Maurício a tocar harmónica ao canto da rua.

— No nosso tempo — disse ele ao ver-me correr — é preciso andar depressa. Pense na bomba atómica. Quem sabe se o mundo ainda durará três semanas?

Esse dia passei-o eu cheio de angústia. O velho tutor ficara decerto em estado de alerta. Não iria ele fechar Marceline numa torre medieval, cercada por numerosas muralhas?

Esta pergunta recebeu uma resposta à meia-noite. A essa hora Marceline saía o portão com passos de veludo. Entrou para o automóvel, sentou-se ao meu lado. Vinte minutos depois seguíamos os dois a caminho de Carcassone. Não trocámos dez palavras, nem mesmo trocámos um beijo.

Regressei a Toulouse. E depois, no dia seguinte, dispus-me a entrar em negociações com o velho... Negociações demoradas, em que eu tive de me servir de todo o meu sangue-frio, de toda a minha educação britânica, para não esbofetear o velho.

Por fim tudo se resolveu: o que ele pretendia da pupila era a fortuna. E quando eu lhe garanti que não me importava com o dinheiro, os olhos dele brilharam de felicidade...

Pronto. Não lhes tinha dito que tenho um coração? Que tenho um coração e uma mulher...?

Sim: a mulher está ali. É jovem, extremamente bonita. E os olhos dela — chama-se Marceline — mergulharam por instantes no mar cinzento e branco, ergueram-se depois para as falésias de Dover.

— Quinze dias antes como poderias adivinhar esta viagem? — pergunto-lhe.

Marceline ergue para mim os seus olhos doces e profundos:

— Sonho com ela há tantos anos! Com ela e contigo!

fim

BOÉMIA DE OUTROS TEMPOS

Por Lourenço Rodrigues

Agora que já não há corso nas Avenidas, agora que mal demos pela passagem do Carnaval há dois meses, recordamos os trens enfeitados e as galeras publicitárias, cheias de foliões de ambos os sexos a espalhar pelos transeuntes alinhados nos passeios o colorido **confetti** e as vistosas serpentinas. O Entrudo começava no Domingo Magro. Os primeiros bailes de máscaras começavam no dia da **Senhora da Conceição**, em Dezembro.

A população de Lisboa parecia endoidecer nessa quadra. As cegadas e as **troupes** musicais punham em alvoroço a nossa pacata cidade. Os mascarados que mais abundavam eram as velhas de capote e lenço e os chichés, uns pândegos de cabeleira de estopa, grande **facalhão** de madeira, rabicho e uns exagerados óculos de lata.

Na **cabeça**, um tricorne, muitas vezes com alusões mal-cheirosas. Calção e meia, a pedirem cinco reizinhos e fingindo espetar as pessoas que não contribuíam com o óbolo pedido. Havia ruas quase intransitáveis. De resto, os editais proibindo os folguedos carnavalescos já vêm de longe. Em 1817, o intendente-geral da Polícia proibia-os, mas, assim mesmo, quarenta pessoas foram presas nos três dias, por abuso de autoridade.

Bailes públicos bastante animados eram os dos teatros de S. Carlos, D. Maria e Trindade; Casino Lisbonense e Circo Price.

Dos bailes particulares, alguns deixaram fama, em especial os realizados pelos Condes de Penafiel no seu luxuoso palácio da Rua de S. Mamede ao Caldas.

No baile efectuado no Carnaval de 1865 estiveram mil e quinhentas pessoas. A sala principal era forrada de seda branca e os reposteiros, de seda azul. A sala da ceia estava forrada de cassa branca em cortina-

dos, suspensos por cordões escarlates presos por coroas de camélias. 2.560 dessas lindas flores sem cheiro.

Para a ornamentação total, vieram do Porto 16.000 camélias que importaram em 600.000 réis!

Calcule-se, portanto, a magnificência desta festa, abrilhantada por duas esplêndidas orquestras.

Os bailes dos Condes da Anadia e do Marquês de Valada tinham igualmente aristocrática assistência. Mas na história do mundanismo ficou o baile que os Marqueses de Viana ofereceram às suas relações, no Entrudo de 1855. O Palácio do Largo do Rato parecia pequeno para comportar tanta gente.

Desfilaram pelas lindas salas do seu Palácio costumes ricos e originais. No luxo das **toilettes** estava um tratado de heráldica. Toda a fidalguia dos mais empoeirados pergaminhos ali se reuniu para festejar a época festiva. Fez sensação entre os mascarados um grupo de rapazes elegantes representando os pretos da procissão de São Jorge e um baralho de cartas que foi o clou do baile.

Do Celeste Império veio expressamente um luxuoso traje de chinesa para D. Palmira Farrobo. Lá esteve o afamado Constantino, o rei dos floristas, homenageado mais tarde num jardim de Lisboa.

Ao baile assistiram o rei D. Pedro V, D. Fernando, o infante Duque do Porto e a infanta D. Ana. A família real foi recebida à porta do palácio pelo Marquês de Viana, Duque da Terceira e Barão de Sarmento. A fina flor lisboeta. D. Fernando dançou com a irmã do dono da casa, D. Pedro V com a Marquesa de Viana e o infante D. Luís com a Duquesa da Terceira. Como se sabe, o Marquês de Viana foi uma das mais esbel-



O Carnaval do Chiado no ano de 1900

tas figuras da fugidia corte de D. Miguel, de quem era oficial às ordens.

Já que estamos a relembrar Entrudos aristocráticos, temos de falar duma célebre festa efectuada pelo perdulário Conde de Farrobo no seu Palácio das Laranjeiras.

Realizou-se no Domingo Gordo de 1843 e foi oferecido à rainha D. Maria II.

O dia conservara-se tristonho; pela noite, uma longa fila de seges de aluguer e carruagens particulares enchia a estrada das Laranjeiras. A festa começou pela representação de uma peça em francês, superiormente desempenhada por D. Carlota d'ONeill, D. Mariana Quintela, Conde de Farrobo, Duarte de Sá e outros.

A família real esteve até às quatro e meia da manhã, mas dançou-se animadamente até ao nascer do Sol.

A esta esplêndida estância a que Oliveira Martins chamou, injustamente, «um eden de merceeiro rico», não faltavam constantes ele-

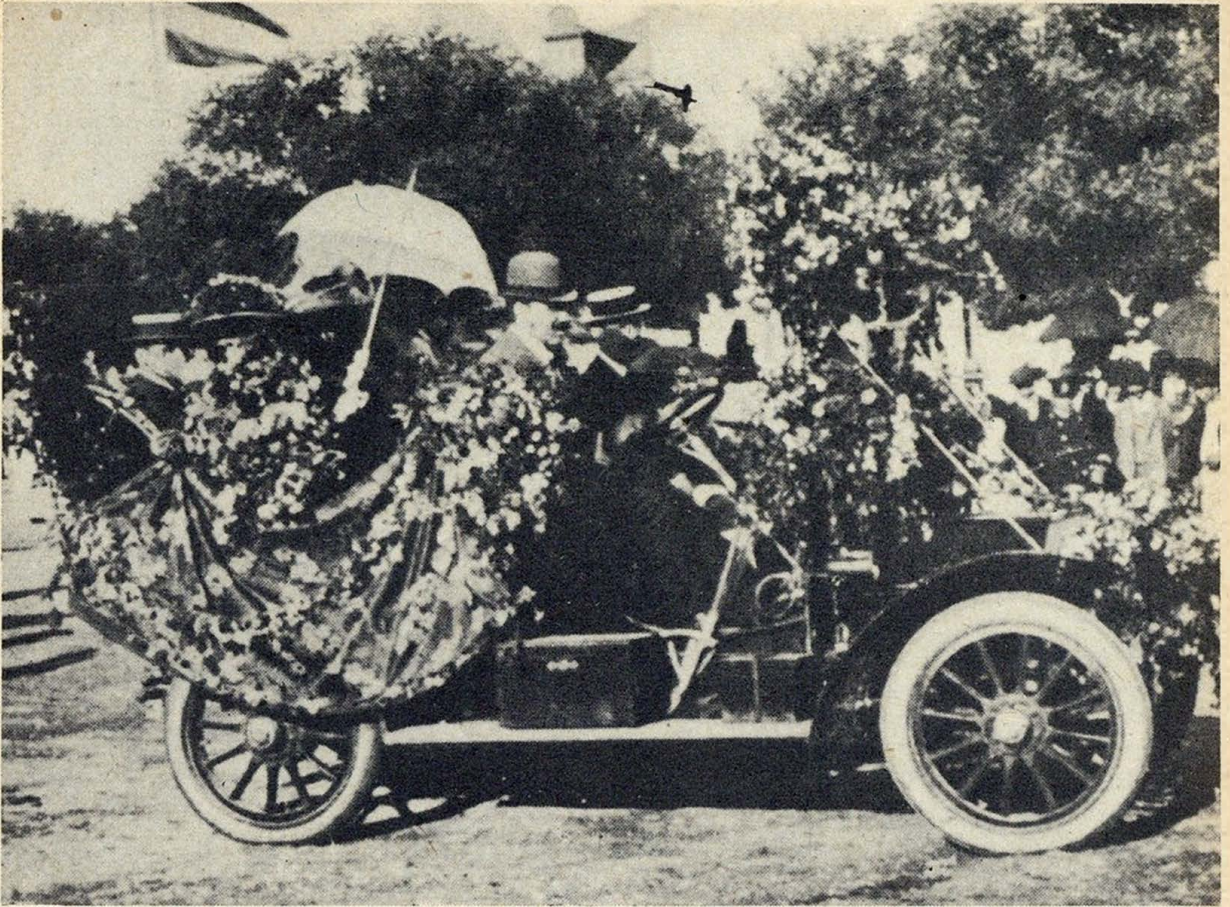
mentos de atracção. O conde de Farrobo era um artista requintado que teve artes de desperdiçar, no curto espaço da sua vida, uma fortuna que se julgava inexaurível.

Nessa noite de Entrudo, a Condessa, que fazia as honras da casa, ostentava um delicioso vestido de renda à **deux volants**, por cima de outro de cetim cereja e um penteado ornado de penas e brilhantes preciosos.

O Conde mandou, em sinal de regozijo pela presença da Rainha, distribuir dois contos pelos pobres, quantia fabulosa para a época.

Também a corte deu os seus bailes na altura do Entrudo e conta-se que no tempo de D. Pedro V aconteceu um episódio pitoresco e humorístico.

Um capitão da Guarda Nacional, depois de tomar o seu sorvete, bateu no ombro de um sujeito para lhe entregar o covilhete vazio. O indivíduo, olhando-o de má catadura, disse-lhe apenas: «merci, monsieur», o que



Primeiro prêmio de um carro ornamentado

provocou ao oficial um comentário agreste, dizendo: «Muito brutos são estes criados!». Apenas o homem que o outro tomara por criado... era o ministro dos Estados Unidos!

A corte divertia-se, aproveitando o paganismo da época, dançando e **flirtando**.

Mas voltemos ao Entrudo burguês. As famílias folionas andavam numa roda viva.

Nas salas que davam para as janelas, as criadas em azáfama enrolavam os tapetes e as esteiras, preparando-se os donos da casa para a luta que começava, em geral, por volta das duas horas da tarde.

E vinham os cestos de ovos e de farinha, os cartuchos de pós de goma, os sacos de alqueire cheios de tremoços, as laranjas, as batatas, a luva com areia que tinha a missão de esborrachar o chapéu de quem passava, e até fogareiros, tachos e alguidares partidos eram empregados na refrega. A assistência dos foliões variava. No **Baile Nacional**, à Guia, dançavam as costureiras e na **Floresta**

Egípcia bailava a caixeirada e divertia-se a burguesia.

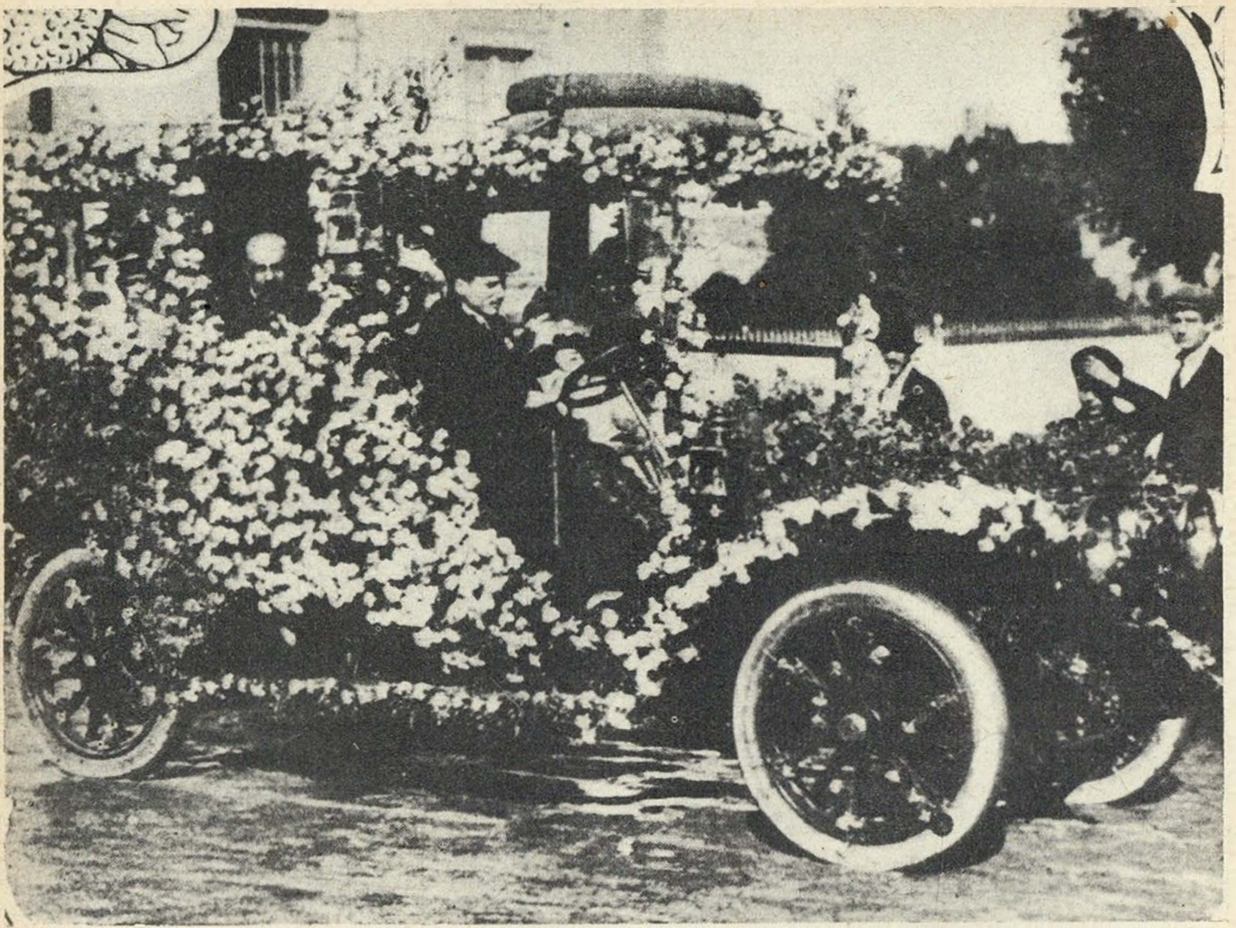
Os divertimentos eram diabólicos, como passamos a narrar: entrava-se em casa da vizinhança com as mãos cheias de cal e empoava-se o cabelo de toda a gente, estragando os fatos sem piedade.

Besuntavam-se as escadas de sabão e os trambulhões eram certos. Era vulgar quebrarem-se pernas e cabeças. Uma barbaridade!

Quem quisesse apanhar uma moeda de prata do chão arriscava-se a grande vexame, porque a moeda estava presa a um cordel que se puxava no momento preciso.

Das janelas faziam-se novas brutalidades.

Despejavam baldes de água sobre quem passava e atiravam sobre os transeuntes tudo o que encontravam no caixote do lixo: folhas de couve, cascas de batata, ossos, espinhas, etc. Isto era o velho Entrudo em que todas as classes se divertiam, mas que, felizmente,



O carro do capitalista Sotto-Mayor

acabou. A não ser os curiosos batalhões voluntários e a pitoresca Dança da Bica que já foi recordada no teatro, mais duma vez, pouco mais havia de saudoso no Carnaval do século passado.

O nosso Entrudo do século XVIII era bastante estúpido. Uma carta ao Conde de Oeiras, dirigida em 1771 por um francês, dizia:

«Aqui brinca-se o Carnaval de todos os lados e, para tornar a coisa mais frisante e menos equívoca, a Condessa de São Vicente diverte-se, do alto da janela, com uma bomba de incêndios.»

Uma das grandes batalhas foi aquela em que tomou parte o célebre tenor Mongini e os peraltas do Chiado. Os rapazes, guiados pelo Silva Canelas e seguidos de uma porção de galegos. Nesse tempo ainda não havia a Guarda Civil e foi o regedor do Sacramento quem interveio.

O Carnaval de São Carlos, que já descre-

vemos em um dos nossos artigos anteriores, tinha fama.

Mas uma escaramuça carnavalesca foi notável. A cena deu-se na Rua das Janelas Verdes, numa casa onde vivia o Visconde de Asseca. O titular desafiou para um combate de Entrudo o Conde de Carvalhal, que a boémia conhecia pelo «Trinta Diabos».

O Visconde mandou cuidadosamente untar de sebo as grades por onde os atacantes deviam trepar. Começou o desafio e os assaltantes, depois de um renhido tiroteio de ovos, pós de goma e cabacinhas de cheiro, tiveram de recorrer a armas de maior calibre.

Trouxeram uma bomba de incêndio que os aguadeiros iam enchendo de água. O Chico Belas, de roupão até aos pés, foi a uma tenda comprar pós de sapato e deitou-os na água da bomba. Correia de Sá, tio do Visconde, atravessou uma bancada em uma das janelas como se fosse um escudo e aguentou conforme pôde o líquido escuro. Até que

finalmente, apanhado em cheio, largou a bandada e capitulou. O D. Luís da Câmara Leme, um dos destemidos assaltantes, foi agarrado por duas senhoras e lançado numa tina de água.

Aqui têm, em rápido resumo, o que era o Carnaval do século passado.

Um escritor consagrado viu no velho cheché reminiscências do archeiro. O mesmo corte de casaca, o mesmo calção e meia, o mesmo sapato de fivela e o facalhão de pau em vez da alabarda. É uma comparação curiosa.

O Entrudo chegou a ser o júbilo máximo do alfacinha. Um mês antes já ninguém pensava noutra coisa. Separavam-se os jornais inúteis, para recortar e fazer rabos; cosiam à cadeira as abas do fraque do parceiro da bisca e apertavam a mão com um molho de ortigas.

À noite, havia quem fosse à corda do sino e começasse a tocar a fogo para incomodar toda a freguesia e fazer sair a bomba.

Ao jantar, se havia alguém de fora, deitavam vinagre e pimenta na sopa e mostarda no vinho!

As ruas continuavam invadidas por várias danças, homens ataviados em trajes de mulher, de chapelinho ao lado, caracóis a caírem nos ombros, saia curta, perna à mostra, seio de improvisado; e pastorinhas chupando o seu cigarro brejeiro. As ruas eram pequenas para eles.

Um chefe de família dado à folia pensava vestir-se de Afonso de Albuquerque ou de Carlos Magno e lá ia de traquitana até ao Calhariz, a casa do José Vicente, conceituado *costumier* do tempo, e de lá vinha deslumbrante com o seu fato de máscara!

O *costumier* perguntava ao folião: — «E que é que o senhor deseja? Um guerreiro de oito tostões ou um Vasco da Gama de setecentos e vinte?».

Em seguida, já paramentados e de caraça, vinham para a rua contender com quem passava.

Dois séculos depois da publicação de um alvará de Filipe III, que proibia nas ruas de

Lisboa as «laranjadas e brigas de Entrudo», os nossos governadores civis entenderam que as brincadeiras carnavalescas estavam a tornar-se excessivas e ordenaram aos subordinados que reprimissem os abusos que o Entrudo permitia.

Não se regressou à prática das festas de Igreja nos três dias de Carnaval, como no ano de 1608, quando se introduziu o jubileu das quarenta horas, que tinha por fim distrair os ânimos das tropelias carnavalescas para as diversões de Deus.

No jubileu das quarenta horas que ainda se celebrava no tempo de D. João V, enfeitava-se a Igreja de São Roque com a maior pompa, levantava-se na capela-mor uma pirâmide doirada e por cima dessa pirâmide, onde se expunha o Sacramento, via-se um Arcanjo que, por determinado artifício, abria e fechava as asas, ocultando ou descobrindo a custódia.

Esta ingénua visualidade atraía, por algumas horas, a atenção do público. Era tal a aglomeração de gente a confessar-se e a comungar naqueles três dias, que só em São Roque, houve quem contasse para cima de 20.000 pessoas!

No Domingo Gordo, saíam em procissão, os meninos que frequentavam as escolas, acompanhados pelos mestres. Na segunda-feira, outra procissão saía do Colégio de Santo Antão, organizada pelos estudantes desse colégio, levando cada classe um andor.

Por fim, na Terça-feira de Entrudo, saía outra procissão organizada pela Congregação de Nossa Senhora da Doutrina de São Roque, levando a imagem num andor de prata, indo o Rei a uma das varas do pátio, seguido da Corte. Tudo isto entretinha o povo, desviando-o dos folguedos carnavalescos.

Depois, já há meio século, o povo começou a divertir-se com as batalhas de flores da Avenida da Liberdade e os longos cortejos percorrendo as ruas principais. Hoje, tudo isso acabou e o Entrudo é pouco mais que uma insistência do almanaque.





METRO-GOLDWYN-MAYER

cinemaScope
metrocolor

A HERANÇA DA CARNE

«home from the hill»

realizado por VINCENT MINNELLI

com

ELEANOR PARKER
ROBERT MITCHUM
George Hamilton
George Peppard
Luana Patten



Wade Hannicut é um gozador da vida e conhece todas as mulheres da cidade, principalmente as casadas. É o homem mais rico da terra, o que melhor recebe, melhor conta histórias, melhor caça... o que tem mais encanto também para as mulheres. Hannah (Eleanor Parker) sua mulher, sabe tudo isto, tal como a cidade sabe que o seu casamento é de fachada — desde que outra mulher apareceu com um filho de Wade, pouco depois de terem casado. Mas como tem dele também um filho, permanece em casa.



Theron (George Hamilton), o filho, é um menino mimado pela mãe a quem o pai pouco liga e só depois de ter sido vítima de um grupo de gozadores locais que lhe faz uma partida tradicional na terra, resolve o pai ocupar-se dele.

Durante uma caçada, numa pequena cidade do Sul, um tiro é deliberadamente apontado ao capitão Wade Hannicut (Robert Mitchum). Rafe, seu filho natural que ele nunca reconheceu, consegue salvá-lo no último instante atirando-se com ele para o chão. O quase-assassino é um jovem marido ciumento. «Eu nem sequer o conheço» diz Wade. «Mas conhece a minha mulher» grita desesperado o rapaz.

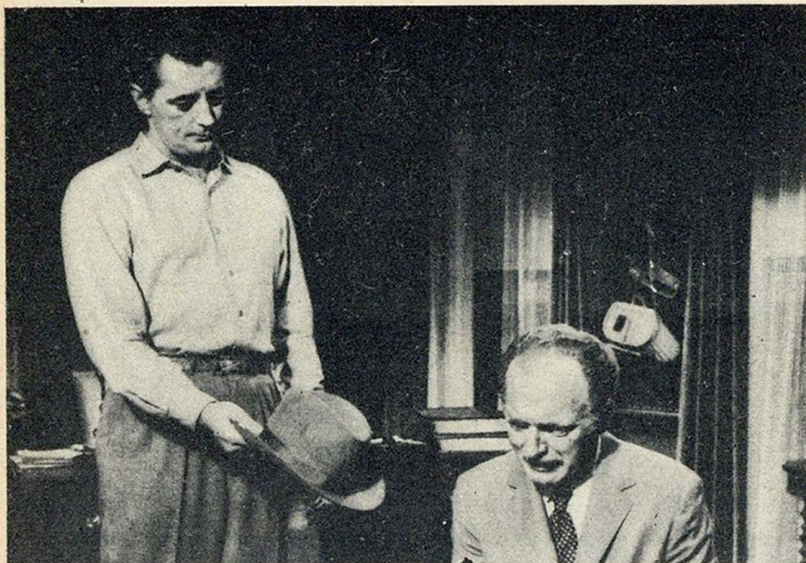
o filme do mês



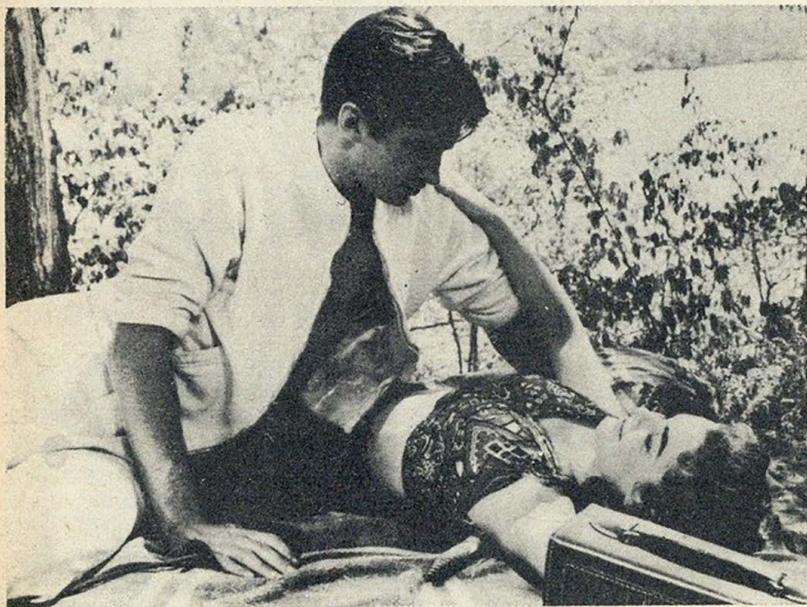
Sob a égide do pai e de seu meio-irmão, Rafe (George Peppard) que lá em casa vive, Theron vai crescendo e torna-se um homem. Prova a sua coragem ao matar, durante uma caçada, o maior e mais perigoso urso.



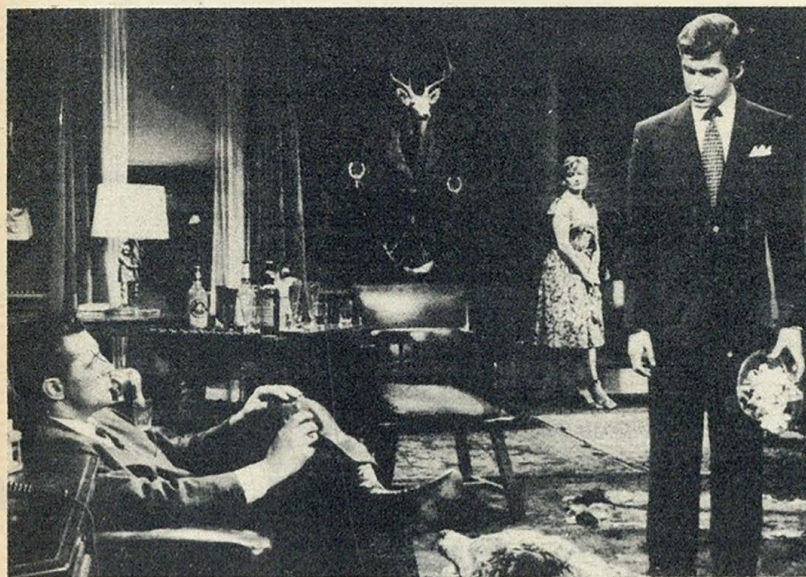
Toda a comunidade é convidada para uma festa em casa dos Hannicut, para celebrar o facto...



...mas para Theron a festa acaba mal, pois Albert Hals-tead (Everett Sloane), pai de Libby (Luana Parker) recusa autorização à rapariga para o namorar. Theron está apaixonado e o receio manifestado pelo pai de Libby de que ele venha a ser como o pai, du- plamente o fere.



O jovem par passa a encon- trar-se sub-repticiamente...



...e depois de uma noite pas- sada nos bosques volta a casa durante uma discussão fami- liar e é brutalmente posto em face da verdadeira conduta do pai — e do facto de Rafe ser seu meio-irmão e o pai não o querer reconhecer.

Dai por diante evita toda a gente, excepto Rafe e só um simulado ataque de coração de sua mãe o faz regressar a casa.





Quando Libby sabe que vai ter um filho de Theron, recusa-se a revelar-lhe o facto; é Rafe quem a ajuda e é com Rafe que finalmente casa.

No dia do baptizado toda a gente está contente, até que o pai de Libby percebe, por um dito de espírito, que corre que o filho é de Wade e Rafe serve de cabeça de turco. Furioso, procura o capitão que, nesse momento está pensando refazer o seu matrimónio com Hannah. A bala parte e desta vez acerta no alvo. Wade Hannicut morre — sem chegar a reconhecer Rafe como seu filho.

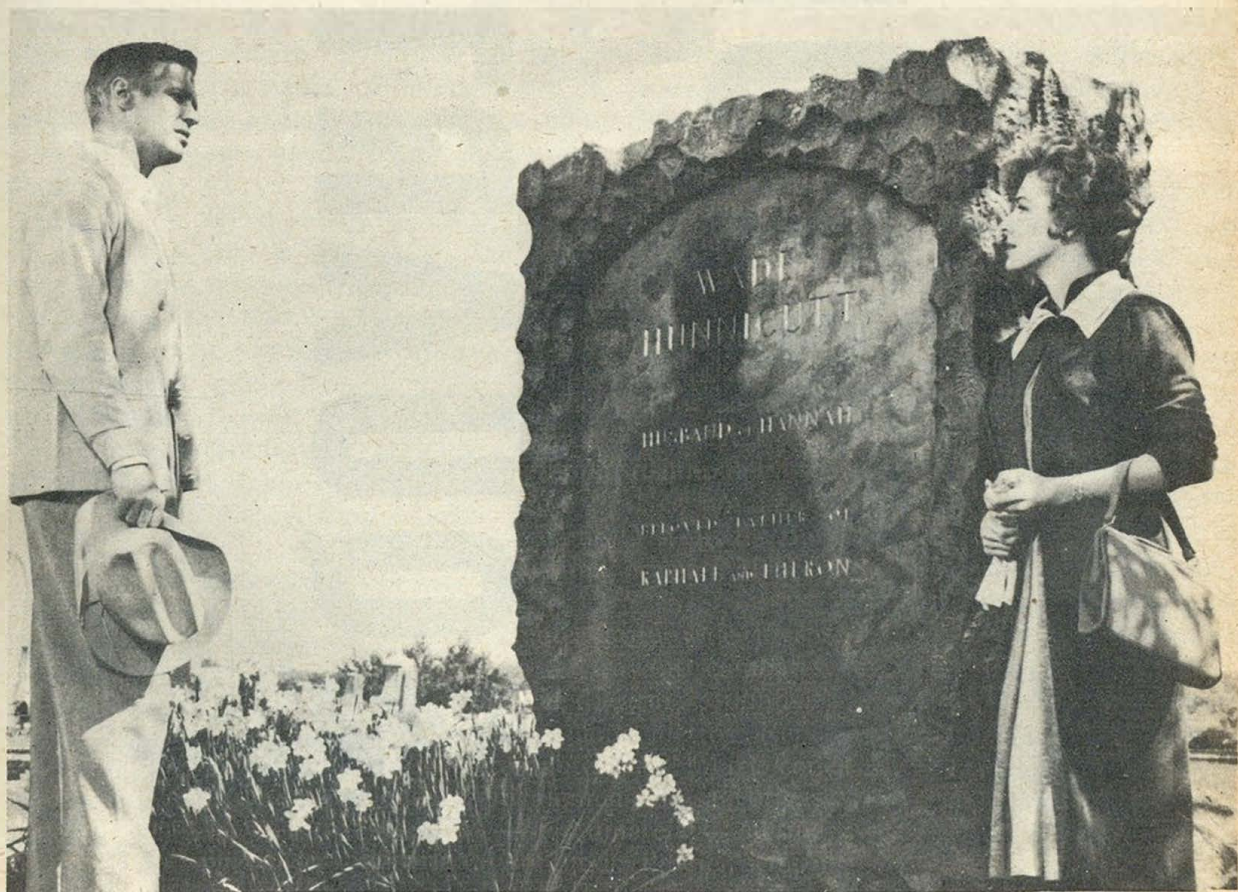


Theron persegue o assassino, abate-o e depois foge. Rafe e Libby permanecem com Hannah e a vida da família continua. Sabe-se que Theron está algures nos bosques, mas a tradição mantém-se e no túmulo de Wade fica escrito:

Wade Hannicut
esposo de Hannah

Amado pai de
Raphael e Theron

FIM



JUVENTUDE
(PARA ANÁLISE)
ESQUARTEJADA

AMÉRICA para onde vais?

Observo, saindo de Washington Square Park, um grande rapaz com cabelos selvagens. Pernas elásticas, costas de atleta, um rosto que parece vacilar entre a doçura e a violência. Tem os pés descalços e dança. Um cão corre atrás dele. Pára, pega no cão ao colo, depois manda-o seguir outra vez para o parque. Um negro vigoroso atravessa a rua. Os dois conversam por uns instantes, depois despedem-se. O rapaz continua a dançar e, súbitamente, senta-se no rebordo do passeio, fecha os olhos e tosse.

— Chamo-me Turco! Não ouve a tosse do Turco? Esta tosse já contagiou muitas raparigas. Tuberculosas!

Dá uma gargalhada, levanta-se e, depois de ter dado uma volta completa sobre si mesmo, continua a dançar. Fala para mim:

— Tu! Se queres vê-los, eles estão no parque!...

Desaparece. O Sol acaba de nascer. Aqui e ali vêem-se pessoas apressadas que se dirigem para os empregos. Entro no Washington Square Park e vejo-os ao pé dum repuxo: são eles, os jovens que procuro. Divertem-se com o cão e riem-se muito quando ele se magoa. Depois, aproxima-se o senhor Rat. É um velho fiscal. Pergunta a Lefty, apontando para uma rapariga loira, muito bonita, que se diverte num baloiço, as pernas nuas:

— É a namorada de vocês todos?

Lefty não lhe responde, mas vira-se para os amigos e grita-lhes:

— Ouvem? O senhor Rat acaba de escapar de boa... Havia de estar cá o Turco! Nunca viste as costas dele? Vinte e sete agrafes... Várias navalhadas... Foi na semana passada em Brooklyn, uns companheiros fizeram-lhe essa mesma pergunta. Ele perdeu a cabeça. Mandou três para o hospital...

Entretanto chegam outros rapazes com os braços carregados de pão italiano, garrafas de leite, etc. Deram uma «volta» pelas lojas (isto é: roubaram).

— Até logo — dizem-me.

Nessa manhã os títulos dos jornais afirmarão: «É cada vez maior a delinquência juvenil».

O «RETIRO»

Dirijo-me a Greenwich Village. Aqui, as ruas não são numeradas como sucede no resto da cidade, têm nomes: Rua Sullivan, Rua Bleeker. É numa dessas ruas que se acha o **Retiro**. Fica na cave dum velho edifício que foi sucessivamente um bar no tempo da Lei Seca, um clube privado, um teatro experimental.

Estão lá uns vinte rapazes e Mary, a rapariga do Turco. Os quadros do grupo são constituídos pelo Turco (que preside), por Roslyn, filósofo barbudo, meio indiano, meio irlandês; por Nathanaël, o poeta do grupo; pelo Cabo Ronha, assim chamado porque esteve na tropa e nunca foi promovido. Um único membro do grupo não vive no **Retiro**: é o Dr. F. M., antigo psiquiatra com cabeça de gnomo. Todos os dias ele distribui comprimidos de vitaminas, dexedrinas e outras benzedrinas. É o cérebro do grupo. Os companheiros vão ao apartamento dele duas ou três vezes por semana para tomar banho, jogar, fumar **marijuana**...

O **Retiro** não está fechado a ninguém. O Turco costuma dizer: «Aqueles que têm necessidade de nós procuram-nos e então passam a ser nossos camaradas. Mas o **Retiro** está defendido contra a polícia. No interior há vários túneis e portas falsas. E depois,

a desarrumação completa... A cave tem numerosas celas onde eles vivem.

De todas essas celas, a maior é a do Turco. Nas paredes dispõem-se várias armas, condecorações e, escritas a negro, algumas obscuridades. Na cela de Nathanaël há numerosos livros: Michaux, Hölderlin, Novalis, Genet, Rimbaud, Blake, estudos sobre o Budismo, revistas de poesia...

Como diz o Turco «Precisamos de viver debaixo da Terra se não quisermos ser esmagados vivendo sobre ela...».

UM HERÓI QUE DESERTOU

— Quais foram as origens do **Retiro**? — pergunto ao Turco.

— Eu fiz a guerra da Coreia, fui condecorado por actos de bravura, ferimentos, etc. Depois fiquei aborrecido com toda essa história da guerra, com esses morticínios, e resolvi desertar. Deram comigo na Turquia. Vivia com uma mulher. Eu estava farto, fartíssimo da América. O meu pai abandonara tudo, as suas ambições, as suas ideias durante a grande crise... A minha mãe não compreendia nada. Oh, eu gosto muito dela...!

«Na escola os meus camaradas batiam-me porque eu preferia ler a brincar aos **gangsters**... Depois, como ir para a Universidade se não tinha dinheiro? Então, alistei-me na Marinha para ser um herói, mas já não há heróis... Deixada a Marinha, dei a volta ao Mundo, fiz contrabando, pus-me de novo a ler... Agora toda a gente diz que eu sou um bárbaro, mas eu limito-me a dizer: quando os bárbaros surgem nas fronteiras é porque há qualquer coisa dentro que não corre bem.

E preciso viver, mas eu não quero trabalhar como toda a gente. Restam-me três meios de existência: o primeiro, é roubar. Isso não posso fazer. Viver à custa das mulheres também não. Ficava-me pois uma última hipótese: ser proprietário... E então encontrei esta cave. De início eu estava só. Os outros vieram a pouco e pouco, incluindo Mary. Encontrei-a num **bar**. Já a viste. Ela está neste momento no **Harmony**. Há muitas negras lá, não é? Mas os negros têm um segredo: a alegria interior. E Mary também. Eu não, ainda não a consegui.

MARY

Greenwich Village mudou muito nestes últimos tempos. Os **coffe-shops** atraem numerosos artistas, intelectuais e ociosos de Nova Iorque. Descubro Mary, vedeta da **juke-box**, com um negro. O Café está cheio de jovens, quase todos com óculos escuros. Aproximo-me de Mary e falo-lhe. Ela tem vinte anos e nasceu em Brooklyn. O seu pai é agente da Polícia. A família vive com desafogo. Abandonou a casa paterna sem dizer nada. Os pais nem mesmo sabem onde ela vive. Estuda comércio num colégio católico.

Sim, os pais sabiam que ela frequentava o **Village** com a sua amiga Carol, nos sábados à noite. De certa vez ficou a noite inteira fora de casa e os pais deram-lhe uma tarefa.

— O meu pai adorava-me. Mas um dia bateu-me. Vê esta cicatriz? Foi ele... De modo que deixei a casa. A única coisa que levei comigo foi o meu gato de pelúcia... Viu-o na cave? Tenho-o desde criança. Há em Brooklyn um rapazinho que tem um gato e um número 13 tatuados no braço. Ele tinha 16 anos e eu 14. Num dia 13 resolvemos ficar noivos.

Pára um instante, baixa a cabeça. Depois sorri com doçura:

— Eu tenho no meu quarto centenas de fotografias de Eddie Matthews. Quando ele se casou, chorei que nem uma Madalena...

Ela dá uma gargalhada. Bandos de rapazes e raparigas, a maior parte deles com menos de vinte anos, descem a rua. A violência é o meio de expressão desses jovens.

Mary continua:

— Dava-me muito com os porto-riquenhos. Eu era a única loira do grupo e os meus cabelos caíam-me até às ancas. Eles gostavam disso. Mas não pode dizer-se que eu fizesse parte dum **gang**. — Solta um risinho nervoso. Agora, dir-se-ia um anjo. Talvez por isso o poeta Nathanaël lhe chame **O Anjo de Botticelli**. — Por mais de uma ocasião, tive de me defender.

Por vezes os diferentes grupos de jovens encontram-se na rua e travam combates. Utilizam toda a espécie de armas: punhais, físgas que matam a cinquenta metros. Repetidamente, revólveres autênticos! Mary confessa que entrou em algumas dessas brigas.

— Aos sete anos — continua ela — eu queria ser dançarina. No fundo desejei sempre

ser actriz e ainda hoje tenho dois livros de teatro na mala.

— Quando vivia em Brooklyn, a Mary apaixonou-se muitas vezes?

— Sim, duas ou três vezes. Estive quase para me casar aos dezasseis anos, mas reflecti durante cinco minutos e acabei por dizer que não. Foi uma decisão importante... Não, eu não queria passar o resto da minha vida encostada a um canto da sala-de-jantar a ver televisão... Se ao menos ele tivesse dinheiro! E influência! Bom, também tinha de ser simpático, meigo.

Nathanaël acaba de entrar. Traz um grande livro debaixo do braço. Ele vem procurá-la para a levar a um Recital de Poesia. Convida-me também. Aceito. Na rua, ela acrescenta:

— Inscrevi-me no **Actors Studio**. Não sei por que estou tão nervosa esta noite. Durante estes últimos dias estive sempre muito calma. Mas hoje...

Na rua cruzamo-nos com um grupo de rapazes que se voltam para nós e gritam: «Olá, **beatniks!**».

UM RECITAL DE POESIA

Fomos depois, ao «Gaslight», onde a luz do dia nunca entrou, decorado à maneira de 1900. Um retrato de La Guardia dependurado numa das paredes fixa-nos com insistência. Noutra parede, um letreiro: «Poetas da Beat Generation». Atrás da caixa, tendo como fundo uma bandeira francesa, uma linda rapariga! «Café, cinquenta cêntimos. Não se esqueçam da gorjeta para os poetas». A sala está cheia, pessoas muito bem vestidas, do West Side, de East Side, de Bronx, de Connecticut. Os «poetry readings» estão em moda. Eles fazem parte da «night life» de Nova Iorque, como Frank Sinatra.

Quando chegamos já lá está o Turco. O organizador da sessão anuncia: «Os maiores poetas de Greenwich Village. Os sucessores de Maxwél Bodenheim, os autênticos **beatniks...**».

Nathanaël levanta-se e dirige-se para o piano. Acende um cigarro e tira do bolso um caderno negro. Tem um rosto muito fino e longos cabelos. É um jovem menestrel com um blusão militar e um ar um tudo-nada diabólico.

— Ah, sim... Escrevi este poema em Nebraska, no Inverno, quando me dirigia a São Francisco. Era de madrugada. Passara a noite ao ar livre, na valeta duma estrada. Estava cheio de fome. Pensei em vós, meus amados burgueses. Nas vossas camas, nos vossos lençóis brancos e lavados, nas vossas casas de campo e nos despertadores que vos acordam todas as manhãs. Pensei nos vossos automóveis, nos vossos almoços, nas vossas úlceras, nos vossos seguros de vida e olhei os pássaros que cantavam por sobre a minha cabeça. Descubri uma família de pardais aninhada num velho tractor abandonado e escrevi este poema: «Um tractor enferrujado estende os braços para os pássaros...».

Nathanaël recita pèssimamente e pouco se percebe do que diz. Mas sente-se a solidão, a agressividade sincera desse jovem de 17 anos! Lê outro poema dedicado a Rimbaud (Nathanaël tem a paixão de Rimbaud) e acaba. Vem de novo para a nossa mesa por entre aplausos. Pedem **bis**, mas ele recusa-se com a cabeça. Mary procura-lhe a mão e Roslyn avança para o piano. Caminha docemente apoiado à sua bengala, muito orgulhoso da sua pessoa. Tem o ar dum toureiro que entra na arena. Parece-se com uma rosa negra muito direita no seu caule. Poisa a bengala e anuncia uma sátira à Polícia: «O que há de melhor em Nova Iorque». Perante o silêncio completo da assistência, e'e começa a ler. Recita muito bem, sabe srblinhar os passos mais irónicos e a assistência sorri.

Depois chega o momento do Turco. Salta para cima do piano e grita:

— A Publicidade, o Sabão, a TV, que vem isso a ser? Sabem? Sabem? No último instante da hora final, o mundo desfaz-se deixando atrás de si uma porta aberta ardendo nos seus gonzos.

A boca do Turco, os olhos, as mãos, o olhar, a má dicção, tudo isso são elementos que conseguem conquistar o público. Quando o Turco se cala, o dinheiro chove no chapéu que Mary passeia pelas diferentes mesas.

PERSEGUIDOS...

Uma hora da manhã em Greenwich Village. Uma sessão de jazz. É Art Blakey quem dirige. Ouve-se: «Close your Eyes». Todas as cabeças acompanham o ritmo da música.

Na grande maioria, os presentes usam óculos escuros. Soltam gritos: «Oh, Yeahh... Oh, Yeahh... Go man groove». Nathanaël, quando a música pára, diz a Mark: «Nunca os ouviste quando Horace Silver tocava com eles?». E continua: «Eu costumava ir muitas vezes ao Jim Atkins e ficava a ouvir durante horas, sentado perto da **juke-box**, sem dizer nada, olhando para os burgueses que iam deglutindo os seus bifés e os seus pastéis. E eles não sabiam, não faziam a mais pequena ideia do que se passava».

A música recomeça. Eles sentam-se, todos, encostados à parede e com as pernas estendidas. O Turco, entretanto, aproxima-se. «Olá, Turco! Senta-te aqui! Vem ouvir a música!». O Turco senta-se mas surge um grande polícia como nos filmes de Charlot. «Vamos daqui para fora!» diz-lhes. Eles levantam-se e vão-se embora docemente. «Isto está cada vez pior», resmungam. «Para se ouvir música é preciso pagar...».

Então Roslyn teve uma ideia: «Porque não construímos um túnel que passe por debaixo da Village Gale? Não fica assim tão longe... E poderíamos ouvir a música de graça...».

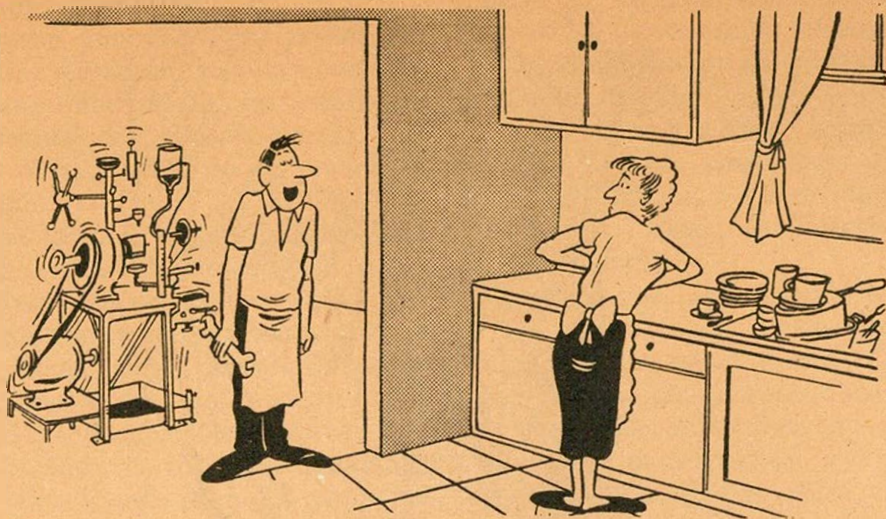
O Turco dá uma gargalhada. «É isso mesmo, meu velho. Que ideia genial! Cada vez mais enterrados na Terra! De resto, eu sou um especialista em questões de túneis... É isso: tanto nos perseguem que acabaremos enterrados, definitivamente enterrados!». E

acrescenta. «Olhem para mim... Sou um herói, hem? Um herói do Corpo de Fuzileiros Navais. Coreia, 1952... Durante toda a noite, os canhões. E as pulgas e os piolhos... Chineses por toda a parte... Que seria? Ah, era um assalto... Então eu gritei, e peguei num saco de granadas... Lá estavam eles... E então atirei-lhes as granadas. Eles avançavam... Ficaram feitos em pedaços... Eu estava cansado de ter passado todos aqueles dias metido num buraco. Agora era uma oportunidade... Ia atirando as granadas... Os chineses morriam, provavelmente tinham noivas à espera deles. Nunca mais os veriam!». Um momento de silêncio e acrescenta: «Bom, vamos para casa. Vamos dar uma sessão à memória de Art Blakey, de Charlie Parker e de Jimmy (Dean).»

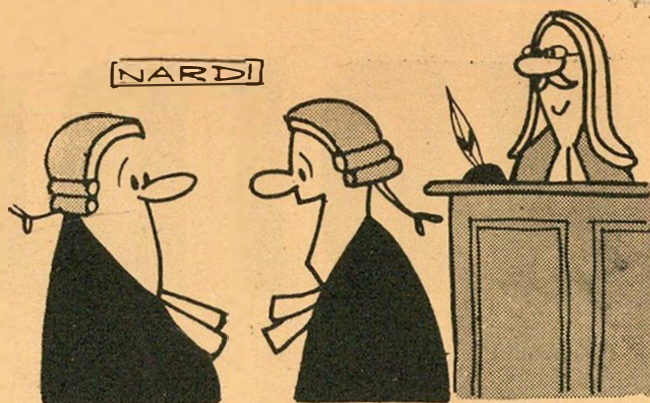
Mas o chefe da Polícia de Nova Iorque, preocupado, declara: «Doravante, os meus homens disfarçar-se-ão de cegos, de músicos ambulantes, de **beatniks**, etc.». E não é só a Polícia que torna difícil a vida do Turco e dos seus amigos. Os próprios Cafés, que tanto dinheiro fizeram à custa deles, começam a mover-lhes uma guerra implacável! E então os habitantes do **Retiro** decidem uma grande aventura: partir para o México. O México, a ilusão da Terra Prometida!

Adaptado de uma reportagem
de Robert Cardier

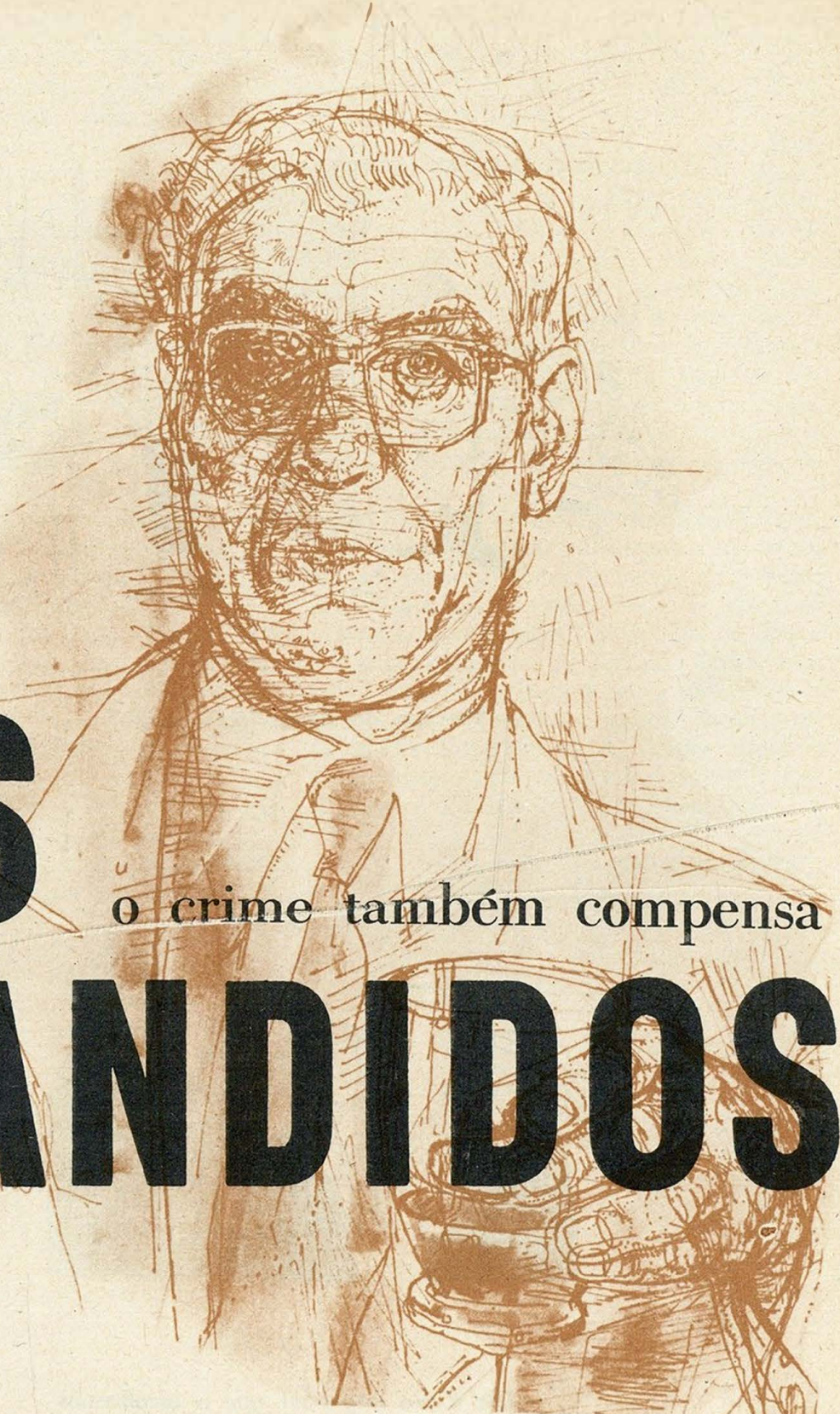




— Precisas de algum lápis afiado?



— Ele é tão imparcial que o escolhemos para presidir ao nosso próximo concurso de floricultura.



OS o crime também compensa
BANDIDOS

Lucky Luciano

A história do crime nos E. U. está intimamente ligada à emigração italiana. Na realidade, de AL CAPONE aos nossos dias, dos **gangsters** de Chicago aos negócios escuros de LUCKY LUCIANO, a emigração italiana tem fornecido os nomes de maior relevo do crime americano.

Este fenómeno tem dado que pensar aos sociólogos e aos criminologistas do novo continente, sempre interessados em estudarem o comportamento das diversas raças que contribuíram para a formação da população norte-americana.

Se, por um lado, o criminoso americano de origem saxónica e norte-europeia actua sempre no plano individual, por outro lado o criminoso de origem italiana actua sempre no plano colectivo, isto é, através de autênticas organizações e associações estruturadas em função da actividade a desempenhar.

Nos últimos anos, os tribunais norte-americanos têm lançado mão de todos os processos destinados a reprimir o aumento de criminalidade verificado depois da guerra. Mais de 500 criminosos italianos foram já deportados e forçados a regressar a Itália, sem **Cadilacs**, sem apartamentos de luxo e, muitos deles, sem os preciosos dólares que tinham adquirido por processos tão «curiosos».

Para a Polícia italiana, a chegada desta leva de celebridades constituiu um problema grave e as autoridades foram forçadas a to-

tantes criminosos, porém, vivem exilados em pequenas aldeias perdidas, onde morrem de monotonia e, possivelmente, de saudades — da vida norte-americana.

Nenhum é autorizado a ir a Roma e o único que lá pode residir é o antigo braço direito de Luciano, um indivíduo chamado Liguori, que se tornou célebre nos E. U. como administrador de prostíbulos e de negócios de drogas.

Liguori ganha a vida, actualmente, como guia de turistas americanos que conduz à volta de Roma e a quem mostra os monumentos e os locais de diversões da grande capital italiana.

É assim que Liguori conta a sua história:

«Não tenho nada contra este país mas a verdade é que não é o meu. Quando saí de Sing Sing o juiz perguntou-me se eu queria vir para Itália e eu disse que não, que preferia voltar para a cadeia. Fui para os E. U. ainda criança. Quando para aqui vim nem sabia falar italiano... Nem sequer sabia onde ficava a Itália... Mesmo assim deportaram-me e para aqui estou há 12 anos. Achar isto democrático?»

Liguori tem da democracia um conceito muito pessoal, como se depreende desta interessante exposição...

Em Nápoles vivem cerca de 200 criminosos exilados. Blackie, Willie e Wop são exemplos típicos dessa gente que foi obri-

EXILADOS

mar medidas especiais destinadas a proteger a população, destes «turistas» indesejados e inesperados. Assim, destes 500 criminosos, a grande maioria é obrigada a residir nas suas terras originais e só os mais influentes são autorizados a residir nas grandes cidades.

Lucky Luciano, que herdou de Al Capone o trono do crime norte-americano, vive em Nápoles. Spinella tem residência fixa em Capri e Joe Adonis em Florença. Os res-

gada a abandonar os E. U. para regressar a Itália.

Blackie conta que foi preso pela polícia italiana 32 vezes no mesmo ano e acrescenta: «Não que eu tenha posto um pé fora do risco... Nesta cidade nunca roubei nada...»

Willie ouve o amigo e comenta filosoficamente: «Não há nada que roubar nesta cidade...»

Blackie ouve o comentário e mete a sua colherada: «Mesmo que houvesse, os napolitanos roubavam-na antes de nós...»

A forma como os criminosos exilados são tratados pelas autoridades é narrada por um deles:

«Se roubássemos alguma coisa, a Polícia estava à nossa espera de braços abertos. Para onde poderíamos ir? Para o mar? Basta pormos um pé na água para aparecer logo um polícia a identificar-nos...»

Alguns deportados tentaram, em Itália, regressar à sua actividade anterior mas, diga-se de passagem, não foram bem sucedidos.

Coppola, por exemplo, foi apanhado pela polícia com uma mala cheia de heroína e tentou fugir. Encontra-se presentemente, num hospital...

De que vive, porém, esta gente?

Wop esclarece este ponto numa forma que não deixa dúvidas:

«Houve uma altura em que não tínhamos nada. Durante 21 dias vivemos de pão e de figos... Agora trabalhamos no porto. Os que conseguem manter uma aparência decente ganham a vida à porta dos hotéis vendendo canetas Parker 51 falsas e cigarros de contrabando... Os outros ganham o que podem quando podem...»

Lucky Luciano vive em Nápoles, num bom apartamento situado na Via Tasso. Só

em 1958 é que foi autorizado a ter telefone em casa, o que bem mostra a desconfiança com que é tratado pela polícia italiana e pela Interpol... Desde que chegou a Nápoles a cidade voltou a ser um centro de contrabando de drogas da Europa mas, apesar de todos os esforços da polícia, ainda não foi possível relacioná-lo com este fenómeno.

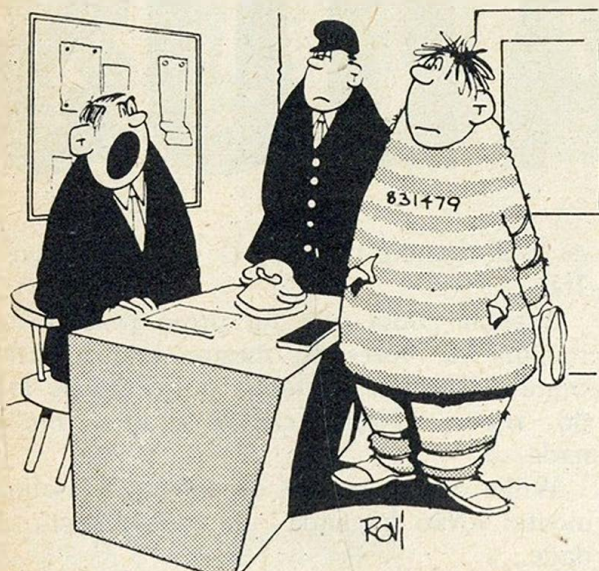
«Andam a vigiar-me, diz Luciano, mas não faz mal...»

Quando as autoridades lhe ordenaram que trabalhasse, o celebrado bandido tornou-se caixeiro viajante mas, ao que parece, não gostou do emprego. Pouco depois abriu uma pastelaria em Palermo e, mais tarde, uma farmácia na elegante Via Chiatamone. Todos os seus empreendimentos faliram, como faliu uma fábrica de móveis que montou na Piazza Dante.

Dos restantes criminosos, diz Lucky Luciano: «Vivem na miséria. Todos, mais tarde ou mais cedo, vêm ter comigo. Às vezes dou-lhes mil liras para tomarem banho e almoçarem mas não sou um banco...»

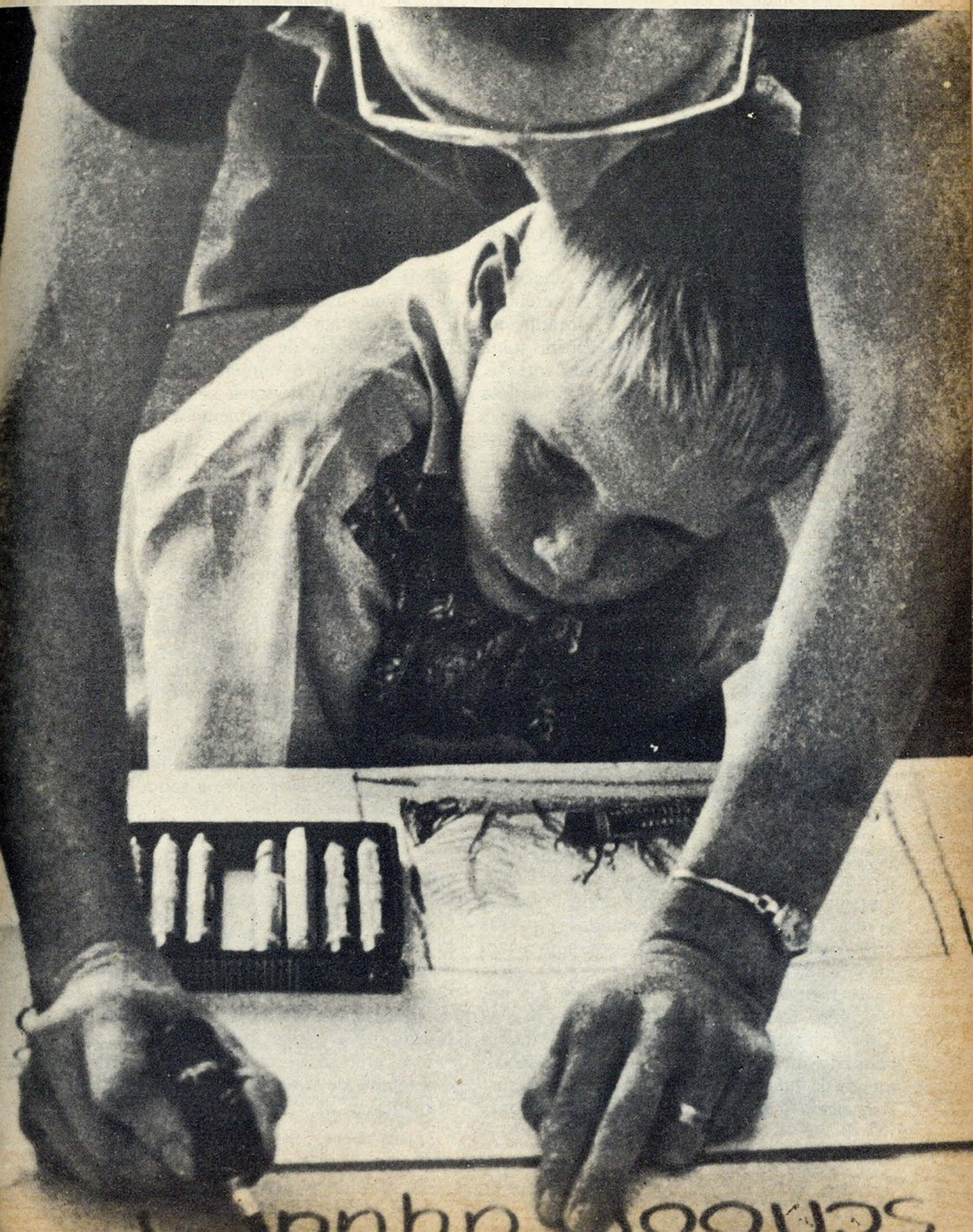
E de si próprio?

«Estou a envelhecer. Já não quero deslocar-me mais... Tenho aqui o meu negócio e a minha casa... O Liguori ainda fala em voltar aos E. U.? Sonhos. Tudo isso são sonhos...»



— E, o que é ainda pior
— és a vergonha do uniforme!

piidade para as Crianças



os alunos das escolas estudam de mais?

— Levanto-me todas as manhãs às 7.15 h. Regresso a casa às 19.30 h. Janto. Tenho de estudar durante uma hora. Raras vezes me deito antes das dez.

É uma criança francesa de 12 anos que fala assim, numa das salas de conferências da casa da U. N. E. S. C. O., durante um colóquio que tem este tema: «O ensino toma em consideração a saúde dos estudantes?».

É evidente que uma criança portuguesa não responderia exactamente assim. Das duas uma: ou diria que tinha aulas apenas de manhã, salvo raras excepções, ou diria que tinha aulas apenas de tarde (nos Liceus em que, a falta de salas, obrigam a um desdobramento). Normalmente, portanto, a criança portuguesa tem a tarde para estudar, tem o tempo mais aliviado do que a francesa. Por isso mesmo, seria curioso que os especialistas comparassem o caso delas com aquilo que sucede às francesas. Quais dos alunos estão em desvantagem?

No colóquio acima citado, as conclusões foram muito graves. Num grande número de casos, os alunos do Liceu não podem deitar-se antes da meia-noite e nem mesmo têm tempo de praticar um pouco de desporto!

Os professores, que falaram em seguida, confirmaram as declarações dos alunos e referiram-se aos erros actuais do ensino. Dessa maneira eles concordavam também com a grande maioria dos pais inclinados a pensar que os filhos trabalhavam demasiado e em más condições.

«A higiene escolar e universitária fez um magnífico trabalho, sublinha um dos professores consultados, mas ela até aqui tem-se ocupado apenas da saúde do corpo, especialmente da luta contra as doenças infecciosas. É chegado o momento de nos virarmos para

um outro problema: o das perturbações nervosas e mentais que ameaçam gravemente o equilíbrio psicológico dos nossos filhos e que podem vir a ter no futuro graves consequências, quando forem adultos. Já se tem falado em *surmenage* escolar. Mas o caso é mais grave do que parece: não é apenas o trabalho que é demasiado, é também a organização desse trabalho e das horas de descanso, os transportes longínquos e fatigantes, a insuficiência alimentar, o repouso mal organizado, quase inexistente. O problema é grave e devemos estar reconhecidos aos alunos por terem sido eles quem o levantou, pondo-o assim perante os olhos atentos dos mestres e dos governos».

Problema grave? Decerto. Um problema difícil a juntar-se a outros problemas difíceis. Pois não é verdade que não só em França ou em Portugal os professores rareiam, as salas de aula são cada vez mais pequenas para o número sempre maior de alunos e os professores se vêem incapazes de cumprir satisfatoriamente a sua espinhosa missão?

Segundo o Instituto de Demografia francês (e seria interessante saber quais as cifras referentes a Portugal) o número de deficientes mentais de 7 anos que frequentam as escolas oscila entre 2 a 3 %. Aos 11 anos o número sobe a 15 %.

O défice mental acentua-se portanto com a idade. A escola, em vez de ajudar os alunos, arrisca-se a desequilibrá-los ainda mais. Por outras palavras: em vez de criar homens, corre o perigo de multiplicar os atardados.

Um excelente estudo sobre «a inadaptação da escola ao mundo contemporâneo e as suas repercussões sobre a saúde moral das crianças» permite-nos saber algumas das causas desta lamentável situação...

Já antes de entrar na escola, a criança é enfraquecida, nas suas potencialidades psicológicas, pela influência do meio familiar. O mundo dos pais é quase sempre um mundo de permanente angústia. A alta dos preços, o medo de perder o emprego, o risco duma doença que desorganize completamente o orçamento familiar, tudo isto significa insegurança, receio pelo dia de amanhã. Ora a criança é muito receptiva e respira esse clima de insegurança, sofre-lhe as consequências.

UM ENSINO QUE NÃO CORRESPONDE ÀS NECESSIDADES DA ÉPOCA ACTUAL

Pois bem: qual a contribuição da escola ou do liceu para vencer esse clima familiar? A escola fornece na prática, aos seus alunos, um ensino imutável que, com poucas excepções, não corresponde às necessidades da época actual. As crianças não se interessam por um ensino morno, fundamentado em matérias mortas, inteiramente separado do mundo vivo que os jornais todos os dias lhes revelam. Não só os jornais: até os aviões de jacto que sulcam os céus! Para a grande maioria das crianças, o ensino escolar que deveria prepará-las para a vida é desprovido de qualquer interesse, algo que elas encaram como uma obrigação e nada mais.

PROFESSORES DESILUDIDOS

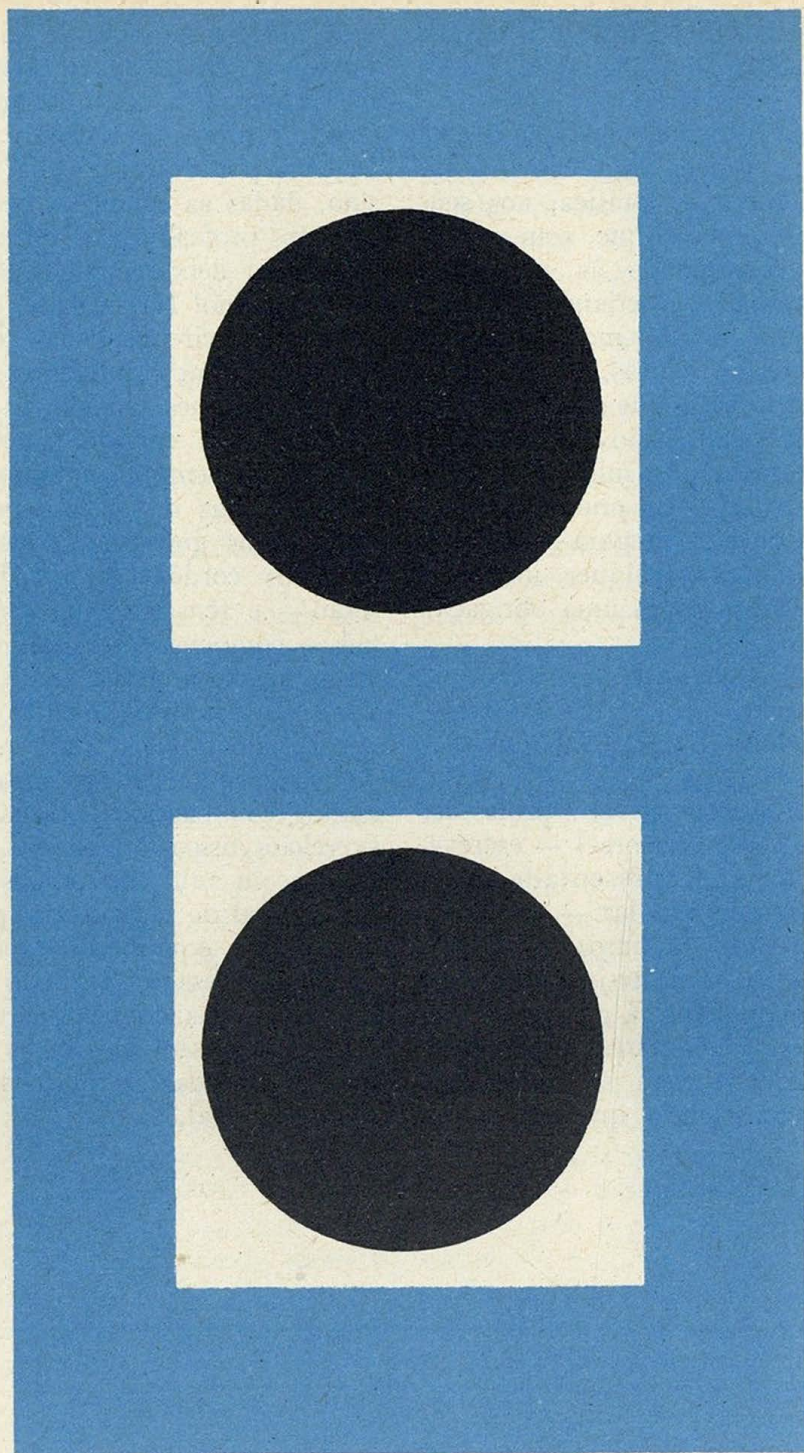
Em que medida é responsável o professor?

«Muitos deles (os professores) — escreve-se numa comunicação apresentada a um congresso de higiene escolar — tornam-se «guardas» indiferentes, ou puros repetidores de noções que expõem hoje da mesma maneira que as expunham há dez anos. Não são apenas as condições materiais do ensino dos professores que devem ser criticadas, mas também a consciência que esses mes-

mos professores têm da inutilidade do seu trabalho». De facto, em certos liceus as turmas chegam a ter quarenta e tal alunos! Quantos professores cheios de boa vontade, acabam por desesperar da eficiência do ensino, dadas as condições em que trabalham! Quantos professores se entregam a uma pura rotina por deixarem de acreditar na eficiência do ensino! Na verdade, como podem eles nas actuais circunstâncias conhecer cada um dos seus alunos, interessar-se por cada um deles e dar-lhes remédio às naturais dificuldades? E no entanto a solução não é impossível. Exemplos numerosos provam que os problemas do ensino podem ser resolvidos (se os governos estiverem dispostos a abrir os cordões à bolsa). Os resultados serão — e têm sido nas escolas experimentais — compensadores, tanto sob o ponto de vista da saúde física como sob o ponto de vista do equilíbrio mental.

63 % dos alunos franceses têm de estudar depois do jantar. Pergunta-se, portanto: estes alunos, com excesso de trabalho, com falta de exercícios físicos adequados, com falta de ar puro, com falta de repouso, vivendo num clima geral de nervosismo, poderão vir a ser os adultos equilibrados que o mundo de amanhã necessita? Segundo o Doutor Forestier, 60% das crianças actuais são infelizes e aprendem sem alegria as diferentes matérias, submetidas ao que consideram uma fatalidade social.





três depoimentos de aviadores suicidas japoneses

Todas as cartas que se seguem dispensam comentários. São testamentos de homens que iam morrer dentro de algumas horas. A sua resignação, a sua revolta, o seu fanatismo ou a sua desilusão, o seu desejo de «salvar a face» e o de ser sincero misturam-se, e é talvez dessa mistura que vem esta beleza e este tom fora do vulgar.

Carta a um amigo:

Sinto-me orgulhoso por haver sido escolhido como piloto kamikazé e pertencer a este corpo, símbolo do espírito militar da minha gloriosa pátria. Se eu quisesse ouvir apenas a minha razão e usar dela conforme os princípios em que acreditei enquanto estudante, saberia que a vitória da liberdade não pode ser posta em causa. Talvez me acusassem de «liberalismo». Mas a liberdade é a própria essência da natureza humana e não pode ser aniquilada.

Mesmo que queiram abafá-la, ela continuará a lutar e acabará por vencer. Isto é uma verdade que já outrora foi enunciada pelo filósofo italiano Benedetto Croce.

Os Estados totalitários serão, finalmente, vencidos; a sua prosperidade é apenas temporária. Os países do Eixo deram-nos a prova disso no decorrer desta guerra. Que foi feito da Itália fascista? E da Alemanha nazi, já vencida? Estes Estados totalitários estão actualmente a desmoronar-se como um edifício cujos fundamentos tivessem sido oscilantes. Os acontecimentos actuais não cessam de testemunhar este valor superior da liberdade. Foi sempre assim no passado; a História provou-o constantemente.

Que a minha convicção se justifique e será talvez uma catástrofe para a minha pátria. Que importa? Sentir-me-ei feliz com isso. Uma luta é sempre baseada numa ideologia. Ora, como eu disse, o desfecho da guerra é facilmente previsível. Teria querido que o Japão — minha pátria muito amada — se tornasse um grande Império, como outrora o Império britânico, mas está demonstrado que a minha ambição é vã. Se os japoneses que amam verdadeiramente o seu país tivessem sido ouvidos, não teríamos chegado a semelhante desgraça. O meu sonho era que pudéssemos caminhar no mundo com altivez.

Disse-me um amigo que o piloto kamikazé não é mais que um robot. Acredito-o: não

passo de um robot que maneja as alavancas de comando. Não devo ter sentimento nem personalidade. É-me interdito servir-me da minha razão: não sou mais que um bocado de ferro atraído pelo íman que é o porta-aviões americano.

Os americanos chamam a isto um suicídio. A dizer a verdade, este acto é inexplicável.

Mas este suicídio é também uma forma de sacrifício que só pode conceber-se no Japão, país do idealismo.

Nós, pilotos kamikazés, não somos mais que robots, não podemos fazer outra coisa senão calarmo-nos, suplicando aos nossos compatriotas que façam do Japão o grande país dos nossos sonhos. Sei que a minha morte não tem valor algum, mas continuo a sentir-me orgulhoso por ser piloto de um avião-suícida e é neste estado de espírito que morro.

Quando aquela que eu amei foi morta, morri com ela em espírito. Poderei tornar a encontrá-la no Paraíso, onde ela me espera; a morte, para mim, não é mais que uma estrada que me levará para ela.

Parto amanhã para o ataque, robot num avião. Mas, na terra, fui um homem, agitado por sentimentos e paixões. Não terei medo da morte.

Tudo quanto aqui escrevi é um tanto violento. Mas não se destina a ser publicado. Exprimi o meu estado de alma, sem rodeios. Perdoai-me se estes pensamentos são desordenados. Amanhã, um ser apaixonado pela liberdade deixará este mundo.

É possível que vos tenha parecido desenganado, mas, no fundo do meu coração, sinto-me feliz por morrer.

Nada mais tenho a dizer-vos e termino aqui a minha carta.

Perdoai-me a minha indelicadeza.

Hoje, véspera da minha morte.

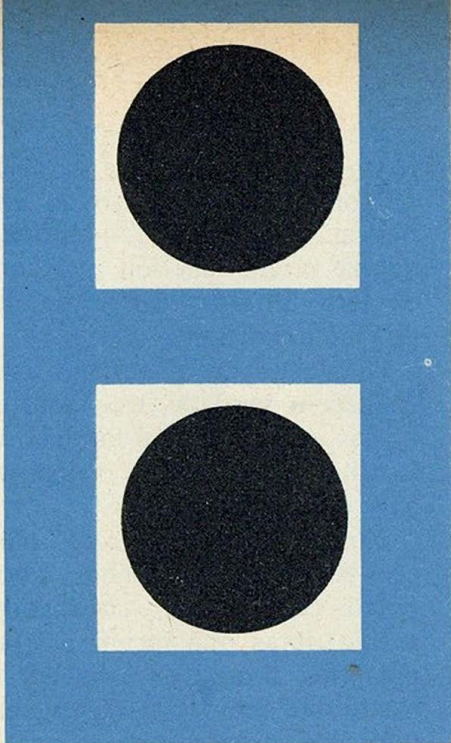
Ryosi Uebara

Mamã:

Chegou o momento de lhe dar uma notícia muito triste.

Nunca a poderei amar tanto como sou amado por si, mamã! Que irá pensar desta carta? Estou triste e desesperado.

Fui verdadeiramente feliz; talvez excessivamente amimado. Mas não tive a culpa.



Amava-a e gostava tanto de ser amimado por si!

Estou satisfeito por haver sido escolhido como piloto do grupo de ataque especial, mas não posso conter as lágrimas ao pensar na mamã.

Fez tudo quanto pôde para me ajudar a enfrentar o futuro. Sinto-me muito triste por ter de morrer sem lhe haver dado coisa nenhuma em troca: nem alegrias, nem tranquilidade. Não posso decentemente pedir-lhe que aceite o sacrifício da minha existência, nem que se alegre com a minha morte, por muito gloriosa que ela seja. É melhor não falar mais de tudo isto.

Não me atrevi a recusar a jovem que me destinou para noiva. Nada queria perder do seu afecto e sentia-me tão feliz ao receber as suas cartas!

Queria tê-la visto ainda uma vez, para lhe falar e adormecer nos seus braços. Mas Moji fica muito longe do único sítio onde poderia encontrá-la pela última vez. Porque hoje é a antevéspera da minha partida, a antevéspera da minha morte.

É possível que sobrevoe Hakata. Dir-lhe-ei adeus do alto do meu esconderijo nas nuvens. A mamã sonhava com um futuro brilhante para mim e eu vou desiludi-la. Nunca esquecerei a sua preocupação quando eu fazia exames. Entrei para este grupo apesar da sua oposição, mas, no fundo, confesso-lhe

agora, teria feito melhor se seguisse os seus conselhos.

Tente consolar-se pensando que sou um excelente piloto e que é muito raro encarregarem de uma tal missão um aviador com tão poucas horas de voo.

Depois da minha morte ficar-lhe-á ainda Makio. A mamã tinha preferência por mim, por eu ser o mais velho, mas, acredite-me, Makio vale muito mais do que eu. Sabe muito bem tratar de tudo que diz respeito à família; terá também as minhas irmãs Chiyoko e Hiroko e os seus netos.

Viva com alegria. A minha alma estará sempre junto de si. As suas alegrias serão as minhas, mas, se estiver triste, eu também estarei.

Sinto, por vezes, a tentação de voltar para junto de si, mas seria uma cobardia.

Quando fui baptizado, o padre pronunciou sobre mim estas palavras: «Renuncia a ti mesmo». Lembro-me muito bem.

Entregar-me-ei nas mãos do Salvador, antes de morrer trespassado pelas balas americanas. Porque tudo está nas mãos de Deus. Não há vida nem morte para aqueles que vivem em Deus. O próprio Jesus disse: «Seja feita a vossa vontade...».

Leio todos os dias a Bíblia. Sinto-me então perto de si. Atirar-me-ei sobre o inimigo com a Bíblia e o Livro dos Salmos no avião. Levarei também a sua medalha e o distin-

tivo da missão, que me foi dado pelo director da escola.

Talvez eu não tenha falado muito a sério sobre o assunto do casamento. Não queria dar-lhe a impressão de troçar da minha noiva e da sua família. Poderá fazer-lhe compreender que é preferível romper? Queria dar à mamã essa felicidade. Não tive tempo para isso.

Só lhe peço uma coisa: que me perdoe. Mas posso partir em paz, porque sei que me perdoará sempre. Mamã, como eu a admiro!

Foi sempre mais corajosa do que eu. A mamã é capaz de se submeter voluntariamente a coisas penosas e a mim isso é-me impossível. O seu único defeito foi ter-me amimado de mais. Mas eu assim o quis e não a censuro.

Ao despedaçar-me sobre o inimigo rezarei por si, para que todas as suas orações sejam ouvidas. Encarrego Ueno de lhe mandar esta carta, mas nunca a mostre a ninguém.

Sinto-me envergonhado.

Tenho a impressão de que não é a mim que a morte espera. Quando penso que nunca mais a verei, fico louco de tristeza.

Ichizo Hayashi

Do diário de Norimasa Havashi.

12 de Julho. — Mudei muito, mas conservo sempre no meu coração a chama azul do idealismo. Divirto-me com as mulheres, bebo, conto histórias grosseiras. Não sinto vergonha alguma; somente, por vezes, desgosto-me desta vulgaridade.

O ideal, que eu tinha criado em mim quando era novo, conserva-se intacto. Posso contar comigo mesmo e sinto-me feliz por isso.

Gostaria de falar de tudo isto ao meu camarada Akmasa e dizer-lhe que, no fundo, sou um idealista. Vou morrer conservando-me fiel aos juramentos que fizemos juntos.


O céu clareou um pouco a Leste. O vento que entra no meu quarto é delicioso. Escrevo ao crepúsculo, perto da janela.

Envio-lhes estas páginas de um abrigo contra os bombardeamentos, enquanto espero pela ordem da partida.

Adeus pai, mãe, irmãos, irmãs e toda a família. Que tenham saúde e sejam felizes. Parto para o país das maravilhas, o dos contos de Andersen, e lá serei príncipe. Falarei com as aves, as flores e as árvores.

Que o grande Japão Imperial seja próspero para sempre!

(Do livro *Estas vozes que nos vêm do mar*)



**ARMAZÉM
DAS
LETRAS
&
DIVERSOS**

o livro do mês

Carlo Coccioli

O SEIXO BRANCO

Ardito Piccardi, que os leitores de **O Céu e a Terra** supunham fuzilado pelos alemães, não morreu. O oficial encarregado de o executar conseguiu salvá-lo, enviando-o para um campo de concentração. E este novo romance de Coccioli descreve-nos a aventura desse homem que julga ter perdido a fé, mas que continua abrasado pelo amor de Deus, desde os dias terríveis da prisão até ao regresso à sua antiga paróquia onde a população se lembra ainda dos seus milagres. Como diz Gabriel Marcel «a originalidade profunda do romance **O Seixo Branco** resulta de ele ser uma dupla odisseia. Há, em primeiro lugar, a busca ansiosa a que se entrega o romancista e que somente concluirá na última página (quando o corpo de Ardito for encontrado morto). Mas há também, e mais profundamente, a exploração nocturna a que procede Ardito, que já não sabe verdadeiramente o que é, nem no que crê, nem no que pode ter esperança a partir do momento em que miraculosamente escapou à morte».

Assim, como acontece com a quase totalidade dos seus livros, o problema das relações

do homem consigo mesmo e com Deus domina **O Seixo Branco**.

Coccioli procura penetrar profundamente no conhecimento dos espíritos devorados pelo espectro do mal, mas no íntimo sempre caridosos, humildes e humanos. E o comentário proferido pelo célebre crítico jesuíta Louis Barjon a propósito de **O Céu e a Terra** permanece válido.

De facto, também de **O Seixo Branco** se pode dizer «que exprime o drama dum mundo cristão, hoje em perigo pelo desaparecimento progressivo das almas em fogo, nas quais a fé conserva o seu límpido clarão, e que oferecem ao amor uma terra preparada à sua exigente sementeira».

Concluindo, de novo com Gabriel Marcel: «**O Seixo Branco**, não o dissimulemos, provocará muita controvérsia; alguns farão apelo à Teologia, que julgarão encontrar-se na arquitectura da obra. Penso que se enganam sobre o pensamento do autor. Este livro, certamente audacioso, tem apenas a pretensão de ser o relato feito por um homem de boa fé que emerge do fundo dum abismo».

conto de

VASCO BRANCO



Vasco Branco nasceu em Aveiro em 1919. Licenciou-se em Farmácia na Universidade do Porto. Pintor e cineasta, foi galardoado com o Primeiro Prémio do Concurso Nacional de Cinema de Amadores em 1958. Publicou o seu primeiro livro em 1952 e, de então para cá, o seu nome tem-se afirmado como um dos mais significativos das últimas gerações. Obras: *Telhados de Vidro* (1952); *Flor Seca* (1956); *Gente ao Acaso* (1957); *Os Vagabundos Ilustrados* (1959); *O Dóri Número Treze* (1959); *As Regras do Jogo* (1960).

Para prevenir futuros mal-entendidos devo confessar, antes de tudo, que não sou cientista, nem filósofo. É certo que inventei uma teoria. Mas isso, por si só, não justifica qualquer destes títulos. Como não sou muito versado em questões de nomenclatura, suspeito até de que estou a classificar, imprópriamente, o meu processo. Porque, na verdade, trata-se dum processo, o processo de evitar a tristeza, a melancolia, em suma, todo o sofrimento moral ou de consciência.

Não me recordo com precisão da data em que me surgiu a ideia de profundar este meu estudo; lembro-me somente — e disso jamais me esquecerei — das coordenadas que o determinaram.

Nascido de uma família pobre e exageradamente sentimental, esta minha preocupação dominante explica-se com clareza. Assisti a tanta situação difícil, ao eclodir de tanta lágrima, a tantos dias de sofrimento surdo, que jurei a mim mesmo evitar estas situações logo que me emancipasse da tutela paternal. O treino começou cedo e ainda comigo debaixo do tecto da família. Nessa altura, o processo era imperfeito. Consistia na conjectura dos sofrimentos que poderiam surgir e na aplicação duma vacina, que não era mais do que o consentimento corajoso do **exagerado**, para poder achar benévolo o **normal**. Não sei se me compreendem. Suponhamos que em casa se fala da crise em que nos **debate-**

A TEORIA

mos e na possibilidade do patrão baixar o número de horas de trabalho e, consequentemente, os ordenados. A minha mãe engole em seco e a ensalivação dos alimentos torna-se-lhe muito mais demorada. Procura animar o pai com uma voz que já esconde lágrimas. Suponhamos, agora, que, de facto, o patrão lhe baixa a jorna de dezoito para dezasseis escudos. Julgam que acompanho os queixumes e depois o orfeão fungado lá de casa? Pelo contrário. Pulo de a'egria. Não estou doído, não. Pulo de alegria porque me tinha vacinado para um orlenado de doze escudos.

O método era simples e, à primeira vista, parecia de resultados seguros. Mas não era. E não era porque, por mais que me esforçasse, nunca consegui uma vacina completamente inócua. Muitas vezes — podem crer — me convenço, ao proceder à vacinação, de que mais valia esperar pela doença do que submeter-me a tal tratamento.

Suspeitando, como disse, da ineficácia do processo, fiz-lhe uma revisão cuidada e resolvi abandoná-lo definitivamente. E abandonei-o porque, afinal, nesse método, que eu a princípio tanto celebrara, havia apenas transferência temporal do sofrimento: o que havia de sofrer depois, sofria antes, e com a agravante de o suportar sempre em escala muito ampliada.

Durante muitos anos, amassei o meu de-

sespero por não encontrar processo sem os sérios inconvenientes da minha primeira experiência. Sabem lá o que intentei?! Segui durante dias e dias — até meses! — mulheres que me pareciam felizes, homens que me pareciam venturosos. Mas isto de seguir as pessoas tem as suas surpresas e até os seus perigos. Fui esbofeteado por um marido cioso, fui conduzido a uma esquadra de Polícia por um pai desconfiado, fui confundido com certos indivíduos de gostos equívocos.

Apesar de ter sofrido sem desanimar e com verdadeiro estoicismo todos estes vexames, não consegui qualquer elemento seguro que me autorizasse a inferir um denominador comum. A pergunta que a mim mesmo fizera, logo que a idade me permitiu reunir as palavras, continuava sem resposta: **que devo fazer para eliminar da minha vida a tristeza?!**

De todo o meu esforço, reunido em volumoso ficheiro, apenas umas notas ainda sem o mero valor de hipótese. Algumas delas focavam o paralelismo existente entre a melhoria das condições materiais e o aumento de felicidade aparente. Tenho nesse meu relatório a palavra **aparente** sublinhada, porque, efectivamente, nem sempre a luz que vimos nos olhos das pessoas corresponde à voltagem interior. Em chamada, que se refere à aludida nota, escrevi assim:

«Conheci vários indivíduos nas suas fases

pobre e rica. Pois bem. Muitas vezes, a fase próspera não correspondia a maior felicidade. Porquê?!».

Foi precisamente esta chamada providencial que me lançou no bom caminho. A ela devo a cadeia de raciocínios que me devia conduzir ao assentamento de uma das traves mestras do meu sistema. Qual o motivo por que não somos inteiramente felizes, quando gozamos de boa saúde, não temos a família na cadeia, e podemos satisfazer todas as nossas necessidades materiais?! A resposta a esta pergunta constitui o período fecundo e fascinante da minha vida. Uma espécie de intuição me dizia que a chave do mistério estava aí, precisamente, no encontro da verdade para essa pergunta. Mas, ai de mim!, a pergunta era excessivamente mais simples de formular. Na resposta, aí, sim, é que estava a dificuldade. Novo ficheiro, novas perseguições, novos vexames e muito pouco de positivo...

Um dia, outra chamada intrigou-me. Dizia, mais ou menos, isto:

«Tenho notado, em grande número de casos, que a insatisfação é função geométrica do progresso individual; ou, por outras palavras, a nossa ambição é sempre muito mais veloz do que as ocorrências que lhe são necessárias».

Eu, que na altura, pretendia apenas corrigir a vizinhança antipática dos *ãos*, detive-me, perplexo, na verdade quase universal desta afirmativa. Decididamente, a minha sorte e o meu talento vivem ligados à lucidez das minhas chamadas. E isto, afinal, não é de estranhar visto que, na maior parte das publicações, o valor real se encontra apenas nesses tipos miúdos de fim de página.

Mas, como ia a dizer, a pedra basilar do edifício, que então construí, extraía-se sem esforço dessa pequena frase. Se o nosso progresso nos causa consequente insatisfação, e esta traz consigo a tristeza...

A aplicação da minha teoria à prática não foi fácil. Devo o êxito conseguido a um trabalho insano e a uma força de vontade que, hoje — ressalvem-me a imodéstia — posso chamar excepcional.

Sem entrar em pormenores, que seria fastidiosos enumerar, devo confessar que vivi cerca de três anos quase inteiramente feliz. E digo quase, porque não consegui de todo

eliminar um triste presságio de que o meu processo falharia em futuro mais ou menos próximo. Consistia ele — depois de reduzido a descarnado esqueleto — em achar sempre exageradas todas as *benesses* com que o destino me surpreendia, ou eu granjeava com o próprio suor. Vejam e espantem-se com a simplicidade do método!...

Muita gente desdenhará, talvez, das dificuldades que aponte — e muitas omiti — para conseguir coisa tão insignificante. Geralmente, as pessoas que nada fazem; que nada intentam, chasqueiam daquelas a quem não podem acompanhar mercê da sua invencível inércia.

A dificuldade está sempre na descoberta do que depois se nos afigura simples. Se fizerem uma rápida resenha das descobertas mais importantes, verificarão que todas elas primam por flagrante simplicidade. Não julguem que com isto pretendo encarecer a minha teoria. Não, não quero. E, agora, menos do que nunca. Eu, daqui a pouco, explico porquê. Por ora, reportemo-nos à exposição do processo:

Sempre fui da opinião de que o exemplo é ainda o método mais adequado a toda a espécie de ensino. E, por isso, estou certo de que perceberéis melhor a minha teoria se me socorrer, mais uma vez, desse artifício. Vamos, pois, supor que sou simples operário, ainda solteiro, e cuja fêria exígua é toda absorvida na minha manutenção e na da mamã, que ficou a meu cargo, deixando-me a mim — rapaz novo, saudável, excessivamente vigoroso, talvez — sem latitude económica para os voos da mocidade. Claro, que não me vou pôr a chamar cobras e lagartos à vida, à sociedade, aos governos, atitude que, aliás, nada adianta. A maior parte das pessoas com estes problemas — e muitas são, podeis crer — seguem este caminho biliar que as conduzirá, inevitavelmente, à melancolia, à tristeza, ao desejo ardente de não ter nascido, ao desespero, às vezes, à morte prematura. E digo à morte, porque não há dúvida de que os cuidados matam. E matam, porque o homem é constituído por 1% de matéria ou suporte e por 99% de aspirações. Como é, pois, que tão grande desequilíbrio entre a soma e a exigência não produziria, fatalmente, o aniquilamento, se o progresso não fosse realizando uma espécie de compensação?

Ah!, mas é que nem todos beneficiam do progresso — direis.

E direis muito bem, pois assim se explica a onda crescente de mortes prematuras — q.e.d. ... (Um dia hei-de tratar ainda mais pormenorizadamente desta relação entre as aspirações cerceadas e a morte da mocidade).

Voltando à teoria e ao exemplo. A minha reacção é completamente diferente. E, perante a situação que apontei acima, faria a seguinte série de raciocínios:

a) De que me queixo?! Não é certo que devo dar graças a Deus pelo facto da mãe-zinha ainda não ter ido para os anjinhos? Bem sei que me faz a vida negra sempre que suspeita que olho para qualquer moça com boas intenções. Mas isso é perdoável. Alergia a noras. Coitada! Egoísmos próprios da velhice...

b) De que me queixo?! Não é certo que tenho saúde de ferro e apetite devorador e pertinaz? Bem sei que isto de ter apetite tem os seus inconvenientes, mas, enfim, sempre é preferível a ter de gastar a jorna em medicamentos para o abrir.

c) De que me queixo?! Não é certo que tenho ao meu dispor os jardins públicos, os parques, as ruas, as latrinas municipais e o chuveiro do hospital, a preço acessível?

d) De que me queixo?! Não é certo que a cidade oferece, gratuitamente e todos os dias, o seu espectáculo: o movimento dos carros, o berro dos ardinas, os letreiros luminosos, os cartazes dos cinemas, as conversas dos engraxadores, os escândalos no tribunal dos pequenos delitos, os relatos do futebol nas telefonias dos Cafés, a frescura e o recolhimento das igrejas?

e) De que me queixo?! Não é certo que tenho cabeça para imaginar tudo que me der na real gana?

E, creiam, sinto-me feliz, inteiramente feliz, depois deste saudável exercício mental. Bom; bem sei que este exemplo apresentado e no qual, corajosamente, me fiz operário, não passa, como afirmei, de simples exemplo. Realmente, vivo com comodidade. Sou casado, tenho filhos, automóvel (hoje, quem não tem automóvel?!), e os meus pais, que graças a Deus ainda vivem, têm agora também razoável latitude económica. Não sou rico. Lá isso, não sou. Mas, enfim, a coisa corre — como disse — sem grandes atritos de ordem económica e os meus criados tinham desaparecido em virtude do uso do método que expus em linhas gerais. Há dias, porém, que acordo com uma tristeza invencível. Depois de me interrogar demoradamente sobre as razões lógicas de tal incómodo, que eu julgava debelado em definitivo, tive, há horas, a sua explicação.

Comecei por estranhar que essa tristeza me tomasse logo após o acordar e como que constituindo um prolongamento e não uma eclosão. Dado o balanço minucioso ao dia, verifiquei que não podia estar aí o nó do problema.

Esta manhã, há horas apenas — repito —, tive a solução do mistério: o meu trabalho diário de contrariar as aspirações era pulverizado, durante a noite, pelo sonho, que mas exacerbava!...

Estou completamente desorientado. A minha teoria, edificada com tanto carinho e através de tantos anos de esforço, está em riscos de soçobrar.

Vou consultar um psiquiatra. Talvez ele encontre uma solução tendente a evitar este malefício dos sonhos. Pelo menos, é o que toda a família me aconselha. O carro está à porta. Não querem que eu guie. Dizem que necessito de muito descanso...





UM IRMÃO DE SANCHO PANÇA

O BOM SOLDADO SCHWEIK

«O Bom Soldado Schweik» é uma obra praticamente desconhecida em Portugal. Violento ataque à estupidez da guerra feito à maneira de sátira encontra-se bem difundido pelo mundo e o tipo psicológico que define entrou na cultura contemporânea com valor de símbolo. Se «O Bom Soldado Schweik» é ignorado entre nós, salvo por uma ou outra citação, de Prévert, por exemplo, do seu autor, não só aqui como no resto do Mundo, menos ainda se sabe, à parte um ou outro episódio mais notório. Jaroslav Hasek, psicologia curiosa de inadaptado, não levou uma existência ortodoxa cujo fio fosse facilmente detectável pelos biógrafos eventuais.

O «Almanaque» orgulha-se de enriquecer o seu «Armazém das Letras» com este artigo do senhor Georges F. Listopad, que apre-

senta da vida do autor de Schweik episódios inéditos. Neto do primeiro editor de Hasek, como ele checoslovaco de origem, residindo agora no Porto, ninguém possuiria, talvez, neste assunto, um maior repositório de documentos e recordações. NO CÍRCULO FAMILIAR DO EXCELENTÍSSIMO SENHOR SCHWEIK tem para nós este triplo valor: chamar a atenção do público português para a figura de Schweik, levando talvez à procura da obra e à sua leitura; narrar com graça duas ou três anedotas pitorescas sobre Hasek, evocando um clima cultural da Europa Central hoje provavelmente desaparecido; ser feito sobre impressões muito directamente recolhidas que, pelo seu ineditismo, poderão mesmo interessar aqueles que já conheçam Hasek e a sua obra.

NO CÍRCULO FAMILIAR DO EXCELENTÍSSIMO SENHOR SCHWEIK

por Georges F. Listopad

Um belo dia, na praça principal duma cidadezinha perdida da Boémia, ainda muito antes da primeira guerra mundial, os habitantes, surpresos viram armar a primitiva tenda dum pequeno circo. E, com efeito, dois homens percorriam a cidade, com um tambor, anunciando para a noite um espectáculo sensacional, nunca visto, cheio de mistérios, de exotismo, de picante, cada entrada apenas uma coroa; mas as crianças, soldados e deputados só pagariam meio-bilhete.

Com efeito, a cidadezinha, gulosa dos milagres anunciados, à noite cercava a tenda, esperando pacientemente.

O animador e o seu fâmulos saíram finalmente do café da esquina e anunciaram incessantemente que o espectáculo ia começar.

«Mas todos ao mesmo tempo, não!» — ordenava o chefe amavelmente; «Um de cada vez». Fazia-se disciplinadamente a bicha sob o «casse-tête» do único polícia da terra.

E um após outro, pagando a entrada tinha direito a entrar no paraíso. Sob a tenda, fazia noite escura, iluminada fracamente por um candeeiro de petróleo. E um homem de grande corpulência encarregava-se de cada cliente, voltava-o de costas e dava-lhe um pontapé no traseiro; depois, sorratamente acompanhava-o a outra saída, aconselhando-o a que dissesse aos outros só bem deste espectáculo único, para que cada um lhe sentisse os efeitos no corpo. Não se deve ser papalvo sozinho... E com estas palavras, o visitante era acompanhado à outra saída. E venha lá o seguinte. A psicologia tinha sido bem calculada. Uma boa metade dos habitantes, entusiasmada pela propaganda dos que saíam deixou-se surpreender inoportunamente pelo pontapé do mestre, até que rebentou o escândalo...

No meio do caos, os dois «artistas» puderam pôr-se em fuga, com os bolsos cheios e a patriótica vergonha da cidadezinha impedia que perseguissem os fugitivos até longe das paragens. O animador e inspirador deste estranho circo não era outro senão Jaroslav Hasek, talvez o melhor escritor checo moderno, com o seu livro epopeia «O Bom Soldado Schweik».

HASEK, O VAGABUNDO

O «Bom Soldado Schweik» foi traduzido em mais de 60 línguas, foi condensado, dramatizado (por exemplo por Bertold Brecht em 1928) actualizado (Brecht também o actualizou 15 anos mais tarde) filmado e, de vez em quando, também massacrado. Por isso devia ser escusado apresentá-lo ao leitor, mas, infelizmente em Portugal «O Bom Soldado Schweik», irmão moderno de Sancho Pança, que com a sua parvoíce espertalhona, luta contra o absurdo da guerra, só agora vai ser, finalmente, traduzido. E é também desconhecido o seu criador, o bom/nem sempre bom/e gordo/mas sempre gordo/Jaroslav Hasek, autor de tendências anarquistas que morreu, há 37 anos, com o «delirium tremens» e que teria hoje 77 anos.

O episódio autêntico que acabamos de contar é muito conhecido em toda a parte onde se lê e aprecia Hasek. Mas vamos hoje contar mais dois ou três episódios antes que Hasek, o homem, caia no esquecimento. Estes episódios pertenciam ao círculo familiar de meus pais e de meu avô, o editor de Hasek. Não foram ainda divulgados e aparecem este ano, pela primeira vez publicados na revista «Forum» em Viena e neste número do «Almanaque».

Só muito pouca gente deve conhecer as condições em que Hasek escreveu o seu «Schweik». Os historiadores do futuro deviam, no entanto, saber que a figura do soldado Schweik (do mesmo nome) já existia antes da Primeira Grande Guerra, mas que só a guerra lhe deu expressão e provocou a realização das suas verdadeiras dimensões épico-morais.

Quando Hasek, depois da guerra, voltou, com a sua Schurinka, da Rússia, onde tinha esgotado todas as possibilidades: como desertor imperial austríaco, legionário e desertor checo, comissário comunista e, por fim, como

prisioneiro comunista..., começou a escrever o seu «Schweik»; mal concluiu 60 páginas, pôs-se a caminho à procura de editor. Mas os editores, esses bons sujeitos, com quem Hasek aliás nunca chegou a entender-se, recusaram-lhe a publicação do seu embrião de «Schweik». Um achou-o pouco interessante, outro classificou-o de inconveniente e ainda outro entendeu que, antes de mais nada, precisaria de ver a obra pronta. Finalmente aconteceu que Hasek encontrou meu avô para quem vendera livros, — ou tentara vender — em tempos difíceis, de casa em casa. Não faltavam ideias fantásticas a Hasek para tal tarefa mas, na maior parte das vezes, elas passavam-lhe da memória no patamar da escada...

Movido por um velho sentimento de camaradagem, meu avô prometeu-lhe editar o «Schweik», que nem sequer lera, em cadernos semanais. E foi assim que, todas as sextas-feiras, se podia ler a continuação das aventuras do bom soldado Schweik. Disputavam-se, no verdadeiro sentido da palavra, os primeiros cadernos. Às vezes o próprio Hasek dispunha-se a ir vender uma meia dúzia de cadernos para «se divertir um bocadinho», e então contava a cada comprador uma história diferente sobre o autor que, no seu dizer, tinha sido o filho dum arquiduque ou mesmo um famoso político nacional e que se dava, agora, à produção, sob pseudónimo, de «pequenas porcarias». Tudo corria às mil maravilhas com o primeiro, segundo, terceiro e quarto cadernos, mas, de repente, faltava texto original para se poder continuar a imprimir. E foi então que começaram as peripécias.

Ora, ao editor faltava texto para o novo caderno. Nas terças-feiras, à noite, era sempre o último prazo de entrega na tipografia para que a continuação das aventuras pudesse ser vendida, pontualmente, nas ruas. O nosso bom Hasek apareceu na terça-feira de manhã, como era seu costume, na loja do meu avô, mas não trazia nem uma única linha...

E deste dia em diante o autor tornava a aparecer às terças-feiras de mãos vazias, e era conduzido directamente por meu avô, homem decidido, para o cubículo atrás da loja, onde só entrava luz por uma fresta (a editorial ficava por debaixo da rua) e onde se empacotavam livros. Com uma grande

chave, meu avô fechava a porta e o autor via-se sozinho. A comida, passavam-lha por uma frincha da porta. Para beber, só lhe davam água. O editor não o deixava sair, nem sequer para que pudesse satisfazer as suas necessidades mais humanas, antes de ter consumido a tarefa de 16 longas páginas!

Atrás da porta fechada, Hasek amaldiçoava o meu avô, a secretária dele e também o governo... Mas escrevia. Escrevia até tudo ficar escrito. Estas cenas repetiam-se regularmente e com todos os pormenores. Provavelmente a Hasek o método agradava. Por vezes trazia no bolso um papel sujo com apontamentos, mas outras vezes o editor tinha de lhe pôr na mesa, que de tão velha abanava, o último fascículo, pois o autor tinha-se esquecido do que lá dizia e onde tinha deixado ficar o seu «Schweik».

Este método de trabalho, sem dúvida original, talvez tenha dado motivo aos poucos críticos que, seriamente, se debruçaram sobre o «Bom Soldado Schweik», para classificarem, precipitadamente, as qualidades estilísticas e compositivas, de desleixadas e meramente casuais.

Mas as coisas, com toda a certeza, não são tão simples como aparentam. O estilo de Hasek, de facto improvisado, não está, todavia, longe de ser, na verdade, uma improvisação finória, falsa, — uma pseudo-improvisação. É um facto que Hasek, todas as terças-feiras, cuspiam as suas 16 folhas, o que nos revela, ao fim e ao cabo, um segredo importante: Schweik era o «modelo íntimo» de Hasek. A sua estrutura estilística e narrativa era, orgânicamente, concluída. Hasek apenas precisava de pegar na pena — ou melhor: no lápis.

A RESPOSTA CHECA

Mas seja como for, uma coisa é certa: a improvisação de Hasek fez com que, imediatamente, tudo se tornasse definitivo: as palavras, as frases, os parágrafos (o que não aconteceu com nenhuma outra obra do autor). Não podemos modificar nada, mas mesmo nada, sem destruir imediatamente a essência humorística, única no género. Considerando as condições em que Hasek escreveu, não podemos duvidar da sua genialidade.

Hasek era, na pequena editorial de Praga, um visitante regular. Aparecia mesmo nos

seus «dias livres» e, por sua vontade, teria aparecido todos os dias para pedir um adiantamento. Mas com isso nem sempre tinha sorte: por vezes a caixa estava vazia, o que o levava, na «ópera das terças-feiras», a amaldiçoar o editor e todos os outros «tubarões». Mas nem por isso deixava de se convidar, a si próprio, para a mesa da família do meu avô. Sem grandes cerimônias acompanhava meu avô e cumprimentava, cortêsmente, minha avó com um «Minha Senhora Tubarão». Depois despia o casaco, sentava-se à mesa em mangas de camisa e esperava pela comida. Era um velho hábito seu, o de tirar o casaco, pois estava sempre cheio de calor. Ostentando os seus suspensórios largos parecia-se com um velho cocheiro, e a criadinha aldeã, uma leitora entusiasta dos seus cadernos de aventuras, dirigia-se-lhe respeitosamente, chamando-o «sr. Schweik». Desta maneira essa criatura boa e fiel manifestava-lhe, na verdade, o mais importante reconhecimento literário que pode haver, pois ela acreditava mais espontaneamente na existência real do bom soldado Schweik do que determinados críticos.

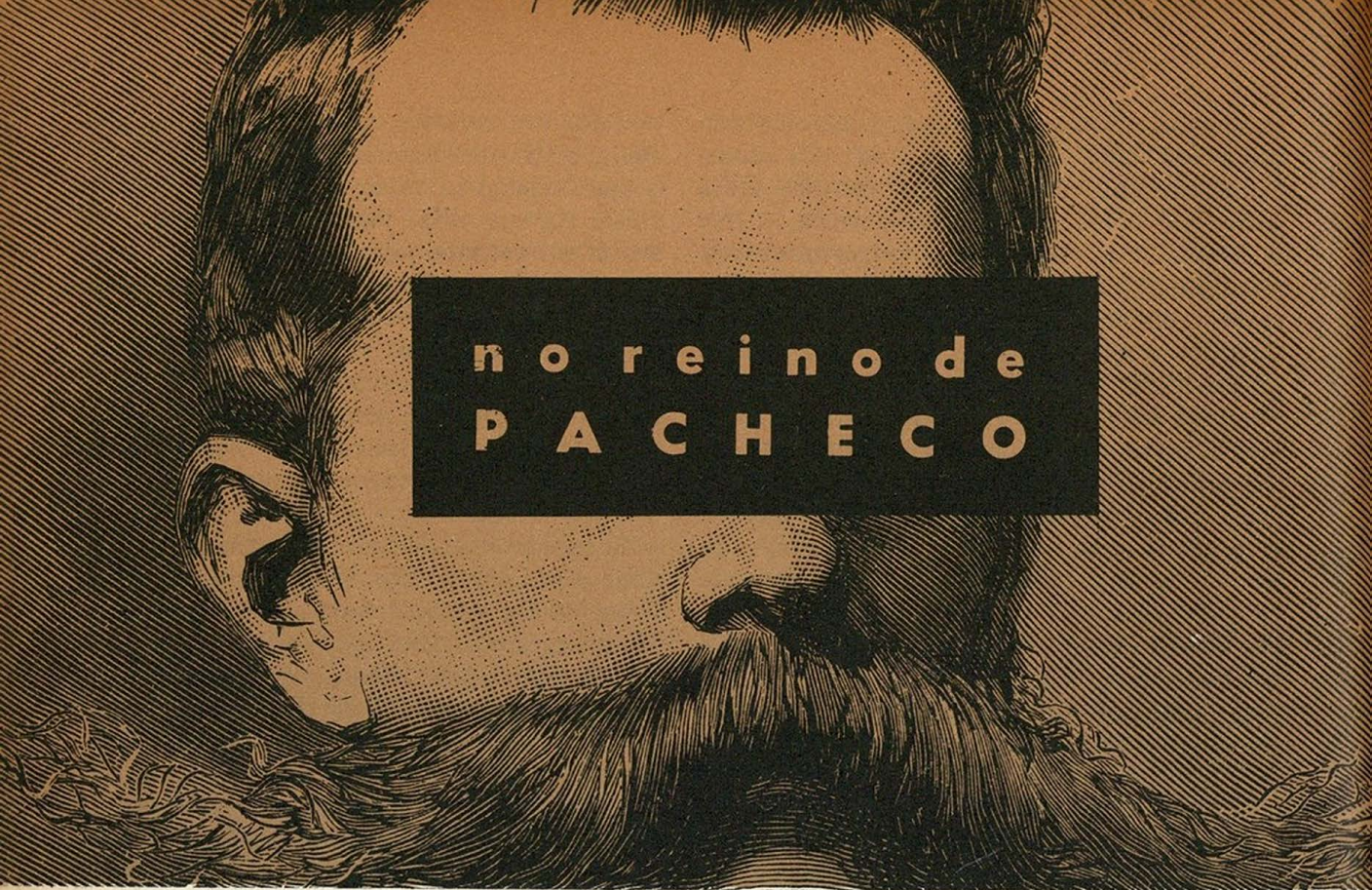
Podia supor-se que Hasek era um bom conversador à mesa, mas acontecia justamente o contrário. Era preciso que consumisse, primeiro, várias canecas de cerveja de Pilsen antes que ganhasse coragem para falar. A sua popularidade era já grande e, não raras vezes, apareciam, em casa do meu avô,

convidados curiosos que desejavam conhecer o «bicho lendário». Jaroslav Hasek sabia o que esperavam dele e, por isso, contava coisas da sua vida, jurando que tudo se baseava em verdade pura. Possivelmente assim era na maior parte das vezes, mas um leitor atento de Hasek reconhecia naquilo as histórias que já tinham sido publicadas em revistas. Hasek, pelos vistos, não estava grandemente disposto a cansar a sua fantasia e os seus dotes de narrador... Nos dias de hoje dificilmente podemos imaginar um Hasek em Praga.

É sabido que Hasek não chegou a concluir o seu «Schweik». O cubículo ficou, durante muito tempo, vazio às terças-feiras. Hasek morrera. Mas «Schweik», o que seria de «Schweik»? Só muito mais tarde surgiu um bom amigo de Hasek, Karel Vanek, que concluiu as últimas três partes dos seis volumes. Era um autor mais metódico, não em demasia metódico, mas, de qualquer forma, mais do que o tinha sido Hasek, de modo que o seu «Schweik» saiu um tanto menos vivo. Nesse tempo a obra já não era publicada em caderninhos mas em livros bonitos e com as célebres ilustrações de Lada.

Duas palavras checas enriqueceram a língua internacional: a palavra «robot», formada por Capek, e a palavra «Schweik». São ambas uma profunda reacção às torturas do nosso tempo, a resposta checa ao século XX.





no reino de
PACHECO

O PACHECOSCOPE NO PRINCÍPIO ERA A VERBA

EVANGELHO SEGUNDO S. LEITÃO

Hollywood-a-dos-doze (à Alameda)
Abril de 1960

No reino de Pacheco havia cinema.

Alguns eruditos de má fé negam o facto que é, todavia, patente aos eruditos de boa fé. Provada a evidência da existência do cinema nesse reino de forte Pachecosidade, cumpre ao investigador (sem fé nenhuma, preconcebida) debruçar-se sobre a realidade cinematográfica e dissecá-la.

É, senhores e senhoras, ao que vimos, aproveitando para tal qualquer dos muitos centenários de que, graças a Deus, dispomos.

Dividia-se o cinema de Pacheco em três cinemas de Pacheco:

- a) — O subsidiado ou de longa metragem;
- b) — O não subsidiado ou de centimetragem;
- c) — O já planificado nos Cafés.

a) Comecemos pelo primeiro.

Rodava o cinema de longa metragem em torno do capitalista que ou era alentejano ou não mas que, em qualquer dos casos exigia a participação, no filme, da sua LOLA.

Esta LOLA tinha sempre, por definição e na opinião do realizador, um grande talento.

Exigia-se que o argumento obedecesse a quadros morais e rústicos definidos:

- 1 conde;
- 1 bairro popular;
- 1 vista de Lisboa nova;
- 1 capitalista mau que se arrepende de ser mau e vai ao casamento da Maria com um sorriso bom;
- 1 primo, com bigode, recém-vindo do Brasil para que a metragem chegue, pelo menos, a Pernambuco;
- 9 ou 10 cidadãos vestidos de populares;
- 9 ou 10 populares vestidos de cidadãos;

1 cena de fado;
1 momento patriótico (ou bairrista, consoante a «verba» de que se dispunha).

Como o público, no reino de Pacheco, era estúpido por definição, (o único com alvará de inteligente era Pacheco) utilizavam-se necessariamente os mesmos actores, em todos os filmes e nos mesmos papéis.

Assim, o público sabia que uma cena era cómica por nela figurar o cómico do costume. Para que o filme tivesse um tom cosmopolita e actual, além dos cenários da Lisboa-nova, das conversas telefónicas e dos escritórios do tipo moderno-fórmica, filmavam-se algumas cenas no aeroporto, tendo por fundo um avião em estado de estacionamento.

Destinavam-se estes anacronismos (estamos na era de Pacheco) a seduzir aquela parte dos espectadores que, por não residir em Lisboa, se considerava a si mesma «da província».

Tentou-se, também, o género literário caracterizado por o galã, com ares de «gigolo» argentino, seduzir, por motivos pessoais, primas incautas.

Por último, tentou-se o estilo histórico destinado a fazer a apologia de Pacheco e a criar no público a convicção de que este existira desde sempre.

b) — Os filmes de centimetragem eram constituídos por paisagens com castelos ou batidas em Castelo, cortejos vários e glórias

pátrias do desporto. Eram, em resumo, altamente elucidativos.

Ficavam, assim, os espectadores menos viajados a conhecer a sua terra composta, na visão dos realizadores, por barcos rabelos, lavadeiras em Caneças, estudantes em Coimbra, pauliteiros em Miranda, queijadas e Pena em Sintra, pescadores na Nazaré, touros em Vila Franca, Amália em Paris, telhados em Olhão e realizadores de Olhinhos.

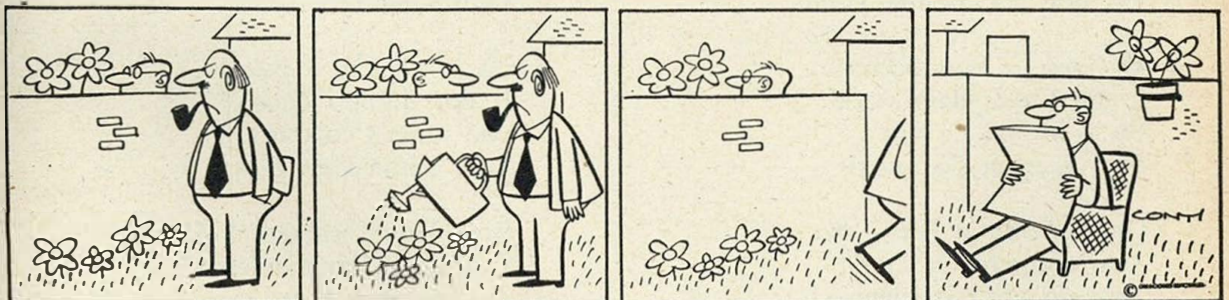
Alguns espectadores, entusiasmados com esta concepção original do reino de Pacheco, saíam do espectáculo e vestiam-se à moda de Viana do Castelo.

c) — Os filmes já planificados no Café eram concebidos por jovens realizadores extremamente dotados mas economicamente débeis.

A aprendizagem destes jovens era essencialmente prática. Caracterizava-se, até, por nunca terem feito nada, o que lhes dava autoridade para sorrirem dos esforços alheios.

Tais realizadores abundavam e neles residia a esperança do cine-Pacheco do futuro.

Era este o panorama do cinema do reino de Pacheco que possuía — além das características apontadas — elevado nível técnico. Este tendia a reconstituir o cinema em arte de visão para o que a banda sonora era habilidosamente composta de modo a obter efeitos que encontram paralelo apenas em certos momentos da música electrónica.



JOÃO CABRAL DE MELO NETO

—um homem de travo seco

Pela primeira vez, em Portugal, se publica um livro de João Cabral de Melo Neto. Este nome, certamente desconhecido para a grande maioria do público, corresponde a um dos maiores poetas de língua portuguesa vivos. Natural do Recife, João Cabral é diplomata e tem vivido, de há uns anos a esta parte, no sul da Espanha e no sul da França. Ainda não tendo completado quarenta anos, a sua actividade literária começou em 1942 com a publicação de *Pedra de Sono*, a que se seguiram *O Engenheiro* (1945), *Psicologia da Composição* (1947), *O Cão Sem Plumas* (1950), *Poemas Reunidos* (1954), *O Rio* (1954), *Duas Águas*, colectânea dos livros anteriores (1956) e agora, na colecção *Poesia e Verdade*, da Livraria Guimarães, *Quaderna*. Em prosa deu-nos, até agora: *Considerações sobre o poeta dormindo* (1941) e *Joan Miró* (1950). A sua poesia, onde desde o início é possível notar uma linha que cada vez mais se afirma nos livros posteriores, é uma poesia depurada, seca, cingida à realidade e pouco metaforizando sobre ela — antes servindo-se dela até à exaustão como metáfora de uma outra realidade possível. A sua *Cabra Mediterrânica* é disso um exemplo frisante. Desta arte poética antibarroca, bebida nos cancioneros medievais e no Poema de Mio Cid, nos fala João Cabral em *Cante a Palo Seco* que transcrevemos.

I

Se diz a *Palo Seco*
O *Cante* sem guitarra;
O *Cante* sem; o *Cante*;
O *Cante* sem mais nada;

Se diz a *Palo Seco*
A esse *Cante* despido:
Ao *Cante* que se canta
Sob o silêncio a pino.

O *Cante a Palo Seco*
É o *Cante* mais só:
É cantar num deserto
Devassado de sol;

É o mesmo que cantar
Num deserto sem sombra
Em que a voz só dispõe
Da que ela mesma ponha.

O *Cante a Palo Seco*
É um *Cante* desarmado:
Só a lâmina da voz
Sem a arma do braço;

Que o *Cante a Palo Seco*
Sem tempero ou ajuda
Tem de abrir o silêncio
Com sua chama nua.

O *Cante a Palo Seco*

Não é um *Cante* a esmo:
Exige ser cantado
Com todo o ser aberto;

É um *Cante* que exige
O ser-se ao meio-dia,
Que é quando a sombra foge
E não medra a magia.

II

O silêncio é um metal
De epiderme gelada,
Sempre incapaz das ondas
Imediatas da água;

A pele do silêncio
Pouca coisa arrepia:
O *Cante a Palo Seco*
De diamante precisa.

Ou o silêncio é pesado,
É um líquido denso,
Que jamais colabora
Nem ajuda com ecos;

Mais bem, esmaga o *Cante*
E afoga-o, se indefeso:
A Palo Seco é um *Cante*
Submarino ao silêncio.

Ou o silêncio é levíssimo,
É líquido subtil,
Que se coa nas frestas
Que no *Cante* sentiu;

O silêncio paciente
vagaroso se infiltra,
Apodrecendo o *Cante*
De dentro, pela espinha.

Ou o silêncio é uma tela
Que difícil se rasga
É que quando se rasga
Não demora rasgada;

Quando a voz cessa, a tela
Se apressa em se emendar:
Tela que fosse de água,
Ou como tela de ar.

III

A Palo Seco é o *Cante*
De todos mais lacónico,
Mesmo quando pareça
Estirar-se um quilómetro:

Enfrentar o silêncio
Assim despido e pouco
Tem de forçosamente
Deixar mais curto o fôlego.

A Palo Seco é o *Cante*
De grito mais extremo:
Tem de subir mais alto
De onde sobe o silêncio;

É cantar contra a queda,
É um *Cante* para cima,
Em que se há de subir
Cortando, e contra a fibra.

A Palo Seco é o *Cante*
De caminhar mais lento:
Por ser a contra-pelo,
Por ser a contra-vento;

É *Cante* que caminha
Com passo paciente:
O vento do silêncio
Tem a fibra de dente.

A Palo Seco é o *Cante*
Que mostra mais soberba;
É que não se oferece:
Que se toíma ou se deixa;

Cante que não se enfeita,
Que tanto se lhe dá;
É *Cante* que não canta,
Cante que aí está.

IV

A Palo Seco canta
O pássaro sem bosque,
Por exemplo: pousado
Sobre um fio de cobre;

A Palo Seco canta
Ainda melhor esse fio
Quando sem qualquer pássaro
Dá o seu assovio.

A Palo Seco cantam
A bigorna e o martelo,
O ferro sobre a pedra,
O ferro contra o ferro;

A Palo Seco canta
Aquele outro ferreiro:
O pássaro araponga
Que inventa o próprio ferro.

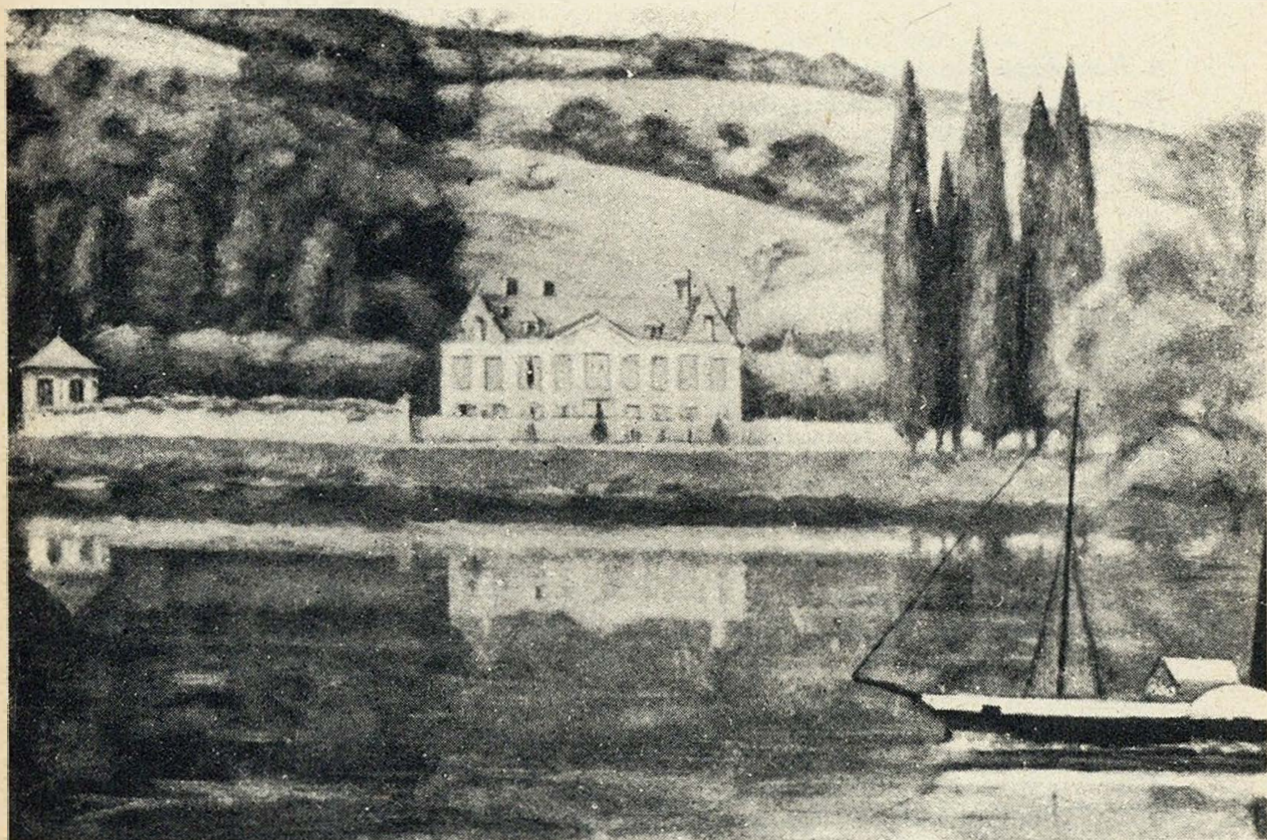
A Palo Seco existem
Situações e objectos:
Graciliano Ramos,
Desenho de architecto,

As paredes caiadas,
A elegância dos pregos,
A cidade de Córdoba,
O arame dos insectos.

Eis uns poucos exemplos
De ser *A Palo seco*,
Dos quais se retirar
Higiene ou conselho:

Não o de aceitar o seco
Por resignadamente,
Mas de empregar o seco
Porque é mais contundente.

HOMENAGEM A GUSTAVE FLAUBERT



A casa em Croisset onde, a 8 de Maio de 1880, morreu Gustave Flaubert (quadro de Thomsen). Apenas resta hoje o pavilhão à esquerda

Passa em 8 de Maio mais um ano sobre a morte de Gustave Flaubert. Desaparecido aos 59 anos, depois de uma vida inteiramente consagrada à literatura, pode um certo gosto de hoje pôr em causa o interesse da sua obra, podem *Education Sentimentale*, *Salambo*, *Madame Bovary* ter desaparecido do número de livros de garantido sucesso editorial, pode o seu nome não aparecer já, quando se entrevistam novos escritores, da lista dos grandes mestres, dos grandes influenciadores.

O gosto de uma época é convencionado por numerosos factores e o julgamento de valor dela sobre um qualquer artista não tem mais perenidade que as frágeis plantas de um jardim. A geração que chegou à maioridade em 1900 tinha como grandes nomes da Renascença, Leonardo, Miguel Ângelo, Rafael. A nossa, recuou um pouco no tempo e venera Giotto, Uccello e sobretudo Piero della Francesca.



Madame Schlésinger, que foi o grande amor de Flaubert

A próxima, não sabemos quem preferirá — mas, serão, certamente, outros.

É muito possível portanto que se volte a ler Flaubert. Entretanto, recordando a enorme influência que teve sobre a geração que o seguiu e o magnífico exemplo de isenção intelectual que representou em alturas difíceis para a literatura, apresentamos aqui alguns documentos iconográficos e dois excertos de cartas cuja importância actual nos parece evidente.

Junho de 1892.

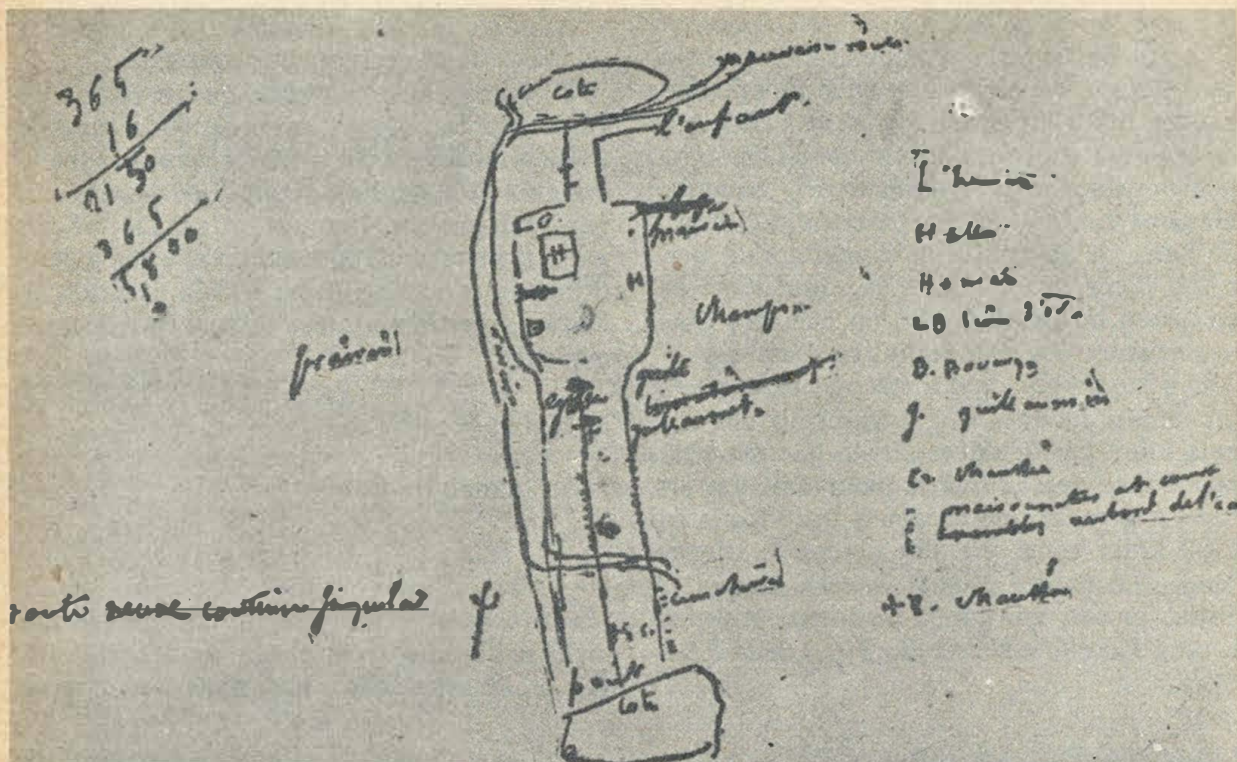
A Maxime du Camp:

... ..

«Pareces ter, para comigo, um tique ou um vício redibitório. Não chega sequer, descan-
sa, a aborrecer-me: há muito que nesse



Louise Colet. Maxime du Camp, que a detestava, compôs em sua intenção o seguinte epítáfio: «Aqui jaz aquela que comprometeu Victor Cousin, ridicularizou Alfred de Musset, vilipendiou Gustave Flaubert e tentou assassinar Alfred Karr: Requiescat in pace!»



A Grand'Rue de Yonville l'Abbaye. Planta desenhada por Flaubert quando da composição de Madame Bovary

campo o meu partido está tomado. Dir-te-ei apenas que todas essas palavras: despachar-se, é o momento, chegou a altura, um lugar feito, afirmar-se, são para mim um vocabulário vazio de sentido; é como se falasses a um algonquino. Não compreendo.

«Chegar a quê? À posição dos srs. Murger, Feuillet, Monselet, etc., Arsène Houssaye, Taxile Delord, Hippolyte Lucas e mais setenta e dois como eles? Obrigado.

«Ser conhecido não é o meu interesse principal e não satisfaz inteiramente senão vaidades muito mediocres. De resto, mesmo nesse capítulo, quem sabe no que se pode fiar? A celebridade mais completa não chega a saciar ninguém e morre-se quase sempre na incerteza do próprio nome a menos de se ser um tonto. Portanto o ser ilustre não classifica ninguém aos seus próprios olhos mais que ser obscuramente conhecido. Eu procuro melhor: agradar-me. O sucesso parece-me um resultado e não um fim. Ora eu caminho, para esse fim, há já muito tempo, sem tro-

peçar e sem parar à beira da estrada para fazer a corte às senhoras ou para dormir na relva. Fantasma por fantasma prefiro o de maior estatura. Desapareçam antes os Estados Unidos que um principio! Que eu rebente como um cão, de preferência a apressar um segundo uma frase minha que não esteja madura. Tenho na cabeça uma finura de linguagem e maneira de escrever que quero atingir. Quando supuser ter colhido o alperce não me recuso a vendê-lo, nem a receber palmas se ele for bom. Daqui até lá não quero enganar o público, nada mais...».

... ..

Como Maxime du Camp insistisse, Flaubert acrescentava, alguns dias depois:

... ..

«Já não seguimos na mesma estrada. Não navegamos já no mesmo barco. Que Deus

nos leve pois ao que cada um pede! Eu não procuro o porto, mas o mar alto. Se lá naufragar, dispense-te do luto.»

.....

Janeiro de 1857.

A Madame Schlesinger (na altura em que Madame Bovary era perseguida por ultraje à moral pública e religiosa e aos bons costumes).

.....

«Escrevo apenas pelo prazer de escrever, para mim só e sem nenhum segundo pensamento para o dinheiro ou o escândalo. Na minha pobre vida tão desinteressante e tranquila, as frases são aventuras e não colho outras flores senão metáforas.

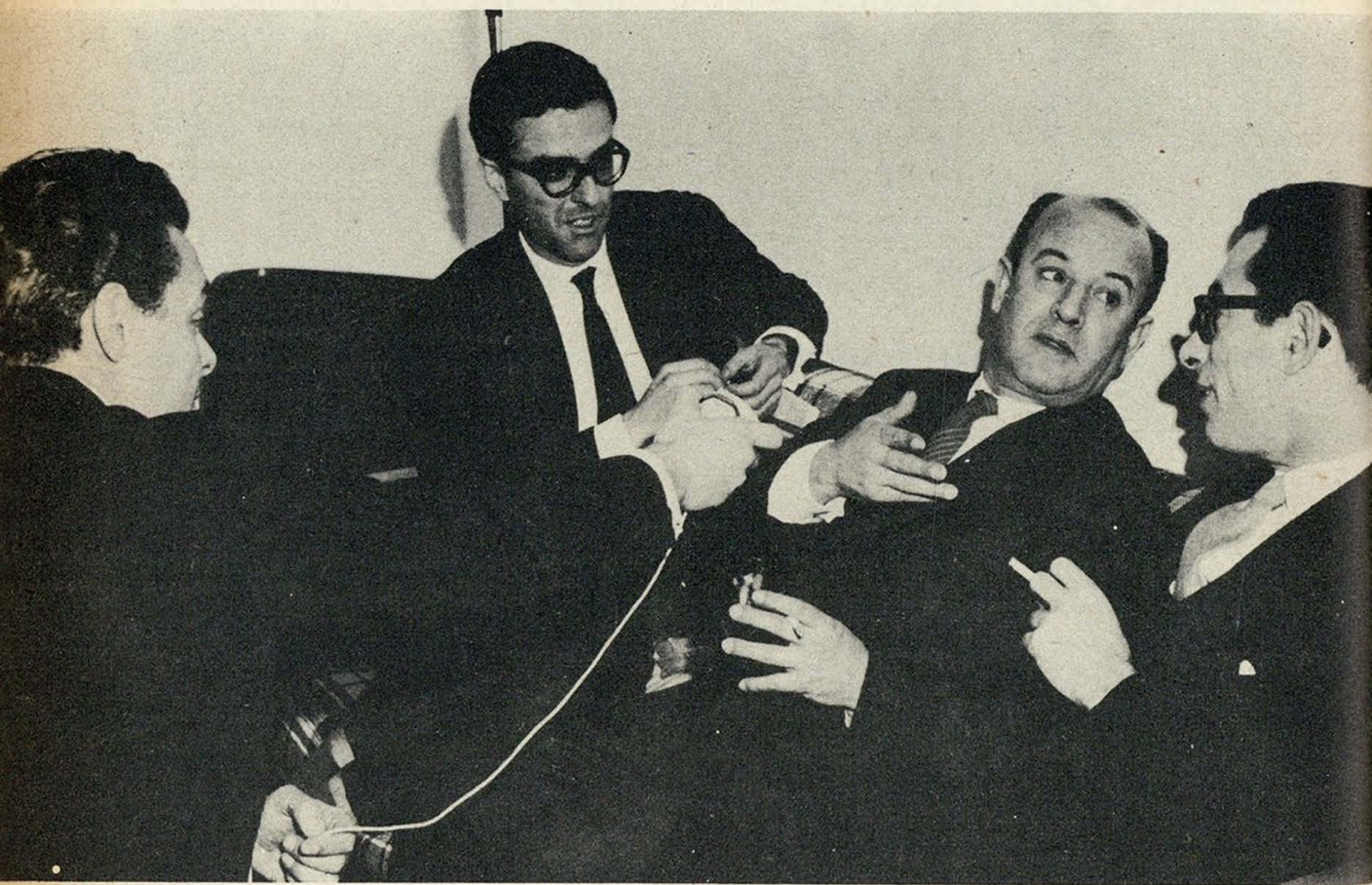
.....



Flaubert dissecando Emma Bovary (caricatura de Lemot)



Conversando à vontade



«o degelo principia diante do gravador»

DIÁLOGO SOBRE OS CRÍTICOS

Literatura pressupõe Crítica e Público. As relações que se estabelecem entre as três unidades fundamentais da criação artística (obra - crítica - leitores) são de tal modo profundas que, afectada uma delas, todas as outras se resentem por reflexo. Daí, a especial atenção que todo o escritor em toda e qualquer parte do mundo dedica à crítica. Daí que em períodos particularmente agudos da vida intelectual de um país se verifique um descompasso, uma desactualização da crítica relativamente à produção criticada.

Perdido o hábito da polémica, tão cheio de fulgor e de jovialidade no nosso século passado, a crítica começou a fazer-se sem resposta aberta e a Literatura, a desabafar em confidências de ouvido ou em sarcasmos de tertúlia. ALMANAQUE reuniu três escritores de primeira água e quis ouvi-los sobre o problema. Um romancista, Manuel da Fonseca, um poeta, Alexandre O'Neill, e um dramaturgo, Bernardo Santareno, falaram à vontade sobre a Crítica e sobre o divórcio da Crítica e do Público. O locutor e actor Fernando Curado Ribeiro registou parte dessa conversa animada nos microfones do seu programa «Leitura» — diálogo que aqui aparece na íntegra.



BERNARDO SANTARENO: «...a polémica não é muito da minha feição. Mas é muito difícil, por vezes, ficar calado...»



ALEXANDRE O'NEILL: «...é muito mais tocante para um artista o aperto de mão de um leitor entusiasta do que a crítica de um critiquelho!»

Manuel da Fonseca. — Tenho para mim que existe realmente um divórcio entre a Crítica e o Público. Fora de dúvida. Esse divórcio terá parte da sua explicação no momento que vivemos no nosso país, mas, bem vê, o crítico também tem parte da culpa... Às vezes, quase sempre, o crítico português escreve de um modo tão hermético, que a linguagem com que estuda a obra criticada atinge unicamente aquele pequeno núcleo de indivíduos directamente interessados no caso.

Curado Ribeiro. — Se bem compreendo, Manuel da Fonseca, a sua opinião é a de que falta à crítica um certo sentido de divulgação...

Manuel da Fonseca. — Não direi bem divulgação...

Curado Ribeiro. — A capacidade de chegar junto do público. Será isso?

Manuel da Fonseca. — Sim, talvez a capacidade de chegar ao público interessado e não aos pequenos núcleos, como eu disse. Mas há outros aspectos. Acontece muito entre nós sair um romance e só daí por quatro meses aparecer a respectiva crítica. Isso, não há dúvida, é outro aspecto que impede, que prejudica o contacto directo do público com a obra que se publicou.

Alexandre O'Neill. — Absolutamente. Em relação à poesia, o que você acaba de dizer é particularmente flagrante.

Curado Ribeiro. — Flagrante, em que aspecto?

Alexandre O'Neill. — Em todos. E em particular porque não há propriamente crítica de Poesia, embora haja um crítico que se dedica exclusivamente à Poesia.

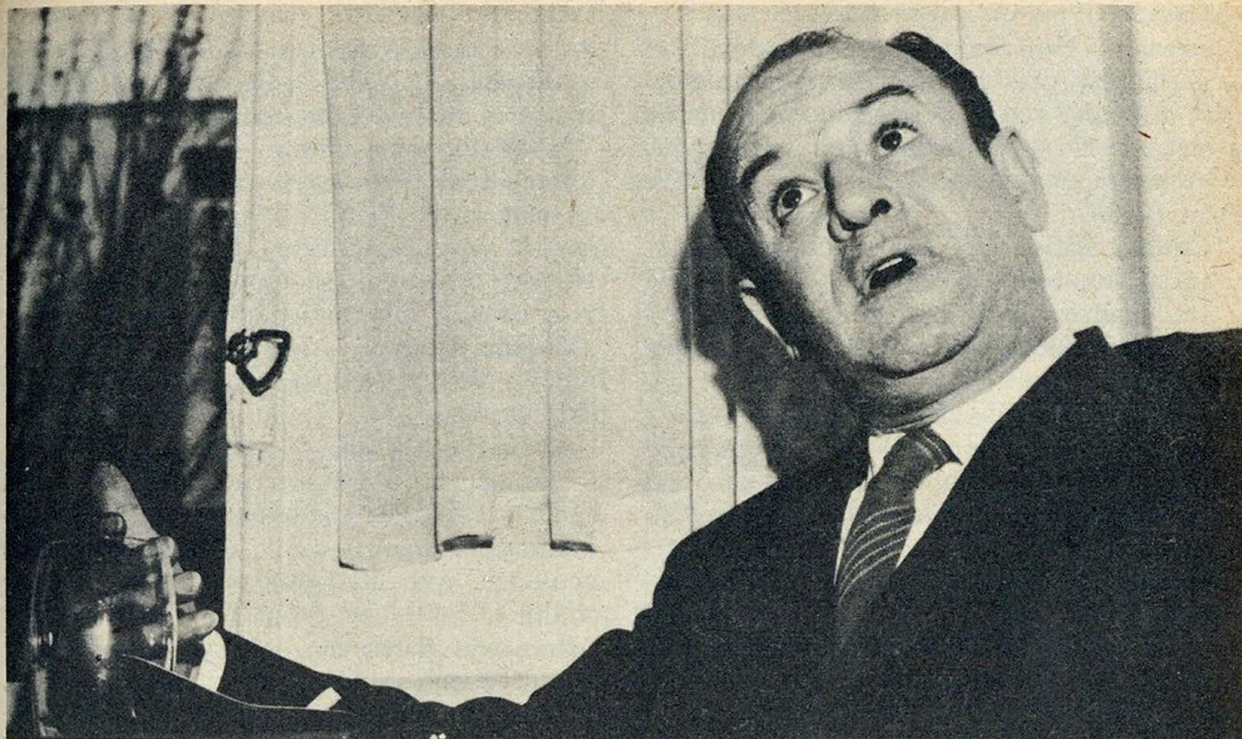
Manuel da Fonseca. — Exclusivamente?

Alexandre O'Neill. — Sim, exclusivamente. Mas o que eu verifico é que as críticas desse autor (aliás servidas por certo bom-senso e por uma grande tarimba) são por vezes meras comparações dos poemas de uns com os de outros, comparações com um critério de manual...

Curado Ribeiro. — Desculpe: segundo a sua opinião, existe realmente um divórcio...?

Alexandre O'Neill. — Existe, nitidamente. Para o grande público, ler uma crítica de poesia não lhe traz qualquer elucidação sobre o sentido da obra que o crítico pretende abordar. O crítico escreve para um pequeno clã, um grupo, uma «panelinha» — vá lá a expressão.

Curado Ribeiro. — No fim de contas, é o que pensa Manuel da Fonseca...



MANUEL DA FONSECA: «É necessário um mínimo de humildade perante a obra que se pretenda criticar.»

Manuel da Fonseca. — Sim, nesse ponto estamos de acordo.

Curado Ribeiro. — E quanto a si, Bernardo Santareno?

Bernardo Santareno. — Bem... não sei... Tudo isto que me aconteceu foi há relativamente tão pouco tempo... nem chega há três anos, por isso não tenho assim uma grande experiência nesse aspecto.

Curado Ribeiro. — Bem, mas fale da sua experiência.

Bernardo Santareno. — É mesmo disso que posso falar. Creio que sob certos aspectos, no que diz respeito ao teatro, até posso ser considerado um caso exemplar, porque se tem escrito tanta coisa, todos os dias recebo imensos recortes, não é? ...E eu fico depois de tudo isso a perguntar a mim mesmo: «Que é que eu devo fazer?». «Que é que eu aproveitei? Em que hei-de mudar? Qual o caminho a seguir?».

Curado Ribeiro. — Desculpe, mas tenho a impressão de que se está a afastar um pouquinho, um tudo-nada, daquilo que estávamos a falar. O que Manuel da Fonseca e Alexandre O'Neill discutiram foi a existência de um divórcio entre a crítica e o público. O que eu gostaria de saber é se está de

acordo ou não; se existe ou não esse divórcio.

Bernardo Santareno. — Sim, era precisamente disso que eu ia falar...

Curado Ribeiro. — Desculpe tê-lo interrompido...

Bernardo Santareno. — O que eu queria dizer é o seguinte: no fim de tudo, existe em mim uma perplexidade que existe também nas pessoas que me têm lido ou que têm visto as minhas peças, porque os críticos (mesmo aquele pequeno número de críticos que nós costumamos considerar) dividem-se quanto a determinadas peças, ou a determinadas cenas ou aspectos das mesmas peças. Porque, bem vê, qualquer artista, sobretudo no que diz respeito ao teatro... e você bem sabe isso... tem meia dúzia de críticas válidas. As outras são, enfim, mais ou menos uns comentários, uns artigos, não é?, em que o fundo é sempre um escandalozito de tipo ético, de tipo religioso ou político, sobretudo político, e isso justifica a minha perplexidade. O resto não sei... Quer dizer... enfim, há críticos que têm feito um esforço sério para interpretar as minhas coisas, e particularmente um que eu acho verdadeiramente honesto e profundo...

Curado Ribeiro. — Quem?

Bernardo Santareno. — Óscar Lopes. Mas a verdade é que também, no fim de tudo isto, a minha actual posição interior quanto a esse aspecto exterior das minhas tentativas de teatro é realmente a de perplexidade e creio também...

Curado Ribeiro. — Acha que posso sintetizar a sua resposta, dizendo que não existe o tal divórcio entre a crítica e o público?

Bernardo Santareno. — Não. Eu acho que existe.

Curado Ribeiro. — Então? Acha que sim?

Bernardo Santareno. — O crítico não orienta. Particularmente no meu caso só desorienta; e não desorienta mais porque eu não deixo.

Manuel da Fonseca. — O Bernardo Santareno acaba de focar um ponto primacial no caso das relações crítico-criticado.

Alexandre O'Neill. — Sem dúvida nenhuma.

Manuel da Fonseca. — Qual é o juízo final que há nessa, digamos, luta entre o crítico e a obra criticada com os seus reflexos para o autor? Ora acontece que entre nós se verifica quase sempre este facto: o pobre do autor que se deixe ir atrás, que siga tal ou tal linguagenzinha porque essa é que é boa, que obedeça ao que o crítico lhe diz, um autor assim está a encaminhar-se para coisa tão absurda, tão falha de sentido no que respeita à personalidade dele, criticado, que não faz mais do que preparar aquilo que, de caras, se pode chamar a sua derrotazinha.

Curado Ribeiro. — Entramos, portanto, noutro tema. Não sei se Manuel da Fonseca considera...

Manuel da Fonseca. — Importantíssimo, embora a uma escala menor, quase íntima. É que se o criticado reage seriamente perante a crítica, cria-se um problema quase dramático! Muitas vezes eu deparo com críticas de eruditos e raramente com a crítica de um homem que vive imediatamente o clima artístico do meu país em determinado momento. E isso é um prejuízo horrível. Olhe, o crítico ideal — o homem que descubrisse o **nosso** caminho naquilo que **nós** vamos fazendo — não é compatível com a erudição deslocada em tempo e lugar nem com os púlpitos donde costumam decretar, louvar, matar e condecorar o artista à mercê

atrabiliária das suas emoções de momento, das suas discussões com um compadre, etc.

Alexandre O'Neill. — De resto, em grande parte dos casos, o que menos está em jogo para o crítico é a obra...

Manuel da Fonseca. — Sim, é necessário um mínimo de humildade perante uma obra que se pretenda criticar. E a maioria dos críticos portugueses são espécies fracassadas de artistas, e subespécies quase todos.

Curado Ribeiro. — Desculpe, o Alexandre O'Neill disse qualquer coisa que eu não pude captar.

Alexandre O'Neil. — Estava a dizer que o Manuel da Fonseca acaba de pôr aqui algumas verdades como punhos.

Curado Ribeiro. — E o Bernardo Santareno acha que Manuel da Fonseca e Alexandre O'Neill têm razão?

Bernardo Santareno. — Bom, eu, depois de tudo o que se disse, poderia pôr em duas palavras, à maneira de análise, aquilo que me diz respeito...

Curado Ribeiro. — Faça favor.

Bernardo Santareno. — O Curado Ribeiro sabe muito bem... Podemos dividir os críticos em 4 categorias. Os que dizem bem, um bem que não interessa nada. Esses são amigos, são às vezes oficiais do mesmo officio que esperam que a gente diga bem deles um dia, e tal. Há os que dizem mal, um mal que não interessa nada, e nesses estão aqueles a que o Manuel da Fonseca se refere... muitos despeitados, fracassados. Claro que qualquer pessoa destas não possui um elemento indispensável para que a obra se desnude e se lhe entregue — esse elemento que se chama simpatia ou amor. Não. Vai com uma coisinha, um compasso metálico para descobrir fragilidades (que são inevitáveis) e coisas quejandas.

Manuel da Fonseca. — Ou para descobrir coisas que não existem na obra, mas que só estão na mente dele, e só na mente dele...

Bernardo Santareno. — Esses críticos interessam pouco e só desorientam. Há ainda uma terceira categoria: aqueles que têm uma boa organização crítica, que são, realmente... boas pessoas, sérias, dignas, mas de tal modo dirigidas por uma orientação de tipo político, religioso ou ético que não conseguem aquela distância harmónica que deve existir entre o critério e a obra de arte.

Depois destes, aparece, é claro, o quarto grupo de críticos — aqueles que conseguem, numa tenaz e honesta maceração, colocar-se na posição do artista criticado. Mas esses são quase uma utopia, porque há aproximações (muito poucas), porém, sendo poucos, é neles que temos de confiar...

Manuel da Fonseca. — Para mim, esse é também o **único** crítico de direito, aquele em quem eu sinto o companheiro das mesmas perplexidades que todo o escritor tem e que não é um mero engavetador de títulos, um rotundo indivíduo munido de um aparelho métrico... «**Este tem 3, aquele tem 4 valores, o outro tem 5...**» Coitadinhos, acabam sempre por uma frase final. Coitadinhos.

Curado Ribeiro. — Voltando ao quarto grupo, em que medida lhe parece **impossível** ou, melhor, excepcional, essa atitude crítica a que se referiu Bernardo Santareno?

Manuel da Fonseca. — **Impossível**, não concordo. **Excepcional**, sim. Rara. E gostaria de apontar aqui um crítico que me surpreendeu. É que ele tinha encontrado de facto problemas da minha vida de escritor. Tinha-me definido com clareza e tinha visto que eu anteriormente estava construindo determinado tipo de linguagem para ver se era capaz de dizer aquilo que pretendia naquele livro.

Isto revela como ele sabia muito de literatura e que já esqueceu essa sua sabedoria e é hoje uma sensibilidade feita dessa experiência, dessa literatura e dessa cultura. Para mim, o crítico, acima de tudo, é um homem de sensibilidade, não um indivíduo de conhecimentos livrescos, como a maioria dos nossos críticos. Por isso eles são uns pequenos cata-ventos a obedecerem ao último livro de que gostaram.

Curado Ribeiro. — Ouça, Manuel da Fonseca, quem é o crítico?

Manuel da Fonseca. — Creio que devo dizer-lhe o nome, tanto mais que não disse os dos outros. Podem pensar assim: porque é que não disseste os dos outros? Mas os dos outros andam na mente de todos, todos estamos a pensar neles, são tantos!

Curado Ribeiro. — Quem é então?

Bernardo Santareno. — Eu creio que a indecisão aqui se põe por causa dos melindres. Mas o Manuel da Fonseca acaba naturalmente por dizer de quem se trata.

Manuel da Fonseca. — Muito bem: o Mário Sacramento.

Curado Ribeiro. — Ótimo. Quer o Bernardo Santareno, quer o Manuel da Fonseca nomearam já um crítico. Não vai você fazer nenhuma referência especial, Alexandre O'Neill?

Alexandre O'Neill. — Para mim, António Ramos Rosa é a maior promessa de crítica de poesia em Portugal, actualmente.

Manuel da Fonseca. — Queria dizer uma coisa: é que quando eu falo nisto, e creio que também quando O'Neill disse o que acaba de dizer, não há aqui como se: fulano terá dito bem, ele falou nele.

Alexandre O'Neill. — Aliás V. sabe que nós particularmente temos boas experiências no aspecto de... vá lá, da aceitação pela crítica.

Curado Ribeiro. — Lógicamente... Eu peço-lhe que não se esqueça de que estamos a falar da vossa experiência profissional, da vossa experiência em função da crítica.

Bernardo Santareno. — Tem razão. Um dos perigos do estado actual da crítica e das relações da crítica com os criticados pode surgir facilmente e tem surgido. E é este: o criticado cair na posição do dizes mal de mim, és burro ou és desonesto. É claro que isso é uma coisa que o artista tem de trabalhar interiormente, tem de trabalhar intensamente, e para evitar essa situação lamentável. Mas tem razão; esta objecção do Manuel da Fonseca é inteiramente de meditar.

Tanto ele como o Alexandre O'Neill costumam reagir, e reagir bem, neste aspecto. Por meu lado, a polémica não é muito da minha feição. Mas é muito difícil por vezes ficar calado, porque vêm ataques de ordem pessoal que nada têm a ver com a obra de arte; enfim... coisas...

Curado Ribeiro. — Advoga então o silêncio?

Bernardo Santareno. — Não, não. Acho que o artista deve responder se se sentir capaz de o fazer com nível, com altura. Mas só responder àquilo que na realidade merece resposta, porque há coisas que na verdade...

Curado Ribeiro. — Em resumo, Bernardo Santareno, a sua opinião para melhorar a situação será talvez que o contacto, a resposta...

Bernardo Santareno. — Olhe, Curado Ribeiro, há críticas a que não se deve responder, não vale a pena. Ou, se se respondesse, enfim, seria de outra maneira muito mais efectiva e contundente. Às outras, sim, às que são válidas, é de responder.

Curado Ribeiro. — Portanto, para melhorar a situação há que contactar... há que responder não a todos (Bernardo Santareno faz algumas excepções) mas há que responder. Qual é a sua opinião, Manuel da Fonseca?

Manuel da Fonseca. — Eu estou a lembrar-me de um artigo de José Régio. Dizia ele da crítica à crítica, da viabilidade de uma crítica à crítica, e é absolutamente certo que o autor, quando sente que foi mal interpretado e diante de si tem um adversário digno, deve responder, quando essa interpretação toca aspectos desconformes e já fora de todo o sentido que o autor pôs no seu livro. Sucede que, no nosso país, até já tem acontecido um crítico fazer críticas a livros que nunca leu...

Alexandre O'Neill. — Ou que leu em diagonal...

Curado Ribeiro. — Portanto, Manuel da Fonseca, acha que o criticado deve responder?

Manuel da Fonseca. — Sim, e eu sou um indivíduo que nunca respondi. E nunca respondi pelo que disse no princípio. A crítica não vai encontrar eco no público. O que vai encontrar eco é talvez o próprio autor, e o eco pode ser negativo ou positivo. Mas pelo que disse de princípio, achei às vezes grande inutilidade em responder ao crítico. Só uma vez pensei responder. Pensei responder por aqueles meios a que há pouco aludiu o Bernardo Santareno.

Curado Ribeiro. — Aos tais contundentes?

Manuel da Fonseca. — Sim. E depois deu-me pena fazer uma coisa dessas.

Curado Ribeiro. — Pois é claro, é sempre de evitar.

Manuel da Fonseca. — Deixei de fazer.

Curado Ribeiro. — E a sua opinião, O'Neill? Parece-lhe útil responder aos críticos?

Alexandre O'Neill. — Bem, eu não tenho tido propriamente ataques, não é?

Bernardo Santareno. — Não, eu acho que o O'Neill é de nós três quem tem mais con-

dições de responder, enfim, nos termos próprios.

Alexandre O'Neill. — Porque é que V. acha isso?

Bernardo Santareno. — Porque de nós três V. é o que pode fazer polémica com mais nível.

Alexandre O'Neill. — Mas porque é que eu posso fazer polémica com mais nível? Já agora gosto que esclareça isso...

Manuel da Fonseca. — É que o Bernardo Santareno já viu uma resposta sua. E minha nunca viu.

Alexandre O'Neill. — Mas eu nunca dei resposta nenhuma à crítica. Eu uma vez fui entrevistado e referi-me à crítica dizendo que, enfim, os versos custavam os olhos da cara e que os críticos os arrumavam com uma facilidade que não estava em relação com o trabalho... Não tenho dúvida em meter-me no barulho. Ora, qual seria a maneira de minorar, digamos, o mal da crítica, melhor, do criticismo ou do hipercriticismo, da elephantíase? Eu acho que só há esta coisa: que a crítica de um meio pequenino é realmente pequenina. Pequenina em relação à actividade editorial, com o hábito de cada um tomar as suas responsabilidades. E já vai sendo tempo de considerar em Portugal, que a crítica, para acompanhar, digamos, a produção, é uma espécie de rémora, mas sem a vantagem da rémora, que, pelo que creio, tem funções indicadoras, e a crítica não...

Manuel da Fonseca. — E só indica quando vive das suas qualidades.

Curado Ribeiro. — Desculpe, mas vamos tentar a conclusão. Acha que, para minorar esta situação, o artista deve responder à crítica? Ou, como reacção, ignorá-la?

Alexandre O'Neill. — Deve completamente desconheçê-la, tal como ela está — isto é a minha opinião. Desconhecê-la no caso dos críticos a que Manuel da Fonseca se refere, como por exemplo Óscar Lopes (que, apesar de muita limitação e de não saber nada de poesia porque não tem sensibilidade, é realmente um crítico). A esses domina-os a preocupação de ter sistema, de terem chave universal e que, portanto, abrem todas as portas quando afinal a obra de arte é criada — e isto citando o Rilke — em grande solidão. Como disse, ela custa realmente os olhos da cara e o crítico tem a tarimba, tem

a obrigação de publicação, tem os 300, 500 ou 600\$00 a receber, isto sem entrar com ninguém, sem estar realmente a dizer mal de ninguém. Ora estas duas coisas não se coadunam.

Curado Ribeiro. — O Alexandre O'Neill não é portanto partidário da resposta aos críticos?

Alexandre O'Neill. — Não sou.

Bernardo Santareno. — Eu acho que esta nossa conversa deve acabar precisamente aqui porque o O'Neill... fez a síntese da coisa como devia ser, não é? Acho que, como ele disse, realmente a obra de arte custa os olhos da cara e deve ser criada em silêncio.

Está-me a lembrar uma conversa que tive há dias com o Almada Negreiros; ele disse-me isso mesmo: isto da gente ser artista é escolher a parte mais terrível, mais pavorosa do homem.

Manuel da Fonseca. — Cá por mim discordo do Bernardo Santareno e, discordando dele, discordo um pouco do O'Neill. Mas, penso eu, o artista quando cria é uma solidão feita de toda a sua existência humana, a comunhão com gentes que o rodeiam ou rodearam e não está tão só que não sinta as vozes dum passado, dum presente e de um desejo de futuro. Antes, ele é a personificação de tudo isso e esse silêncio é talvez a sua isenção, a sua pureza e a sua força

criadora. Mas no problema que abordamos, esse crítico passou logo a estar em contacto com o criticado, com o que ouviu e com aquilo de que pode discordar ou com que pode concordar, e transformou-se logo num homem da rua, que ansiosamente espera ouvir uma palavra de explicação de todas as suas perplexidades.

Alexandre O'Neill. — Ó Manuel da Fonseca; V. não acha que é muito mais tocante para um artista o aperto de mão de um leitor entusiasta do que a crítica de um crítico, de um critiquelho?

Manuel da Fonseca. — Tem razão, tem razão. Talvez eu, falando assim dos críticos e por alargamento da palavra, queira antes falar daquela comunhão que possamos ou não encontrar com os outros.

Curado Ribeiro. — Creio que, no fim de contas, todos estão mais ou menos de acordo e que, desta conversa, saem algumas verdades. Agradeço a todos muitíssimo esta oportunidade que me deram e até uma próxima conversa sobre outro tema, convosco ou com outros profissionais das letras e talvez até possivelmente com alguns críticos que eu consiga reunir para que digam de sua justiça.

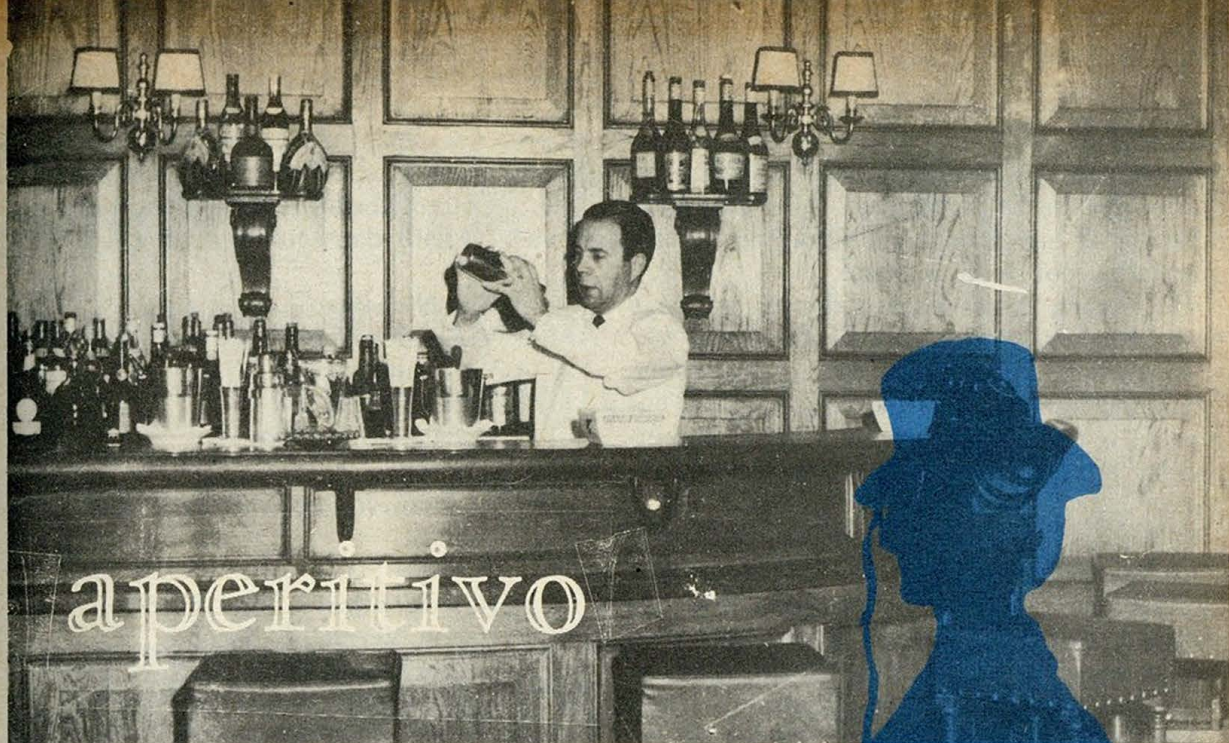
Alexandre O'Neill. — Vão pôr-nos a pão e laranja, evidentemente.

Manuel da Fonseca. — O que, aliás, é já costume velho.





SURPRISE - PARTY



como se come e bebe em Portugal

venha connosco tomar
um aperitivo ao **LORDE**

Já vai longe o tempo em que o «aperitivo» consistia num copo de «branco» tomado ao balcão duma taberna ou duma leitaria. Já vai longe o tempo em que os bares eram exclusivamente patrocinados pelos alcoólicos ou pelos indivíduos que, por não terem nada que fazer, queimavam as tardes e a vida jogando ao **poker** de dados e bebendo **whiskies** uns atrás dos outros.

O bar entrou na vida das grandes cidades e os próprios roteiros fazem-lhe referência e recomendam-no aos turistas.

Londres tem bares célebres que nenhum estrangeiro deixa de visitar. Os bares de Paris e de Nova Iorque são tão conhecidos como os seus monumentos e há quem, ao chegar a Veneza, vá imediatamente cumprimentar o Tony...

É claro que os bares não são todos iguais. Uns há que se caracterizam pelo seu ambiente



recatado e sóbrio. Outros, que são apenas frequentados por gente dum certa classe ou dum certo meio profissional. Mas há ainda outros que, talvez pela sua situação, são frequentados por toda a gente.

Há, assim, bares para todos os gostos e para todos os estados de espírito.

Ainda que lentamente, Lisboa está-se transformando numa cidade de características europeias e os bares começam, já, a desempenhar um papel importante na vida da cidade.

O **Lorde** é um bar à inglesa. Queremos com isto dizer que é um bar sóbrio em que as cadeiras foram concebidas para que nos sentemos nelas e não para que fiquemos deslumbrados com a «talentosa imaginação do seu criador»; não existe no **Lorde** um único cromado que nos lembre uma estação de caminho de ferro; as paredes são apaineladas em lugar de serem pintadas de verde-alface ou de cor-de-rosa pálido; sobre as mesas há pimenteiros autênticos, de madeira, para que possamos moer a pimenta quando a desejamos, em lugar de a tentarmos extrair daqueles pequenos objectos plásticos que ultimamente tomaram a forma de ananases e que são tanto do gosto dos proprietários dos nossos restaurantes.

Resumindo: o **Lorde** é um bar que poderia existir em Londres ou em Paris.

Abriu ao público no dia 10 de Novembro de 1958 e a simpatia do «Saraiva» — é por esse nome que o «barman» é conhecido — rapidamente angariou a clientela necessária para manter o nível da casa.

O «Saraiva», que na realidade se chama Gelásio Saraiva Ruas, começou a sua vida de «barman» no **British Bar** do Cais do Sodré. Daí passou para o **Negresco** e, mais tarde, para o **York Bar**.

Reúne, portanto, todos os requisitos necessários a um bom «barman» e, diga-se de passagem, que não são poucos.

É claro que é possível, no **Lorde** como em todos os bares, tomar qualquer bebida que

se pretenda, mas não há nenhum «barman» que não tenha o seu «cocktail» favorito.

O aperitivo **Lorde**, recomendado pelo «Saraiva», é feito da seguinte forma:

- 1/2 **Gin Nicholas**;
- 1/4 **Vermouth** doce;
- 1/4 **Vermouth** seco;
- 1/4 **Bitter Campari**;
- 1/2 Rodela de laranja.

Outro aperitivo, recomendado pelo «Saraiva»:

- 3 partes de **Whisky Real Hackle**;
- 1 parte de **Vermouth** doce;
- Umás gotas de limão;
- Umás gotas de **Grenadine**.

Para quem prefira um aperitivo não alcoólico:

- Sumo de meio limão;
- 1 colher de xarope de **Gomme**;
- Ginger Ale**.

Não fazemos referência à comida do **Lorde** porque nunca tivemos a oportunidade de lá tomar uma refeição, mas podemos afirmar que, se estiver ao nível dos «cocktails» do «Saraiva», não poderá deixar de ser excelente.

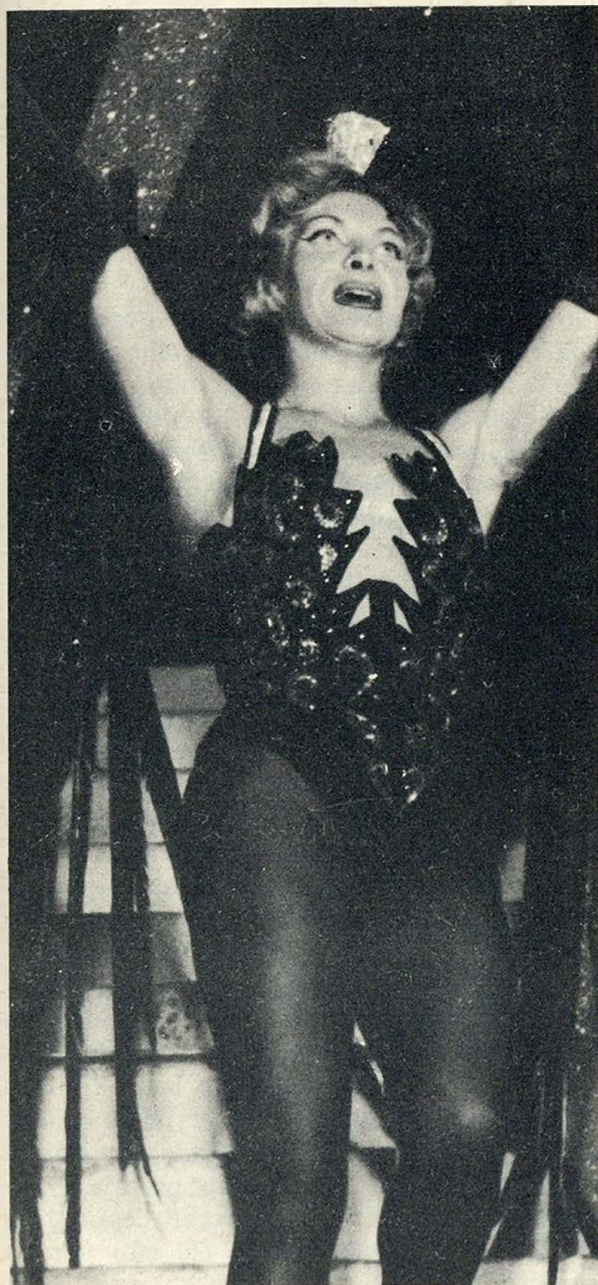
O Inspector Gourmet.

O Inspector Gourmet vai apresentar aos leitores do «Almanaque» vários restaurantes e bares de Portugal. Para que esta apresentação se não preste a interpretações erróneas, desde já se declara que não envolve qualquer publicidade directa ou indirecta. O «Almanaque» só apresentará estabelecimentos dignos de serem frequentados por autênticos «gourmets». Estes estabelecimentos serão escolhidos pelo «Almanaque» para servir os seus leitores e, repete-se, a sua apresentação não envolve qualquer publicidade.



para **LINE RENAUD** a conquista dum marido foi muito difícil

especial para ALMANAQUE



Line Renaud, que o público português tão bem conhece, vive numa pequena casa situada a um quarto de hora de Paris, mas encoberta por árvores e muito difícil de descobrir. Primeiro que desse por ela tive de perder uma boa meia hora!

Line tinha-me dado, é certo, um mapa improvisado, por ela mesma feito. Mas não é verdade que esses esquemas complicam mais do que facilitam as coisas? Ao que ouvi dizer, os admiradores de Line Renaud que saem de Paris ao domingo, de propósito para verem onde ela mora, nunca se enganam. E são muitos! Para tirar fotografias, trepam aos ombros uns dos outros. Gentilmente, enviam quase sempre uma prova à cançonetista...

Recebeu-me no galinheiro, enquanto atirava milho às galinhas com gestos largos e bem ritmados.

JACQUELINE RAY

Line Renaud nasceu em Armentières. Quando estive na América em 1935, criou uma canção que era, de certo modo, a sua autobiografia: **Mademoiselle from Armentières**. Os americanos, que a adoravam, chamavam-lhe Line Renov...

Costuma dizer-se que ninguém é profeta na sua terra, mas, neste caso, a excepção confirmou a regra. Os franceses descobriram-na muito antes dos americanos.

Pergunto-lhe:

— Como começou a sua carreira?

— Em 1939 — responde. — Eu cantava para os soldados e chamava-me então Jacqueline Ray. Porque escolhera aquele nome? Ignoro...

O riso de Line Renaud é franco, sólido, contagioso. Ela prossegue:

— O meu pai tinha sido mobilizado. A minha mãe opunha-se a que eu cantasse. Mas acabei por convencê-la. Procurei cantar em Lile, mas o empresário que me ouviu desinteressou-se...

— Ficou desesperada? — pergunto.

Ela encolhe os ombros, arranja uma graciosa madeixa de cabelo.

— Não... Tentei a sorte, uma segunda vez. Regressei a Lile em 1944. E desta vez dirigi-me ao Conservatório... As minhas colegas que procuravam também ser admitidas cantavam árias clássicas. O júri reprovou-me: cantei as cançonetas em voga... Um dos mestres quase desmaiou... Mas consegui um contrato com a Emissora de Lile. Era o começo!

LOULOU

— E depois?

— Depois, foi o fim da guerra. Convenci a minha mãe a acompanhar-me a Paris e arranjei um contrato com o **Folies Belleville**.

Deixámos o galinheiro. Como o dia estava bonito, reco!hemo-nos à sombra de uma árvore. Line sentou-se no chão. Sorria.

Eu insisto:

— Depois...

— Depois, encontrei Loulou.

Loulou é o marido, o compositor Louis Gasté. Louis Gasté que tem uma guitarra e compôs a maior parte dos grandes êxitos da música ligeira destes últimos anos...

— E conheceu-o em que circunstâncias? — pergunto.

— Loulou regia um curso em Paris e eu quis ser ouvida por ele. Não ficou entusiasmado... Nesse tempo eu cantava canções demasiado realistas que não condiziam com o meu aspecto. Ele disse-me: «É um disparate cantar essas coisas». Respondi-lhe: «As canções não são minhas, são suas...». Era verdade. Mas ele replicou: «Não foram criadas para si...». E prometeu arranjar-me um reportório que se ajustasse ao meu temperamento.

— Cumpriu a promessa? — pergunto por perguntar.

— Claro. Mas eu gostava das canções realistas e não me dei ao trabalho de olhar para aquelas que ele me enviou. Quando lhe disse

o que acontecera, ficou furo e jurou que me havia de meter na ordem.

Louis Gasté começou por exigir a mudança do nome. «Não quero ouvir falar mais em Jacqueline Ray. Cheira a coisa americana. Não. Renaud, Line Renaud, eis o teu verdadeiro nome.»

Assinou um contrato com ela por cinco anos e obrigou-a também a cortar o cabelo, a perder quinze quilos, a tomar lições de canto, de dança, de teatro...

Line Renaud vivia então num modesto quarto que compartilhava com uma amiga. Um dia, convidou Louis Gasté a visitá-la.

— Como? — admirou-se ele. — Tu vives neste buraco? Amanhã mudas-te para minha casa. Não, deixa-te de histórias. Não suponhas que me interessa em ti a mulher. A artista, apenas. É o quarto da minha irmã está livre, poderás ir para lá.

DESESPERO

A casa de Gasté era enorme. O músico vivia com o pai, um simpático velho que passava o dia a jogar o ténis (morreu aos 83 anos com a raqueta na mão) e a pintar aguarelas. Uma autêntica vida de boémia!

Dois dedos de poeira sobre os móveis! Comiam numa mesa onde os tubos de tinta se misturavam com a louça da semana anterior!

— A mãe de Loulou gostava muito de mim — acrescenta Line. — Chamava-me o seu raio de sol... E eu..., eu..., ao mesmo tempo que procurava pôr a casa em ordem, apaixonava-me por Loulou, que não dava por nada! Para ele eu era uma rapariguinha gentil que ele ajudava e para a qual escrevia umas canções. Eu estava desesperada!

Entretanto Line Renaud estreara-se no Bébino com êxito e o futuro apresentava-se-lhe risonho.

— Mas esse amor infeliz — acrescenta — envenenava-me a alegria. Tentei tudo quanto uma rapariga pode imaginar para atrair as atenções de Loulou. Por um lado, tinha a casa muito bem arrumada e servia-lhe os seus pratos favoritos. Por outro lado, procurava torná-lo ciumento. Assim, eu própria encomendava flores que me enviava depois com cartões apaixonados... Mas ele não parecia preocupar-se...

UM FALSO PEDIDO DE CASAMENTO

Line Renaud continua:

— Nas noites em que não cantava que havia eu de fazer? Chegava a entrar em cinco cinemas, aborrecendo-me muito... Procurando muito simplesmente que o tempo passasse para chegar tarde a casa. E quando chegava, altas horas da noite, fazia muito barulho para que Loulou acordasse e visse o relógio... Nada! Loulou continuava distraído! Por fim combinei com Paul Barré, um camarada da rádio, um pedido de casamento. A cena estava muito bem preparada. Barré telefonou-me a uma hora em que Loulou estava em casa.

— Insistes em querer casar comigo? — perguntava eu de modo a Loulou ouvir. — Vou pensar mais quarenta e oito horas...

Loulou ouvia tudo. Quis saber:

— Que tal é ele?

— É um bom rapaz...

— Rico?

— Um grande industrial do Norte!

— Bem... Então, casa-te...

Nessa noite, Line Renaud fartou-se de chorar. Mas acrescenta-se que Louis Gasté, ao contrário do que poderia parecer, não era insensível à simpatia de Line. Lembrando-se, porém, de que era vinte anos mais velho, não ousava declarar-se.

TRÊS ANOS DE ESPERA

Seria necessário que Line Renaud entrasse num hospital e saísse da sala de operações quase moribunda para que ele ousasse dizer-lhe a verdade.

Demorara três anos!

Mas casaram-se em menos de três dias!

Inútil falar no resto: o êxito, as canções que deram a volta ao Mundo: *Ma cabane au Canada*, *Étoile des neiges*, *Le couplet gris*, *Ou vas-tu, Basile?*...

Ouve-se uma sineta. Meio-dia! Marcelle, a cozinheira, anuncia que o almoço está na mesa.

— Conte-me a história desta casa, Line!

— Loulou queria deixar Paris. Vivíamos num apartamento e, à noite, quando ele compunha, os vizinhos batiam no tecto. Um dia descobrimos este terreno. Comprámo-lo para podermos acampar ao domingo... Uma vez em que Loulou trepou a uma árvore descobriu uma vista magnífica, insuspeitada! O Mont Valérien, Nanterre, Saint Germain, Montmartre, os dois braços do Sena. Decidimos então construir uma casa. Foi feita em família: um primo da Normandia veio ajudar-nos, o meu sogro também... Passou-se algum tempo, mas o resultado está à vista...

Por mim, devo declarar que a casa é muito bonita, simples, familiar, clara... Uma casa onde sabe bem viver.

— Outro problema — acrescenta Line Renaud — o de mobilar a casa.

«As nossas digressões artísticas eram feitas de camioneta. Nos intervalos dos recitais, batíamos os ferros-velhos e os antiquários. Quando chegávamos, de novo a camioneta vinha cheia...

Interrompo mais uma vez Line Renaud.

— Como passa o dia?

— Estudo com Loulou as minhas canções. À parte isso, ocupo-me da casa. Adoro modificar os quartos. Mudo constantemente os móveis, à procura da solução ideal.

— E a cozinha?

— Quanto à cozinha, zero. Não tenho paciência... Marcelle encarrega-se disso. E quanto à minha vida privada, nada tenho a dizer. A calma é absoluta.

Line Renaud não precisa de insistir para que eu acredite. Os olhos dela atestam a sua impressionante felicidade. Como poderia ela rir-se e cantar assim, se não fosse feliz? Apesar disso, lanço uma última pergunta:

— E meninos...?

Desta vez o seu olhar embacia-se um tudonada, a sua voz perde a segurança.

— Gostaria muito de os ter... É talvez a única coisa que me falta para eu ser verdadeiramente feliz...



TENDÊNCIAS DO CINEMA

Não há dúvida: o «vedetismo» está a desaparecer! Nos anos que se seguiram à guerra, bastava que num filme figurasse uma «estrela» de primeira grandeza para que o seu sucesso fosse garantido. Quem se não lembra, ainda, de Betty Grable, Esther Williams, Ingrid Bergman, Greer Garson, Ginger Rogers e Judy Garland?

De 1950 para cá, porém, o panorama transformou-se radicalmente. Nos E. U., onde se estuda com o maior interesse a afluência do público aos espectáculos, publica-se todos os anos a lista dos actores favoritos, lista esta que tem por base o número de indivíduos que assistem aos filmes.

Dentre os 10 actores favoritos de 1954 apenas 2 eram do sexo feminino e, mesmo assim, ocuparam o 4.º (Marilyn Monroe) e o 9.º (Jane Wyman) lugares da lista.

Em 1955, a posição das grandes vedetas femininas era sensivelmente a mesma: Grace Kelly ocupava o 2.º lugar e June Allyson o 9.º.

Em 1956, Marilyn Monroe descera para o 8.º lugar seguida de Kim Novak.

Na lista de 1957 não figurou uma única mulher, embora Elizabeth Taylor e Brigitte Bardot tivessem ocupado lugares de relevo na lista de 1958.

As 2 listas a que nos referimos são as seguintes:

1957

1 — Rock Hudson;

- 2 — John Wayne
- 3 — Pat Boone
- 4 — Elvis Presley
- 5 — Frank Sinatra
- 6 — Gary Cooper
- 7 — William Holden
- 8 — James Stewart
- 9 — Jerry Lewis
- 10 — Yul Brynner

1958

- 1 — Glenn Ford
- 2 — Elizabeth Taylor
- 3 — Jerry Lewis
- 4 — Marllon Brando
- 5 — Rock Hudson
- 6 — William Holden
- 7 — Brigitte Bardot
- 8 — Yul Brynner
- 9 — James Stewart
- 10 — Frank Sinatra

Segundo os técnicos, o declínio da popularidade das vedetas femininas não é um fenómeno isolado mas, antes, um dos muitos aspectos da transformação que vem a operar-se no mundo do cinema. Os próprios «astros» já não oferecem garantia de sucesso a um filme.

Gary Cooper só «interessa» à bilheteira desde que figure num filme de «cow-boys».

Cary Grant apenas atrai o público desde que figure em comédias sofisticadas. Yul

Brynner não atrai ninguém desde que não apareça com o cabelo rapado...

Para o que se está passando, há várias explicações. Alguns técnicos afirmam que Hollywood já não produz filmes que ponham em evidência as grandes actrizes e, na verdade, o tipo de filme construído em torno duma «estrela» desapareceu dos «écrans». Foram precisamente os filmes desse género que celebrizaram Betty Grable, Esther Williams e outras «estrelas» do passado.

Outros técnicos atribuem o facto apontado a motivos diferentes. Segundo eles é reconhecido que a indústria cinematográfica é orientada em função dos «teenagers», os jovens com menos de vinte anos. («Teenagers» é uma palavra que designa os jovens dos 13 aos 19 anos). Esta juventude, segundo alguns técnicos, já se não interessa pelas «estrelas»...

Maureen O'Hara, recentemente, disse da indústria cinematográfica:

«O cinema não voltará a ser o que era enquanto os argumentistas não atribuírem um papel mais importante à mulher... Os «astros» auferem ordenados extraordinários e quando os produtores pretendem dinheiro para as «estrelas» verificam que já acabou... Daqui resulta que nos filmes abunda o talento masculino...»

Em Inglaterra a situação é análoga à que vimos descrevendo em relação aos E. U.

Yvonne Mitchell, uma actriz inglesa que tem estudado o problema, comenta-o da seguinte forma:

«Os produtores ingleses partem do princípio de que, se uma actriz é bonita e sensual, não sabe representar e que, se representa bem, nem é bonita nem sensual...»

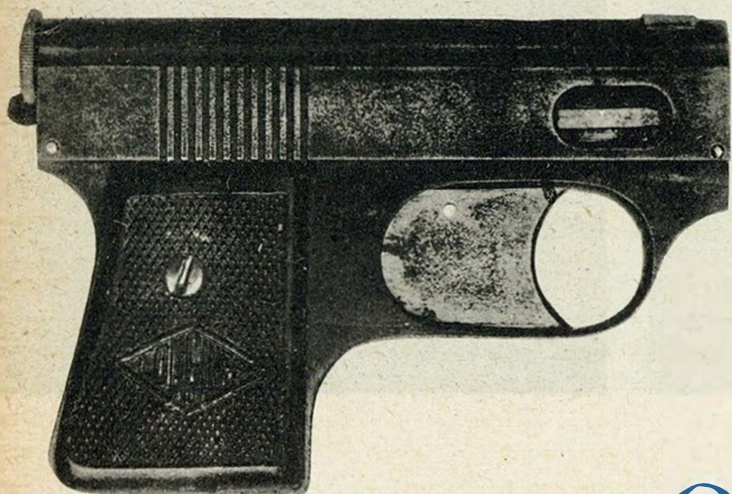
«Trata-se da lei da oferta e da procura. Há tão poucos papéis para actrizes, que os produtores não têm a menor dificuldade em encontrá-las. Uma actriz, actualmente, auferirá 1/10 do ordenado dum actor...»

Os 10 actores ingleses que em 1959 atraíram mais espectadores aos cinemas foram:

- 1 — Alec Guinness
- 2 — Dirk Bogarde
- 3 — Kenneth More
- 4 — Ian Carmichael
- 5 — Virginia McKenna
- 6 — John Mills
- 7 — Norman Wisdom
- 8 — John Gregson
- 9 — Jack Hawkins
- 10 — Stanley Baker

Os próprios produtores reconhecem que a vedeta de há 10 anos desapareceu e afirmam que já não é possível ressuscitá-la. Segundo dizem, o público desinteressou-se completamente dos filmes concebidos para pôr em evidência a beleza ou o talento duma actriz.

Tudo será verdade e os números demonstram-no duma forma irrefutável, mas é igualmente verdade que há ainda milhares de pessoas que vão ao cinema ver a Bardot...



O CRIME

ao alcance de todos

FIM-DE-SEMANA AGITADO

Combinara com uns amigos passar três dias numa praia e gozar dois dias de repouso absoluto! Mas a sorte não quis nada comigo. No último dia (uma segunda-feira), um telefonema informou-me de um crime de morte, seguido de roubo.

Quando cheguei à pensão onde se desenrolara a tragédia, a senhora Harriet Jenkins, que era a dona, conduziu-me ao quarto dum antigo solteirão, Henry Wilson. O seu cadáver jazia no chão com a cabeça aberta.

— O dinheiro dele desapareceu — disse ela. — Ele guardava aqui cerca de cem contos. Quando reparei que não ia tomar o pequeno almoço subi para ver o que se passava e dei com ele já morto. Imagine o senhor como ficaram os outros hóspedes quando lhes disse o que acontecera.

Dei uma busca a todos os quartos e depois reuni quatro hóspedes e disse-lhes que descobrira nos quartos deles o equivalente a cem contos. «Como se explica isto?» — perguntei.

O jovem Tom Wesley disse-me que estava na cidade havia uma semana e que o di-

nheiro encontrado no seu quarto era o resto do dinheiro que seu pai lhe havia dado até que encontrasse emprego.

— Chamo-me Martha Cook — disse uma mulher de meia-idade. — O dinheiro que encontraram ganhei-o eu e destino-o às minhas férias. Eu não pertencço ao número das mulheres que matam velhos para lhes ficar com o dinheiro.

— Por mim, posso dizer que o dinheiro não é meu — respondeu um homem muito gordo. — Chamo-me Will Meeks. Devo esse dinheiro a Mike Johnson. Perdi-o ao jogo na semana passada. Fui ontem ao Banco levantá-lo para o entregar hoje.

— Chegou a minha vez — começou a dona da pensão. — O dinheiro que estava no meu quarto corresponde ao pagamento dos quartos... Nunca gostei dos Bancos... Preferi sempre ser eu a guardá-lo...

Pensei durante alguns minutos e por fim disse: «Como cada um de vós tinha no quarto cerca de cem contos são todos suspeitos. Em todo o caso desconfio dum de vós e é a esse que eu quero interrogar...»

Quem será?

SOLUÇÃO

mingo e os Bancos estavam fechados.
dia anterior. Ora o dia anterior era um do-
Will Meeks. Ele disse que fora ao Banco no

A MORTE DE FÉLIX HENDERSON

Aproveitara eu uma tarde livre para ir até um jardim respirar o ar puro e sentar-me à borda do rio, quando vi Félix Henderson passar no seu magnífico barco a motor. Qual não é o meu espanto ao dizerem-me, uma hora depois, que Félix Henderson tinha morrido num acidente.

Quando cheguei ao sítio onde repousava o cadáver, fui recebido pelo sobrinho do morto.

— Foi horrível! — exclamou ele. — Eu vinha buscá-lo para o levar a casa e dei com ele aí... morto!

Observei o corpo de Henderson estendido perto duns arbustos, junto duma casa de campo. Estava branco, e ao lado encontrava-se, caída no chão, uma espingarda. Olhei para um automóvel novo e brilhante, estacionado à porta da casa, com um reboque que

transportava o barco e vários apetrechos para acampar.

— É lamentável — disse eu, sacudindo tristemente a cabeça. — Vi o seu tio há cerca de uma hora. Como poderia pensar que...? — Aproximei-me do reboque. — Era um bonito barco... O seu tio devia orgulhar-se dele...

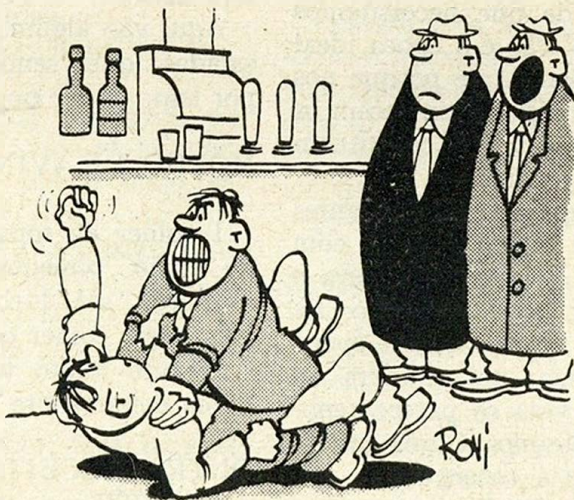
— É pequeno, mas muito sólido. Precisa de, pelo menos, duas pessoas para o carregarem. Não compreendo como o tio Félix pode ter sido tão descuidado que tenha disparado a espingarda. Convenço-me antes dum suicídio.

— Por mim tenho a certeza de duas coisas — respondi eu. — Henderson não se suicidou e não morreu acidentalmente. O seu tio foi morto depois de você chegar aqui e foi você mesmo quem mo disse.

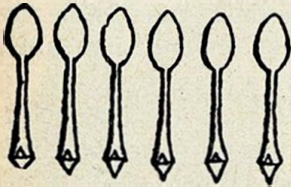
Qual a declaração de Dick Rogers que me levou a esta conclusão?

SOLUÇÃO

Ele disse que o transporte do barco para o reboque necessitava de duas pessoas.



— O curioso da questão é que fui eu quem começou!



culinária

COMA E EMAGREÇA

Infelizmente, com o decorrer do tempo, o homem tende a engordar e o tempo não é o único responsável por esta tendência que nos rouba anos de vida e que nos causa tantos incômodos.

As almoçaradas e as jantaradas, tanto do nosso gosto, os leitões assados, os bacalhaus nadando em azeite, as açordas à alentejana e tantos outros deliciosos pratos da nossa cozinha são o inimigo número 1 de quem deseja conservar a saúde e viver muitos anos.

Na verdade todos chegamos ao Verão com a sensação de que os fatos de banho do ano passado encolheram e de que necessitamos de fazer uma dieta. O Verão é a época ideal para uma alimentação sadia, até porque nos dias de grande calor a ninguém apetece os petiscos gordurosos e pesados que constituem a base da alimentação portuguesa.

Há, todavia, quem deseje emagrecer antes do Verão, quem deseje chegar à praia com menos uns centímetros à volta da cintura e quem deseje aproveitar, ainda, os fatos de banho do ano passado. Para esses, a época das dietas é a Primavera, uma quadra do ano em que a própria vida se parece renovar e em que todos aspiramos a uma juventude que só os saudáveis conseguem.

Ora, emagrecer não é tão difícil como podem supor certas pessoas que por vezes se vêem na rua e que parecem ter como objetivo na vida ocupar duas cadeiras no cinema.

Mesmo os «gourmets» podem emagrecer sem grandes sacrifícios, desde que cuidem um pouco da alimentação; e as senhoras que gostam de «manter a linha» sem deixar de almoçar, facilmente perderão uns quilos se tiverem cuidado com os molhos e escolherem os pratos com atenção.

Na Primavera, as saladas começam a figurar nas prováveis ementas de quem normalmente não gosta de saladas, e muita gente julga que emagrecerá se comer alface e agriões abundantemente regados com azeite e vinagre. É claro que as saladas podem constituir um auxílio precioso para quem queira emagrecer, mas apenas se forem temperadas sem azeite...

Aqui vão algumas receitas de molhos para saladas, que, sendo saborosas, não deixam por isso, de ter poucas calorias.

MOLHO DE «VINAIGRETTE»

1 colher de sopa de vinagre ou de sumo de limão, pimenta preta moída de fresco, mostarda, sal, 1 colher de chá de molho inglês, meia colher de chá de papoilas.

Misture muito bem os ingredientes antes de os deitar sobre a salada.

OUTRA RECEITA DE MOLHO «VINÀIGRETTE»

3 ou 4 colheres de sopa de vinagre, mostarda, pimenta preta moída de fresco, cebo-

las e salsa picada, um ou dois comprimidos de sacarina.

Dissolva a sacarina no vinagre, junte os restantes ingredientes e mexa bem.

MOLHO DE TOMATE

4 tomates maduros, 1 dente de alho, vinagre, 1 cebola, salsa, pimenta preta moída de fresco, 2 comprimidos de sacarina.

Corte os tomates aos quartos, ponha-os em lume brando juntamente com o vinagre, a sacarina, a cebola picada e a pimenta.

Vá mexendo até que o molho tenha a consistência que pretende e junte-lhe salsa picada antes de servir.

Os molhos indicados não levam azeite nem são tão bons como seriam se o levassem. Destinam-se, apenas, a conseguir que as saladas não engordem e a que os «gourmets» as possam comer sem excessivos sacrifícios...

Como já se disse, à medida que o calor aperta, os alimentos leves entram na dieta de todos e, dentre os alimentos que melhor resolvem os problemas de quem pretende perder peso, os ovos ocupam um lugar importante.

Nem todas as maneiras de cozinhar ovos, porém, resolvem o problema.

A seguinte tabela de calorias demonstra bem o que acabamos de dizer.

1 ovo cozido	80 calorias
1 ovo estrelado	125 calorias
1 ovo escalfado	80 calorias
1 ovo mexido	100 calorias
1 omeleta (2 ovos)	200 calorias

Verifica-se, assim, que há vantagens em cozinhar os ovos de forma a que tenham um mínimo de calorias e que, apesar disso, sejam agradáveis ao paladar.

As seguintes receitas poderão ajudar os interessados.

OVOS COM ESPINAFRES

1 ovo por pessoa, sal, quilo e meio de espinafres, pimentos.

Coza os espinafres em água salgada e escorra-os até que não tenham água. Corte-os em pedaços muitos pequenos e passe-os por

uma peneira. Tempere com sal e pimenta e ponha o puré obtido no fundo dum prato de ir ao forno.

Parta os ovos sobre os espinafres e leve ao forno durante 10 minutos. (1 ovo com espinafres — aprox. 125 calorias).

OVOS COM ERVILHAS

1 ovo por pessoa. Ervilhas cozidas. Sal e pimenta.

Disponha as ervilhas no fundo dum prato de ir ao forno e sobre elas parta os ovos. Leve ao forno até os ovos estarem cozinhados.

(1 ovo com ervilhas — aprox. 160 calorias).

OMELETA DE ALFACE

Bata os ovos (1 por pessoa) numa tija funda e junte-lhes uma folha de alface partida aos bocados. Faça a omeleta com o **mínimo** indispensável de manteiga.

(1 porção normal — aprox. 130 calorias).

OVOS COM «ASPIC»

Geleias de «aspic». Sal. 1 ovo por pessoa. Pimenta.

Coza os ovos até que as claras estejam duras mas de forma a que as gemas ainda o não estejam. (Aproximadamente 6 minutos).

Descasque-os e coloque-os em pequenas formas individuais. Cubra-os com «aspic» bem apimentado, aguarde que a geleia endureça e, depois de os tirar da forma, sirva-os guarnecidos com rabanetes e rodela de cenouras.

(1 ovo — aprox. 100 calorias).

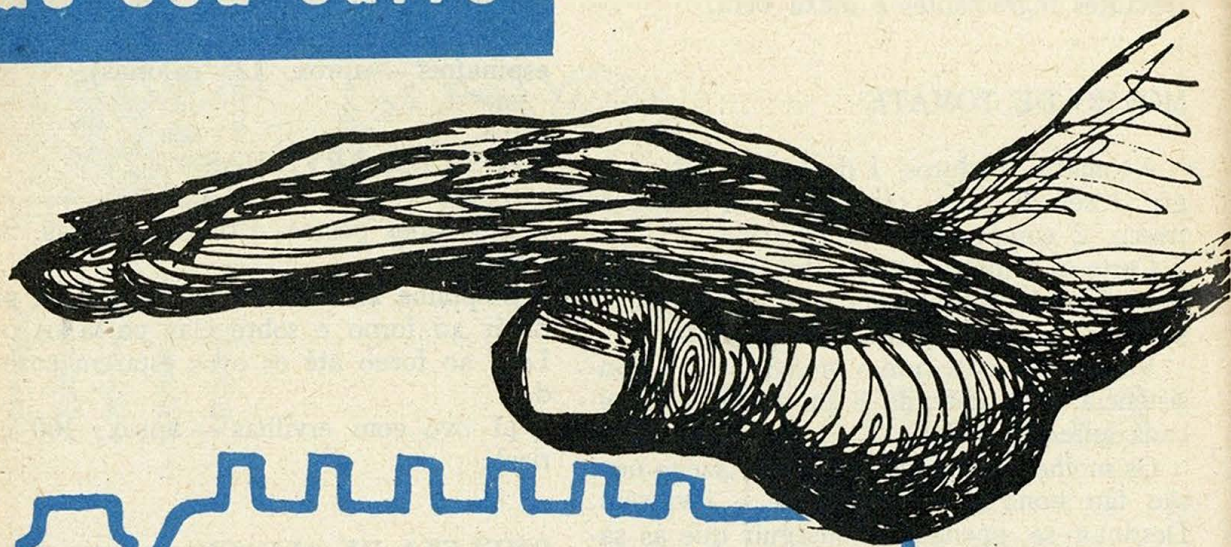
«OEUFs EN COCOTTE»

1 ovo por pessoa, molho de tomate, sal, pimenta e um pouco de manteiga.

Parta os ovos em pequenas formas individuais de ir ao forno, primeiramente amantigadas e tempere-os com sal e pimenta. Cubra-os com molho de tomate e leve-os ao forno durante 15 minutos.

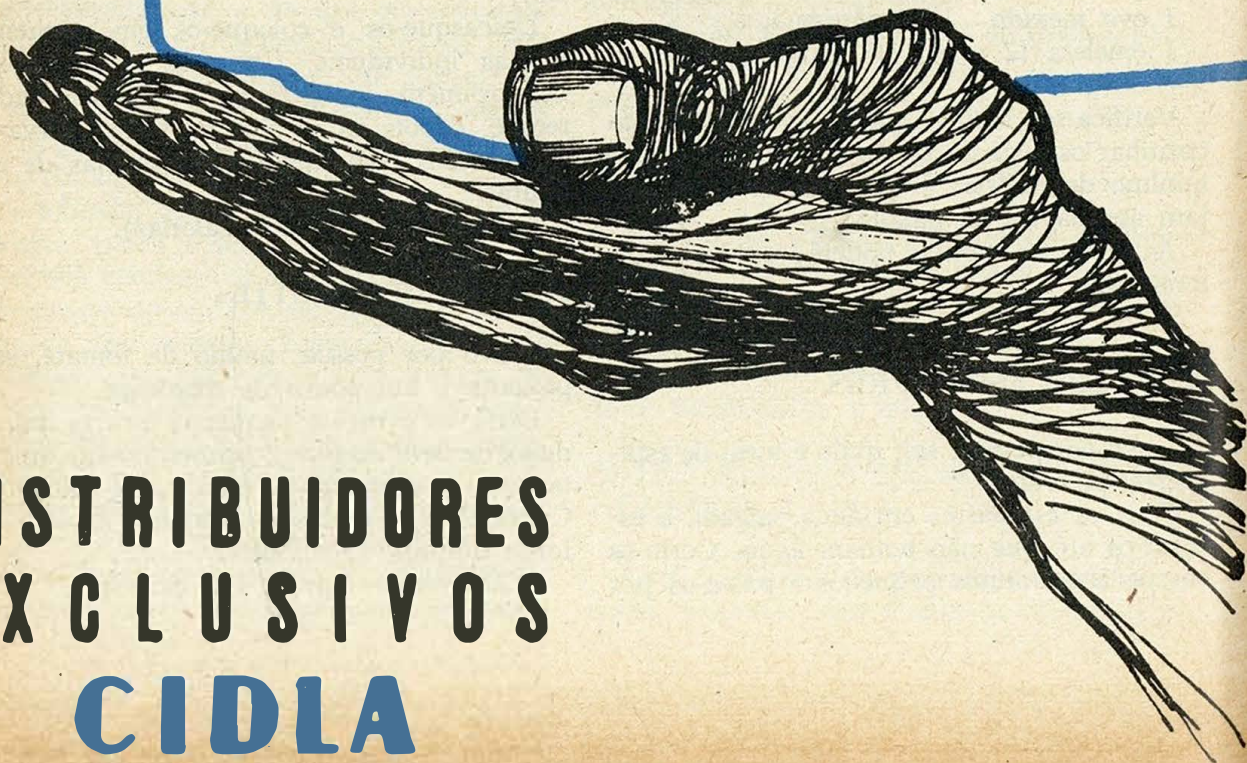
(Cada ovo — aprox. 115 calorias).

para o motor
do seu carro



use

lubrificantes




DISTRIBUIDORES
EXCLUSIVOS
CIDLA

QUADRO SINÓPTICO DE TIPOS CORRENTES NA FAUNA DE PACHECO

continua no verso

	Como se vestem	Tipo de carro	De que falam	Actividade favorita	Quem desejariam ser	Desporto	Bebida favorita	Que pensam do futuro	O que lêem	Onde passam o Verão	Que pensam do amor	Lema preferido	Heróis da sua juventude	A coisa que mais odeiam	Como dese/am morrer
O grande industrial	Chapéu à diplomata, calças de fazenda inglesa, pasta	«Cadillac»	Dos seus sacrifícios	Os sacrifícios de que fala	Está satisfeito	Piqueniques a bordo de iates ancorados na baía de Cascais	«Whisky»	Receia-o	Não tem tido ultimamente o tempo que desejaria para dispensar à leitura	Não tem tempo para passar o Verão	Que é caro	Grão a grão enche a galinha o papo (Pascal)	O Pai	O Dirigismo económico	Nas mãos do cirurgião mais caro que houver
A verdadeira tia solteira	Vestido simples, sapatos simples, penteado simples. Nos amonites alentejanos usam carrapito	O carro dos cunhados	Dos sobrinhos	Olhar pelos sobrinhos	As cunhadas, em melhor	Vigiar os sobrinhos	A limonada	Que fica para tia	Saint-Exupéry e jornais da especialidade	Na quinta	Evitam pensar	O corpo sobrecarrega a alma (Pitágoras)	Rodolfo Valentino	A Grécia!!!	Devidamente preparada
O «self made man»	Veste-se!	De representação	De como se fez!	Fazer-se!	Alguém que tivesse nascido já feito...	As fraquezas dos outros!	«Whisky!»	«O futuro a ele pertence!»	Facturas!	Onde pensou passá-lo!	Que se'faz!	«O homem faz-se a si próprio!» (Gordon Child)	Ele próprio!	O aristocrata	Ele lá sabe
A «self made woman»	Vestem-na	«Kamean-Ghij»	De tudo — menos dos amigos	Os amigos dos amigos	As esposas dos amigos	Cha-cha-cha	«Whisky»	«Quisera, sera...»	Holoscópos	No Estoril	Que deve existir...	«A mulher não se faz a si próprias» (Maurras)	Um primo	As esposas dos amigos	Sem dar por isso
O intelectual estúpido	Não se distingue pelo vestuário	Não tem	Dos intelectuais espertos	Estar com intelectuais	Intelectuais famosos	Xadrez	A «bica»	Que tem para com ele graves responsabilidades	O mesmo que os intelectuais espertos, mais o «Almanaque»	No café	Que é um problema de consciência.	A inteligência vence a força (Sandro e Dalila)	Malraux	A estupidez!	Lácidamente
O namorado	Mal	Não tem	Não fala; suspira	Namorar	«Lucifer-de-me!»	O bilhar	A «bica»	Ao pensar, cora...	Hal Cainé	Santo Amaro de Oeiras	Pensa que é namoro	Casamento, apartamento com 2 casas assosilhadas (Corbuser)	Brigitte Bardot	Os braços que separam as cadeiras dos cinemas	Não quer
O agrário	Como ind: a gente uns sumarró	A «Stations»	Dos chaparros	Plantar chaparros	O duque de Alba	A cega	«Whisky»	Depende do tempo	El Ruedo	No Hotel Borges	Que é um fenómeno primaveril	Portugal é um país agrícola (Sócrates)	Juan Belmonte	A industrialização	Rodeado por todos os seus

	Como se vestem	Tipo de carro	De que falam	Actividade favorita	Quem desejariam ser	Desporto	Bebida favorita	Que pensam do futuro	O que têm	Onde passam o Verão	Que pensam do amor	Lema preferido	Heróis da sua juventude	A coisa que mais odeiam	Como desejam morrer
A caixeirinha	Poltrona	«Elétrico»	De um amor libertador	O domingo	Artista (honesto) de cinema	Não tem saúde para praticar nenhum desporto	Laranjada, quando pode	Nem pensa no futuro	Max do Zeuzil, emprestado	Onde passou o Inverno	Que é tudo o que pode vir a ter	Tristeza não pagam dívidas (Petraça)	O príncipe da «Gala Hoff-Heitau»	O emprego	Às vezes depressa
O burocrata instalado	Chapéu à diplomata, calça de fantasia de Estremoz da Cavilha	O mais «Cadillac» possível	Do Fomento	Carimbar	Grande estadista (excluir Mouzinho da Silveira)	Indicar o caminho ao «chauffeur»	Em público, «whisky», secretamente gosta de bagaço	Prevê Crise das de Administração	Originais, Duplicados e Triplicados	Estoril	Pensa em duplicado	As infraestruturas que estruturam as estruturas, carecem de reforços estruturais (Frase extraída do Boletim da Junta)	O «Mandarin» de Eça de Queiroz	A desordem	Com a certidão de óbito previamente preenchida
O filho família	Como pensa que se veste Ali Khan	«Porsche»	De «Porsche»	O «Porsche»	O marquês de Portago (vivo, entenda-se)	Falar de «Porsche»	«Whisky»	Que o novo modelo deve vir a ser surpreendente	«O Volante»	Tamara	Só interessa quando alguém o vê com «ela»	É justo que os pais trabalhem para os filhos (Manual do Filho Pródigo)	O Marquês de Portago (Morto)	O mundo novo, de que ouviram falar	Espectacularmente
O jovem bacharel	Imita o vestuário dos professores que tem na Faculdade	«Volkswagen»	De cultura geral	A cultura geral	Geralmente culto	Tênis	«Whisky»	Ser aumentado	Os livros da moda	Na Estrada Marginal	Que há vários tipos	A cultura universitária é a base do progresso (D. Dinis)	Sir Anthony Eden	Os jovens de constituição atlética	Com grande noticiário nos jornais
O «chauffeur» particular	Não se veste; farda-se	O do patrão	Ouve	Falar da importância do patrão	«Chauffeur» do patrão do patrão	Relatos de futebol	Vinho tinto	Que depende dos patrões	Sinais de trânsito	À frente dos patrões	Que não coíça do patrão	Vale mais uma mentira do patrão que uma verdade de um polícia (Manual de Etiqueta)	José Maria Nicolau	O «chauffeur» de praça	Na cama
O jovem tradicionalista	Tradicionalmente	O táxi	Política, mulheres e touros	Cultivar as relações com ar grave	Lugar-tenente	A política	O Porto de Honra	Que há que voltar ao passado	Autores genuinamente portugueses, ainda que franceses	Na Granja	Não o achinchamos		Saint-Exupéry	Os tempos que correm	«Na última tarde de um Império em chamas»
A menina (bem) prendada	Bem	O do irmão	Hoje em dia, de tudo	Falar de tudo	Tudo	Cerâmica	Sumos	Espera resistir à velhice	Simone de Beauvoir, P. Révert e Álvaro de Campos	Sintra	Está à espera que seia se forte	É maravilhoso o mistério da vida (Chesteron)	Saint-Exupéry emprestado por um primo	A pobreza de espírito de certa gente	Depois de ter visto tudo

JAZZ

a branco e negro

Foram apresentados particularmente em Nova Iorque dois filmes sobre jazz. O primeiro, colorido e inteiramente feito por brancos, intitula-se «Jazz on a Summer's Day» e o segundo, inteiramente feito por negros, «The cry of jazz».

O primeiro filme é um documentário completo filmado por Bert Stern, durante o Festival de Jazz de Newport de 1958.

O colorido e a fotografia, segundo a crítica, são duma beleza invulgar, e os executantes, Gerry Mulligan, Art Farmer, Chico Hamilton, Armstrong, Mahalia Jackson, etc., conseguem transpor a barreira do «écran» a ponto de, por vezes, darem a impressão de que se encontram na sala em carne e osso.

O «Jazz on a Summer's Day» é um filme alegre que parece desconhecer a existência de «Blues».

«Quisemos — disse Stern — fazer um filme alegre de jazz... um filme em que tanto os espectadores como os executantes revelassem a alegria da experiência do jazz...»

Se este filme é alegre, o segundo já o não é. Trata-se dum documentário de 35 minutos inteiramente concebido e filmado por um grupo de intelectuais negros. Foi feito com um capital muito reduzido e tal facto, segundo a crítica, transparece. Se este filme não entrar na história do cinema — e todos pensam que não entrará — parece certo que

ocupará um lugar na história. Pela primeira vez o negro americano desafia o branco e fá-lo em termos novos: reivindica não apenas a igualdade mas, até, a superioridade. O início da acção tem lugar num clube de Jazz onde 2 casais — um branco e um negro — discutem as origens do jazz depois de terminada uma sessão.

Enquanto os casais discutem, a câmara leva o espectador aos bairros pobres das cidades americanas, às «jam sessions» e às reuniões religiosas onde o jazz nasceu.

A tese do filme é simples: só os negros sabem tocar jazz porque este deriva, não dum sofrimento comum a ambas as raças, mas duma dor própria do negro.

Não fica por aqui, porém, a tese do «Cry of jazz». Segundo o filme, o jazz morreu e ainda que os brancos desejem continuar a refiná-lo e a repeti-lo, nada conseguirão, porque o jazz já perdeu a sua utilidade.

Exprimiou o sofrimento do negro mas chegou a hora deste ocupar o seu lugar na vida americana. O negro, segundo a tese apresentada, é a consciência da América e compete-lhe, agora, dar origem ao novo e verdadeiro americanismo — o americanismo negro.

Não há dúvida, portanto, de que o filme, ainda que mau sob o ponto de vista cinematográfico, virá a ter sucesso...



Erroll Garner

Erroll Garner é um dos nomes mais populares da música de jazz, tal como o são um Louis Armstrong, um Charlie Parker, um Coleman Hawkins, um Lester Young, um Lionel Hampton, para não citarmos mais.

Grande pianista, possui um estilo próprio facilmente identificável graças à sua extraordinária mão esquerda, que ele usa frequentemente e cujos acordes substituem por vezes os duma guitarra, isto tudo aliado a uma destra rapidíssima e a uma admirável técnica.

Garner toca desde o penussiro até ao romântico, desde o leve «swing» às líricas impressões inspiradas em Debussy. O seu dedicado é seguro e descontraído.

Não cria nunca as desgastantes tensões nervosas que hoje parecem atormentar ritmos modernistas. Mesmo nos mais rápidos números de «up-tempo» sentimos que Errol, se bem que fazendo um terrível esforço físico, está sempre com um completo «controle», da situação (James Roddan em jazz Monthly).

Por mais estranho que pareça, Erroll Garner não sabe música.

São palavras suas as seguintes: «tentei aprender mas em breve desisti, tocando de memória e de ouvido e não aprendi mais».

Como explicar então que seja um grande pianista?

Devido a uma espantosa e rara intuição

musical à qual não deve ser estranha a sua família, (seu pai, músico profissional, tocava saxo e piano; e tem cinco irmãos que tocam piano) a uma longa familiarização com o piano (começou a tocar aos três anos), e a uma sobre-humana memória.

Além de ser considerado como um dos maiores e mais originais pianistas dos Estados Unidos da América, é também um compositor talentoso. Entre os seus mais conhecidos trabalhos, encontram-se: «Turquoise», «Play, piano, play»; «Dreamy»; «Trio»; «Other voices»; «Impressions»; «Soliloquy» e «Rêverie».

É raro tocar em grandes agrupamentos; fá-lo geralmente acompanhado por contrabaixo e bateria, tocando também a solo.

Ganhou dois «Grand Prix du Disque» em França, onde teve um grande número de admiradores, tendo aparecido várias vezes nos «Jazz Festivals» de Paris.

O primeiro recebeu-o em 1950 pela sua execução em «Play», piano, play» que a crítica considerou uma obra admirável; o segundo foi-lhe conferido em 1957.

Um ano depois ganhou o «World Critics Poll» da revista «Down Beat».

Art Tatum, o melhor pianista que o jazz teve, momentos antes de morrer, referindo-se a Erroll Garner, disse: — «watch out the little man». (não percam de vista o rapaz).

TESTA- MENTO DUMA ÉPOCA

BERTRAND RUSSELL

(Matemático e filósofo. Autor de **Introdução à Filosofia Matemática** e de **História da Filosofia Ocidental**, etc. Prémio Nobel)

A verdadeira felicidade apenas é consentida aos seres humanos que desenvolvem ao máximo as suas potencialidades. Para eles, no mundo actual, a felicidade é perturbada pelo espectáculo da dor alheia. Mas numa sociedade em que fosse abolida essa fonte de sofrimento, seria possível alcançar uma felicidade verdadeiramente humana. Serão vãs estas esperanças?

Não creio que os políticos considerem o homem nestes termos... Mas deve haver, em todos os países, homens capazes de considerar as coisas de um ponto de vista mais elevado.

O futuro da humanidade está em jogo, mas se houver um número elevado de homens que tomem consciência disso, então poderemos confiar.

CARL JUNG

(Discípulo dissidente de Freud, é o fundador da psicologia analítica e o teórico do inconsciente colectivo)

Um desenvolvimento do espírito mal conduzido leva, inevitavelmente, à total desagrega-

O FUTURO DA HUMANIDADE
ESTÁ EM JOGO

Que pensam do presente e do futuro os homens que precisamente ao pensamento devem a fama? Esta foi a pergunta que formulou um editor italiano. Quanto às respostas... O mais que se poderá dizer dos profissionais da inteligência é que nem sempre responderam inteligentemente, nem sempre foram claros, nem sequer revelaram ideias precisas. Por outras palavras: nem sempre se mostraram mais razoáveis do que os vulgares mortais.

Em todo o caso, estiveram de acordo quanto a um ponto: que as coisas neste mundo não estão a correr bem e que precisam de reforma. Ao menos, valha-nos isso!

gação psicológica. A situação actual é tão sinistra que é difícil acreditar que o Criador não esteja a preparar-se para um novo dilúvio que extermine a raça humana.

OPPENHEIMER

(Um dos pais da bomba atómica)

No equilíbrio, esse eterno, precário e impossível equilíbrio entre o Universo e cada homem, reside, ao que penso, para nós e para os nossos filhos, a única possibilidade de sobrevivência. Esta afirmação é válida para todos os homens. Entre os artistas e os sábios há elos profundos. Tal como o artista, o homem de ciência vive nas fronteiras do mistério. Os dois tentam encontrar uma fusão harmoniosa do que é novo e do que é familiar; o equilíbrio entre a novidade e a síntese, a luta para impor uma ordem parcial ao caos total. Ajudando-se uns aos outros, os artistas e os sábios poderão ajudar todos os homens.

RADHAKRISHNAN

(Eminente filósofo, autoridade em budismo)

Sob os pontos de vista do corpo e da inteligência, do físico e do temperamento, dos talentos e dos gostos, os homens são muito

diferentes uns dos outros. Mas num nível mais profundo, o do espírito, que é o verdadeiro fundamento do nosso ser, todos nós somos semelhantes. Se a religião se destina a ter uma importância real, se ela se destina a servir de base a uma nova ordem do mundo, ela tem de se tornar mais íntima e mais universal, uma chama que purifique o nosso ser interior, ao mesmo tempo que o mundo... Então, as barreiras que separam os homens serão desfeitas e substituídas por uma comunidade espiritual, para a construção da qual todos poderemos participar. Então, será ouvido o grito de Joana na peça de Shaw: «Oh Deus que fizeste esta terra maravilhosa, quando estará ela pronta para receber os teus santos?». Então, surgirá um mundo habitado por uma raça sem imperfeições físicas e liberta dos erros do espírito...

O homem está ainda na infância e tem à sua frente um longo futuro. Ele conseguirá um equilíbrio mais completo e produzirá homens e mulheres dotados de uma inteligência tão vasta como o mundo.

ALDOUS HUXLEY

(Romancista e ensaísta, autor de **Contraponto** e de **O Admirável Mundo Novo**)

A raça humana atravessa um período de crise que se manifesta, por assim dizer, em dois níveis: um nível superior, político e económico e um outro, inferior, de natureza demográfica...

O quociente de inteligência e o nível da educação são tanto mais elevados quanto mais pequenas são as famílias e vice-versa. A população futura da Europa Ocidental e da América do Norte será constituída, na sua maioria, pelos descendentes das pessoas menos inteligentes que vivem actualmente.

Deste modo, um eminente professor, Sir Cyril Burt, prevê que no fim deste século, as crianças terão uma capacidade cultural equivalente a metade da actual, o número dos deficientes será o dobro, e a inteligência média da população terá baixado cinco pontos. O caso da Inglaterra não é único. Em toda a Europa Ocidental e, um pouco mais tarde, na América do Norte, a decadência será necessariamente acompanhada de um abaixamento da qualidade da população.

Cedo ou tarde, a humanidade será obrigada, pela pressão das circunstâncias, a desenvolver uma acção contra as suas próprias tendências de destruição e de suicídio...

KARL JASPERS

(Um dos mestres do pensamento neotomista)

O grande objectivo da filosofia actual consiste em esclarecer as soluções existentes entre a ciência e a filosofia, esclarecer todos os métodos de pensar e de adquirir conhecimentos. Este objectivo, cuja realização se pode prever para o futuro, é um domínio de pura especialização. Mas na medida em que é um esforço destinado a encontrar uma solução mais simples, ele diz respeito a todos nós.

Deste modo seremos libertos da fascinação supersticiosa que a ciência exerce sobre os espíritos. Procuraremos então o verdadeiro significado e os limites da ciência moderna e, conseqüentemente, aumentará a fé dos homens nas possibilidades da ciência.

Pode esperar-se que, mesmo na actual confusão, nos encaminharemos para uma verdade e para uma filosofia independente, que despojada de todas as ilusões, se integrará numa tradição milenária. É possível que alguns elementos unificadores tenham já entrado em acção.

JACQUES MARITAIN

(Um dos mestres do pensamento neotomista)

Não abandonaremos nunca a esperança do advento duma nova cristandade, duma nova ordem temporal de inspiração cristã. Já no nosso tempo os meios deviam corresponder aos fins. E se assim é, parece claro que para preparar uma ordem social cristã devemos apelar para métodos cristãos.

Mal iria o mundo se os cristãos abando-

nassem o seu dever, que consiste em desenvolver sobre a terra a tensão do espírito... Nós não alimentamos ilusões sobre a miséria da natureza humana e a malícia do mundo. Mas também não alimentamos ilusões sobre a cegueira e o erro criados pelos pseudo-realistas, que cultivam e exaltam o mal para combater o mal e consideram o Evangelho como um mito decorativo que ninguém pode levar a sério sem correr o risco de que o Universo se desmorone. Esses homens entregam-se à missão de arruinar, de destruir, de atormentar este infeliz Mundo.



teatro

UNIVERSITÁRIO

Vai sendo um gasto e estafado lugar-comum dizer que o **Teatro português está em crise**. E de tal modo, que o interessante, o verdadeiramente original, seria escrever um longo artigo provando, por A + B, (por A + B tudo pode ser provado) que não, que o Teatro está óptimo, pujante, com boas cores, esplêndida tensão arterial e magnífico funcionamento de vísceras. Mas enquanto esse arrojado artigo não surgir a público, falemos hoje de um sector do Teatro português que, **na verdade, não está em crise**. Falemos do Teatro Universitário.

Sem que possamos aludir, pròpriamente, a uma **tradição**, ele possui, contudo, raízes antigas. Foi Eça de Queiroz quem, invocando os seus tempos românticos de Coimbra, deixou escrito nas «Cartas de Inglaterra»: «...eu representei muito melodrama em que, ora Virgem traída e vestida de branco, soluçava com as minhas tranças soltas — ora traidor, soltando gargalhadas cínicas, cravava um ferro no peito de Condé!».

Se, hoje, a Virgem traída e de tranças soltas e as punhaladas em Condé passaram de moda, não se extinguiu — antes, pelo contrário, se afirma ainda mais vigorosa — a tradição teatral universitária. Os seus frutos actuais datam, contudo, de um passado recente. Recordemos alguns factos.

O panorama geral era este: em duas ou três salas, todas as noites, produzia-se regularmente, entre as nove e a meia-noite, uma lenta e penosa agonia, sob os olhares consternados de meia dúzia de fiéis. Cá fora, as carpideiras arrepejavam-se com decoro e honesta sobriedade. Todas as semanas, uma ou duas vezes, um dos jornais diários afirmava, com apropriada gravidade que, bem vistas as coisas, atendendo ao passado, e sem esquecer o exemplo lá de fora, podia afirmar-

-se, sem muito exagero nem demasiado pessimismo, que o Teatro estava, com efeito, em crise. E as pessoas diziam, numa indiferença melancólica: — é para amanhã, pela certa. Não escapa, coitado.

Vieram então pequenos sismos que abalaram, sem decisivamente a fragmentar, a espessa crosta de indiferentismo, bocejo e frustração do pântano teatral português. Apontemos assim — como já o fez, de resto, um jornal universitário — a primeira visita da Companhia Della Costa, o aparecimento do Teatro de Arte e a criação do Teatro Experimental do Porto, as realizações iniciais de Francisco Ribeiro — «Santa Joana», «Noite de Reis» e «O Rei Lear». Fizeram-se conferências, escreveram-se artigos um pouco menos melodramáticos e um pouco mais construtivos, procurou-se demonstrar, pela prática, o que devião entender-se por **Teatro**. Todos estes factos representaram um sopro renovador e, sobretudo, um incitamento. Incitamento esse — acentue-se — a que a juventude universitária correspondeu perfeitamente, na medida em que os seus reduzidos meios de acção lho permitiam.

À excepção do Teatro de Estudantes de Coimbra, não existia em Portugal um Teatro Universitário. É precisamente um movimento nesse sentido, partindo de quase todos os centros da vida académica, que vem a registar-se nos últimos anos, pela criação de grupos teatrais nas diversas Associações Académicas.

Assim, em Coimbra, surge o C. I. T. A. C.; no Porto cria-se o T. U. P.; em Lisboa, o movimento abrange várias Faculdades. O Grupo Cénico de Direito, que tem desenvolvido uma actividade brilhantíssima, foi «O precursor deste movimento em Lisboa», surgindo em pleno período de marasmo

teatral. Lutando com imensas dificuldades, conseguiu levar à cena um número considerável de obras: «As Surpresas do Regresso», de Plauto; «A Salvação do Mundo» e «As Três Máscaras» de Régio; «A Cantora Careca», de Ionesco, e «Tempo de Espera», de Pedro Amorim. Por seu lado a Faculdade de Letras funda o Círculo de Teatro. Criado há três anos, só no passado ano logrou alcançar um ritmo de trabalho normal, apresentando «O Cais» de Fiama Brandão, levado à cena no «Dia do Estudante». Dirigido por Armando Cortês, espera poder apresentar, ainda este ano, um original de Thornton Wilder e uma peça japonesa — «O Manto de Penas» de Motokiyo Seami.

Na Faculdade de Medicina, onde as actividades principiaram este ano (o grupo encontra-se ainda em formação) trabalha-se para levar à cena, sob a direcção de Rogério Paulo, duas peças: «Katheleen», de Yeats e «O Dia Seguinte», de Luís Francisco Rebelo.

No Grupo Cénico do Instituto Superior Técnico, encontram-se em ensaios duas peças: «O Dia Seguinte», de Luís Francisco Rebelo, e «Mário — eu próprio o Outro», de Régio, sob a direcção, respectivamente, de Rogério Paulo e Armando Cortês. Os alunos de Económicas e Financeiras, que ainda há pouco realizaram uma récita, preparam já uma nova peça. Finalmente, na Faculdade de Ciências, trabalha-se na organização de um Grupo Cénico que terá direcção de Rogério Paulo.

Estas breves notas chegam para demonstrar — assim nos parece — que estamos perante um vasto movimento, sério e construtivo, realizado à escala universitária. Atente-se no equilíbrio e acerto com que foram postas em cena, pelo Grupo de Direito, «A Cantora Careca», de Ionesco, e «As Três Máscaras» de Régio.

O que estas realizações representam de sacrifício e esforço e luta é difícil de avaliar. Dificuldades de toda a ordem se levantam perante estes Grupos. Desde a falta de salas de Teatro — problema que está a ser resolvido, em parte, pela construção de um teatro na Cidade Universitária — passando pela inevitável carência financeira, até às dificuldades levantadas à representação de certas peças (como sucedeu em 1958, quando se tentou, em vão, obter licença para levar à cena a obra de Beckett, «À Espera de Go-

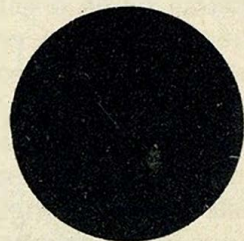
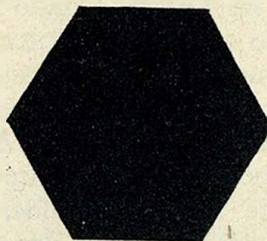
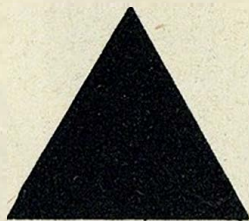
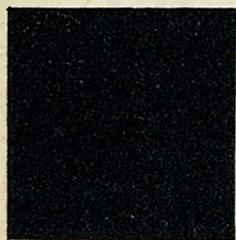


Os estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa em dois momentos de actuação do seu grupo cénico

dot»), todo um mundo de obstáculos tem surgido. Nem por isso o movimento do Teatro Universitário deixa de ser uma realidade. Urge apoiá-lo no seu trabalho renovador, unificando à escala universitária o que está a ser feito, separadamente, pelos diversos grupos das várias Faculdades. Esta ideia recebeu já um valioso apoio da Fundação Gulbenkian. Eis aqui um movimento que merece a mais viva atenção. O sector de onde parte, as características de juventude e entusiasmo, a ânsia renovadora, o trabalho já realizado, tudo concorre para o tornar em algo de útil e importante com que é necessário contar, que se torna imperioso desenvolver. O Teatro Universitário, tornado realidade, poderá converter-se em elemento decisivo na renovação teatral portuguesa.

1ª operação

Escolha a forma que lhe agrada mais e a forma que lhe agrada menos.



Quadrado: desejo de triunfo material imediato. Força.

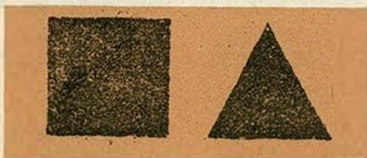
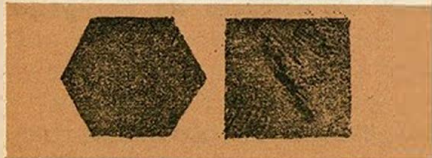
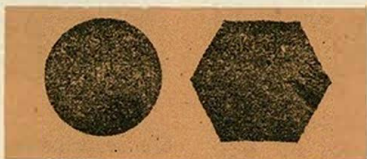
Triângulo: gosto das novidades e desejo de atrair as atenções. Idealismo.

Hexágono: atitude de defesa. Gosto do rigor e ódio às obrigações. Cálculo.

Círculo: sonho, procura duma felicidade calma e simples, desejo de ternura. Sensibilidade

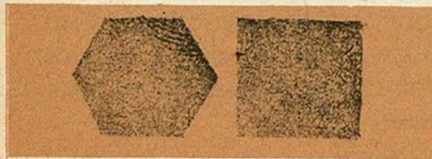
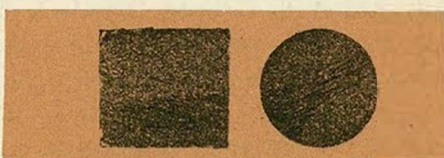
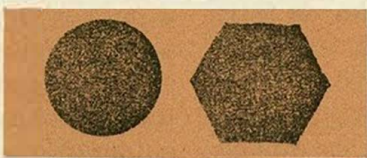
2ª operação

Elimine em cada par de figuras a forma que lhe agrada menos, cortando-a com um traço. A mesma forma cortada três vezes, nos diferentes grupos, é aquela que menos lhe agrada. Aquela que nunca foi riscada é aquela que prefere. Atenção: as duas figuras obtidas devem ser as mesmas da primeira operação. Se assim não for, recomece.



3ª operação

Escolha o par de formas que prefere. Atenção: a sua escolha, nesta terceira operação deve concordar com os resultados das operações precedentes, isto é: o par escolhido deve compreender obrigatoriamente a figura que lhe agrada mais e a que vem em seguida por ordem de preferência (aquela que foi cortada uma única vez).



conheça-se a si mesmo

a forma preferida é...

...O QUADRADO

- Impelido pelo fogo das paixões ou a torrente da imaginação. Sujeito a cóleras bruscas. Pretende triunfar rapidamente, utilizando a força, caso seja possível. Mas incapaz de realizar nos mínimos pormenores os planos audaciosamente concebidos.
- Maior capacidade de ordenar que de obedecer.
- Individualidade ardente, fascinada por tudo quanto é intenso, (benéfico ou prejudicial).
- Paixão pelas paisagens geométricas, pelos jardins à francesa, como os de Versalhes.
- Desejo de movimento. Gosto da música trepidante.
- Susceptível de ser convencido pela firmeza dos outros.

...O TRIÂNGULO

- Sentimentos vivos mas com pouca sequência. Pouca constância. Paixões impetuosas mas que se extinguem facilmente. Generoso, mas com impulsos que rapidamente se desvanecem.
- Amor das paisagens selvagens, dos picos altaneiros, que gostaria de escalar precisamente porque são inacessíveis.

Não é indiferentemente que se gosta de Beethoven ou do Fado, de barcos ou de automóveis, do campo ou da cidade. Não é indiferentemente também que se preferem estas ou aquelas figuras geométricas. O nosso gosto (ou desgosto) pelos quadrados, pelos triângulos, pelos hexágonos ou pelos círculos, tem uma significação psicológica oculta que o teste seguinte contribui para revelar.

- Gosta da vida de sociedade para conhecer pessoas e trocar ideias.
- Capacidade de admirar imediatamente o que é belo. Idealismo com fortes aspirações intelectuais.
- Amor dos grandes espaços ao ar livre. Cabeça nas nuvens e os pés na terra. Susceptível de ser convencido graças a argumentos de ordem sentimental.

...O HEXÁGONO

- Voluntariedade, firmeza de intenções nos trabalhos longos e fastidiosos.
- Impressões duradoiras.
- Sentimentos habitualmente filtrados pela prudência e pela razão. Desconfiança do impulso demasiado afectivo. A cabeça predomina sobre o coração.
- Imaginação tendente a exagerar as coisas e os acontecimentos. Espírito prático atraído mais para as realizações concretas do que para as especulações do espírito. Tendência para o egoísmo e para o pessimismo.
- Espírito de busca, nervosismo. Susceptível de ser convencido pelo raciocínio.

...O CÍRCULO

- Difícil de compreender, parecendo viver num mundo irreal, rico de emoções e de sensações. Desejo de regressar ao paraíso perdido da infância. Particularmente receptivo.
- Ideias numerosas, mas pouco rápidas. Sentimentos calmos, sem grande energia. Sensualidade.
- Bondade, piedade perante a infelicidade alheia. Sensibilidade rica que se compraz nas recordações e nas fantasias da imaginação.
- Interesse pelas paisagens calmas.
- Tendências para sonhar, imaginação romanesca. Um pé na realidade e outro no sonho.
- Susceptível de ser convencido por um gesto de ternura.

a forma detestada é..

...O QUADRADO

- Medo da luta, um complexo de inferioridade, a procura duma felicidade inteira e sólida, sem falhas nem discussões.
- Uma certa falta de força de vontade, o que não impede que procure convencer os outros de que esta existe...

...O TRIÂNGULO

- Tendência para evitar a aproximação dos outros, para uma absoluta solidão. Pode também indicar fragilidade de sentimentos.

...O HEXÁGONO

- Amor da liberdade e da independência, recusa das sugestões exteriores. Esta recusa pode significar também uma fragilidade de pensamento, que se esconde atrás de ideias propositadamente loucas e originais.

...O CÍRCULO

- Coração seco, desejoso de esmagar os impulsos afectivos para que ninguém possa falar em fraqueza e sentimentalidade. Como reflexo compensador, súbitos impulsos sentimentais.

o par preferido é...

...O CÍRCULO TRIÂNGULO

- Carácter calmo. Desejo de evitar discussões, que se exprime por concessões várias cujo objectivo é evitar que a tranquilidade seja afectada. Oportunismo. Certa voluptuosidade, amor do conforto e do prazer, amor da vida. A razão e o sentimento controlam-se mutuamente.
- Dualidade de manifestações, que pode traduzir-se em dúvidas, lutas interiores, incapacidade de traduzir em actos as decisões tomadas.

...O HEXÁGONO QUADRADO

- Paixões violentas e exaltadas, tenacidade na realização dos objectivos escolhidos. Desejo de independência, horror da inacção. Ambição que não olha aos sacrificios alheios. Impulsividade que conduz, por vezes, a grandes injustiças.

...O CÍRCULO HEXÁGONO

- Espírito prático e «terra a terra», dado todavia ao sonho e a uma certa falta de ambição pessoal. A reflexão precede sempre a acção. Horror das inovações. Detesta que lhe discutam as ideias. Triunfo possível, obtido graças a um notável sentido da economia.

...O QUADRADO TRIÂNGULO

● Energia, gosto da iniciativa, espírito prático, apto para os grandes empreendimentos. Paixões impetuosas, carácter brusco. Gosto do amor alheio, incapacidade de se deixar absorver por questões sentimentais.

...O QUADRADO CÍRCULO

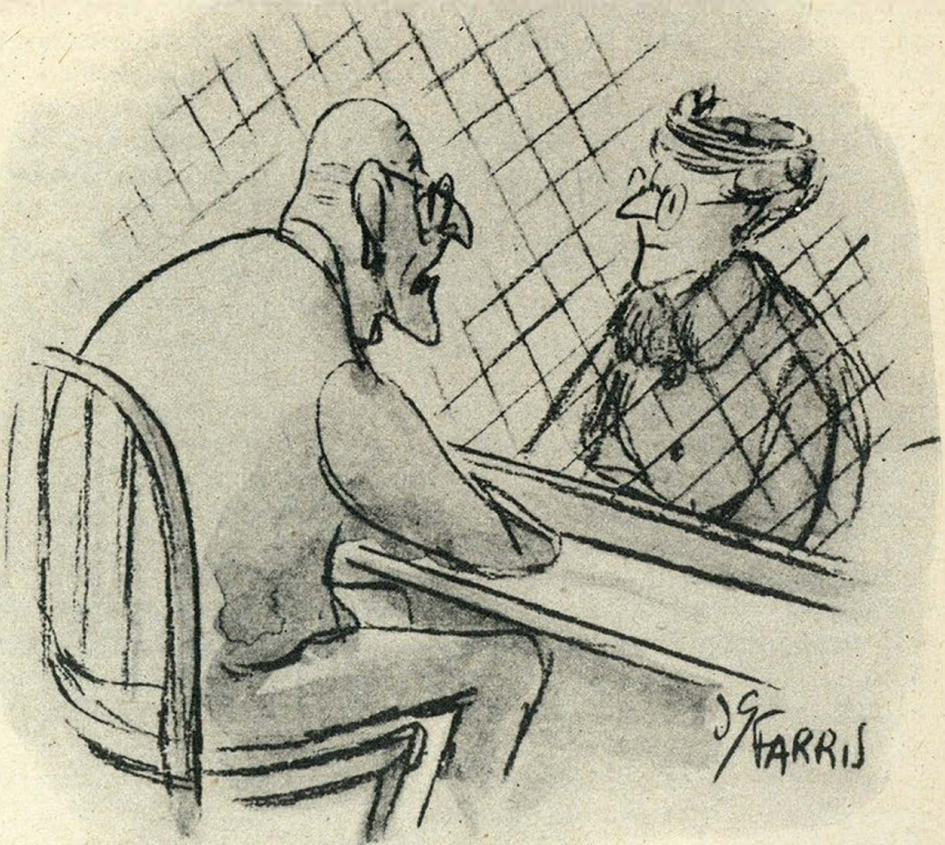
● Interesse por tudo quanto exige execução imediata. Horror da reflexão. Indecisão en-

tre a acção e o desejo de deixar correr as coisas. Desejo de agir, logo perturbado pela primeira dificuldade.

...O HEXÁGONO TRIÂNGULO

● Lutas interiores, estados de alma provenientes das alternativas entre as esperanças, as ilusões, o desencorajamento e a angústia. Ciumento.

Actos ditados mais pela inspiração do que pelo cálculo. Certa perseverança nos actos, mas falta de entusiasmo e de dinamismo.



— E como vai o Ford T?

AÇO

A vida moderna assenta em pilares de aço. Esta frase, como aliás todas as frases que pretendem sintetizar uma realidade, tem qualquer coisa de acaciano. Não é difícil conceber um conselheiro Acácio, pomposo e importante, dizendo, depois dum jantar de homenagem:

«A vida moderna assenta em pilares de aço.»

Traduz, todavia, uma realidade insofismável, define toda uma economia e toda uma forma de viver.

O homem do nosso tempo começa o seu dia por fazer a barba com uma lâmina de aço inoxidável, vai para o escritório ou para a fábrica num automóvel que não seria possível sem aço, viaja num avião em que o aço é o elemento predominante, escreve a sua correspondência com uma máquina de escrever de aço e vê as horas num relógio de aço. Não se passa uma só hora sem que o homem contemporâneo recorra ao aço, esse aço miraculoso que lhe resolve diariamente mil problemas e lhe satisfaz as crescentes necessidades impostas por uma época cada vez mais baseada na indústria, na produção em série e na máquina.

É bem possível que os historiadores do futuro, olhando para a nossa época, a definam

como «período do aço», à semelhança do que fizeram os historiadores dos nossos dias, que definiram longos períodos do passado por «períodos da pedra lascada e da pedra polida...».

Dada a importância crescente do aço na vida dos povos, é natural que os Governos e os grandes industriais lhe dediquem a maior atenção. É que aço quer dizer bem-estar e prosperidade.

Onde se produz aço a industrialização faz-se a passos largos. Aço nas oficinas e nas fábricas corresponde a telefonias, a frigoríficos e a fogões nas casas.

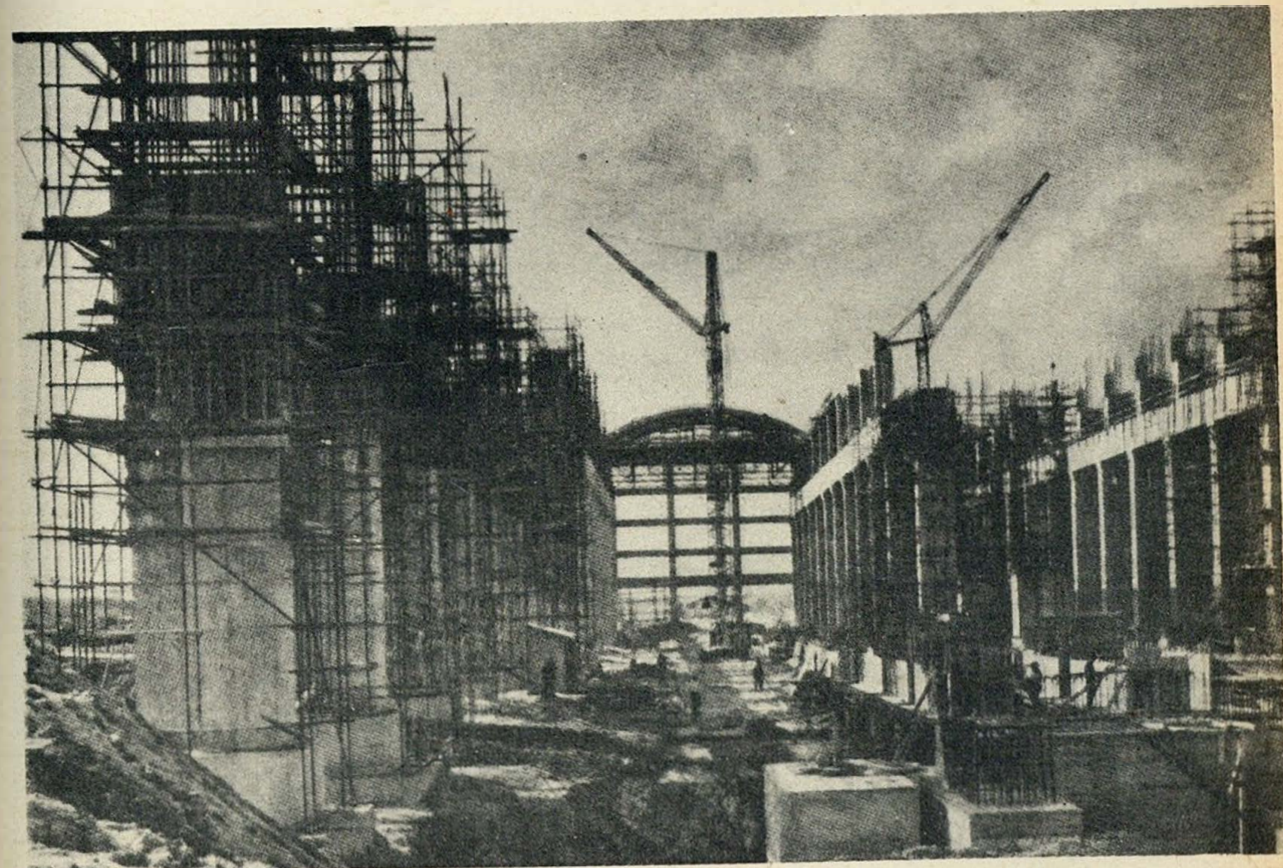
A indústria siderúrgica está na base da industrialização e é-lhe tão necessária que é lícito dizer-se que o seu consumo é índice seguro do desenvolvimento económico e industrial dum país.

Prevê-se para 1960 uma produção mundial de 300 a 325 milhões de toneladas desta matéria-prima e, segundo as estimativas da Comissão Económica para a Europa, das Nações Unidas, o consumo em Portugal deverá atingir entre 1972 e 1975 o montante de 1.200.000 toneladas.

Este número, como é natural, só pode ser apreciado desde que o comparemos aos consumos anteriores. Em 1958 Portugal consu-

UMA NOVA INDÚSTRIA QUE VAI ALTERAR O SEU FUTURO...

A actaria, onde, a partir da gusa líquida e das sucatas aproveitadas, se produzirá o aço bruto, a um ritmo que poderá atingir 1.000 toneladas diárias, oferece já hoje, entre a floresta dos andaimes metálicos, uma noção aproximada da sua grandeza futura.



1 Cais marítimo

2 Parque de minérios e carvão

3 Parque de calcário

4 Coquefacção e subprodutos

Produção de gusa

5 Alto forno

6 Sinterização

7 Instalação de britagem

8 Instalação de crivagem

Produção de aço

9 Aciaria

10 Central de produção de oxigénio

11 Instalação de calcinação

12 Parque de sucatas

13 Parque de lingotes

Produção de laminados

14 Laminagem

Indústria química

15 Fábrica de amoníaco

Instalações auxiliares

16 Central termo-eléctrica e de sopradores

17 Subestação eléctrica principal ao ar livre

18 Instalações de tratamento e bombagem de água

19 Laboratório e contróle térmico

20 Oficinas de reparação

21 Armazéns

22 Gare de triagem

Serviços gerais

23 Balneários e refeitórios

24 Escritórios técnicos

25 Escritórios administrativos

26 Portarias

A Canal de acesso marítimo

B Parque de escórias



miu 280.000 toneladas de aço e, em 1959, 305.000 toneladas dessa matéria-prima cujo consumo é tão significativo para quem pretenda estudar condições de vida dum povo.

Este aumento do consumo do aço, bem como o aumento já previsto, revelam que o País avança para a tão discutida e ambicionada industrialização. António Champalimaud definiu a importância da siderurgia na evolução geral da economia da Nação com uma frase que nem de optimista se pode classificar, se atendermos a que traduz uma realidade incontestável: «A siderurgia é a indústria-chave do processo produtivo que incrementará o nível de vida da população portuguesa na medida há tanto ambicionada».

O espantoso aumento do consumo de aço verificado nos últimos anos pode atribuir-se a várias causas.

A mais importante, porém, parece residir no facto de numerosos países menos desenvolvidos se encontrarem já empenhados na sua própria industrialização. Essa mesma industrialização reflecte-se no consumo interno dos países produtores que carecem duma parte da sua produção para a fabricação de máquinas e equipamentos fabris encomendados pelos restantes países.

Na verdade, uma breve análise, ainda que superficial, da produção do aço durante o ano de 1950, demonstra bem o que acabamos de dizer.

Apesar da prolongada greve que, nos Estados Unidos, afectou a indústria siderúrgica, a produção mundial do aço apresentou em números absolutos um aumento relativamente ao ano anterior...

Outro importante elemento para se julgar da procura crescente do aço consiste na elevação geral do preço de exportação dos produtos siderúrgicos.

Na Europa, nomeadamente, aumenta de ano para ano a capacidade da indústria siderúrgica. Isto tanto na Europa Ocidental como na U. R. S. S.

Portugal, cuja necessidade crescente de aço tem sido resolvida por intermédio da importação, vai, finalmente, produzir o seu próprio aço.

No que diz respeito à economia nacional, este facto tem consequências a que vale a pena fazer uma breve referência.

A primeira destas consequências consiste

na cessação das importações de aço (305.000 toneladas em 1959...) o que acarreta uma economia de divisas cujo benefício é inestimável. Acresce que o preço do coque em 1959, sofreu uma baixa considerável e que, assim, o aumento da sua importação não virá afectar grandemente o quadro exposto.

Na produção do aço português vão ser utilizados minérios nacionais até hoje insuficientemente aproveitados. Daqui resultará um incremento da actividade mineira e um consequente aumento de riqueza para o País.

Não são apenas estes, porém, os benefícios resultantes da actividade da nova indústria siderúrgica.

Para se ter uma ideia do que seja a construção das instalações duma grande empresa moderna, basta dizer que na fase máxima da montagem, trabalharão na zona da fábrica cerca de 7.000 operários e que nesta zona de trabalhos estão representadas mais de 30 grandes empresas. A indústria nacional tem importante participação na construção de todos estes equipamentos e é interessante assinalar que num país onde a indústria siderúrgica é praticamente desconhecida, foi possível recrutar pessoal com habilitações suficientes e, sobretudo, com a vontade de fazer bem, para arcar com as enormes responsabilidades inerentes a este grande empreendimento.

Talvez uma breve descrição das instalações da nova indústria dê uma ideia da sua grandeza.

O armazém geral, por exemplo, constituído por 3 corpos, ocupa uma superfície de 6.000 m²...

Da zona do alto forno e da Central Termo-Eléctrica cerca de 90% correspondem à obra de betão armado, que atinge o volume de 30.000 m³...

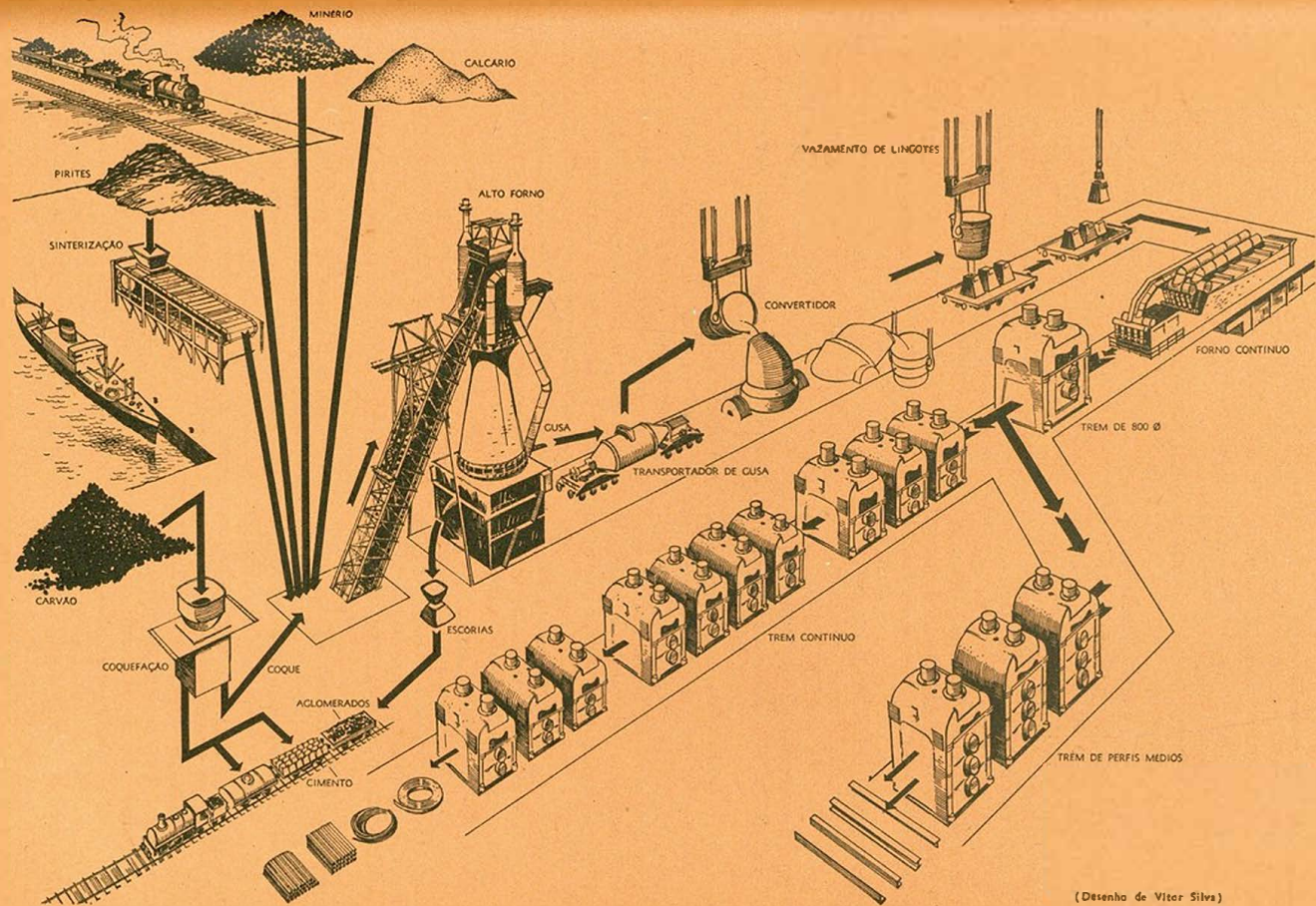
O edifício da aciaria ocupa 12.000 m².

O edifício da laminagem ocupa uma área total, coberta, de 52.000 m² e o volume de betão armado será de cerca de 82.000 m³.

As oficinas gerais de mecânica e electricidade ocupam 5.000 m² de terreno...

É claro que tudo isto implica um sistema de construções subsidiárias que bem demonstram a importância das novas instalações.

O cais, por exemplo, terá dois troços. O primeiro, permitirá a acostagem de barcos que, pelo seu calado, possam utilizar fundos de 50 m hidrográficos; e o segundo, de 9 m.



(Desenho de Vítor Silva)

Esquema de conjunto das instalações siderúrgicas

A norte do cais está em construção um edifício destinado às instalações de banha-gem de água salgada a utilizar na fábrica como agente de refrigeração.

Também foi necessário construir uma autêntica rede de estradas de acesso à fábrica.

Se atendermos a que a fábrica terá cerca de 2.000 operários, talvez seja fácil compreender que há, ainda, que ter em conta as instalações para os mesmos: refeitórios balneários e habitações.

Este último ponto tem um interesse muito especial. É que a Siderurgia Nacional vai dar origem a uma cidade nova: a primeira cidade-satélite portuguesa.

A expressão «cidade-satélite» não entrou ainda no nosso vocabulário de país que apenas agora se prepara para transpor o limiar da industrialização.

Define, todavia, um tipo de cidade que já começa a tornar-se comum no estrangeiro: uma cidade construída em função duma indústria ou duma grande empresa, para alojar quem nela trabalha, e inteiramente concebida para servir os interesses dos seus residentes e da empresa de que é satélite.

A Siderurgia Nacional, com os seus 2.000 operários e as centenas de técnicos e de pessoal de escritório necessários à sua vida, vai dar origem a uma nova cidade, construída de acordo com todos os requisitos e exigências da técnica moderna.

O que esta cidade representa de riqueza para a região é fácil de prever e, atendendo a que é construída com a técnica e o cuidado que presidiram à planificação e à construção das restantes instalações da indústria, pode admitir-se que venha a tornar-se modelo de outras «cidades-satélites» do futuro.

Tudo que ficou descrito poderá dar ao leitor uma ideia da nova indústria siderúrgica nacional e até, talvez, do capital necessário a um empreendimento deste vulto.

Neste capítulo, todavia, ainda há algo a dizer porque, mesmo no que se refere a capi-

talização, a Siderurgia Nacional apresenta características económicas até certo ponto inéditas entre nós.

É sabido que dentre as vantagens atribuídas às sociedades anónimas, a mais louvada consiste no facto de tais sociedades permitirem uma grande disseminação do capital, isto é, de tais sociedades permitirem que grandes massas de população se tornem capitalistas directamente interessadas na vida da empresa.

Esta vantagem, porém, fica muitas vezes no domínio da teoria porque as acções não são acessíveis às camadas populares, impossibilitadas de constituir economias devido à exiguidade dos seus recursos.

«A experiência estrangeira — como disse o Sr. Presidente do Conselho de Administração da Siderurgia Nacional — mostra que a democratização do capital constitui um processo socialmente vantajoso de acelerar o crescimento das indústrias, proporcionando as condições propícias à criação dos complexos indispensáveis ao robustecimento das economias nacionais. Lembro, como exemplo, que em muitas das grandes companhias inglesas é de libra o valor nominal das acções, e poderosas companhias estrangeiras têm um número elevado de accionistas; haja em vista a General Electric que conta com cerca de 400.000.»

Aceitando inteiramente este princípio, a Siderurgia Nacional resolveu baixar o valor nominal das suas acções, contribuindo desta forma para a democratização do seu capital.

Não é, portanto, difícil avaliar a importância da Siderurgia Nacional; logo à primeira vista se nota que está destinada a desempenhar um papel de relevo na economia do País.

Para o homem comum, o homem da rua, Siderurgia Nacional quer dizer aço português e aço português quer dizer um número cada vez maior de bens ao alcance dum número cada vez mais elevado de indivíduos.

sophia LOREN

FÉRIAS EM PARIS OU A DESCOBERTA DE PARIS

Não foi esta a primeira vez que Sophia Loren escolheu Paris para descansar. Mas, ao contrário do que até agora sucedera, ela não se limitou a permanecer uma ou duas semanas na cidade-luz. Ficou por lá três meses certos... Três meses de férias absolutas!

A verdade é que Sophia Loren acaba de descobrir Paris. Ela gosta de Londres, para citar o exemplo de outra cidade da sua predileção. Mas Londres, para ela, tem um grave defeito: fá-la pensar em Nápoles... Quando Sophia lá viveu por ocasião das filmagens de **A Chave**, habitou numa pensãozinha de Sussex exclusivamente frequentada por velhos coronéis e generais reformados. Na sala de jantar não se ouvia uma única palavra mas, apenas, o tilintar dum talher ou o dobrar dum jornal. Sophia achou adorável a pensão, simpáticos os hóspedes, delicioso o silêncio. Mas, passados alguns dias, o seu maior desejo era estar sempre fora...

Sophia, como toda a gente, foi a Paris com a intenção de descansar, mas esteve sempre ocupadíssima: aplicou o seu tempo de férias a descobrir uma porção de coisas às quais sempre dera uma importância muito pequena.



A DESCOBERTA DO TEATRO

Em primeiro lugar, descobriu o teatro: Visitou o primeiro, por motivos de ordem mundana, vagamente desinteressada. Jean-Louis Barrault convidara-a para a estreia de *Tête d'Or*, estreia a que assistia De Gaulle e todo o Governo francês. Gostou e duas noites depois estava a ver *Les Fausses Confidences* de Marivaux. E sucessivamente peças de Ionesco, de Henry Becque, de Anouilh.

A descoberta do teatro para uma atriz de cinema significa naturalmente o desejo de pisar o palco. Um desejo vago, decerto... Um desejo que Jean-Louis Barrault procurou estimular. Propôs-lhe vários papéis: na *Ponte de San Luis Rey* de Thornton Wilder, na *Ana Karenina*, no *Desejo sob os ulmeiros* de O'Neill... Sophia continua a hesitar.

A DESCOBERTA DE VOLTAIRE

E, no entanto, por essa ou outra razão Sophia sentiu o desejo de aperfeiçoar a pronúncia francesa. E resolveu ter uma lição todas as manhãs. Mas de que há-de falar um professor com um aluna? De literatura, por exemplo... O professor de Sophia começou pela Idade-Média. Quando chegaram ao século XVIII Sophia Loren teve a sua primeira grande revelação de ordem literária. Quem? Voltaire... Sophia começou pois a ter opiniões. «Porque não há hoje génios como Voltaire?». Encolhe os ombros perante Sartre (cuja *Nausée* deixou em meio) e perante Gide. «Falta-lhes — acrescenta — o humor, o espírito, a agudeza do autor do *Candide*».

Descoberto o teatro, descoberta a literatura francesa, Sophia Loren corria o risco de esquecer a realidade, a vida dos outros? De modo nenhum. Ficava longos momentos a observar da sua janela a gente que passava para cá e para lá, no jardim das Tulherias. «Esta vida de atriz — confessa — é absurda!». Acrescenta: «Que conhece ela do mundo? Tudo é feito para que fique isolada, para que não se misture com a realidade autêntica... Ela não vive a vida vulgar de toda a gente, com os seus vulgares problemas. Uma boneca, algo de artificial, como poderá ela então interpretar os sentimentos das mulheres que não são simples bonecas artificiais?».

Sophia Loren sente sempre um profundo desconforto quando pensa nos «monstros sa-

grados» do cinema. Por isso mesmo, nunca admirou Glória Swanson ou Greta Garbo. «Não são mulheres — salienta. — São apenas grandes atrizes». Mas não é verdade que Sophia Loren é hoje também um «monstro sagrado»? E pouco importa que não seja ainda uma grande atriz. O público — o grande público — pensa que é...

Quando estes pensamentos se tornavam demasiado insistentes, Sophia dava uma volta pela cidade. Entrava para o seu automóvel, subia os Campos Elíseos, passava pelo Bosque, ia muitas vezes para os arredores à procura do campo.

Por estranho que pareça, não fora em Itália que descobrira a paisagem, mas em Inglaterra. No entanto, a beleza dos campos de França parecia-lhe inigualável. Quando chegara, em Novembro, os bosques estavam ainda vestidos de folhas, plenos de verdura. Nascida no Sul da Itália, uma região seca, Sophia Loren tem a paixão das grandes extensões verdes, sulcadas por velozes regatinhos.

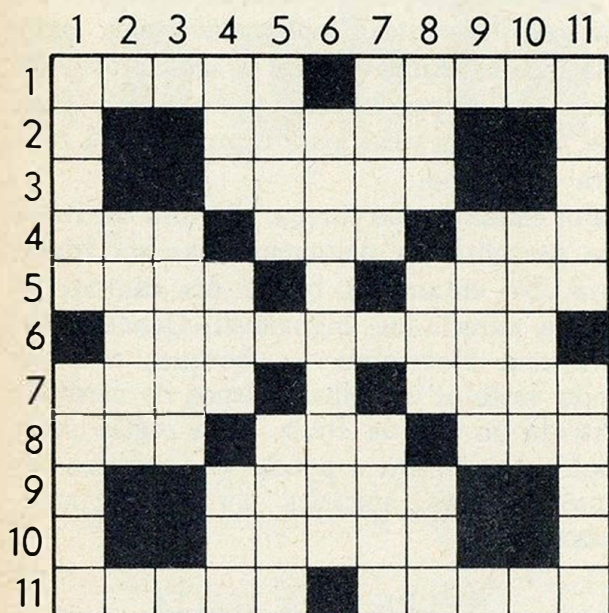
REGRESSO A ITÁLIA

Aquilo que menos a interessou em Paris foi o cinema. E sempre a desiludiu. Acabara de ler extasiada *Les Liaisons Dangereuses*, quando foi ver o filme. «Que pobreza!», comentou. E a famosa cena de amor de *Les Amants* pareceu-lhe ridícula. A nova vaga não lhe interessava...

Para mais, as férias estavam acabadas. Sophia tinha de partir para Itália. Ao lado de Vittorio De Sica começara as filmagens de *La Ciociara*, extraído do romance de Moravia.

Mas, ao partir de Paris, Sophia Loren, com a sua descoberta de Marivaux e de Voltaire, levava uma tristeza: a morte de Jacques Becker, o realizador com o qual combinara uma nova fita: *Mais n'te promène donc pas toute nue*, extraída duma comédia de Feydeau. Desgosto grande, porque se há uma fita que Sophia Loren admire é precisamente uma fita de Becker. Uma fita que todos nós recordamos, de resto. Essa Loira... Quem se esqueceu da cena final quando Simone Signoret assiste à execução de Serge Reggiani?

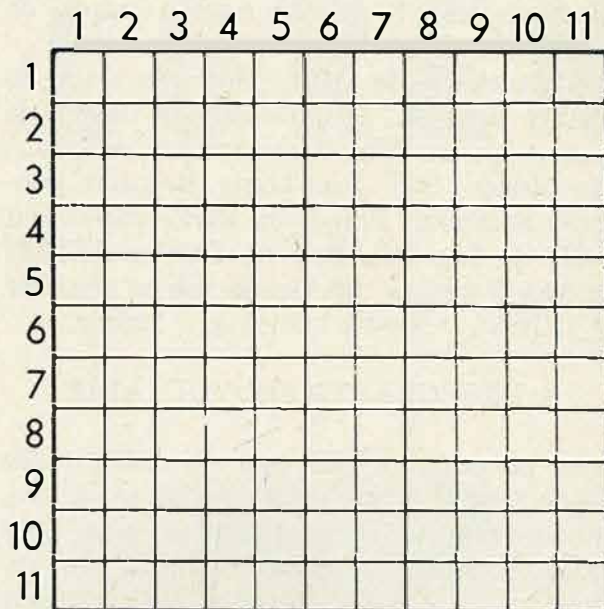
PASSATEMPOS



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Sela; arrancar os cabelos. 2 — Vergonha. 3 — Perfume. 4 — Letra grega; eia; força. 5 — Simples; encosta. 6 — Preparar à mão. 7 — Risonha; velho. 8 — Pref. desig. montanha; senhores; abraça. 9 — Atirar. 10 — Pinheiro alvar. 11 — Corta; fateixa.

VERTICAIS: 1 — Juntem; nenúfar azul. 2 — Desconfiar. 3 — Lavrado. 4 — Percorrerá; nome próp. fem.; botequim. 5 — Fortifique; régulo. 6 — Nome de uma família célebre oriunda da Itália e estabelecida mais tarde na Córsega. 7 — Nome de um fruto; demónio. 8 — Raiva; renque; grande quantidade. 9 — Agite. 10 — Condimento indiano. 11 — Soberbos; abundante.



PALAVRAS CRUZADAS (NOVA MODALIDADE)

HORIZONTAIS: 1 — Porco; cidade portuguesa; escorreita. 2 — Pref. desig. espádua. 3 — Além; teólogo entre os árabes; luto. 4 — Doçura; sirga; ar (pref.). 5 — Capela; terramoto. 6 — Patroa; voz de gato. 7 — Crepúsculo; sedimento. 8 — Título abexim; meio; rio da Suíça. 9 — Nota mus.; indeciso; apelido. 10 — Data. 11 — Mim (ant.); situação; apenas.

VERTICAIS: 1 — Nome próp. masc.; sistema. 2 — Redução ao estado gasoso. 3 — Misériás. 4 — Prep. e art. (pl.). 5 — Curva; oval. 6 — Unidade de resistência eléctrica; arco-celeste. 7 — Fruto comestível (pl.); anáguas. 8 — Íntima. 9 — Empunhara. 10 — Atrasos. 11 — Venero; ermida.

HIERÓGLIFO COMPRIMIDO



PILHA DE PALAVRAS

	1	2	3	4	5
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					

1 — Simples; 2 — Confiara; 3 — Cana da Índia; 4 — Nasce; 5 — Pelejou; 6 — Se-mentes; 7 — Mau remédio.

Na coluna central, encontraremos o nome do nono mês do ano maometano, consagrado ao jejum absoluto durante o dia.



— O filme não é mau, mas segue demasiado o livro.

soluções dos passatempos

PALAVRAS CRUZADAS

PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	S	E	L	I	M		R	I	P	A	R
2	O			R	U	B	O	R			I
3	M			A	R	O	M	A			C
4	E	T	A		E	N	A		A	C	O
5	M	E	R	A		A		A	B	A	S
6		M	A	N	I	P	U	L	A	R	
7	L	E	D	A		A		A	N	I	L
8	O	R	O		S	R	S		E	L	A
9	T			B	O	T	A	R			U
10	U			A	B	E	T	O			T
11	S	E	R	R	A		A	R	P	A	O

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	T	O		E	V	O	R	A		S	A
2	E				O	M	O				D
3	L	A		A	L	I	M	E		D	O
4	M	E	L		T	O	A		A	E	R
5	O	R	A	D	A		S	I	S	M	O
6		A	M	A				M	I	O	
7	O	C	A	S	O		S	A	R	R	O
8	R	A	S		V	I	A		A	A	R
9	D	O		V	A	R	I	O		S	A
10	E				D	I	A				G
11	M	I		P	A	S	S	O		S	O

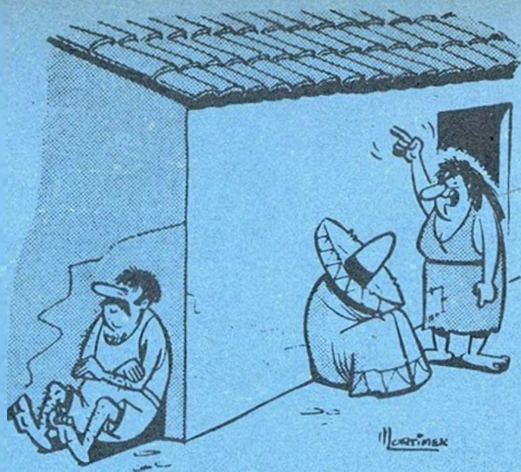
PILHA DE PALAVRAS

	1	2	3	4	5
1	M	E	R	A	S
2	F	I	A	R	A
3	B	A	M	B	U
4	E	M	A	N	A
5	L	I	D	O	U
6	G	R	Ã	O	S
7	D	R	O	G	A

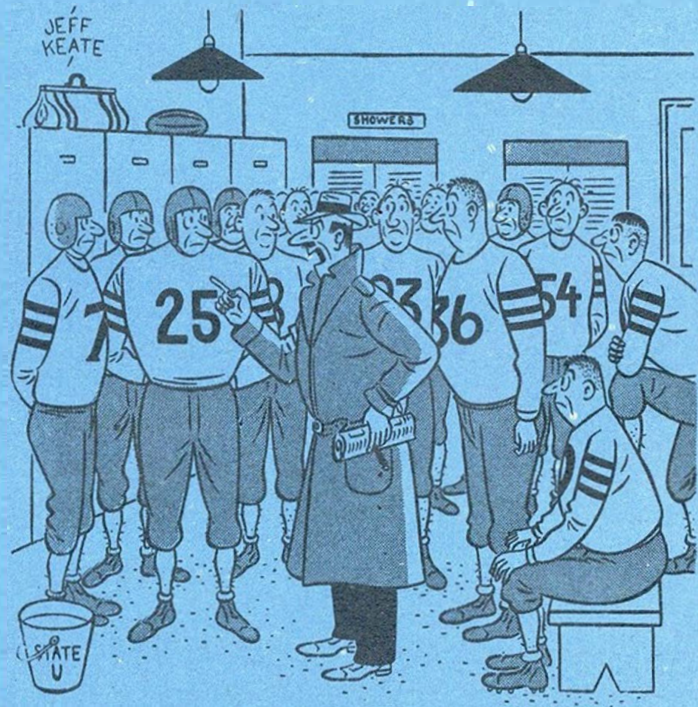
HIERÓGLIFO

COMPRESSO

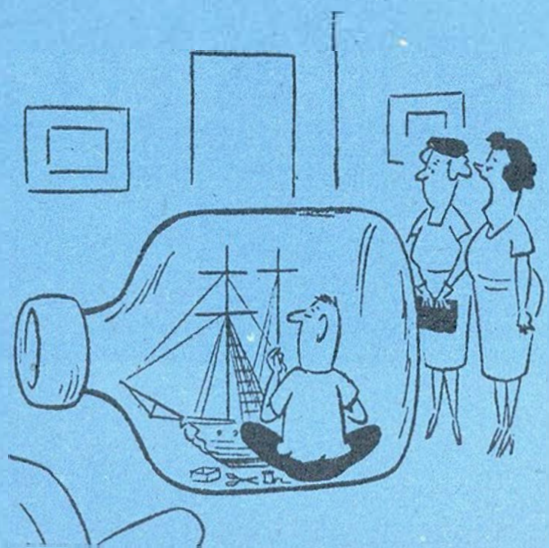
«ENCÉFALO»



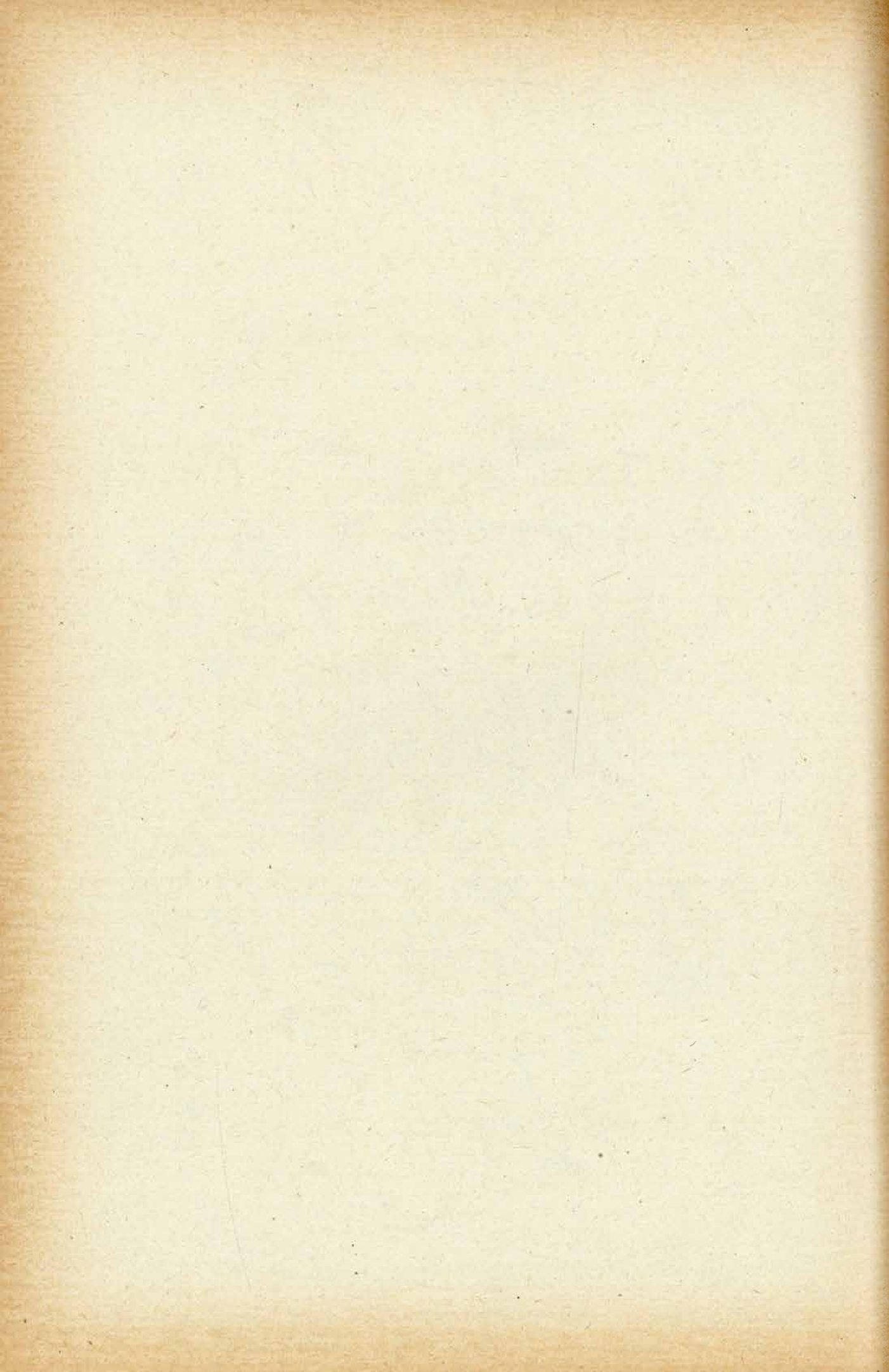
Sem legenda



— Por último lembrem-se que lhes pagamos bastante para permanecerem amadores.



Sem palavras



RICHARD LLEWELLYN

O VALE ERA VERDE



ALMANAQUE

TITULO ORIGINAL
HOW GREEN WAS MY VALLEY

Copyright 1960 by
RICHARD LLEWELLYN

1960

GRUPO DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
LISBOA

ANTES de abandonar definitivamente o vale vou embrulhar as camisas, as meias, todas as minhas coisas, no paninho azul com que antigamente a minha mãe costumava atar o cabelo enquanto arrumava a casa.

Esse pano é demasiadamente bom para fazer embrulhos e eu quero conservá-lo comigo. Mas aqui nada mais há que sirva para o efeito, e o cesto de palha está em casa de Tom Harries, que fica para lá da montanha.

Se eu fosse à loja do Tossal arranjaria facilmente uma caixa de papelão. Mas teria de dar explicações, e acabariam por saber que me vou embora. Prefiro que não saibam. Tenho, portanto, de utilizar o paninho azul. Mas comprometo-me a lavá-lo bem e a passá-lo a ferro quando encontrar uma nova casa, seja lá onde for.

Sempre imaginei que abandonar a terra onde se viveu e partir para longe devia ser uma coisa muito dolorosa. O mesmo devem ter sentido as rosas que cortei e levei do jardim para o cemitério. Mas um homem é diferente de uma flor porque pensa no que lhe acontece, e isso torna-o mais sensível.

Mas tudo quanto senti desde que, há uma hora, tomei esta decisão foi apenas um ardor nos ombros causado por uma lasca de madeira que se me enfiou na camisa quando estive a trabalhar no pátio.

Há pouco, quando me despedi de Alwen, senti o coração apertar-se-me. No entanto ele não compreendeu que me estava a despedir, e, portanto, isso não foi um verdadeiro adeus.

A única coisa que me preocupa neste momento é este velho pano azul, porque receio que possa rasgar-se ou perder-se e o facto ficaria a pesar-me na consciência para o resto da minha vida. Desde criança que me lembro de o ver na cabeça da minha mãe. Ela tinha o cabelo louro e forte, tão grosso que se emaranhava no pente. Mesmo depois de branco conservou-se bonito.

O meu pai conheceu-a tinha ela dezasseis anos e ele vinte. Deixara uma quinta para se empregar nas oficinas siderúrgicas daqui, e, certa noite, quando subia a rua a cantar viu-a numa janela a correr as cortinas. Parou de cantar, olhou-a e ficou à espera que ela se voltasse para ele. Olharam-se e ficaram a gostar um do outro.

Se alguém lembrasse isso à minha mãe ela rir-se-ia com toda a certeza e nem daria resposta.

Mas meu pai contou-me toda a história.

Casaram-se seis semanas depois, no pior Inverno dos últimos cinquenta anos.

De todos os péssimos invernos que tivemos depois, aquele foi, sem dúvida, o mais rigoroso. Quando nos levantávamos víamos nas dobras dos lençóis pedacinhos de gelo em que o bafo da respiração se tinha tornado.

Naquela época a vida era dura e havia uma grande crise de habitação. Assim, os recém-casados tinham de alojar-se em celeiros ou velhos barracões. Uma casa era

uma coisa proibitiva. Levámos vinte anos a pagar a nossa. Mas ainda bem que a pagámos porque, de contrário, a minha mãe não teria onde abrigar-se nos últimos anos. Mas naquele tempo o dinheiro era fácil de ganhar. E não era apenas dinheiro em papel; corriam também sólidas moedas de ouro, daquelas que o meu avô usava na corrente do relógio. Pequenas moedas redondas, amarelas como narcisos no Verão, e serrilhadas à volta como xelins, com uma cabeça decepada dum lado e um dragão e um homem com uma vara do outro.

Essas moedas tiniam quando ele as batia de encontro a qualquer coisa dura. Deveria ser uma sensação bem agradável meter a mão no bolso e sopesar dez ou quinze dessas moedas, o que, de qualquer modo, nunca mais voltará a acontecer com alguém do meu tempo.

Mas imagino que o derradeiro homem, realmente o último homem que as teve no bolso, devia ter pensado que nunca mais haveria alguém capaz de fazer tilintar aquelas ricas moedas.

Comparado com isso, o facto de actualmente poder voar-se a centenas de milhas por hora não tem qualquer importância. Preferia que me indicassem um homem com um bolso cheio de moedas de ouro para gastar. No entanto aqui toda a gente antigamente as possuía.

Quando, ao sábado, os homens acabavam o trabalho, a mãe, logo que ouvia o apito, corria a sentar-se no velho banco e, do lado de fora da porta, esperava pelo pai e pelos meus irmãos, que entretanto subiam a colina.

Muitas vezes tenho permanecido ao pé da porta a olhar para o vale, recordando os homens que subiam, mascarrados, rindo, aos grupos, caminhando curvados, porque a rua era íngreme e estava por calcetar. Hoje as casas são quase as mesmas. Deve ter sido extremamente penoso carregar em carroças e carros todos aqueles blocos de pedra, milhas e milhas, sem haver uma única estrada em condições, pois que na região apenas abundavam as quintas. Ao sábado as mulheres costumavam arranjar-se melhor e punham aventais endurecidos pela goma. Era nesse dia que os homens recebiam a fêria, ao saírem do turno do meio-dia.

Logo que a fábrica apitava, as mulheres colocavam cadeiras do lado exterior das portas e sentavam-se à espera dos homens. Quando os homens chegavam à porta deitavam os salários, moeda por moeda, nos regaços brilhantes de goma, primeiro os pais, depois os filhos e, finalmente, os inquilinos, enfileirados uns atrás dos outros. Minha mãe chegou a ter quarenta inquilinos, além do pai e dos meus cinco irmãos que trabalhavam.

Rua acima e rua abaixo, cantando e rindo, ao sábado toda a gente estava contente. Era na verdade um dia feliz.

No Verão o pai e todos nós tomávamos banho no barracão do quintal, mas no Inverno tinha de ser na cozinha. A mãe enchia as selhas de água quente e punha ao pé baldes com água fria. Quando acabavam e se vestiam iam para a cozinha jantar. que naquele dia era mais cuidado.

Evidentemente que não era permitido cozinhar ao domingo a não ser que o pai tivesse de descer à mina, para cuidar de qualquer coisa, mas então a mãe mostrava-se extremamente cuidadosa.

Para nós o sábado era sempre um grande dia. Lembro-me perfeitamente disso, embora fosse então muito criança.

Durante todo o ano a cozinha estava sempre bem fornecida de presuntos. Tínhamos dois porcos inteiros pendurados, prontos a serem repartidos com quem quer que entrasse, conhecido ou estranho. Durante anos existiu uma capoeira, no quintal, com belas galinhas brancas e castanhas. Os seus ovos era coisa digna de ver-se! Castanhos com manchas mais escuras e outros rosados, e todos quase do tamanho do meu punho!

Lembro-me bem de que ia de gatas, sobre a palha, até aos ninhos, enquanto as galinhas cacarejavam e batiam as asas à minha frente. Eu apanhava um, muito quente e tão grande para as minhas pequenas mãos que tinha de o encostar ao peito para o não deixar cair.

As galinhas têm um cheiro especial, que creio provir das penas, assim como os homens também têm o seu cheiro próprio. Esse cheiro de galinhas é dos que se conservam mais tempo no nariz. Faz lembrar durante anos as coisas boas que não mais voltarão.

Era confortável ver a mesa onde nos reuníamos para o jantar de sábado. Naqueles dias está claro que ninguém olhava para a mesa com a intenção de a conservar na memória. Havia sempre lombo de vaca e costeletas ou perna de carneiro nas travessas colocadas perto do meu pai. Em frente dele estavam os frangos, cozidos ou assados, ou patos, perus e gansos, consoante a época. Como acompanhamento, batatas cozidas ou assadas, couves, couves-flor, ervilhas ou feijões, e, às vezes, quando o tempo corria de feijão, de tudo um pouco.

Começávamos pela oração, todos de pé e eu ao colo da mãe. O pai costumava, enquanto rezava, fechar completamente os olhos e levantá-los depois para as manchas do tecto, com as mãos estendidas por cima da mesa. Às vezes, quando abria os olhos, surpreendia-me a olhar para ele. Levantava o punho na minha direcção, e dizia que eu ainda acabaria mal. A brincar, evidentemente.

Agora reconheço que ele tinha razão porque foi afinal o que aconteceu.

Quando todos se sentavam, eu ainda ao colo, o pai empunhava uma grande colher que mergulhava na grande panela cheia de sopa de alho, adubada com um pedaço de presunto, que se revirava por entre o fumo da panela. Cheirava bem aquela sopa. Parece que ainda sinto o seu cheiro no nariz e tudo o que havia nela era bom. Bastava o cheiro para que sentíssemos quão confortável era estarmos ali reunidos e felizes. Na verdade, se a felicidade tem cheiro, conheço-o bem; sobretudo naquela época, as nossas cozinhas perfumavam a casa inteira.

Depois de a mãe e a minha irmã mais velha terem posto a mesa, o pai trinchava as aves. A mãe corria da mesa para o fogão, espalhando molho nos pratos. Era sempre a última que se sentava à mesa.

— Vá, comam à vontade —, costumava dizer o pai: — Comam à vontade, meus filhos. A mãe não presta como cozinheira; é certo, mas que se há-de fazer? Comam!

Ninguém conversava enquanto se comia. Eu mesmo, apesar de ser o mais pequeno, era convidado a calar-me se fazia barulho.

E essa, penso eu, é a maneira de se tirar proveito da comida, pois nunca encontrei pessoa alguma cuja conversa fosse superior a uma boa refeição.

Depois de termos limpo completamente o molho dos pratos, com os pedaços de pão que a mãe distribuía, surgia o pudim. Francamente, aqueles pudins eram de comer e chorar por mais! Às vezes era uma torta ou fruta assada com açúcar em ponto. Fruta colhida naquela manhã. Mas era sempre bom o que vinha. E, então, para terminar uma boa xícara de chá.

O pai nunca fumava o seu cachimbo à mesa. Por isso, enquanto minha mãe lavava a louça, ele e os meus irmãos iam sempre para a sala vizinha, e, de vez em quando, eu tinha licença de me sentar nos joelhos do pai.

Se havia necessidade de ele e os rapazes irem à cidade para comprar qualquer coisa, esperava-se um pouco até que minha mãe estivesse pronta para dar o dinheiro necessário.

Ela guardava-o numa caixa de folha-de-flandres que conservava sempre na prateleira, na cozinha, por cima do fogão. Todos os sábados, ano após ano, colocava uma pequena pilha de moedas ao lado das outras que já lá estavam. A certa altura a caixa ficava tão pesada que nós gracejávamos com o acontecimento: Ivor, o meu irmão

mais velho, pegava na mãe e na caixa ao colo, e a rir dizia não saber qual das duas pesava mais!

Colocada a caixa na mesa, a mãe abria a tampa e sentava-se a olhar para o pai.
— Ora pois, Gwilym — dizia ela, com a sua voz grave.

— Ora pois — dizia o pai, e levantava-se, com o cachimbo na boca e deitando fumo pelo nariz.

Assim se passavam as coisas quando era preciso fazer aquisições fora do dia-a-dia.

O pai costumava dizer que o dinheiro fora feito para ser gasto, tal como se despendem energias e miolos para o adquirir. Mas uma vez que o homem trabalha com um objectivo, do mesmo modo os resultados desse trabalho devem ser gastos com uma finalidade e não desperdiçados.

Uma vez que na família todos os adultos ganhavam dinheiro, excepto a mãe e minhas irmãs, era lógico que o momento da abertura da caixa fosse por todos considerado solene.

Quando o pai e os rapazes iam para além da montanha assistir a uma partida de *rugby* necessitavam de uns xelins extraordinários. Então o pai pegava num meio soberano e repartia-o. Calculava-se a quantia a gastar, porque pouco havia onde empregar o dinheiro.

Costumavam tomar uma cerveja lá em baixo, nos Três Sinos, mesmo no sopé da colina; às vezes havia excursões com o orfeão e outras vezes um desafio amigável no vale vizinho, ou um jogo importante na cidade. Mas se se dava esse caso era sabido que o vale inteiro assistiria, excepto os doentes ou os inválidos.

Poucos viam o jogo, porque a ideia era ir à cidade, que era o que mais interessava. No entanto, ao chegarem a casa podiam discutir o caso, pois que, pelo caminho, os amigos lho haviam relatado com todos os pormenores. Assim, o facto de terem ou não assistido ao desafio era secundário.

Também eu, ao sábado, ganhava o meu tostão. Corria logo a casa da doceira, a Sr.^a Rhys. Fazia o caramelo numa caçarola, enrolava-o e, ainda mole, pendurava-o num prego atrás da porta. Com ambas as mãos, pegava num bocado razoável, puxava-o para si e em seguida atirava a massa novamente para o prego. Até o ponto ficar à sua vontade, continuava neste trabalho por mais meia hora. Então estendia a massa para que ficasse achatada. A água a crescer-me na boca, o meu tostão apertado entre os dedos, eu esperava.

Ficava horas e horas aspirando o aroma do açúcar, do leite e dos ovos. E quando a seguir o mastigava o gosto mantinha-se sempre o mesmo.

A primeira vez que pude, realmente, gastar dinheiro foi quando o meu irmão Ivor casou. Bronwen veio do lado de lá da montanha, onde o pai era merceeiro.

Ivor conheceu-a num concurso coral. Entrou na loja para comprar ovos, com os quais certamente esperava melhorar a voz. Bronwen atendeu-o e suponho que naturalmente começaram a conversar a respeito de coisas diversas; mas a conversa devia ter sido de tal modo interessante que ele esqueceu completamente o concurso, o que lhe causou sérios aborrecimentos. A verdade é que ele possuía uma boa voz de tenor, como o pai, e bastante trabalhada! Foi, pois, uma grande perda.

O caso foi contado ao pai por Ellis, que conduzia o carro que transportava o coro musical.

Ivor teve de vir a pé todo o caminho, da montanha até casa e chegou muito tarde. O meu pai não parava de rir.

— Beth — disse à mãe. — Estamos quase a ficar sem o Ivor. Vai ser o primeiro.

— Está bem — disse a mãe. Não podia dizer-se que estivesse satisfeita, mas parecia sorrir. — Já era tempo, realmente. Só me admiro de ter demorado tanto. Quem é ela?

Mas ninguém a conhecia. E nem o meu pai ousou fazer perguntas. Dizia que

cada qual tem os seus gostos e preferências, e ninguém deve meter o nariz onde não é chamado. Quem passava mal era Ivor. Durante dias deixara de comer. Chegava do trabalho, tomava banho e ia até ao campo pensar. Pelo menos foi o que me disse quando, um dia, o encontrei deitado na erva.

— Estou a pensar — disse-me. — E desaparece já antes que vás dar um mergulho no rio.

Duas vezes por semana ia visitá-la. Quer chovesse ou nevasse, ia sempre; quando perdia o carro de Dai Ellis tinha de regressar só, palmilhando a montanha, por caminhos escuros como breu.

Era, forçosamente, uma grande paixão. Ivor, tão calmo e senhor de si, fazia todos aqueles sacrifícios para ver uma rapariga durante alguns minutos, e, além disso, na presença do pai e da mãe dela.

Um sábado à tarde, quando o pai já andava quase louco com aquelas idas à montanha, ouvimos o ruído de um carro que parava à nossa porta.

O pai levantou-se ao compreender que tinha uma visita. Todos nós nos erguemos na expectativa. Ivor estava à porta, extremamente cortês. Era o pai de Bronwen que chegara para conhecer a família.

Quando eles entraram, eu, como criança, tive de sair da sala.

— Pai — disse Ivor, branco como um papel. — Este é o pai de Bronwen.

— Oh! — exclamou o pai. — Como está?

— Bem, obrigado. — Num relance examinou os circunstantes e a sala. — Faz um frio terrível!

Tudo em seguida correu bem. Uma tarde muito agradável. Serviu-se chá e quando o pai de Bronwen se retirou, bebeu com todos, nos Três Sinos, como se já fossem velhos amigos.

O pai tomou também uma dose dupla. Mas era maravilhoso quando bebia. Tinha uma medida muito sua e, quando a atingia, nada, nem ninguém, o conseguia fazer beber mais.

Noutro dia, ele e a mãe transpuseram a montanha para conhecer a mãe de Bronwen.

Mas num sábado, antes disso, Bronwen veio sòzinha, com um cesto, antes de os homens chegarem a casa.

Nunca me esquecerei da figura de Bronwen enquanto subia a colina. Trazia um chapéu de palha com flores, que por baixo do queixo era atado com longas fitas verdes. Uma capa verde-escuro esvoaçava-lhe no corpo, e, quando ela andava, abria-se e deixava ver o vestido e o avental branco, que descia até ao tornozelo.

Apesar de a colina ser muito íngreme e o cesto bastante pesado, ela caminhava com bastante facilidade. Chegou ao alto e olhou para todas as casas do nosso lado. Eu espreitava-a da porta. Avistou-me e sorriu.

Os seus olhos, brilhantes como as gotas da chuva no peitoril duma janela ao nascer do sol, a boca vermelha e os dentes muito brancos, tudo emoldurado pelas fitas verdes do chapéu, formavam um conjunto maravilhoso.

— Olá, Huw — disse ela.

Mas eu era tão acanhado que corri a esconder-me lá dentro.

— Que aconteceu? — perguntou-me a mãe. Eu limitei-me a esconder a cara nos cobertores da cama. Então Bronwen chamou suavemente da porta.

A mãe nunca vira ou ouvira Bronwen, mas estou certo de que adivinhou logo quem era. Virou a cabeça para o lado, largou o garfo com que cozinhava e dirigiu-se ao espelho, para tirar o velho pano azul e ajeitar um pouco os cabelos.

— É a Bronwen? — perguntou enquanto ainda se olhava ao espelho.

— Sim — respondeu a rapariga num tom que quase se não ouvia.

— Entre, minha filha — e foi ao seu encontro. Olharam-se um momento sem falar e depois a mãe beijou-a.

Em cinco minutos a mãe ficou a saber tudo quanto devia ter sabido, e Bronwen ouvia a narrativa da maior parte dos costumes de Ivor; que nunca bebia chá quente e quais as manhas de que era preciso usar para que as comidas lhe agradassem.

A conversa absorvera-as de tal maneira que a mãe quase se esqueceu das horas.

Já o pai e os irmãos vinham na rua a cantar quando ela deu um grito e correu a pôr a cadeira lá fora para esperar.

— Há aqui qualquer coisa que não está certa — disse o pai ao entrar. — Nunca te atrasaste, Beth.

— Não está certa? — disse ela. — Não. Certa. Sim. certa é que é, Ivor.

O pai agarrou-me pelo pescoço e empurrou-me para fora da cozinha no momento em que Ivor, todo sujo de carvão, ia beijar Bronwen.

— Estas coisas não são para as crianças — disse ele. — A tua vez também há-de chegar.

Nesse momento chegavam as minhas irmãs da fazenda. Lá atrás os homens tomavam banho, e num instante a casa encheu-se de barulho e risadas. Daí a pouco o cheiro da comida fazia-nos tanta fome que eu já sentia o estômago apertado.

Bronwen tornou a nossa casa muitos sábados depois daquele, mas eu sentia-me sempre acanhado na sua presença.

Desde aquele dia creio que me apaixonei por Bronwen, e julgo que isso durou toda a minha vida. É tolice pensar que uma criança possa apaixonar-se. Mas aconteceu. Tudo isto se passou comigo e é a verdade. Sei muito bem o que digo. Comecei a gostar de Bronwen desde aquele primeiro sábado em que a vi subindo a colina.

2

O casamento de Ivor foi uma festa estupenda. O único problema era a escolha do local onde se realizaria.

O pai de Bronwen queria que fosse do outro lado da montanha, na capela de Sion, mas o meu pai estava convencido de que a nossa capela estaria pronta a tempo.

Durante meses todos os homens da nossa aldeia se reuniam à noite para ajudarem à construção. Eu e os outros garotos brincávamos no meio dos tijolos, traves e cal enquanto os homens trabalhavam. Que belas horas passávamos!

Na verdade, a capela parece, ainda hoje, a mesma do dia em que foi estreada por um pregador da cidade, pois durante muito tempo não tivemos pregador privativo.

A aldeia não era suficientemente rica para pagar a um, de modo que os adultos se revezavam na pregação e na oração. E desnecessário será dizer que o coro estava sempre presente e bem afinado.

Ivor e Bronwen casaram-se na nossa capela, como o pai tanto desejava. Que festa maravilhosa!

Milagrosamente, o dia esteve admirável.

O pai e a mãe estavam a rigor. As crianças que faziam o acompanhamento aos noivos tinham todas fatos novos, e eu vestia um sobretudo preto, novo, com uma gola de veludo. E que elegância!

Os noivos sorriam felizes. O fato de Ivor era preto e o meu pai tinha-lhe emprestado o colete dele, branco, que lhe ficava óptimamente. Na botoeira tinha um cravo.

Mas que dizer de Bronwen!

O vestido de rendas já fora da bisavó. Embora um pouco amarelado, caía-lhe maravilhosamente. Nunca houvera na aldeia ou arredores uma noiva tão bela.

A frente iam a minha mãe e a de Bronwen, que chorava de vez em quando; junto deias, o meu pai e o da noiva, e em seguida os meus irmãos mais velhos, Ianto, Davy e Owen.

Eu ia mais atrás, com as minhas irmãs e o meu outro irmão, ao lado das tias e tios. A capela estava cheia; era impossível fazer o mais pequeno movimento. Abrir um livro de cânticos era coisa que não passava pela cabeça de alguém. Felizmente, todos sabiam de cor as palavras dos hinos.

O pregador fez um sermão eloquente. Empregou umas palavras inglesas muito compridas, de que nada entendi, pois que nas nossas conversas usávamos o dialecto local. Mas esforcei-me por fixar os sons delas. No entanto, devia ter retido os sons completamente errados, pois quando o pai, a meu pedido, se esforçou por repeti-los e explicá-los, nunca o conseguiu. E até hoje nunca descobri o que ele teria dito.

Mas todos os que estavam na capela ouviam com atenção. Uns curvados para a frente, de ouvidos alerta, outros inclinados para trás, de olhos cerrados, e alguns sentados com à-vontade.

Quando o pregador pronunciava alguma palavra invulgar, alguns homens falavam baixinho entre si e as toucas das velhas balouçavam como uma seara agitada pelo vento.

A certa altura, quando todos estavam calados, lembrei-me de dizer qualquer coisa. Sem dúvida foi num momento inconveniente, porque o meu tio deu-me uma cotovelada que me fez perder o equilíbrio e caí. Levantei-me e sacudi o pó do meu fato novo. O pregador deixou de falar para olhar para mim. Todos me olharam e eu senti-me morrer. O meu único desejo era fugir. E ainda hoje, tantos anos passados, se me lembro do que senti, aperta-se-me o coração.

Nunca me esquecerei da festa que se seguiu ao casamento, quando Ivor e Bronwen subiram até casa para partirem. Foram na melhor *charrette* de Dai Ellis, puxada por uma égua branca.

Ao ar livre estavam armadas compridas mesas; eram as da comida. Ao lado, outras mais pequenas tinham as bebidas. Debaixo das árvores e no jardim da capela tinham posto mesas para as crianças. No entanto, nós preferimos sentar-nos na relva e utilizar as mãos.

As empadas eram tão pesadas que eram necessários dois homens para as transportar. Na parte superior tinham rendilhados, tão perfeitos que era uma pena serem cortados.

O bolo de noiva, lá fora, debaixo das árvores, era completamente branco e tinha três andares.

Fora feito pelo pai de Bronwen, enfeitado com ferraduras e pequenas bolas de prata, com os nomes de Ivor e Bronwen e a data.

Quando todos avançaram para a comida, o meu amigo Cedric e eu, pequenos de mais para ficarmos com os adultos e já crescidos para comer pela mão dos outros, lá nos arranjámos como pudemos. E, na verdade, muito bem nos saímos enquanto estivemos sentados no chão, debaixo da mesa comprida.

Das mulheres, embora as ouvíssemos distintamente, apenas víamos as botinas e barras das saias, pois a toalha ocultava o resto.

Quando queríamos mais comida arrastávamo-nos para fora, e, enquanto um ficava de joelhos, o outro lançava mão de tudo o que estivesse ao seu alcance.

Quando era a vez de Cedric, escolhia sempre geleia ou *chantilly*. Eu preferia bolos ou torta.

«Tem juízo, rapaz», sussurrava Cedric. «Não sejas parvo a comer bolos quando tens à mão geleia da boa!»

Julgo que Cedric se manteve assim durante toda a vida, pois sempre se arran-

jou bem. Últimamente dirigia uma pensão, no litoral, e tudo lhe corria esplêndidamente. Mas o pior foi depois.

Era a altura das corridas das crianças e, embora gritasse e esperneasse, fui obrigado a ir. Eu receava ser vencido na presença de toda aquela gente, mas felizmente consegui ser o primeiro a chegar a meta. Ia quase morrendo. Sentia-me tão atordoado que foi necessário o Dr. Richards dar-me um copo de água fria. Fiquei logo bom.

Depois Davy e Ianto deram-me algumas moedas e o pai um xelim. A mãe chamou-me, guardou todo o dinheiro na caixa e entregou-me três moedas para eu gastar à vontade.

Ao fim da tarde, depois do chá, sentámo-nos no chão em cima dumas mantas e cantámos todos os hinos e canções que sabíamos. Fui eu o vencedor! O meu pai ficou delirante! Nunca poderei esquecer a alegria dele quando o Sr. Prousser, de St. Bedwas, me deu o prémio.

O meu pai adorava verdadeiramente o canto. Possuía também uma voz magnífica, e durante o regresso a casa conservou sempre a minha mão na dele.

É estranho como, sem saber porquê, todas estas coisas me vêm à memória. Pensa-se numa coisa, essa lembra outra, e por fim acabamos por perder o fio de ligação entre todas elas.

Ianto casou-se a seguir. Escolheu uma rapariga da vila e, como ficou a trabalhar com o pai dela, partiu e casou lá mesmo. Eu estava com uma gripe terrível, de modo que não pude assistir. Minha mãe quando chegou da festa vinha muito desiludida, pois achava que Ianto não fora feliz na escolha. E, durante anos, nada mais soubemos dele.

Davy era a cabeça da família. O seu sonho era formar-se. Mas o Dr. Richards dizia que ele estava já demasiadamente velho para isso. No entanto, sempre que na mina ocorria qualquer desastre, lá surgia ele com a maleta das ligaduras. Todos o estimavam muito.

Mas súbitamente tornou-se calado, melancólico, e tudo isto sem uma causa aparente. Se alguma vez tentava fazer-lhe perguntas, não me respondia. Entretanto, fui para a escola e deixei de estar em contacto com ele.

Certa noite, antes do jantar, o pai perguntou-lhe o que se passava. Davy ficou pensativo.

Demorou imenso tempo a responder. Eu já estava com medo que o pai esquecesse a pergunta e se lembrasse de me mandar para a cama. Para ele era assunto arrumado; eu tinha de estar deitado às oito em ponto.

— Pai — disse Davy, sem desviar os olhos da chávena vazia. — Não sinto a mais pequena parcela de felicidade.

— Custa-me muito ouvir-te, meu filho — disse o pai.

— Que é que não te corre bem, Davy? — perguntou minha mãe.

— Tudo — respondeu Davy. — E o pior é que ninguém se dá conta disso. Ou se reparam fingem nada ver.

— Vejamos o que é — disse meu pai. — Se for alguma coisa humanamente possível, far-se-á.

— Não — respondeu ele. — O pai nada pode fazer. É algo que diz respeito a todos nós: na próxima semana os ordenados vão ser reduzidos. Porquê? Se precisamente este ano o preço do carvão é superior ao do ano passado! Então por que reduzem os salários? Além disso todas as forjas da região estão a ser fechadas e transferidas para Dowlais e Middlesborough. Que farão os homens que sempre trabalharam nelas? Acompanham o ferro até Dowlais e Middlesborough, ou virão pedir trabalho, aqui, à mina?

Davy olhava para meu pai, com a sombra dos cabelos escuros sobre os olhos.

— Está bem — disse meu pai, passando o cachimbo de um canto da boca para

o outro. (Sinal de que estava contrariado)... — Espero que encontrarão trabalho noutra sítio qualquer.

— Na mina — respondeu Davy, abanando a cabeça —, a mina já tem homens em demasia. Os filhos dos Owain já abandonaram a região à procura de trabalho. E verás, dentro em breve, todos lhes seguirão o exemplo. Vou dizer-lhe o que acontecerá, meu pai — concluiu Davy, batendo na caixinha das moedas. — Em breve isto estará tão vazio como o meu cachimbo.

— Asneira, meu filho — disse o pai, surpreendido e ao mesmo tempo receoso, olhando minha mãe —, tenho confiança em Deus e espero que isso nunca aconteça enquanto houver carvão.

— A ver vamos — disse Davy. — Quando os ferreiros, sem sítio nenhum onde ganharem, pedirem trabalho na mina, sem discutir salário, o administrador não deixará de os aceitar. É fácil deduzir o que acontecerá: os mais velhos e os que ganham mais serão automaticamente postos de lado. É bom reparar nisto, pois o pai talvez venha a ser um deles se não tiver cuidado.

— Palerma — disse o pai a rir. — Vamos, Beth — disse para minha mãe — que tal uma xícara de chá? — De repente o seu olhar demorou-se em mim: — Para a cama já.

Davy tinha acertado nas suas previsões. A certa altura, um ferreiro, na mina, ganhava pouco mais que um garoto. Já recorriam ao extremo de eles próprios puxarem as vagonetas, substituindo os cavalos. Uma grande quantidade, onde sobretudo predominavam os mais velhos e os mais bem pagos, foi despedida. Desculpavam-se com a idade avançada de alguns deles; porém, ninguém acreditou pois que Dai Griffiths, um dos despedidos, tinha fama de trabalhar que nem um cavalo.

O meu pai trabalhava havia algum tempo como apontador. Quando o carvão chegava à superfície ele anotava a quantidade e o nome do trabalhador. Os mineiros seriam pagos consoante as quantidades anotadas por ele. Assim, o seu cargo, ponte de ligação entre inferiores e superiores, tinha bastante responsabilidade. E, a prová-lo, lá estavam as inevitáveis complicações...

Uma noite regressou a casa depois de uma reunião nos Três Sinos. Vinha pesadamente humorado.

Davy, sentado à mesa, lia. Eu desenhava, semideitado na borda da cama.

— Davy — disse meu pai. — Vamos fazer greve.

— Muito bem, pai — disse Davy calmamente. — Já pensou no que irá fazer quando for demitido?

— Não vou ser demitido — respondeu ele, exaltado. — Precisamente por isso é que a luta é absolutamente necessária. Os salários terão de ser equilibrados e contentar a maioria.

Davy ergueu os olhos para a caixinha de lata e sorriu. Embora o não quisesse deixar transparecer, percebi que meu pai estava profundamente encolerizado.

— Por que não foste assistir ao comício? — perguntou ele a Davy.

— Primeiro quero ver o que eles farão — respondeu Davy —, mas uma coisa já decidi: o pai vai abandonar tudo isso, e eu agirei em seu lugar.

— Não — disse o pai. — Não consinto. Pediram-me que expusesse o caso e vou fazê-lo.

— Então — disse Davy — Gwilym, Owen e eu teremos de futuro de sustentar a casa. Ao pai vai suceder o mesmo que ao Griffiths e aos outros.

— Veremos isso — respondeu o pai.

E, de facto, vimos que Davy tinha razão.

O meu pai e dois outros foram falar com o administrador. Regressaram calados e desanimados. «Nada havia a fazer», disseram eles, «a não ser paralisar o trabalho».

E foi isso mesmo que resolveram.

A primeira greve durou cinco semanas. Os homens, que haviam retomado o trabalho, abandonaram-no ao fim de dois dias, pois que uma dúzia fora despedida. O meu pai foi incluído.

Então estiveram em greve durante vinte e duas semanas.

Todas as minas do vale estavam em actividade, mas na nossa aldeia isso era ignorado. E, entretanto, o Inverno estava à porta.

Nessa altura o povo já se sentia em sérios embaraços. A comida era escassa e pouco a pouco o dinheiro acabava-se. Embora noutros tempos as mulheres tivessem sido extremamente poupadas, agora as economias estavam quase esgotadas e a minha mãe lançava já mão da nossa latinha para auxiliar as mulheres da colina, sobretudo as de família mais numerosa.

A pobre Sr.^a Morris, que vivia junto da capela, com catorze filhos, e todos com menos de doze anos, viu-se forçada a sair de casa para pedir esmola. O marido ficou de tal modo envergonhado que se lançou num poço da mina.

O meu pai ao saber do sucedido reagiu fortemente — tinham chegado à aldeia uns indivíduos que vinham de Londres e pareciam estar ao corrente de tudo o que se passava.

O pai foi falar com eles. Regressou aflito mas decidido. Ninguém lhe fez perguntas.

— Acabámos a greve, Beth — disse ele —, mas os salários têm de baixar. Presentemente o preço do carvão está menos elevado e, portanto, temos de nos sujeitar.

— Voltarás ao mesmo serviço, Gwilym? — perguntou minha mãe.

— Certamente, querida. — Mas eu também notei que as suas palavras não eram sinceras. E ficámos à espera.

Passados dois dias descobri o que se passava.

Os homens voltaram ao trabalho. Era um espectáculo comovente.

A madrugada estava fria e a Lua ainda não desaparecera. A geada, dura e espessa, cobria o caminho e os telhados; de todas as janelas iluminadas saíam clarões de luz alaranjados.

As portas abriam-se e atrás dos homens saíam as mulheres e as crianças; acompanhavam-nos e paravam a vê-los seguir.

O meu pai foi um dos primeiros. Quando o viram todos começaram a dar vivas, pois consideravam-no o salvador da aldeia. Mas meu pai não era vaidoso e detestava ostentações. Fez um gesto para que se calassem e começou a cantar.

Todos o acompanharam. Tenores primeiro, depois os barítonos e baixos e, finalmente, as mulheres e as crianças.

Quando começaram a cantar todas as portas se abriram, e homens, mulheres e crianças saíram de casa para observar.

Eu olhava para toda aquela gente e sentia-me feliz. Novamente havia esperança. Ao longo da estrada escura divisava os vultos, ainda mais negros, dos homens a gesticular, entre grupos de mulheres e crianças agarradas às saias destas, todos aureolados pela brilhante luz alaranjada que jorrava das portas abertas.

E à volta de nós também o vale parecia entoar um hino. A caminho da mina, os homens agitavam as suas lanternas, centenas de pequeninas luzes que pareciam também marcar o compasso da música.

Todos cantavam.

E a paz voltara de novo.

CHEGOU a altura de eu frequentar a escola. Fui para casa da mulher de Tom Jenkins, que vivia um pouco afastado da aldeia. Tom queimara-se horrivelmente, com ferro em fusão, nas oficinas da mina. Vivia há muitos anos amarrado a uma cadeira, de modo que a mulher tivera de abrir uma escola para manter a família.

Tinha duas filhas ainda pequenas que também assistiam às aulas. Tom tinha dores constantes e, assim, as lições eram muitas vezes interrompidas.

Aprendíamos contas, leitura, um pouco de história e de geografia. A Sr.^a Tom Jenkins viera de Caernarvon, onde o pai tinha uma livraria, de modo que a sua cultura era superior à de qualquer mulher da aldeia.

Tenho de fazer-lhe justiça. Mais tarde, quando cheguei à idade de pensar, concluí que os magros proventos que ela auferia para nos educar não pagavam, de modo algum, quer o seu trabalho, que a sua dedicação. Todos os garotos que lá aprenderam adquiriram bagagem que lhes permitiu vencer na vida, embora eu tenha a certeza de que a maioria nunca se apercebeu de quanto lhe era devedora.

Sentávamo-nos na sala de entrada, em banquinhos, com as pedras nos joelhos. A professora tinha ao lado um grande quadro de ardósia onde escrevia com giz.

A primeira coisa a fazer quando se entrava, era pendurar os sobretudos ou casacos. Depois, entrar na sala e saudar a Sr.^a Jenkins e depois as filhas, desejando-lhes os bons-dias.

Famos depois buscar os nossos banquinhos e sentávamo-nos. Cantávamos o hino da manhã e a Sr.^a Tom pronunciava uma curta oração, em que pedia a Deus por todos nós, energia e vontade de viver e de aprender para benefício da Humanidade.

Lembro-me muito bem do esforço que fazia para compreender o significado da palavra Humanidade. A palavra humano, conhecia-a; decompunha a palavra e também sabia o significado de idade. Finalmente concluí que Humanidade deveria ser um homem altíssimo, com uma grande barba branca, a debruçar-se constantemente sobre as misérias do mundo com bondade e simpatia.

Certo dia, depois de todos já terem ido para casa, falei nisto à Sr.^a Tom.

Ela estava nesse momento a tentar mudar a posição do marido para o aliviar, e sorriu-me bondosamente.

— Esse é um belo retrato de Jesus, Huw — disse ela.

— A Humanidade é então Jesus, Sr.^a Jenkins? — perguntei, surpreendido.

— Não, decerto — disse ela, enquanto enrolava Tom num cobertor —, visto ele ter sofrido tanto pela Humanidade.

— Obrigado, Sr.^a Jenkins, mas então por que pede todos os dias por nós, e para que ajudemos a Humanidade?

— Porque pretendo que vocês não se limitem a pensar nos vossos. Quero que se não esqueçam de que no mundo há milhões de pessoas que, tal como nós, sofrem e sentem alegrias. Todos somos iguais e, como todos necessitamos de auxílio, ninguém há que possa ajudar a Humanidade senão ela própria.

— Mas por que rezamos a Deus, se apenas a Humanidade pode ajudar a própria Humanidade? — perguntei, pois o meu pai dizia que apenas Deus nos podia auxiliar e o que a Sr.^a Jenkins me estava a dizer era totalmente novo para mim.

— Sòmente Deus poderá responder-te, Huw — disse ela enquanto olhava para Tom. A Sr.^a Jenkins nunca viria a saber que eu lhe ouvi dizer baixinho: «Se existe Deus...»

E, ao dizer isto, olhava para o marido. O ferro em fusão apanhara-lhe a cabeça e os ombros. Estava cego, o nariz queimado, a boca apenas uma fenda, com os dentes todos enegrecidos. A cabeça completamente calva, de uma cor arroxeada, comple-

tava uma figura que arrepiava. O meu pai dizia que ele tivera uma figura magnífica e fora o melhor tenor do vale. Agora apenas podia emitir estranhos sons e duvidou muito de que reconhecesse a mulher e as filhas. Assim compreende-se a descrença da Sr.^a Jenkins.

Todos estes casos me fizeram, pouco a pouco, aprofundar as coisas. Depois à medida que abria os olhos para o que se passava no mundo ia mais facilmente compreendendo o que sentia em mim.

Não estou de modo algum desiludido comigo próprio. Sòmente, se não me tivesse acostumado a analisar tudo o que se passava à minha volta, talvez me não tivesse tornado tão complicado e fosse mais feliz. Agora, que olho este quarto onde tanta coisa se passou, lembro-me de uma figura impressionante de honestidade: o meu pai. No entanto, ele nunca teve a recompensa devida, nem ele nem minha mãe.

A primeira vez que compreendi ser ele um homem na verdadeira acepção da palavra foi naquele dia, ao jantar, em que os mineiros retomaram o trabalho depois da greve.

Chovia torrencialmente. Eu corria com os outros garotos pela estrada da mina de carvão.

Os apontadores tinham pequeninas barracas próprias, onde permaneciam quando chovia ou fazia frio. Sempre lá houvera três; a utilizada por meu pai era a verde, do meio.

Fiquei parado enquanto os outros corriam. Olhava para o intervalo que havia entre as duas barracas. Meu pai estava lá, de pé, na chuva, a tomar nota de uma vagoneta, com o livro agarrado debaixo da dobra do capote encharcado.

Permanecia numa poça feita pela chuva que escorria do capote e o cabelo encharcado caía-lhe para a testa.

A barraca dele fora retirada. Fiquei envergonhado. A minha vontade seria fugir imediatamente. Levantei os olhos para ele e vi-o tirar o lápis da boca e fazer-me um gesto com a mão, como que a aconselhar-me segredo e a mandar-me embora.

De noite acordei com o choro de minha mãe. Com ela estavam o pai e Davy.

— As coisas não podem continuar assim! — exclamava Davy. — Julgarão que vou ficar impávido e sereno com o meu pai debaixo da chuva como se fosse um cachorro?

— Trata da tua vida — respondia meu pai. — Não queiras aproveitar-te do meu caso como pretexto para fazer a tua política. Sei muito bem tratar de mim próprio.

— Claro que sabe, pai — respondeu Davy —, mas se não reagir acabará afogado como um rato.

— Cala-te imediatamente. Não quero ouvir mais asneiras.

— Mas, pai — disse Davy —, vai morrer de frio quando começar a nevar! Por que não quer que nos unamos? Assim, talvez se encontrasse a solução... Não basta que uma mina pare. Devem ser todas ao mesmo tempo.

— Se eu morrer gelado não importa — disse o pai. — Não quero mais greves, e sobretudo não quero ser o pretexto para uma nova greve. Não quero que se negue justiça ao povo apenas porque eu passo frio. Se o fizesse merecia uma morte ainda pior.

— Mas o pai é o representante dos operários — replicou Davy. — Se o tratam assim, que tentarão fazer aos trabalhadores?

— Veremos — disse meu pai. — Assunto arrumado. Todos para a cama.

Gwilym estava deitado na cama vizinha; pela maneira de respirar percebi que ouvira tudo.

— Gwil — cochichei —, que vai fazer o Davy?

— Cala a boca, rapaz — murmurou Gwilym. — Estás interessado em ver o pai entrar no quarto e dar-te com a correia?

— Mas que quer o Davy? — sussurrei tão baixinho que o meu irmão adivinhou em vez de ouvir.

— Lutar contra o maldito inglês — replicou ele no mesmo tom levantando a cabeça.

Assustei-me. Um arrepio subiu-me das costas à ponta dos cabelos.

Gwilym tinha já catorze anos. Começara havia pouco a trabalhar na mina e já se manifestava impetuosamente como se fosse um homem.

Davy, entretanto, entrou no nosso quarto. Dormia comigo. Eu, disfarçadamente, observei-o. Vinha pálido mas com um ar resolutivo que me assustou. Receoso, fechei os olhos e assim os mantive tanto tempo que devo ter adormecido.

Ivor e Bronwen viviam numa casa, que lhes pertencia, um pouco afastada da nossa, mas na mesma aldeia. Minha mãe e ela davam-se muitíssimo bem. Ao sábado jantavam connosco, e geralmente aos domingos afastavam-se para além da montanha, para ver os pais dela, ou passearem, muito simplesmente.

Ivor quando soube do que sucedia ao pai ficou tão contrariado como Davy, mas conteve-se, coisa que Davy, tão exaltado, nunca conseguiria. Naquele sábado, ao jantar, ouvi Ivor contar ao pai que Davy andava associado com um revolucionário muito conhecido, e que se o não aconselhassem em breve estaria na lista negra da mina. Meu pai respondeu-lhe que nada poderia conter Davy.

— Mas então que quer ele? — perguntou Ivor, impaciente. Eu podia dar-lhe qualquer ideia, mas calei-me. Na véspera tinha ouvido Davy chamar-lhe velho ronceiro e lamentar-se de que os homens casados eram um peso morto.

— Davy quer impor o socialismo — respondeu meu pai. — Sonha com a união de todos os homens, de todos os credos e todos os países...

— Não concordo com essas fantasias — disse Ivor. — Se ele se referisse aos mineiros estaria com ele, assim não.

— Ivor Morgan, estás a fugir ao problema — disse meu irmão Gwilym. — Fica sabendo que há mais caco na planta do pé de Davy do que em toda a tua cabeça.

Meu pai ficou boquiaberto com a surpresa. Ivor, enraivecido, deu um pulo na cadeira. Mas, quando o pai pegou na correia para lhe dar, já ele corria pela colina abaixo como se tivesse asas nos pés.

— Há muito de Davy nele — disse pensativamente meu pai. — Prevejo graves problemas com todos estes rapazes. As vezes penso que estou a criar uma colónia de vespas em vez de rapazes educados...

O meu pai olhava para mim pensativamente. Embora eu soubesse não ser a melhor altura para interferir, tive de fazê-lo:

— Paizinho, também me incluo. Pelo menos enquanto o pai estiver à chuva e ao frio.

— Desaparece daqui — gritou o meu pai — antes que te dê um bom par de bofetadas.

Mas os olhos dele mantinham-se sorridentes. Não me assustei e fui calmamente até à casa de Bronwen.

Naquela altura já deixara de me sentir acanhado na sua presença. Ela tinha uma maneira de olhar as pessoas que as atrapalhava. A primeira vista parecia sorrir. Depois se reparássemos bem, víamos que ela nunca sorria. Pelo menos a boca. Eram os olhos. Aqueles olhos maravilhosos que tudo pareciam ver e compreender.

— Estás com ar preocupado — observou ela.

— Davy vai lutar com o inglês — respondi-lhe.

— Qual inglês? Um determinado inglês?

— Não sei bem. Quem me disse foi Gwilym.

— Gwilym é um garoto, não sabe o que diz.

— No entanto, Davy sabe — disse eu. — Ele é o único que sabe o que tem a fazer.

— E tu, que vais tu fazer? — perguntou Bronwen, ajoelhando-se ao meu lado.

— Irei lutar contra ele. Quero castigá-lo. Não são coisas que se façam, deixar o meu pai à chuva.

Bronwen abraçou-me. E com tanto ímpeto que fez tombar uma chávena, que se partiu, mas ela não mostrou incomodar-se com o facto.

— Muito bem, Huw — murmurou ela. — Vamos à luta. Para isso é que há homens e mulheres. Homens para lutar, mulheres para os ajudarem.

— Também é uma revoltada, Bron? — perguntei-lhe.

— Se isso é ser revoltada — respondeu ela — sou-o.

— Pois bem — respondi eu —, sou precisamente um revoltado. — Que fará Davy, Bron? Ninguém me quer dizer.

Bronwen começou a juntar os cacos da chávena. Ao curvar-se notei que estava carrancuda.

— Olha, Huw — respondeu ela —, ainda és muito novo para teres preocupações destas. Fazes-me um favor? Chamas Ivor, sim?

Mas eu estava aborrecido. Não compreendia como sendo ela mulher sabia coisas que eu não podia saber.

— Pois bem, grande homem — disse ela —, tenta compreender: Davy está a agir para que as coisas melhorem. Utiliza os seus métodos, é tudo. Agora vai chamar Ivor, sim?

4

FUI perguntar a meu pai coisas a respeito de Davy.

— Para que queres saber, meu filho? — disse-me ele.

— Todos os outros rapazes sabem, paizinho — respondi-lhe. — E eu também queria saber para poder ajudar.

— Meu filho, por enquanto tens uma obrigação: estudar e trabalhar. Cumpre o melhor que pudeses. Não te esqueças.

Desobedei-lhe e isso custou-me. Não tanto por causa da correia, mas caso fosse surpreendido por ele nunca teria coragem para o olhar de frente.

Mas aquilo era uma obsessão para mim. E acabei por descobrir o que se passava da maneira mais normal: por intermédio dos outros garotos.

Mervyn Ellis, filho de Dai Ellis, foi sempre um dos meus melhores amigos, e até à semana passada essa amizade manteve-se. No dia seguinte, ao voltarmos da escola, dirigi-me a ele: disse-lhe que tinha descoberto uma conspiração à cabeça da qual estava Davy. Eu sentia-me nervoso e enquanto falava empreguei um tom nobre e desesperado — lembro-me de que o meu lábio inferior treemiu como se eu estivesse quase a chorar.

Como me senti infeliz ao verificar que não era capaz de me dominar!

— Já sei, já sei — respondeu-me Mervyn. — Vai haver hoje à noite uma reunião na montanha.

— De quem? — perguntei.

— De Davy e dos outros, certamente — disse Mervyn. — Que coisa esquisita! Todos sabem do que se trata, menos tu, que és o seu próprio irmão!

Contou-me então que já se tinham feito muitas outras reuniões e que há muito assistiam a elas homens de outros vales. Acrescentou que ia haver uma nessa noite; sabia vagamente que o objectivo principal era conseguir uma união total de todos os trabalhadores do vale, mas mais nada.

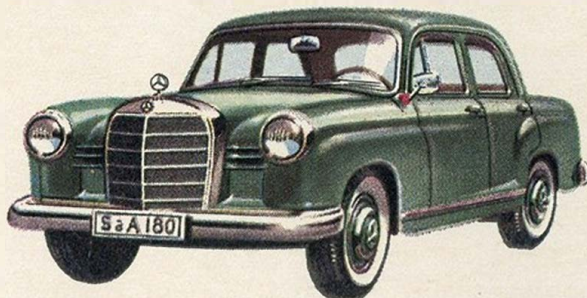
Qualidade - e o que está por detrás dela



025 AI

Investigação científica

A elevada qualidade e a perfeição técnica de todos os produtos Mercedes-Benz são o fruto de uma constante e aturada investigação científica. É o conjunto das invulgares características de eficiência, segurança e conforto que faz da estrela Mercedes-Benz um símbolo da mais elevada qualidade.



M E R C E D E S - B E N Z

